ROBERT HOWELLS



POR DENTRO DO PRIORADO DE SIÃO

REVELAÇÕES DA SOCIEDADE MAIS SECRETA DO MUNDO – OS GUARDIÃES DA LINHAGEM DE JESUS

Planeta

POR DENTRO DO PRIORADO DE SIÃO

REVELAÇÕES DA SOCIEDADE MAIS
SECRETA DO MUNDO –
OS GUARDIÃES DA LINHAGEM DE JESUS

POR DENTRO DO PRIORADO DE SIÃO

REVELAÇÕES DA SOCIEDADE MAIS
SECRETA DO MUNDO –
OS GUARDIÃES DA LINHAGEM DE JESUS

ROBERT HOWELLS

Tradução
Henrique Monteiro

Planeta

Copyright do texto © Robert Howells, 2011

Todos os direitos reservados

Título original: Inside the Priory of Sion

Preparação: Christian Botelho Borges

Revisão: Paula B. P. Mendes

Diagramação e adaptação de projeto gráfico: Vinicius Rossignol

Capa: adaptada do projeto gráfico original de Jerry Goldie Graphic Design

Imagem de capa: DNY59/ iStockphoto

Conversão em epub: {kolekto}

Cip-Brasil. Catalogação-na-Fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

H845d

Howells, Robert

Por dentro do Priorado de Sião : revelações da sociedade mais secreta do mundo, os guardiães da linhagem de Jesus / Robert Howells ; tradução

Henrique Monteiro. - São Paulo : Planeta, 2012. 368p. : 23 cm

Tradução de: Inside the Priory of Sion

ISBN 978-85-422-0050-8

1. Sociedades secretas - História. I. Título.

11-8550. CDD: 366.09

CDU: 061.236.6(09)

2012

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Av. Francisco Matarazzo, 1500 / 3º andar - cj. 32b

Edifício New York - 05001-100 - São Paulo - SP

www.editoraplaneta.com.br

vendas@editoraplaneta.com.br

SUMÁRIO

Prefácio de Nicolas Haywood

Introdução: O fluxo subterrâneo

PARTE I: O PRIORADO DE SIÃO

O priorado de Sião

Uma história oculta

Ex-alunos

O priorado vem a público

PARTE II: OS MISTÉRIOS

Rennes-le-Château: o mistério francês

A Igreja de Maria Madalena

Paisagem

Temas manifestos

Peregrinação

A serpente vermelha

Templos e túmulos

A era das relíquias

PARTE III: A LINHAGEM

Maria Madalena

Heresia e história

A linhagem e a Era dos Reis

Arte e simbolismo

Alquimia e gnose

PARTE IV: O RESULTADO

O Apocalipse

Considerações finais

Apêndice: Documentação

Bibliografia selecionada

AGRADECIMENTOS

Inúmeras pessoas me ajudaram em minha trajetória. Bruce Burgess e René Barnett do documentário Bloodline – the movie [Linhagem – o filme], que me atraiu novamente para o mistério; Nicole Dawe, a pesquisadora sempre sensata; e todos aqueles que conheci e com quem viajei ao Languedoc. Uma instituição em especial merece ser mencionada: a livraria Watkins, de Londres – a internet pode ter mais informações, mas o pessoal da Watkins tem sabedoria. Agradeço também aos funcionários da British Library, da biblioteca da Universidade de Glasgow, do Wellcome Institute e do Arquivo Secreto do Vaticano. Tenho igualmente uma dívida de gratidão com os diversos autores e pesquisadores que me precederam – fiz uma lista de obras deles no final deste livro. Se o leitor quiser percorrer esses caminhos, poderá encontrar mais informações no website http://www.robhowells.co.uk.

Agradeço à minha agente Susan Mears, que entendeu o que eu estava tentando fazer e acreditou em mim, e ao selo Watkins Publishing, da Duncan Baird Publishers, dirigido por Michael Mann e sua excelente equipe, que foram corajosos o bastante para levar este livro adiante. Além disso, agradeço ao meu editor, Peter Bently, por sua dedicação e conselhos pertinentes.

Por fim, minha gratidão a Nicolas Haywood e ao Priorado de Sião, a quem devo mais do que a ninguém. Os conhecimentos de Nic e sua disposição de trazer o Sião a público inspiraram este livro e deram-lhe um sentido que de outra maneira não teria.

PREFÁCIO

NICOLAS HAYWOOD

Não fiquei muito surpreso ao receber a carta de Robert Howells, em meados de 2005. O gerente da seção de livros antigos da livraria londrina Watkins Bookshop já entrara em contato comigo por telefone para ver se eu me dispunha a receber a correspondência de Robert. O modo como me abordaram pareceu-me seguir a etiqueta correta e demonstrou um respeito considerável pela ordem com a qual ele pretendia fazer contato. No final, acabamos envolvidos em uma grande quantidade de e-mails, e as perguntas dele pareciam não acabar mais.

Desde o princípio, muitas das perguntas de Robert exigiram que eu entrasse em contato com outras pessoas das fileiras do Priorado para evitar represálias ou até mesmo rispidez e discussões posteriores. Se fosse para auxiliar Robert, teria de ser com o consentimento do Priorado, ou pelo menos daqueles com quem eu desenvolvera um relacionamento sólido no período de quase quarenta anos. Mesmo assim, as coisas nem sempre correram tranquilamente como todos gostaríamos. Houve algumas repercussões, alguns desentendimentos e muitas explicações de minha parte.

Apesar de ter sido declarado “uma fraude” na década de 1980, o Priorado continuou a florescer como sempre, e o aparente segredo que, segundo diziam, ele guardava – a linhagem sagrada – foi e continua sendo nada mais do que uma faceta, um aspecto do que são os antigos guardiões.

O que muitos não foram capazes de compreender é como a noção de uma linhagem sagrada podia despertar tamanha hostilidade e agressões. Com certeza, os que acreditavam na coleção de textos incorporada à Bíblia, os que a haviam lido, não podiam ignorar o fato de que diversos discípulos de Cristo chegaram a se casar. Além disso, muitos tinham família. Filhos. De fato, suas respectivas árvores genealógicas podiam ser rastreadas e, caso não fossem rastreáveis, seriam pelo menos conhecidas das famílias de que

descendiam. Na verdade, a Igreja Católica Romana tentou até mesmo matar todos os parentes de Jesus pelo lado materno. Os Desposyni, ou parentes consanguíneos, como Roma os chamou, deviam ser eliminados a todo custo. O ato em si seria sem dúvida um deicídio. Por que os mandatários de Roma estavam tão preocupados? O que temiam tanto, a ponto de justificar o assassinato da família de seu próprio deus? Talvez receassem que a verdade viesse à tona, situação que certamente não podia ser permitida. O novo império da Igreja Romana, em rápido crescimento, parecia ter conseguido mais do que seu predecessor, o secular Império Romano, jamais teria imaginado: obediência total, mas obediência baseada na culpa pessoal e espiritual.

O que tornou a tarefa da Igreja aparentemente impossível foi o fato de que a terceira expulsão dos judeus da França (e de outros países) no século XIII meramente exigiu que se convertessem ao catolicismo ou partissem. Isso, supunha Roma, faria com que os membros remanescentes da linhagem materna de Jesus concordassem silenciosamente em dizer ou fazer o que as autoridades ordenassem. Esse também teria sido o caso de todos os descendentes dos apóstolos. (Entretanto, o comportamento de Roma, antigo mas ainda corrente, deixou marcas eloquentes: Roma parece ter a Virgem Maria em mais alta conta do que o tão importante Jesus Cristo, e o mesmo pode ser dito de São Pedro.) Porém, as condições por trás da terceira expulsão dos judeus da França simplesmente fizeram com que eles, por exemplo, passassem a andar escondidos, fingindo ser membros de uma religião que na realidade desprezavam. Isso explica por que tantos brasões e armas de famílias nobres exibiam abertamente um simbolismo judaico, além de adotarem o que poderiam ser considerados “instrumentos ocultos”, quase como um desafio flagrante aos éditos passados de Roma.

Mesmo que não tivesse acontecido o casamento entre Jesus e Maria de Betânia (Maria Madalena) e eles não tivessem deixado descendentes, os filhos dos apóstolos representariam decerto algum tipo de ameaça à nova religião de Roma, fundada em uma fusão de mitras, nascimento virginal e importantes elementos pagãos e do Egito antigo.

Sabemos que a Igreja Celta ainda se apegava de maneira mais veemente aos dogmas “originais” do verdadeiro cristianismo. Sabemos também que os

principais símbolos de importância para os celtas eram uma cruz de braços iguais em oposição à cruz latina; o círculo e/ou disco; uma forma de lua crescente com os cornos voltados para cima; e um cajado semelhante ao de um pastor ou do tipo encontrado na religião egípcia (também é provável que tenham usado um mangual simbólico). Eles adotaram ainda o nó infinito (como é encontrado na arte islâmica) e, talvez de maneira mais desconcertante, uma forma que parece ser a de um peixe estilizado, mas que poderia igualmente representar uma metade do antigo símbolo da eternidade ou até mesmo a órbita de um corpo celeste. Mesmo que seja a representação de um peixe, é improvável que se refira a Cristo como o "Pescador de Homens". Trata-se mais provavelmente de um símbolo bem anterior, relacionado a uma antiga história mundial da união de uma fêmea humana com uma criatura semiaquática. E também pode ter tido origem em um grosseiro ou estilizado hieróglifo egípcio antigo.

Os cristãos celtas não afixavam crucifixos em seus altares ou em qualquer outro lugar, e observavam o sabá no sábado. Tinham uma modalidade peculiar de tonsura, que dividia todo o cabelo da cabeça em duas metades distintas e separadas. Tinham estátuas semelhantes às de Ísis em seus altares e uma iconografia egípcia pintada nas paredes das igrejas. Em todos os seus locais de adoração, o teto parecia ter sido pintado com as estrelas e as constelações de maneira muito semelhante à encontrada nos templos do Egito antigo e na Grande Pirâmide de Gizé. Ísis também recebia o nome de "Rainha do Céu", depois usado pela Igreja Católica para se referir à Virgem Maria.

Ademais, o círculo de estrelas muitas vezes retratado circundando a cabeça da Virgem lembra o da bandeira da União Europeia. Se, aos olhos de Roma, as estrelas indicavam o número de discípulos, então por que a Virgem está no centro? Por que as estrelas são mostradas cingindo a cabeça dela? Talvez porque, depois de tudo dito e feito, Maria também seja uma discípula. Na verdade, a principal discípula. Ela foi, de acordo com a Igreja, a primeira a testemunhar a ascensão de Cristo.

Entretanto, é igualmente ou até mais provável que Maria de Betânia desempenhasse um papel central na escola de mistérios que Cristo promulgou, e que ela e Jesus fossem casados e tivessem sua própria família.

É provável que, tendo falhado na tentativa de restabelecer a casa real de Davi na Judeia ocupada pelos romanos, eles tenham fugido usando mapas comerciais ou parte de uma rota comercial já em uso regular por mercadores como José de Arimateia e, antes disso, pelos egípcios. Pode até ser que eles, originariamente, tenham partido para a Península Ibérica, onde o poder de Roma não chegava plenamente, mas por alguma razão tenham resolvido parar na França, não muito longe da atual fronteira espanhola.

Pode ser que alguns leitores não conheçam diversos desses elementos apresentados. Assim, pelo meu contato com Robert Howells, tentei esclarecer as coisas para aqueles que estavam até o momento desinformados ou que perderam o fio da meada, ao mesmo tempo que recapitulei atitudes e fatos históricos para outros.

No segundo semestre de 2005, pediram-me para transmitir uma mensagem singela, e foi o que fiz:

Pouco importa se acreditam ou não na veracidade do Priorado. (…) Isso realmente não faz nenhuma diferença. Chegará a hora em que muitos dirão [sobre o que acabará sendo revelado no devido momento]: “Ah, era bem isso que eu imaginava” etc. O que virá, esperamos, não constituirá uma verdadeira surpresa. Tudo depende do momento oportuno – as ocasiões em que as informações e as provas forem divulgadas.

Como já afirmou de maneira competente meu colega Gino Sandri, secretário-geral do Priorado:

O Priorado de Sião tornou-se um nome familiar. Uma marca, se desejarem. (…)

Isso está de acordo com a meta do Priorado, da mesma forma que, por meio da liberação cuidadosamente oportuna de informações, a maioria das pessoas mais jovens acredita que houve um casamento entre Jesus e Maria de Betânia, ou pelo menos não tem dúvida em relação a essa ideia, nem problemas de enfrentá-la. Segundo essas pessoas, os filhos seriam uma consequência natural da união.

Portanto, a jornada do Priorado está seguindo o planejado, ou já seguiu, e o ritmo de divulgação do material vindouro muito em breve ganhará um impulso significativamente crescente.

Em nossas correspondências com Robert Howells, fornecemos uma enorme quantidade de material. Apenas cerca de dez por cento teve alguma aplicação prática na função dele como pesquisador para uma empresa cinematográfica americana durante a produção de um documentário de longa-metragem, Bloodline. Nós sabemos que muitas informações não foram transmitidas aos produtores do filme. Elas não teriam serventia. Entretanto, para Robert, funcionaram como um complemento à fartura de material e informações já coletados.

Quando ele declarou que queria escrever um livro sobre o Priorado, houve a aprovação imediata de pelo menos três de seus integrantes. Até mesmo o filho de Pierre Plantard – Thomas – pareceu contente com a ideia. Robert, nós sabíamos, fora um estudante seriamente assíduo das ciências ocultas e empenhara muitos anos pesquisando sociedades secretas e o simbolismo relacionado a elas. Eu tinha certeza de que poderíamos confiar no uso que ele faria do material excedente do documentário.

Existiam várias razões para sermos tão favoráveis. Em parte, porque Robert Howells logo percebeu que havia muito mais coisas relacionadas ao assim chamado “mistério de Rennes-le-Château” do que meramente corpos embalsamados e tesouros dourados. Ele já tinha entendido que havia – e há – algo singularmente importante em relação à região em si. Algo que outros não compreenderam, mas que é de importância vital para o mundo. Será que os arredores de Rennes-le-Château guardam um segredo antigo? Sim. Será a sua natureza geográfica? Sim. Um segredo de importância para o futuro? Certamente!

O autor queria desesperadamente que lhe fornecêssemos mais documentos e manuscritos. Eu fui a favor desse pedido, mas outros não o foram. Mesmo assim, vários documentos, imagens e informações acabaram sendo disponibilizados, tudo com o consentimento de certo número de integrantes do Priorado. Se a ordem da “velha guarda” fosse observada nesse momento, pouca coisa, ou mesmo nada, teria sido revelada. Felizmente, nos primeiros anos, ainda em 2005, eu havia deixado “vazar” outras informações por meio

de orientações, recortes e referências que a meu ver ofereceriam – em parte – algumas respostas intrigantes caso fossem seguidos.

Quanto às maquinações e à estrutura da Ordem do Priorado de Sião (ou "Priorado", para abreviar), só forneci a papelada para a qual obtive permissão. Se ao menos um outro integrante de alto escalão tivesse agido de maneira semelhante, poderíamos ter respondido com franqueza às perguntas acadêmicas. Entretanto, o Priorado raramente se pronuncia de maneira direta e, quando o faz, na maioria das vezes é em defesa própria. Isso não parece impedir a compreensão de nosso autor, que possui tanto o conhecimento quanto a mentalidade necessários para executar a exigente tarefa a que se propôs.

Nicolas Haywood

Janeiro de 2011

Londres

INTRODUÇÃO

O FLUXO SUBTERRÂNEO

Em dezembro de 2005, recebi um cartão de Natal de um representante da sociedade secreta ou ordem chamada de Priorado de Sião. Vinha gravado com uma abreviatura latina – L.V.A.A.T. – e selado para envio como um documento legítimo da ordem. O cartão retratava os Três Reis Magos seguindo a Estrela de Belém.

A importância dos três homens seguindo as estrelas – astrólogos, talvez – não passou despercebida por mim. Por cerca de seis meses estivera fazendo a mediação entre o Priorado de Sião e a 1244 Films, que estava produzindo um documentário sobre a noção herética de que Jesus tivera filhos.

Meu primeiro contato com esse mistério fora muito anterior ao documentário. Antes do convite da 1244, eu havia pesquisado por quinze anos tanto sobre o Priorado de Sião como sobre a ideia da linhagem de Jesus. Meu interesse durante esse período centrava-se no mistério de Rennes-le-Château, um vilarejo no sul da França, onde um padre tornara-se de repente muito rico no fim do século XIX e gastara o dinheiro na reforma de sua igreja para incluir uma série de símbolos não ortodoxos.

Cerca de vinte anos atrás, um livro intitulado The holy blood and the Holy Grail [O Santo Graal e a linhagem sagrada] despertara meu interesse. Publicado em 1982, era a primeira narrativa em inglês sobre o mistério de Rennes-le-Château. Os autores, Michael Baigent, Richard Leigh e Henry Lincoln, comentavam brevemente sobre o mistério e depois apresentavam um certo Pierre Plantard como o então grão-mestre de uma sociedade secreta denominada Priorado de Sião.

Em 1956, Plantard registrou o Priorado de Sião (la Prieuré de Sion) como uma organização oficial na França, e depois se soube que mais ou menos nessa época foram depositados documentos na Biblioteca Nacional da França, em Paris, sob o título de Dossiers secrets [Dossiês secretos]. Esses

dossiês continham uma coleção de recortes sobre esoterismo, genealogias e uma lista dos grão-mestres do Priorado de Sião ao longo dos séculos. Depois, em 1967, dois pergaminhos codificados apareceram em uma publicação intitulada The accursed treasure of Rennes-le-Château [O tesouro amaldiçoado de Rennes-le-Château], de Gérard de Sède, que também fora influenciado por Plantard. Isso, por sua vez, inspirou Henry Lincoln e a redação de O Santo Graal e a linhagem sagrada. O Priorado de Sião estava começando a se tornar público.

Em O Santo Graal e a linhagem sagrada, Plantard afirmava que o segredo do mistério de Rennes-le-Château era que Jesus e Maria Madalena foram casados e tiveram filhos. Na época, essa foi uma revelação chocante, e aplaudi os autores pela coragem de trazer isso a público.

Entretanto, eu tinha lido muitos livros antigos sobre sociedades secretas, e nunca encontrara o nome “Priorado de Sião”. Não confiei em Pierre Plantard e suspeitei que os autores de O Santo Graal e a linhagem sagrada tivessem se afastado da verdade. Então comecei minha própria pesquisa para desvendar o mistério de Rennes-le-Château.

Em 1994, comecei a trabalhar na Watkins Bookshop, em Londres, uma das maiores e mais antigas livrarias esotéricas da Europa. Ela atrai pessoas de muitas religiões e áreas do conhecimento, e durante o tempo que passei lá conheci templários (ingleses e europeus), maçons (ingleses e europeus), sufis, astrólogos, ocultistas, integrantes da Ordem de Lázaro, da Aurora Dourada, gnósticos, acadêmicos e arqueólogos, além de muitos escritores sobre temas envolvendo esses mistérios.

Durante esse período, viajava a Rennes-le-Château em todas as oportunidades e estava razoavelmente preparado para interpretar os símbolos por conta própria. O objetivo da minha pesquisa era simples. Pretendia descobrir a verdade.

No início de 2003, o documentarista Bruce Burgess me procurou com a proposta para trabalhar em um filme sobre a linhagem de Jesus e Maria Madalena. Eu já conhecia Bruce e tínhamos trocado ideias ao longo dos anos. Ele estava ciente do meu interesse por Rennes-le-Château e pelo Priorado de Sião e, considerando que pretendia desvendar o mistério com a

mente aberta, concordei em participar da produção como principal pesquisador.

Sem que Bruce soubesse, eu tinha entrado em contato com essa sociedade secreta na Watkins Bookshop na década de 1990 e tivera acesso a um de seus integrantes. À medida que o documentário (Linhagem – o filme) progredia, ficava claro que Bruce e seu coprodutor, René Barnett, tencionavam realizar uma investigação sobre o mistério sem preconceitos ou segundas intenções, e assim decidi entrar em contato com o Priorado para ver se estariam dispostos a participar do projeto.

Na ocasião, o livro de Dan Brown, O código Da Vinci, conseguira grande destaque por mencionar a linhagem e o Priorado de Sião, o que provocou uma enxurrada de outros livros e documentários sobre o assunto. Nenhum deles incluía informações novas sobre a sociedade secreta em si, e muitos nem sequer reconheciam sua existência.

Com o envolvimento do Priorado no documentário, eu esperava estabelecer uma base para documentar os fatos de maneira correta. Mas não estava preparado para o espantoso volume de informações que eles pretendiam fornecer. Até então, tinha recebido mais de trezentos e-mails, ilustrações, desenhos, documentos e uma infinidade de outras informações nunca antes publicadas. Juntamente com o produtor Bruce Burgess, encontrei-me com um representante do Priorado de Sião em várias ocasiões e gravamos três horas de entrevistas, algumas das quais aparecem no filme.

Em maio de 2008, Linhagem – o filme estreou no cinema de East Village, em Nova York, e recebeu uma ovação prolongada da plateia lotada. Em razão do alcance e da profundidade das informações que recebi, ficou claro logo no início do projeto que tudo aquilo era muito mais do que seria possível incluir em um documentário. Com isso em mente, comecei a organizar o material, junto aos meus dezoito anos de pesquisas, no livro que você está lendo agora.

Aqui, concentrei-me basicamente nas informações recebidas do Priorado de Sião e tentei criar uma imagem coesa de quem eles são, o que alegam ser e, mais importante, o que alegam possuir. Diversos capítulos foram submetidos ao representante sobre esses assuntos, Nic Haywood, para

comentários. Em nenhum momento ele me pediu para eliminar ou alterar alguma parte do conteúdo; ao contrário, ele aceitava o texto como estava escrito e, onde fosse possível, generosamente esclarecia ou complementava as informações que eu apresentava.

Depois de considerar o Priorado de Sião como uma entidade, o livro passa a analisar as informações que eles forneceram, o que esclarece uma vasta e diversificada gama de campos esotéricos, desde a estranha história de Rennes-le-Château até os grandes e profundos mistérios do cristianismo, da alquimia e do apocalipse. Essas revelações levam o leitor para "o fluxo subterrâneo", um nome simbólico para o fluxo de informações esotéricas e heréticas protegidas e transmitidas ao longo da história por sociedades secretas, famílias nobres e até mesmo pelo clero. O fluxo subterrâneo fala de uma história secreta, geralmente inclinada ao simbolismo, codificada na arte, criptografada em documentos ou expressa por intermédio de rituais. Mas às vezes ela vem à tona e proporciona um vislumbre dos mistérios arcanos que estão por trás de tudo. Existem sinais e símbolos bem visíveis que nos observam de vitrais e estátuas em igrejas.

A exemplo do Virgílio de Dante, o Priorado de Sião é o nosso guia ao longo dessa jornada. Os integrantes dessa sociedade secreta afirmam ter protegido e promulgado os segredos do fluxo subterrâneo ao longo de toda a história. Devemos estudá-los atentamente, pois não apenas são os guardiões dessas tradições esotéricas, mas também incorporam os ideais aí presentes. Com o tempo, ficou claro que minha desconfiança inicial em relação a Pierre Plantard e ao Priorado de Sião era infundada. Há muito mais a explorar em tudo o que me foi revelado nessa jornada. Espero revisitar algumas áreas um dia, e o resto deixo com você, leitor.

A propósito, vamos começar esse percurso com a minha tradução da abreviatura naquele cartão de Natal. L.V.A.A.T. significa Lux Veritatis Alet Altare Templi – "Que a luz da verdade sustente o altar do templo".

Está na hora de lançar alguma luz sobre a verdade.

Rob Howells, dezembro de 2010

PARTE I

O PRIORADO DE SIÃO



CAPÍTULO 1

O PRIORADO DE SIÃO

Assim diz o Senhor Deus: Eis que eu assentei em Sião uma pedra, pedra já provada, pedra preciosa, angular, solidamente assentada.

Isaías 28:16

CONTATO

Quando trabalhava no documentário Linhagem – o filme, entrei em contato com o Priorado de Sião por meio de um antigo conhecido, Nic Haywood. Havíamos sido apresentados muitos anos antes, quando eu trabalhava na Watkins Bookshop, em Londres, e estava envolvido numa pesquisa sobre as sociedades secretas e o mistério de Rennes-le-Château. Fiquei sabendo que Nic fazia parte do Priorado de Sião por intermédio de uma pessoa que o conhecia. É claro que estava interessado em saber mais, mas meu único contato com Nic fora por telefone, numa situação puramente profissional, portanto na época não teria sido adequado fazer perguntas sobre sua filiação à ordem.

Somente muitos anos mais tarde, depois de ter saído da livraria, foi que Bruce Burgess me convidou para trabalhar em um documentário sobre a linhagem de Jesus e sobre como isso se relacionava a Rennes-le-Château. Tendo acumulado cerca de quinze anos de pesquisas e uma considerável biblioteca acerca do assunto, decidi doar minhas pesquisas ao projeto de Bruce. Minha intenção era terminar a investigação que iniciara na juventude.

Depois de me certificar sobre a seriedade de Bruce e de seu coprodutor, René Barnett – e de que sua receptividade e independência permitiriam que

o filme tivesse a profundidade e a orientação que outros documentários não tinham conseguido alcançar –, decidi entrar em contato com Nic.

Sabendo que meu conhecimento sobre o mistério de Rennes-le-Château correspondia a alguns dos interesses de Nic, escrevi-lhe uma carta detalhando minhas intenções e a natureza do projeto. Ele respondeu à altura e nós trocamos e-mails, definindo um estilo de colaboração que perduraria ao longo de todo o processo, até chegarmos a este livro.

Inicialmente, Nic decidiu permanecer anônimo, e eu atuei como mediador entre ele, de um lado, e Bruce e René, de outro. Após mais uma série de e-mails, Nic concordou em ajudar no projeto e aceitou ser entrevistado. Tivemos uma reunião inicial em um hotel e isso fortaleceu o envolvimento dele.

O Priorado de Sião aparece no famoso livro de Dan Brown, O código Da Vinci, e em diversos outros documentários sobre o tema da linhagem. São trabalhos geralmente superficiais, mal informados e tendenciosos ou desdenhosos em relação ao Priorado de Sião. Não trazem nada de novo à discussão. A cooperação de Nic com nosso projeto foi uma oportunidade de o Priorado apresentar a versão correta. Como observa o próprio Nic:

Nos meus trinta e cinco anos de serviço, nunca havia encontrado uma equipe de “observadores” tão agradável quanto essa. Meus sentidos me dizem que, tendo dado o primeiro passo, isso resultará em um trabalho memorável. Para citar suas próprias palavras: “revolucionário”. E o será por todas as razões corretas![1]

Nic agia como um emissário do Priorado de Sião. Ele disse que estivera “alinhado” com eles por mais de vinte anos. Os integrantes da ordem não têm permissão de se revelar publicamente como filiados; assim, durante a entrevista, Nic foi reservado quanto a esse aspecto. Esse regulamento ainda se aplica nos dias de hoje.

Grande parte do que se passou entre nós foi por intermédio de e-mails, e na época em que redigia este texto tinha recebido mais de duzentas mensagens de Nic. Em detalhes e em quantidade, as informações excederam largamente o volume que poderia ser usado no filme Linhagem, e em

alguns casos se estenderam até mesmo além do âmbito deste livro. Os e-mails de Nic eram muitas vezes densos, complexos e difíceis de entender, e sem dúvida atropelamos muitas nuances em nossa ansiedade inicial de encontrar “provas”.

Os produtores e eu nos reunimos pessoalmente com Nic em três ocasiões, uma das quais filmamos para o documentário. Depois disso, eu o encontrei diversas vezes e mantivemos o contato ao longo de toda a redação deste livro.

Antes de considerar o Priorado de Sião em mais detalhes, eis um trecho da entrevista sobre ele – o filme, com Nic, Bruce Burgess e comigo:

Bruce “Por que se dispuseram a falar conosco?”

Nic “Gostamos de ter contato com as pessoas certas.”

Bruce “De que se ocupa o Priorado de Sião?”

Nic “Proteger e propagar verdades antigas, mistérios antigos. E proteger mais do que um segredo memorável.”

Bruce “Qual é a meta do Priorado?”

Nic “A meta do Priorado é a união mundial, a evolução humana ao próximo estágio legítimo.”

Bruce “Por que uma sociedade secreta?”

Nic “Permanecemos nas sombras para termos uma visão melhor da luz. O Priorado aparece de um modo que lhe permita ser visto, deixar marcas, em momentos da história. É um ideal, um conceito pré-cristão, que se adapta de muitas maneiras e muitas formas ao mundo em transformação, auxiliando para que ela ocorra.”

É o leitor, em última análise, que deve decidir aceitar ou não o material que recebi de Nic tal como apresento neste livro. Como estamos lidando com

um representante do Priorado de Sião, nem tudo o que ele diz deve ser entendido ao pé da letra. Muito pouco pode ser comprovado ou, em alguns casos, merece confiança. Embora eu acredite em Nic como um integrante da ordem, ele, assim como qualquer pessoa, era capaz de formar suas próprias opiniões e dar sua versão pessoal dos assuntos em discussão. Levantei essa questão da confiabilidade desde o princípio e expressei-a a Nic por e-mail. A resposta dele foi:

As opiniões são minhas ou do Priorado? Elas nem sempre coincidem, e o mesmo pode ser dito a respeito de tudo dentro do P.S. Individualmente, podemos manter opiniões pessoais que variem um pouco da “oficial”. Essa é uma causa comum de grande exacerbação e de muita tensão, mas acontece o mesmo com todas as pessoas que “ficam juntas”, não é verdade? Os pontos de vista nem sempre são unanimemente compartilhados.

Desde o princípio, Nic deixou claro quando apresentava suas próprias opiniões e quando estávamos recebendo a “versão oficial” do Priorado; qualquer confusão entre as duas neste livro é culpa exclusiva do autor.

Havia também o risco de o Priorado nos usar para satisfazer interesses que permanecessem ocultos de nós – ações de propaganda em que fôssemos peões involuntariamente.

Vocês têm sido conduzidos desde o dia em que se envolveram nessa tarefa que continha um aspecto mais tangível da mesma verdade (como o livro O Santo Graal e a linhagem sagrada). O objetivo do atual comunicado... esse é a peça seguinte, única para nós nesta ocasião, um comunicado adequado.

O Santo Graal e a linhagem sagrada foi o primeiro livro em inglês a publicar a história do Priorado de Sião, e voltaremos a isso adiante. Mas, por enquanto, você pode se perguntar por que acreditei tão piamente em Nic como representante do Priorado.

Em nossa primeira reunião, Nic lembrou-me do clássico personagem rosacrucianista, sábio e profundo conhecedor dos assuntos arcanos. Os rosa-cruzes, ou Irmãos da Rosa-cruz, eram originalmente iniciados na tradição esotérica ocidental, místicos de uma era passada. Depois se disse que os rosa-cruzes formavam o braço espiritual do Priorado de Sião, portanto não

foi surpresa saber que Nic alinhava-se com essa parte da ordem. (Os leitores devem acreditar no seguinte: em respeito ao juramento de Nic, não vou mencionar como fiquei sabendo disso.)

Outros indícios de que Nic poderia ter ligações rosacrucianistas eram seu forte e profundo interesse pelo fogo, uma preocupação central dos rosa-cruzes, muitos dos quais eram alquimistas. Por exemplo, o Documento Rosacrucianista de Bacstrom, na biblioteca da Universidade de Glasgow, afirma que, quando desafiados a provar sua filiação, os rosa-cruzes devem explicar seu conhecimento do “fogo”:

Esteja eu viajando por terra ou por mar e encontre alguém que alegue ser um Irmão da Rosa-cruz, devo desafiá-lo a me apresentar uma explicação adequada do fogo universal da Natureza.

Tenho uma cópia do ensaio pessoal de Nic sobre a natureza universal do fogo e é o mais profundo que já li sobre o assunto.

Entre outros aspectos rosacrucianistas de Nic destaca-se a adoção de nomes alternativos, a falta de interesse pela riqueza ou pela publicidade, a tentativa de ensinar, e certamente seu interesse pela alquimia. Ele nos forneceu fotografias de seu laboratório de alquimia e sempre foi um ardente colecionador de manuscritos raros sobre o assunto – além de ser um especialista nisso. Embora as evidências sejam circunstanciais, todos esses traços sugerem fortemente que Nic seja um rosa-cruz da atualidade. Mas é o seu conhecimento, acima de tudo, que foi, e é, a minha razão para confiar nele:

Eu já estava familiarizado com os assuntos relativos a Rennes-le-Château e era um viajante instruído e um professor do mundo oculto.

Naturalmente, minhas preocupações são um pouco mais filantrópicas [do que as do Priorado], mas estava claro que compartilhávamos uma meta comum.

Nic admitiu ser um maçom de alta hierarquia e um alquimista, e posso comprovar que é de fato as duas coisas. Ele é também educado, acessível e tranquilamente uma das pessoas mais cultas que conheci nessa área (e como

ex-gerente da livraria esotérica Watkins conheci centenas). Sem dúvida, ele passaria como um “iniciado”, se essas pessoas ainda fossem reconhecidas no Ocidente.

Nic cedeu-nos uma enorme quantidade de tempo e de informações, mas nem uma única vez falou de dinheiro ou de créditos. No que diz respeito à publicidade, fomos eu e os produtores do documentário que fizemos todas as solicitações, de modo que não parecia ser um anseio de Nic. Minha conclusão é de que seu motivo era genuinamente ensinar.

É claro que a norma de sigilo entre os membros, mencionada acima, significa que a filiação de Nic ao “Priorado de Sião” não pode ser comprovada, mas em última análise, considerando o conhecimento dele, acho que podemos acreditar nisso. Os e-mails que ele me enviou nem sempre foram obra de uma única pessoa; sem dúvida nenhuma, outros membros tiveram participação neles e influenciaram o que chegou a meu conhecimento. Serão imputadas a Nic as acusações usuais, suponho, como acontece a qualquer um em desacordo com as doutrinas aceitas da história e da religião. Mas o alcance do conhecimento dele é raro e profundamente erudito nessas áreas. E, além do mais, a mensagem é mais importante do que o mensageiro.

Então, qual é a mensagem?

O QUE É O PRIORADO DE SIÃO?

Depois de fazer contato com Nic Haywood e ter estabelecido um determinado nível de confiança, teve início um fluxo contínuo de informações. As perguntas iniciais giravam em torno da natureza e das intenções do Priorado de Sião.

Em poucas palavras, ele é tanto uma organização quanto um ideal. Alega se manifestar como uma verdadeira ordem atuando no mundo em determinados momentos, seja para comunicar informações, seja para constituir um foco para quem segue e protege seus ideais.

O ramo esotérico do Priorado de Sião parece ser o nome atual de um grupo de iniciados na tradição esotérica ocidental. Ao longo de toda a história, aqueles que alcançaram a iluminação ou o conhecimento espiritual superior (gnose) sentem-se comprometidos a ensinar e esclarecer os outros. Entre eles incluem-se artistas, alquimistas e as velhas famílias aristocráticas. Como disse Nic:

Por favor, tenham em mente que o Prieuré de Sion [Priorado de Sião] é um corpo coletivo de alquimistas. Quer dizer, o núcleo [integrantes] é de iniciados na ciência hermética e todos aperfeiçoaram a Pedra [Filosofal] em algum momento (vários mais de uma vez). Seria ingênuo afirmar que tal grupo numeroso de pessoas cortejaria efetivamente a publicidade, a menos que fosse pelo bem comum!

Foi enfatizado em diversas ocasiões que o Priorado tem um forte componente esotérico instruído por alquimistas entre seus integrantes.

De acordo com os autores de O Santo Graal e a linhagem sagrada, o nome “Priorado de Sião” deriva da origem da ordem na Terra Santa na época das Cruzadas. Jerusalém foi fundada em cima de um morro chamado de Monte Sion ou Sião, onde se situam muitos de seus lugares sagrados. Sion/Sião veio a ser usado como um sinônimo da própria cidade e até mesmo de toda a Terra Santa. Posteriormente, pesquisadores alegaram que o nome derivou de um morro chamado Sião, próximo de onde Pierre Plantard viveu quando criança. Plantard alegava ser o grão-mestre do Priorado durante a década de 1970 e forneceu as informações para O Santo Graal e a linhagem sagrada da mesma forma que Nic falou a nós.

Acredito que a verdade esteja em algum lugar no tempo e no espaço entre os dois, mas serve a um duplo propósito tanto como ideal quanto como localização geográfica.

O senhor Plantard de Saint Clair e outros aludiram ao significado de Sião: “A interseção de um ramo. (…) O ponto de origem”.

Os objetivos do Priorado estão se tornando mais claros. De acordo com Nic Haywood,

A constante manipulação do coletivo por intermédio das artes leva a uma evolução orquestrada – cultural, espiritual e, por definição, politicamente. Essa é a razão fundamental de o Priorado sempre afirmar, quando indagado sobre suas intenções, que “as coisas correm de acordo com o plano”.

Simplificando, o Priorado manipula a sociedade para ganhar etapas na evolução. Como isso está organizado é menos claro. Eis a resposta inicial de Nic em uma entrevista:

A situação atual é que a religião e a espiritualidade são afetadas pelo Priorado de Sião por meio de uma influência sutil. Ele assume a função de orientação, usando uma filtragem vagarosa por meio da arte, da mídia e da palavra escrita.

O Priorado de Sião tomou a si a função, a exemplo do que fizeram os nove cavaleiros da Calábria. O povo da Calábria estava um tanto fora de sintonia com as informações do Oriente Médio e da África, um conhecimento que se mantivera seguro.

Os “nove cavaleiros da Calábria” são uma referência aos fundadores da ordem dos Cavaleiros Templários durante as Cruzadas. Os vínculos entre essa ordem e o Priorado de Sião são discutidos no próximo capítulo. Um e-mail posterior proporcionou um ângulo mais esotérico sobre o assunto:

Essa aplicação política da filosofia engendrada espiritualmente atua de acordo com o axioma da Seção Áurea, a Proporção Áurea: o menor está para o maior assim como o maior está para o todo. (…) Na verdade, diversos documentos do Priorado de cerca de 1977-78 foram tentativas claras e inequívocas de reconciliar os fundamentos da Proporção Áurea com uma geometria muito mais esotérica, sagrada. Uma em particular colocou ênfase na matemática inerente à pintura árcade de Poussin e, com um grau de sucesso, vinculou-a à geometria ritual empregada por John Dee.

Isso ficou patente em um documento que nos foi enviado pelo Priorado incluindo a obra de Patricia Villiers-Stuart, estudante da geometria sagrada e autora de um panfleto intitulado The secret of the Templars (O segredo dos Templários). Esse documento continha uma interpretação da geometria usada em Et in Arcadia ego, de Nicolas Poussin (também chamada Os

pastores da Arcádia, 1637-38), que combina os desenhos do famoso astrólogo isabelino, alquimista e sábio, doutor John Dee (1527-1608).2

É bom que algumas pessoas compreendam esses segredos arcanos, essa ciência oculta, e a maioria não. Sempre foi assim, mas já estamos em um estágio embrionário em que essas questões estão se tornando cada vez mais uma realidade corriqueira.

Por que você supõe que todas as pessoas remotamente ligadas ao Priorado estejam preparadas para enfrentar a zombaria pública, arriscar-se ao ridículo, a ser desmascaradas e até mais do que isso? Tudo pelo esforço de plantar a semente; a semente de uma videira resistente que é enxertada e ressurge de tempos em tempos. Ela só floresce quando a humanidade encontra-se em um estado de desespero espiritual e consciente. Desespero e necessidade são parceiros eternos, não são? O desespero da humanidade é o solo fértil, negro, saturado e corrupto no qual a videira da espiritualidade e da esperança pode criar raízes. “Necessidade” é o elemento essencial para essa sobrevivência híbrida, sua garantia de renovação.

Essa resposta contém uma significativa alusão alquímica. A palavra alquimia deriva do árabe al-Kimia, proveniente do nome original do Egito antigo, referência ao fértil solo negro do país. Entretanto, há uma outra alusão aqui à linhagem de Jesus, representada como a “videira” que brota do solo negro. No evangelho de João, é famosa a passagem em que Jesus se caracteriza como a “videira verdadeira” (João 15:1). Rapidamente percebi que devíamos aprender a ler os comunicados de Nic em mais de um nível, pois sempre havia um significado oculto a ser encontrado em suas respostas.

A declaração acima também contém uma observação social de que os acontecimentos históricos de grande magnitude destrutiva – tais como as guerras – criam um vazio espiritual no qual surgem cultos e novos movimentos religiosos em reação à perda da fé nas religiões estabelecidas. Isso é visto pelo Priorado como uma oportunidade de se infiltrar e influenciar a cultura para produzir mudanças positivas na sociedade. O processo começa com os iniciados da ordem visando pessoas influentes específicas. Historicamente, muitos iniciados tornaram-se parte de casas reais que ofereceram seu apoio em troca do uso do conhecimento dos

iniciados. Os rosa-cruzes, por exemplo, eram conhecidos por praticar uma forma avançada de cura e por terem curado a rainha Elizabeth de varíola e o conde de Norfolk de lepra.

A outra causa que o Priorado estava disseminando era a alquimia, um processo de transformação que potencialmente afetaria todos os níveis do ser. A técnica de alterar e elevar a cultura por essa filtragem arcana – alquimicamente – remonta a muito antes do Egito antigo. Podem-se com facilidade distinguir seus traços nas parábolas, nos milagres de Cristo e no estilo do ministério de seus discípulos.

A mensagem global é que o Priorado tem um conhecimento secreto que permaneceu inabalável ao longo da história e tem sido transmitido no decorrer das eras para guiar e dirigir a humanidade. Esse não é um segredo único, mas um conjunto de conhecimentos esotéricos:

Poderia ser um bom ponto de partida se eu confirmasse algo de que, segundo imagino, você já suspeita. Que a Antiquus Ordo Mysticusque Prioratus Sionis [Antiga e Mística Ordem do Priorado de Sião] tem mais a ver com um Ideal do que com um segredo específico.

Ter “mais a ver com um Ideal” parece sugerir que o Priorado seja uma organização desagregada e desestruturada que se aglutina quando necessário em três ramificações distintas: a espiritual, a material e a alquímica. Contrariamente ao que outros presumiram, a ordem não tem graus como a Maçonaria. De acordo com Nic Haywood, existe uma pequena hierarquia de 22 integrantes centrais chefiados por um “timoneiro”. Por trás deles existem três fileiras e depois muitos grupos secundários.

Historicamente, como mencionado antes, o braço espiritual tem sido representado pelos grupos rosacrucianistas. Também estou ciente de que o Priorado usa o termo “universidade” para representar sua ordem, o que lembra o “Colégio Rosa-cruz” que o escritor esotérico A. E. Waite (1857-1942) afirmou ter existido na época dos faraós do Egito antigo.

De acordo com Nic Haywood, o Priorado também recorre a pessoas

que, por força de sua posição e credibilidade social, podem servir à propagação da mensagem do Priorado. Do mesmo modo, os iniciados em alquimia são favorecidos em suas fileiras (…) assim como nos debates alquímicos. Isso está no cerne do Priorado e é, portanto, difícil de contornar completamente.

No Capítulo 17, abordarei detalhadamente os vínculos do Priorado com a alquimia, mas por ora posso confirmar que sei, desde algum tempo, que o Priorado tem alquimistas entre seus integrantes. O texto intitulado Le serpent rouge [A serpente vermelha], discutido no Capítulo 10, atesta a inclinação da ordem para a alquimia.

Sim. [No que diz respeito à natureza alquímica do Prieuré de Sion]. Estamos aqui, naturalmente, alargando/amplificando a Materia Prima para nos envolver com uma "pedra" na realidade muito maior.

Esse trabalho tem pouca utilidade, a menos que a pessoa seja capaz de interessar-se em auxiliar a jornada mundana de seus semelhantes, facilitando as mudanças e as transformações na consciência coletiva. É para esse fluxo subterrâneo que tais energias são direcionadas. Uma visão mais facilmente alcançada em uníssono, em massa, como um Carro coletivo.

A Materia Prima é a matéria básica para a transformação alquímica, seja chumbo ou, em um nível espiritual mais profundo, a alma do iniciado. A "pedra" é a "Pedra Filosofal", a meta suprema do processo alquímico no sentido da perfeição. O "Carro" é uma referência à carta do tarô com esse nome. Ela tem como figura central um carreiro conduzindo dois cavalos, um preto e outro branco. Isso tem sido interpretado como um homem unificando as forças opostas da dualidade e controlando-as para progredir em direção ao sucesso. Fazer isso em grande escala requer pessoas com ideias e interesses semelhantes, unidas para influenciar a sociedade. Elas têm feito isso ao longo de toda a história sob diversos nomes diferentes, mas sempre com o mesmo ideal. Isso formou o que é denominado de "fluxo subterrâneo", como mencionei na Introdução.

O símbolo do fluxo subterrâneo é estudado minuciosamente nos capítulos finais. Ele aparece, por exemplo, em muitos elementos do mistério de Rennes-le-Château e está ligado ao tema da Arcádia, um estado perfeito.

Representações da Arcádia, como as de Poussin e de outros, geralmente incluem um túmulo ou um lugar onde a água brota de uma fonte subterrânea.

Trazer o fluxo subterrâneo à superfície é revelar algo dela ao público geral. Fundamental para o modo como o Priorado atua é a noção de comunicar as informações vagarosamente, a fim de não provocar efeitos adversos na sociedade:

Estamos preocupados com uma mudança na visão mundial, nas atitudes das pessoas. E se uma história alternativa, com informações que fossem chocantes para todos, fosse liberada aos poucos?

Há ideias – como a da existência da linhagem de Jesus e Maria Madalena – que não são novas, mas que só podem infiltrar-se em uma cultura quando a sociedade estiver pronta para aceitá-las. Inúmeras famílias reais europeias alegam que sua ancestralidade remonta a Jesus e além por centenas de anos, mas foi só depois da publicação de O Santo Graal e a linhagem sagrada, em 1982, que a ideia encontrou um público mais amplo. Se o livro tivesse sido publicado apenas vinte anos antes, uma porção de livrarias teria sido incendiada, imagino, da mesma maneira que os discos dos Beatles foram queimados quando John Lennon comparou a popularidade do grupo à de Jesus Cristo. No Ocidente, ficamos subitamente tolerantes em relação ao que antes era considerado heresia – embora hoje cometamos a hipocrisia de censurar os intolerantes.

Permanece a questão de que, embora seja possível encontrar evidências para diversas alegações históricas das metas do Priorado, há poucas provas de que a ordem em si tenha existido antes do século XX. A ideia de que uma organização como o Priorado de Sião possa ter funcionado nas sombras da história sem chamar a atenção do público parece improvável, e é consenso o fato de que ela teria sido amplamente conhecida muito tempo antes de decidir vir a público em 1956. Entretanto, o Priorado existe dentro da esfera das sociedades secretas, e é importante nos voltarmos para elas a fim de termos uma ideia melhor de como o Priorado permanece nas sombras. Em segundo lugar, ocorre uma permutação tão grande de laços, rituais e filiações entre as sociedades secretas que é impossível descobrir muita coisa sobre o Priorado com base nas ordens que ele informa ou imita.

Com isso em mente, vamos agora considerar a história do Priorado de Sião e das sociedades secretas que o cercam.

---

1 A não ser que seja indicado de outro modo, as citações do Priorado de Sião foram fornecidas por intermédio de Nic Haywood, seja por e-mails, seja por entrevistas. À exceção de mínimas mudanças editoriais e tipográficas, cito as palavras de Nic como as recebi.

2 Veja mais informações sobre esse assunto no Apêndice 1.

CAPÍTULO 2

UMA HISTÓRIA OCULTA

SOCIEDADES SECRETAS

A existência do Priorado de Sião tornou-se pública pela primeira vez na década de 1950, com a descoberta de seu jornal Vaincre em um contexto maçônico, especificamente a Grande Loja Alpina, na Suíça, uma das principais organizações maçônicas em todo o mundo. Esse fato por si só mostra que o Priorado de Sião não tem uma existência isolada: as sociedades secretas existem e se desenvolveram em todos os continentes ao longo da história. Desde os seguidores de Pitágoras, na Grécia, em cerca de 500 a.C., passando pela Sociedade dos Assassinos no Oriente Médio, pelos tugues na Índia do século XVII, pelos carbonários na Itália do século XIX até as modalidades atuais de Rosacrucianismo e Maçonaria, as sociedades secretas sempre prosperaram de uma forma ou de outra. Algumas fracassaram no seu propósito e desapareceram, outras se dividiram em novas sociedades ou se reinventaram, e algumas existem desde a Antiguidade até os dias de hoje.

Atualmente, há milhares de sociedades esotéricas, secretas ou não, espalhadas por todo o mundo. Algumas, como a Maçonaria, são bem conhecidas, mas passam despercebidas, e como tal são verdadeiramente secretas. É claro que qualquer um pode criar uma sociedade secreta; bastam para isso alguns amigos e o pretexto de possuir ou fazer alguma coisa secreta. Para esses grupos, os “segredos” não têm um valor real e devem permanecer ocultos, ou os integrantes deixarão de pagar as taxas e suas hierarquias presumidas serão desfeitas.

As sociedades secretas mais duradouras tendem a possuir informações exclusivas, um ensinamento central ou um sistema de crenças ao qual possam vincular seus iniciados e que possa ser transmitido ao longo das gerações. Tal sistema costuma ser criado para proteger as informações ou crenças que não seriam toleradas no ambiente político ou religioso do

momento. Elas são preservadas em rituais e ensinamentos, geralmente na forma simbólica, e transmitidas por meio de familiares ou iniciados. O Priorado está em boa posição para funcionar desse modo, uma vez que congrega muitas famílias aristocráticas entre seus integrantes.

Uma segunda forma de transmissão acontece quando os ideais e as crenças de uma antiga sociedade, e às vezes parte do material de referência, são redescobertos e ressuscitados para recriar uma nova sociedade. Pesquisar esses grupos ressuscitados pode ser difícil, uma vez que muitos adotam nomes de grupos anteriores, como, em geral, as numerosas ordens rosacrucianistas ou pseudotemplárias da atualidade. Dentre as que alegam uma descendência direta de suas predecessoras, algumas são de fato herdeiras dos materiais originais, conhecimentos ou espírito da encarnação anterior da sociedade. Outras simplesmente desejam imitar glórias passadas ou usar um precursor antigo para reforçar sua credibilidade.

A noção de sociedade secreta naturalmente produz um sentimento de desconfiança em todos nós. Manter segredos pode parecer algo um pouco doentio, mas esse é um traço que todos os seres humanos apresentam. Ao reter as informações, essas sociedades mantêm um determinado poder e uma mística que podem ser usados como meio de controle, da mesma forma que a Igreja Católica Romana resistiu por tanto tempo a publicar e disseminar a Bíblia em qualquer outro idioma que não fosse o latim.

Há também o risco de que tais grupos possam servir de disfarce para qualquer coisa, de espionagem internacional a revolução política ou um grave crime. O problema é que os novos integrantes geralmente só sabem com o que estão se envolvendo quando avançam nas hierarquias. Até mesmo na Maçonaria muitos integrantes nos graus inferiores nunca entendem de verdade a que aderiram. Como me disse anonimamente um maçom de terceiro grau: “Eu de fato não sei do que se trata tudo isso, talvez tenha algo a ver com o Egito antigo, acho”.

Os maçons da Inglaterra podem ser divididos em dois grupos: os que a veem como parte da tradição esotérica ocidental e os que a tratam como um clube masculino onde se servem refeições. Infelizmente, o recrutamento para esta última, provavelmente para encher-lhe os cofres, ultrapassou de longe a primeira nos últimos anos. Muitos integrantes satisfazem-se em

tratar os rituais como uma tradição sem sentido e, na sua ignorância, brincam de amarelinha sobre a árvore da vida cabalística. Entretanto, continua a existir um corpo de integrantes que pesquisa os assuntos arcanos e trata os rituais da Maçonaria, aquelas estranhas interpretações dos mistérios, com o devido respeito.

RITUAL E INICIAÇÃO

Todos crescemos e evoluímos ao longo da vida. As experiências modificam nossas percepções e a maneira como nos relacionamos com o mundo, alteram o modo como pensamos e nos comportamos. Mas a vida é uma professora vagarosa, e em diversos momentos as civilizações procuraram desenvolver instrumentos para acelerar o processo. Esses instrumentos podem ser codificados na forma de rituais. As iniciações e os rituais de todas as sociedades secretas são um meio importante tanto de transmitir informações quanto de incutir ideais em um indivíduo.

A iniciação pode ser usada para ensinar ou infundir conceitos no candidato em todos os níveis da existência. Por meio da contemplação mental, da representação material e do impacto emocional, uma iniciação de verdade exerce sobre o candidato um nível empírico de ensinamento. Essa é uma forma direta de receber conhecimentos que produz um impacto psicológico profundo.

Os rituais são fundamentais para muitas sociedades secretas. Conduzidos corretamente, podem ser instrumentos eficazes para o crescimento humano. Tais instrumentos poderiam ser de imenso valor para o público em geral se fossem divulgados, mas existem determinados fatores contrários a isso.

O primeiro é que os rituais produzem melhor efeito se o candidato desconhecer o que irá vivenciar. Ao abrir mão do que é familiar, ficamos abertos a receber e aprender. Isso pode ser um desafio, uma vez que todas as mudanças pessoais acontecem no nível emocional. Todo aprendizado é uma perda (de antigas percepções, emoções e mentalidades), portanto o aviso de antemão permitiria que a mente preparasse barreiras mentais e emocionais para aceitar percepções ou ideias provocadoras.

O segundo fator é que, em mãos erradas, a força dos rituais pode ser pervertida para servir a uma causa menos altruísta. Certa vez, um integrante da Ordem da Aurora Dourada tomou o ditame de Aleister Crowley, “Faça o que quiser” – ou seja, aja de acordo com a própria vontade verdadeira –, e criou um grupo para fazer a vontade dele, e não a de cada um. Isso funcionou para ele até que o poder o enlouqueceu, mas para seus seguidores isso foi, e continua a ser, um beco sem saída espiritual.

Um terceiro fator é que os rituais podem conter ensinamentos contrários às estruturas de poder existentes na sociedade. Historicamente, a punição por defender ou transmitir doutrinas heréticas (no sentido religioso ou político) tem sido a prisão ou a morte.

Por essas três razões, os instrumentos das sociedades secretas geralmente ficam ocultos na experiência simbólica do ritual e, em teoria, são transmitidos apenas quando o candidato comprovou estar pronto para receber a experiência que eles veiculam.

Isso não quer dizer que parte dos conhecimentos ou ensinamentos dos rituais não possa ser disseminada. A maneira como esses ensinamentos são tornados públicos é o segredo para controlar o impacto que causarão, se isso for um problema. Caso a ameaça de censura possa ser um impecilho, há diversas maneiras de comunicar as informações por outros meios – por exemplo, de modo simbólico, por meio da arte e da literatura. Adiante, descobriremos que o Priorado de Sião já fez exatamente isso.

Muitos rituais da magia e do ocultismo ocidentais têm as mesmas raízes, sendo frequentemente variações de trabalhos anteriores. Podem ser encontrados em diversas sociedades secretas e mostram um nível de desenvolvimento mútuo de ideias e crenças que apareceram por meio da filiação compartilhada ou da influência direta. Por exemplo, alguns dos símbolos que aparecem em documentos do Priorado de Sião podem ser encontrados na Maçonaria, na Rosa-cruz, no templarismo e até mesmo no catolicismo. A pergunta é: quem está influenciando quem?

INSÍGNIAS

Quando me encontrei pela primeira vez com Nic Haywood, notei seu anel e um pequeno distintivo que pareciam de origem maçônica. Mencionei isso posteriormente. Ele respondeu:

Realmente, eu estava usando um pequeno e discreto emblema do Prieuré durante a nossa entrevista de ontem. Um diminuto triângulo duplo – um emblema em formato de diamante envolvendo uma balança ou um par de pratos de balança cujo contrapeso é uma espada chamejante ereta atravessando um pentágono de cinco pequenos pentagramas. O conjunto dá a impressão imediata de uma flor-de-lis em cujos lados se veem as letras "P" e "Z" (as grafias alternativas de Sião). Existem bem poucas peças de insígnias, todas com desenhos e emblemas que estão perfeitamente de acordo com os assuntos em Rennes-le-Château.

Nic também me deu a fotografia de uma "joia" do Priorado: uma fênix emplumada de duas cabeças portando uma robusta espada de ouro e encimada por uma coroa de ouro. O desenho inclui a águia de duas cabeças, que aparece na Maçonaria e nos círculos rosacrucianistas. Ele também pode ser encontrado na alquimia, um dos alicerces do pensamento esotérico e das sociedades secretas do Ocidente.

Na Maçonaria, os trajes cerimoniais geralmente são usados com propósitos ritualísticos, mas o Priorado evita muitos desses ornamentos. As diferenças entre a Maçonaria e o Priorado foram-me explicadas em uma conversa:

O Priorado não possui túnicas e anéis, mantidos nos rituais maçônicos. Não tem os trajes cerimoniais para os participantes nem a encenação maçônica; existem alguns trajes rituais, [mas os integrantes os usam quando] se reúnem para tomar decisões e votar, não para executar rituais. Hoje é uma organização moderna, os votos etc. são atualmente dados por e-mail.

Podemos ver, pelos rituais e trajes cerimoniais em circulação, que há uma porção de evidências concretas para a transmissão de ideias entre as sociedades secretas. Isso é mais visível quando tentamos determinar se o Priorado de Sião existiu antes do século XX.

O CONTEXTO DO PRIORADO DE SIÃO

Sobre a questão das provas históricas, o Priorado tem impedido todos os seus integrantes de revelar evidências de uma existência contínua desde a época de sua origem até o presente. Isso não quer dizer que se deva aceitar ou rejeitar cegamente o Priorado como uma ordem mística antiga; apenas significa que não se pode chegar a um veredito enquanto não forem reveladas mais informações. Apresento a seguir três declarações do Priorado quanto a sua história e influência, a partir das quais você pode tirar suas próprias conclusões:

O Prieuré de Sion tem um extenso passado obscuro. Considerando que foi constituído a partir de um Ideal, é normal entender que um pequeno grupo de monges, cujo anonimato foi assegurado em meio às vastas fileiras dos Cavaleiros do Templo, continuasse a atuar como o fizeram. Naturalmente, era intenção deles permanecer evasivos, e muitos seriam perdoados por supô-los pertencentes ao que em nossos dias denominamos de Illuminati. Um grupo selecionado de encarnados eruditos cujo interesse é o avanço da humanidade. Um conclave hermético cuja tarefa tem sido, é e sempre será a transmutação do Ideal no Real; o espiritual no corporal. Enriquecer a própria existência humana; estabelecer suas aspirações e adiantar o conhecimento deste mundo e sua participação nele. Diante dessa finalidade poder-se-ia concluir que a tarefa seja ingrata, mas os resultados são bastante compensadores.

A ideia do Priorado como um “pequeno grupo de monges” da época dos Templários parece conflitante com outra declaração de que as origens pré-cristãs do Priorado remontam a uma época muito anterior, retrocedendo até o Egito antigo. Acredito que a confusão ocorra porque os ideais da ordem existem desde muito tempo antes de a organização ser constituída com sua designação formal.

Tal situação lembra o fato de que a Maçonaria também reconhece suas origens nos rituais do Egito antigo. A menção aos Illuminati é mais uma referência à existência de iniciados iluminados (que é o significado de illuminati) do que à sociedade secreta real com esse nome, fundada por Adam Weishaupt no século XVIII.

Você deve se lembrar de que a primeira mudança cultural e socioespiritual aparente – que resultou na construção das magníficas catedrais góticas com seu correspondente conhecimento das ciências: óptica, pigmentos, metalurgia e mathesis – manifestou-se (herança clássica à parte) pelo contato direto com o mundo árabe engendrado durante as primeiras Cruzadas. Entretanto, os maiores responsáveis por facilitar a síntese da cultura oriental-ocidental atuaram erroneamente segundo os mecanismos ávidos de poder da sempre cobiçosa Igreja Católica e acabaram sendo traídos. O pequeno grupo central, naturalmente, saiu ileso. Que utilidade eles poderiam ter ou teriam para a humanidade se fossem facilmente identificáveis?

Outras mudanças espirituais e culturais como o Renascimento, a época do Iluminismo etc. foram igualmente orquestradas e dependentes da livre circulação dos ideais e das ideias socioespirituais e da liberdade de expressão, não mais do que do Oriente para o Ocidente e vice-versa. A esse respeito o Ocidente – a Europa em particular – é incomparável porque atuou como um “cadinho”.

Os Templários serão discutidos a seguir, mas a questão importante aqui é a troca de ideias entre as filosofias ocidentais e orientais. Os aspectos esotéricos do Priorado têm uma linha de sucessão verificável, sob vários nomes e aparências, em épocas anteriores às Cruzadas. Parece que esses aspectos permanecem adormecidos até ressurgirem em determinados momentos da história com o desdobrar dos acontecimentos.

LIGAÇÕES COM OUTRAS SOCIEDADES SECRETAS

O intercâmbio entre as sociedades secretas é evidenciado ao longo da história, com muitos indivíduos vinculados a mais de uma. No início do século XX, sabia-se da existência de uma filiação simultânea entre maçons, rosa-cruzes, ordens neotemplárias, ordens ocultas (tais como a Ordo Templi Orientis e a Aurora Dourada) e até mesmo grupos religiosos ortodoxos e o clero. O ocultista Aleister Crowley (1875-1947) chegou a dizer que se iniciou em tantos grupos que, se envergasse todos os seus trajes cerimoniais de uma vez, não conseguiria parar em pé.

Ainda hoje, inúmeros integrantes do Priorado de Sião pertencem também a outras sociedades secretas. Elas têm tanto em comum com os maçons em termos de simbolismo e filiação que eu levantei a questão para Nic Haywood, cuja resposta foi:

Você terá concluído, até agora, que o Priorado não é uma instituição maçônica, mas que atua num estilo semelhante. Não é necessário ser maçom para ingressar no Priorado de Sião.

Isso implica que pelo menos alguns membros do Priorado são maçons. Também estou ciente de outros grupos que dividem integrantes com o Priorado, embora os grupos em si possam não ter conhecimento desse fato, porque os integrantes às vezes estão sob juramento de manter segredo sobre filiações, a exemplo do que ocorre no Priorado. Este deixa claro que a associação ou a cumplicidade são uma questão de protocolo:

O Priorado faz acordos e alianças com outros grupos e sociedades só quando os acontecimentos (ou a falta deles) tornam adequado fazê-lo. Essas combinações são, com poucas exceções, temporárias; uniões transitórias que servem a um objetivo comum.

Uma forma mais direta de influência acontece quando uma sociedade secreta cria outros grupos ou ordens ou opera por meio deles. É assim que o Priorado justifica sua ausência dos registros históricos de sociedades secretas. O Priorado é conhecido por diversos nomes diferentes e atuou por intermédio de outras organizações para atingir seus objetivos em diversos momentos da história:

Talvez seja por essa razão que geralmente se tenha associado uma Europa unida ao Prieuré de Sion (…). [O] grupo antes conhecido por nomes como Hieron Val d’Or, Compagnie du Saint Sacrament, Rose-Croix, Prieuré de Sion etc. divulgou formalmente sua existência em 1956 na França. Foi na Europa “segura” do pós-guerra e por essa época que os tentáculos [do grupo] se estenderam a todos os campos da existência humana. Um “Estados Unidos da Europa” estava definitivamente na ordem do dia!

Aqui chegamos à proliferação de sociedades secretas cujos nomes o Priorado de Sião tem usado como disfarce. Nic Haywood mencionou outras

ao longo do tempo: Ordre Orval du Chevalier; Zion (duas vezes); e o Salon de la Rose-Croix. Elas oferecem, por si mesmas, ótimas perspectivas potenciais de pesquisa – faço alguns comentários a respeito mais adiante no capítulo (veja a página 48).

[O Priorado de Sião] é/tem sido vinculado a outras sociedades e organizações por propósitos já definidos e, ocasionalmente, atua como um mecanismo para "quebrar" as instituições que impediriam essa meta comum.

Por razões já esboçadas, o Prieuré de Sion tem [mantido]/mantém ligações com algumas organizações em virtude de documentos originais e materiais mantidos para tais propósitos. (…) A esse respeito, o Prieuré de Sion é considerado, por alguns, como sendo a cause célèbre par excellence. A instituição obtém seu poder não só das famílias e dos indivíduos abastados que, por tradição ou por força de um acordo, atuam como patronos generosos, mas também da pressão essencial que tenta manter sobre esses grupos que obtêm seu ímpeto de uma conjuntura mundial dividida.

Nessa qualidade, as raízes espirituais do Priorado estão no coração do Homem!

A parceria com outras sociedades ou a criação delas proporcionou um disfarce e um meio de disseminação para o Priorado sem colocar em risco seus integrantes centrais. Também serviu para manter a ordem nas sombras ao longo da história. Em uma declaração inequívoca, o Priorado confirmou que a mensagem que procura comunicar foi transmitida ao longo das eras mediante uma diversidade de nomes como disfarce até o final do século XX:

É verdade que o Priorado manteve [...] ao longo dos tempos no passado uma variedade de nomes e só durante o fin de siècle [o final do século XIX] regressou a um nome muito semelhante ao que obteve no nascimento.

A revelação de que o Priorado realmente usou denominações diferentes explica a dificuldade de encontrar provas de sua existência na Antiguidade. A ideia de que tenha se originado com o nome de Priorado de Sião também

é importante, porque a busca por esse grupo inicial torna-se uma explicação das origens do Priorado como uma sociedade secreta real.

Tudo remonta aos nove cavaleiros da Calábria. A Rose-Croix [Rosa-cruz], o Priorado de Sião, a Maçonaria, [Jean-Jacques] Olier e os grupos de Saint-Sulpice – a influência dos Templários pode ser vista como a causa de muitas delas ou como sua principal influência.

Voltaremos a Olier e ao Saint-Sulpice em um capítulo posterior. A importância dessa declaração é que ela situa historicamente os “nove cavaleiros da Calábria” – os primeiros Cavaleiros Templários – como o ponto de partida de nossas indagações.

OS CAVALEIROS TEMPLÁRIOS

Muitas vezes se declararam os vínculos do Priorado com os Cavaleiros Templários. Entretanto, a história submeteu os Templários a tanta especulação e romantismo que é difícil considerá-los objetivamente. Desde sua extinção na França no século XIV, eles se tornaram repasto de teóricos da conspiração de todos os períodos. Isso foi causado em parte pela influência dos Templários, a qual pode ser vista em muitas sociedades secretas europeias: por exemplo, todos os templos maçônicos são construídos para representar o templo original de Salomão, a residência material e espiritual dos cruzados. Aspectos da influência duradoura dos Templários também podem ser encontrados na arquitetura católica – por exemplo, no projeto da igreja de Saint-Sulpice, em Paris, e também na igreja em Rennes-le-Château, que abordaremos em profundidade mais adiante.

A ordem militar dos Pobres Cavaleiros de Cristo e do Templo de Salomão, para dar aos Templários seu título completo, foi criada para proteger os peregrinos que se encaminhavam à cidade santa de Jerusalém. Foi fundada por volta do ano 1118 por Hugues de Payens e outros oito cavaleiros franceses, que embarcaram da Calábria, no sul da Itália, para a Terra Santa. Os Templários faziam votos de pobreza e castidade, e ofereciam-se para proteger os peregrinos a caminho de Jerusalém, que fora capturada pelas

forças cristãs na Primeira Cruzada (1096-9) e era então a capital de um estado cruzado. O rei de Jerusalém, Balduíno II, outorgou a Hugues de Payens a antiga mesquita de Al-Aqsa sobre o Monte do Templo como o quartel-general dos cavaleiros. Considerava-se que a mesquita, convertida pelos cruzados em um palácio e igreja, estivesse sobre o local do antigo Templo de Salomão, daí o nome dos Templários.

Alguns anos depois, Bernardo de Clairvaux formulou a “Lei dos Templários”, com base nas leis monásticas de São Benedito, instruindo-os sobre como viver e se comportar. Os Templários adotaram-na em 1128 e foram reconhecidos pelo papa como uma ordem monástica oficial por volta dessa mesma época. Entretanto, é improvável que tenham seguido fielmente essas leis, exceto nos primeiros tempos após a fundação. Entre os preceitos incluía-se o banimento do xadrez – o que é curioso, considerando que o desenho do tabuleiro tinha um significado importante entre os grupos que seguiam os Templários –, mas eles tinham permissão de jogar amarelinha. A visão de um cavaleiro brincando de amarelinha nas ruas de Jerusalém parece algo muito contrário à imagem do guerreiro valente mantida em tamanha consideração atualmente.

No início, alguns cavaleiros viajaram por toda a Europa numa tentativa de angariar mais fundos para a ordem, espalhando lendas de feitos e aventuras heroicas. O romantismo dos Templários se firmou e de repente muitos nobres abastados encaminhavam-se para o Oriente, ansiosos por participar das Cruzadas. Os Templários acumularam doações de riquezas e, mais importante, de terras, por toda a Europa.

Alguns dos melhores guerreiros e líderes da Europa se associaram e, na qualidade de Cavaleiros do Templo, arrebanharam exércitos das prisões europeias e de outras origens semelhantes para unir-se às Cruzadas.

Os Templários achavam-se no centro das forças cristãs durante as principais Cruzadas dos séculos XII e XIII. Foram os responsáveis por grandes vitórias e também por alguns desastres memoráveis, como o do Cerco de Ascalon, em 1153, conforme registrado por Guilherme de Tiro. De acordo com o cronista, ao fim desse cerco os exércitos muçulmanos abriram os portões da cidade, e os Templários, querendo saquear tudo por conta própria, bloquearam a entrada para impedir que outros exércitos os

seguissem. As tropas muçulmanas aproveitaram a oportunidade e fecharam os portões por trás do pequeno exército templário e o massacraram. Considerando que o relato de Guilherme de Tiro fosse confiável (ele não era partidário dos Templários), esse desastre ilustra a cobiça e orgulho a que tais cavaleiros sucumbiram.

Embora os Templários tenham começado como humildes monges guerreiros cristãos, na época de sua extinção eles eram uma ordem imensamente rica. Além disso, parece que os integrantes entregavam-se a todos os tipos de práticas arcanas. Eles foram acusados de heresia por supostamente cuspir na cruz e adorar uma cabeça a que chamavam de "Baphomet". Embora deva se considerar que as confissões foram extraídas sob tortura, eles certamente estavam muito distantes dos primeiros "cavaleiros pobres" que chegaram a Jerusalém.

São numerosas as lendas sobre como os Templários escavaram o Monte do Templo e depararam com todo tipo de relíquias dos templos bíblicos. Diversas teorias procuraram explicar o que os Templários realmente descobriram. Mesmo entre seus próprios relatos eles alegaram, em mais de uma ocasião, ter encontrado a cruz verdadeira da crucificação. O Pergaminho de Cobre, dos Pergaminhos do Mar Morto, é um inventário dos tesouros e depósitos escondidos ao redor da Terra Santa na época dos romanos e um testemunho da prática de enterrar e esconder materiais valiosos para impedir que fossem pilhados pelos exércitos invasores. Os Templários podem ter descoberto um registro dessa espécie, ou talvez tenham encontrado um verdadeiro repositório de informações. Segundo uma teoria, eles teriam achado documentos que haviam sobrevivido desde o tempo de Jesus e que davam uma visão alternativa do cristianismo. À luz de achados como os textos gnósticos da biblioteca de Nag Hammadi, descoberta no Egito na década de 1940 (veja a página 266), isso é totalmente possível.

Entretanto, um método mais provável para divisar novas perspectivas sobre os tempos bíblicos viria por meio do contato dos Templários com a Ordem dos Assassinos e com as escolas de mistérios islâmicas. Eles se encontraram com os Assassinos em inúmeras ocasiões e, por meio de tréguas e batalhas, é provável que tenham obtido um conhecimento

profundo de algumas de suas crenças e rituais. Durante o período de ocupação, os Templários parecem ter se tornado menos arrogantes em relação a seus inimigos muçulmanos e finalmente adquiriram um nível de tolerância e até mesmo respeito. No século XIII, os Templários estavam na Terra Santa por tanto tempo que muitos de seus integrantes, incluindo alguns chefes da ordem, haviam nascido lá. A maioria falava árabe fluentemente e não podia evitar a absorção de alguns aspectos da fértil cultura em que se encontravam.

O Priorado quer nos fazer acreditar que a verdadeira troca de conhecimentos foi registrada no mais alto nível:

Os cronistas ocidentais sempre sustentaram que Ricardo [Coração de Leão] e Saladino nunca se encontraram, mas mostraremos o contrário. E que um acordo, um tratado, foi estabelecido entre eles.

Na Cruzada inicial, quando os cavaleiros entraram pela primeira vez en masse na cidade de Jerusalém, eles massacraram os “infiéis”: homens, mulheres e crianças. Mas (…) quando a cidade caiu em mãos muçulmanas [em 1187], Saladino deu a ordem para que nenhum cristão fosse ferido. Na verdade, foi realizado um “ritual de limpeza” deliberadamente respeitoso segundo o qual as ruas, as casas e os locais de adoração foram lavados com uma infusão de água benta e pétalas de rosas. Da mesma forma, as vias públicas foram aspergidas com essa mistura.

Tendo em mente que as grandes catedrais góticas da Europa medieval tinham sido construídas usando as ciências, habilidades e artes aprendidas com os “infiéis” [e] financiadas, em geral, pela Ordem do Templo, devemos concluir que esse acordo, essa confluência espiritual-cultural, aprofundou-se sempre cada vez mais.

No final das Cruzadas, houve a oportunidade de unir as igrejas oriental e ocidental e também de encontrar um terreno e um lugar de adoração comuns a todas as religiões que entendiam a importância de Jerusalém. Infelizmente, a paz não durou, e toda a Terra Santa foi por fim recuperada pelos muçulmanos. Os Templários foram forçados a bater em retirada para a Europa e abandonaram seu último baluarte oriental, a Ilha de Arwad, na costa do Líbano, em 1303.

No fim das Cruzadas, a ordem dos Templários tinha crescido de maneira impressionante em tamanho, conhecimento, riqueza e poder. O que ela e outros grupos tinham aprendido no Oriente já influenciara o pensamento ocidental. A construção das imponentes catedrais góticas com seus lindos vitrais deve muito ao pensamento e à arquitetura árabe. Diz-se que o azul usado para colorir o vidro nunca desbota – construtores e vidreiros adotavam as técnicas transmitidas pelos artífices árabes. Entre as glórias dessas grandes catedrais, que demoravam décadas para ser terminadas, estão as grandes "rosáceas". A rosa é sagrada no Oriente e alude ao sagrado feminino, e seu uso nas catedrais é apropriado, especialmente nas janelas voltadas para o leste: como direção de Jerusalém e do sol nascente, o leste simboliza o nascimento de Cristo (da Virgem Maria) e a sua ressurreição.

O fluxo de informações pela Europa também incluía avanços na ciência, na matemática, na medicina, na arte, na arquitetura e o novo pensamento religioso. Essa grande quantidade de informações importantes, muitas das quais provenientes do antigo mundo clássico, só foi liberada na Europa Ocidental depois da queda de Constantinopla, em 1453.

Desde a fundação da ordem, os Templários tinham se espalhado por toda a Europa, mas a maior parte fixou residência no Languedoc, no sudoeste da França. Ali os Templários encontraram-se igualmente cercados por heresias e por um pensamento original, pois por volta dessa época a fé gnóstica dualista dos bogomilos também se firmara na região. Os seguidores dessa religião eram chamados de cátaros (os purificados), perfeitos ou albigenses (da sua fortaleza em Albi), e acreditavam estar de posse da forma mais pura do cristianismo. Entre os princípios cátaros estava a crença de que Jesus e Maria Madalena tinham se casado.

As histórias dos feitos heroicos dos Templários entrelaçaram-se às heresias cátaras, e os populares romances arturianos do Santo Graal permitiram que essas tradições continuassem diante de uma crescente desconfiança e hostilidade em relação à Igreja convencional.

Finalmente, os cátaros foram eliminados na Cruzada Albigense de 1209-29; os últimos redutos acabaram sendo esmagados em 1244. Sua extinção prenunciou o destino de muitos outros hereges nas mãos da Inquisição, que varreria a Europa Ocidental nos anos seguintes, quando Roma começou a

impor seriamente sua doutrina. Os Templários, que aderiram de maneira oficial à Igreja convencional, parecem ter sido surpreendentemente ambivalentes em relação à eliminação dos cátaros, e há relatos de Templários que lutaram tanto ao lado dos cátaros quanto contra eles.

REPRESSÃO

Em 1307, os Templários deviam estar cientes do que sucederia. Já não se preocupavam com o levante; eram uma organização poderosa, proprietária de vastas extensões de terras, especialmente na França, e tinham se tornado o repositório de muitas riquezas. Atuavam como banqueiros e transacionavam notas promissórias em lugar de ouro, inventando inadvertidamente o cheque. O rei Filipe IV herdara um reino empobrecido e devia muito dinheiro aos Templários. Nesse mesmo ano, Filipe emitiu um mandado para que os Templários da França fossem presos e interrogados sob o pretexto de heresia e tentou convencer os países vizinhos a fazerem o mesmo. Com o apoio do relutantemente submisso papa Clemente V, centenas de cavaleiros foram cercados numa sexta-feira, 13 de outubro, daquele ano. Sob terrível tortura, muitos cavaleiros da alta hierarquia confessaram a heresia.

Fora das fronteiras da França, a ordem foi perseguida com menos violência. Na Inglaterra, por exemplo, a acusação de heresia não conseguiu vingar. No entanto, em 1312, Filipe IV forçou o papa a dissolver a ordem. Em toda a Europa, houve uma tentativa de tomar as riquezas dos Templários, mas, por ordem papal, as terras deles foram transferidas a outra famosa ordem cruzada, os Cavaleiros Hospitalários (a Ordem do Hospital de São João de Jerusalém). Algumas dessas antigas terras templárias ficavam no Languedoc, mais especificamente próximas à cidade de Rennes-le-Château. Posteriormente, os Hospitalários tornaram-se os Cavaleiros de Malta e ainda existem hoje em dia, sediados no Vaticano.

“HERESIAS” TEMPLÁRIAS

O encarceramento dos Templários por Filipe IV foi lendário pela brutalidade, e as torturas a que muitos cavaleiros foram submetidos tornam suspeitas todas as “confissões” obtidas. Há um relato de um templário chegando à corte de Paris com uma pequena sacola contendo os ossos queimados de seus pés, que tinham sido colocados à força na brasa até que a carne fosse inteiramente consumida pelo fogo.

Entretanto, determinadas linhas que entremeiam as confissões podem ter alguma base nos fatos. Uma acusação contra os Templários está ligada ao intercâmbio de conhecimentos com os Assassinos, como mencionado anteriormente. Os Templários foram incriminados de adorar uma cabeça misteriosa chamada Baphomet. Dizia-se que essa cabeça falava, dando informações como um oráculo. Alusões a cabeças semelhantes podem ser encontradas em grimoires (textos mágicos) medievais, como o Picatrix, escrito originalmente em árabe por volta do século XI, e o Baphomet também lembra a “Cabeça de Ouro” de textos alquímicos posteriores (veja a página 314).

O mistério do Baphomet aprofundou-se quando conheci, por acaso, um pesquisador árabe que tinha estudado os rituais dos Assassinos medievais. Ele me revelou que, em um dos níveis mais elevados, o candidato era conduzido a um aposento em que uma cabeça aparentemente decepada, colocada sobre o chão, falava ao candidato, transmitindo-lhe conhecimentos importantes. Esse efeito dramático era alcançado enterrando-se o orador até o pescoço no chão. (Infelizmente, para ele, os mestres da cerimônia assassina depois o decapitariam para então poder mostrar a cabeça ao candidato e provar que fora realmente decepada.)

Os Templários foram declarados culpados nos tribunais franceses, mas poucos encararam o julgamento e a execução por heresia, notadamente o último grão-mestre da ordem, Jacques de Molay, que morreu na fogueira em 1314 amaldiçoando o rei e o papa – os quais realmente viriam a morrer ainda naquele mesmo ano. Alguns cavaleiros de hierarquias inferiores foram perdoados e juntaram-se aos Hospitalários. Mas muitos outros, junto com grande parte de sua riqueza e toda a frota templária, simplesmente desapareceram da França nas brumas da história. A ordem foi formalmente dissolvida por Clemente V em 1312, mas alega ter conseguido manter sua

existência ininterrupta, e existem atualmente inúmeras organizações templárias em todo o mundo que reivindicam descendência direta da ordem original.

Em 2001, Barbara Frale, uma arquivista do Vaticano, encontrou o assim chamado Pergaminho de Chinon no Arquivo Secreto do Vaticano. Perdido por 700 anos, esse documento é uma carta escrita em 1308 pelo papa Clemente V, revelando que, embora tivesse sido conivente com o rei francês na repressão aos Templários, não tinha a disposição de condená-los, absolvendo explicitamente a ordem como um todo da heresia.

Sempre desconfio quando algum documento histórico importante subitamente "reaparece" depois de longa ausência. Entrei em contato com Barbara Frale para esclarecer como um documento papal tão importante tenha ficado "perdido" por tanto tempo. Ela respondeu que o pergaminho permanecera no arquivo por 700 anos, mas que a certa altura fora colocado sob uma "classificação errônea" e que "ninguém o estudara antes".

Na conclusão do Pergaminho de Chinon, o papa informa aos Templários que eles teriam permissão de continuar, mas deveriam mudar de nome. Não está claro se parte deles logo adotou o nome de Priorado de Sião, que visivelmente reproduz a primeira sede monástica da ordem no renomado "Templo de Jerusalém". No entanto, considerando a transmissão do conhecimento templário ao longo do tempo até os dias atuais, é ingênuo pensar que os Templários tenham debandado completamente. Parece que nos séculos seguintes eles continuaram a existir sob muitos nomes e disfarces diferentes.

No intervalo de quatro anos entre a carta e a dissolução da ordem, em 1312, muitos Templários seguramente teriam sido sensatos o bastante para levar em consideração o apelo do papa e assumir uma nova identidade coletiva e "desparecer". Existem poucas evidências confiáveis a esse respeito, mas, depois dos acontecimentos de 1307, esse seria um procedimento óbvio, em particular para os Templários franceses.

Quanto a todos os vínculos ocultistas e tesouros possíveis, o aspecto mais importante dos Templários, na minha opinião, são os rumores de que mantiveram um templo no Monte do Templo em Jerusalém, contendo três

altares, um para os muçulmanos, um para os cristãos e um para os judeus. Se isso for verdade, as pessoas desses três credos teriam orado em harmonia lado a lado no Monte do Templo, que é sagrado para o judaísmo, para o cristianismo e para o islamismo. Em praticamente mil anos, ninguém conseguiu repetir esse feito em Jerusalém.

Qualquer relação direta entre o Priorado de Sião e os Templários permanece não comprovada, mas o conhecimento do Priorado sobre os acontecimentos ocorridos na época dos Templários dá crédito a essas alegações.

Vamos considerar o Priorado em relação a grupos posteriores, começando com os rosa-cruzes.

O PRIORADO E A ORDEM ROSA-CRUZ

Sociedade esotérica secreta de origens obscuras, o Rosacrucianismo, ou a Ordem Rosa-Cruz, é a que mais se aproxima do que consideramos como o Priorado de Sião. O Priorado em si sustenta que as ordens rosacrucianistas (Rose-Croix na França) são o seu braço espiritual e um meio fundamental pelo qual pode influenciar a sociedade. Afirma ainda que o Priorado é o grupo pequeno que supervisiona e controla uma ordem rosacrucianista especial francesa chamada Veritas (Verdade) e seus subgrupos ou “capítulos”. Também a utilizam para recrutar integrantes do Priorado.

O âmbito de atuação do Priorado foi explicado quando perguntei por que ele só foi registrado oficialmente como uma organização com esse nome na década de 1950. Por meio de Nic Haywood, o Priorado teve o seguinte a dizer sobre a questão:

Assim como a Maçonaria se divide em vários campos (lojas) e conta com diversas ramificações (“flancos”), o Priorado é (…) em si mesmo dividido em lojas com específicas atribuições e tarefas etc. (…) O registro oficial do Priorado aconteceu sob novas leis na França do pós-guerra em uma Europa vulnerável e de certa forma dizimada. Entretanto, como declaramos em comunicados iniciais, a ordem reassumia o bastão com o qual realizara transações, tanto financeiras quanto temporais, durante os séculos XI a

XVI, apesar da variação no nome, para acompanhar a modernização da Europa.

Antes de 1925, e no século XIX, a ordem do Priorado não se fizera pública a não ser pelo uso de seu corpo espiritual/esotérico: a Ordre Rose+CroixVeritas. Esse é o "tronco" do que é atualmente conhecido como Priorado de Sião, e é a mesma "sociedade" que manteve o Salon de la Rose-Croix em Paris no final do século XIX [chefiado por] Joséphin Péladan.

Mais evidências da ligação entre as duas ordens podem ser vistas no uso da antiga expressão alquímica. Os documentos que recebi do Priorado eram encabeçados por uma flor-de-lis sublinhada pelas iniciais L.V.A.A.T. Essa abreviatura, que mencionei na Introdução, às vezes aparece nos documentos do Priorado e representa a expressão latina Lux Veritatis Alit [or Alet] Altare Templi – "Que a Luz da Verdade Sustente o Altar do Templo". L.V.A.A.T. é o lema de um Templum Rosae Crucis (Templo da Rosa-Cruz) e é escrito ao redor do interior de uma insígnia oficial da Rosa-Cruz.

Infelizmente, a origem dos rosa-cruzes é quase tão difícil de evidenciar quanto a do próprio Priorado de Sião. Ela pode ser rastreada até alguns panfletos que apareceram nos séculos XVII e XVIII, e alguns pesquisadores, como o historiador maçônico A. E. Waite, afirmaram que uma modalidade de Academia Rosa-Cruz existiu no Egito antigo. A exemplo do Priorado, sua estrutura e filiação deu origem a muitas especulações, embora atualmente seja possível investigá-las com uma compreensão muito mais ampla.

As publicações rosacrucianistas que apareceram no início do século XVII foram Fama Fraternitatis Rosae Crucis (Relatório da Fraternidade Rosa-Cruz, 1614) e Confessio Fraternitatis (A confissão da louvável fraternidade da mais honorável Ordem Rosa-Cruz, 1615), e descrevem o movimento rosacrucianista de forma alegórica em relação à transmissão de segredos que têm origem nos movimentos do Oriente [Médio]. Um terceiro texto, Núpcias alquímicas de Christian Rosenkreuz (1616), é uma alegoria alquímica representando uma sucessão de ritos. Como explicou Nic Haywood:

O próprio nome “Rosacrucianismo” deriva, em parte, da antiga tradição sufi e suas técnicas de iniciação. Provém da maneira como os sufis e a tradição hermética denominavam seus iniciados ilustres, espiritualmente desenvolvidos: “A Rosa” etc. Sua relação com as Cruzadas é decisiva (…) e muito menos conhecida.

Aqui, de novo, vemos ressonâncias dos Templários e de sua fusão de elementos espirituais, culturais e científicos do Ocidente com o Oriente.

A Europa ficou encantada com a aparência dos documentos rosacrucianistas. Eram um chamado às armas para os livres-pensadores da época, mas não continham meios óbvios de entrar em contato com a ordem. Ao circularem entre a intelectualidade, foram considerados por muitos como sendo obra de um único indivíduo, mas isso não justificaria a impressão que causaram na sociedade.

A aparência anônima dessas publicações lembra a dos Dossiers secrets do Priorado de Sião e dos textos de A serpente vermelha, que apareceram na década de 1960 (veja o Capítulo 10).

Como já foi mencionado, meu principal contato com o Priorado, Nic Haywood, exibe muitos traços que se esperariam de um iniciado rosacrucianista, tais como um profundo interesse pela natureza do fogo (veja a página 353).

A autêntica linhagem rosacrucianista desapareceu no fim do século XIX com o Salon de la Rose-Croix de Joséphin Péladan, em Paris; e foi em Paris que o Priorado de Sião surgiu no século XX. Portanto, não pareceria um salto muito grande considerar que as duas ordens pudessem ser aparentadas. Talvez por isso os historiadores tenham tanta dificuldade de rastrear as origens do Priorado de Sião ao longo da história: pois, na maior parte do tempo, ele pode simplesmente ter permanecido oculto à visão comum. Nic lembrou-me de algo sobre os rosa-cruzes que se encaixa com perfeição em qualquer compreensão do Priorado em todas as épocas:

A ordem devia usar túnicas e máscaras de acordo com a época e para sua sobrevivência, mas devia ser conhecida entre os iniciados sempre pelo seu nome verdadeiro...

Fama [Fraternitatis] apareceu em 1614, e é no século XVII que vemos as primeiras ligações possíveis entre o Priorado de Sião e o mistério de Rennes-le-Château. A estrutura e o conceito revistos do Priorado foram concebidos por Michel Le Gras, um morador da região e o filho de Luísa de Marillac, a quem voltaremos posteriormente (veja a página 71). Le Gras guardou documentos, escrituras e outros papéis essenciais de grande importância para o Priorado, provavelmente passados através das famílias dos Templários. Seus filhos se casaram nas preeminentes famílias locais Hillier e Hautpoul, ancorando firmemente as informações nas vizinhanças de Rennes-le-Château, que tem esse nome por causa do Château Hautpoul.

Como evidencia o panfleto de 1616, Núpcias alquímicas, os rosa-cruzes eram intimamente ligados à alquimia. Em Viena, por exemplo, construíram um laboratório fabuloso que foi mencionado em comunicados entre os integrantes da ordem.

A iniciação dos rosa-cruzes no caminho da alquimia e a subsequente criação de muitos projetos complexos nesse ramo também os tornaram uma atração para os alquimistas e ocultistas da época. Os integrantes da Rosa-Cruz espalharam-se pela Europa e tornaram-se conhecidos como curandeiros, alquimistas e químicos. Suas fileiras incluíam luminares como o lendário imortal conde de St. Germain, e alguns consideram que tenham usado a magia sexual e tântrica como parte de seus rituais (veja, por exemplo, The Rosicrucians [Os rosa-cruzes], de Christopher McIntosh).

Essa paixão pela alquimia manteve-se entre as ordens rosacrucianistas do século XIX, como o Salon de la Rose-Croix, e continua atualmente como uma parte fundamental do Priorado de Sião. (A alquimia é tratada em maior profundidade no Capítulo 17.)

O chefe do Salon de la Rose-Croix era Joséphin Péladan (1859-1918), um romancista e perito ocultista inspirado em Eliphas Lévi. Péladan acreditava que a Igreja Católica fosse um repositório de conhecimento de que ela própria se esquecera, e ele se interessava particularmente pelo evangelho de João. Há no Rosacrucianismo a crença de que uma modalidade "verdadeira" do cristianismo tenha sobrevivido à margem dos ensinamentos ortodoxos da Igreja Católica. Traços disso podem ser vistos nas crenças

heréticas dos cátaros e no catolicismo reformista de São Vicente de Paulo e de Jean-Jacques Olier, discutidos nos últimos capítulos.

Os rosa-cruzes causaram um impacto importante sobre a Maçonaria com a introdução dos graus “superiores” ou “Écossais” (escoceses) de Rosa-Cruz no Rito Escocês Antigo e Aceito da Maçonaria. Passamos agora a essas ligações entre o Priorado de Sião e a Maçonaria.

O PRIORADO E A MAÇONARIA

Até aqui, a influência do Priorado já está se tornando evidente. O conjunto de conhecimentos reunido pelos Templários foi em parte propagado pelo Priorado para uso dos rosa-cruzes. Os segredos tiveram como guardiões as velhas famílias aristocráticas europeias. E depois que os segredos retornaram às sociedades secretas, foram criptografados em símbolos e rituais que por fim acabaram sendo transmitidos dessas sociedades para a Maçonaria. A natureza desses segredos era suficientemente ofensiva para a Igreja Católica, a ponto de levá-la a publicar um édito proibindo os fiéis de se tornarem maçons.

Até mesmo os pesquisadores maçônicos se debatem com a noção de que os maçons são descendentes dos Templários. Na história, é difícil encontrar vínculos diretos, mas em todo o conjunto de rituais maçônicos há referências e representações claras da história e das tradições dos Templários, tais como o simbolismo central do Templo de Salomão. Infelizmente, os maçons parecem ter se esquecido disso. Aparentemente, apenas os pesquisadores “marginais” tentaram se aproximar do lado esotérico da Maçonaria e descobrir o significado dos rituais, muito embora seja claro que está disponível aos iniciados um grande conjunto de conhecimentos que a sociedade em si deixa de comunicar. Por essa razão, os maçons muitas vezes se parecem com uma mera sombra indistinta da tradição templária. Na Inglaterra, por exemplo, onde as modalidades modernas de Maçonaria tornaram-se públicas no século XVIII, a maioria dos confrades parece se filiar principalmente por razões sociais, preferindo a faca e o garfo ao esquadro e o compasso. Entretanto, não duvido que haja um número essencial de maçons que ainda endossam os mistérios, como se

evidenciou nos últimos anos com a criação do Canonbury Institute, em Londres, uma tentativa de considerar as aspirações mais esotéricas da loja maçônica.

A Maçonaria da Grande Loja Unida da Inglaterra [United Grand Lodge of England – UGLE] baseia-se em interpretações da velha moralidade, e seus rituais são originalmente representações alegóricas destinadas a promover as melhores qualidades de seus integrantes. Não era no início uma ordem oculta ou hermética, e os primeiros textos maçônicos britânicos tendem a referendar isso por não exibirem conhecimentos ocultistas.

Só depois, com a adoção dos graus superiores rosacrucianistas no início do século XIX, é que a filosofia ocultista foi introduzida. A Grande Loja preferiu minimizar as inclinações ocultistas das tradições maçônicas, mas há evidências de grupos ocultistas, como a Ordem da Aurora Dourada, que adotam muitos dos acessórios decorativos – insígnias, títulos e desenhos do templo e assim por diante – do grau do Real Arco da Maçonaria.[1]

Surpreende-me a quantidade de material esotérico existente nas atividades da Maçonaria. A Grande Loja parece embaraçada com isso, e lembro-me de perguntar a um guia durante uma visita à UGLE, na Great Queen Street, em Covent Garden, em Londres, por que o templo da loja continha imensas representações de todas as figuras astrológicas. A resposta do guia foi que elas eram “puramente decorativas”.

Ao mesmo tempo que a UGLE tornava-se cada vez menos esotérica no último século, a Maçonaria europeia, sob o controle da Grande Loja Alpina da Suíça, continuou seguindo seu caminho esotérico e não teve receios em promover a mensagem hermética. A Maçonaria nos países centrais europeus era, em grande parte, dominada pela aristocracia e imbuída das tradições ocultistas ocidentais das quais elas eram as guardiãs. A Maçonaria deu-se bem com essas tradições, uma vez que possuía grande parte da estrutura e das inclinações ocultistas de uma ordem mágica ritual.

Embora existam diversos maçons bons, decentes e sérios, também têm acontecido muitos abusos, por exemplo, no campo da política. A eleição americana de 1832 é um caso a ser observado, como relatado em The men’s

house: masonic papers and addresses [A casa dos homens: documentação e correspondência maçônica – 1924], uma publicação maçônica americana:

A Maçonaria transformou-se em um problema na campanha política, e o resultado disso foi a derrota de Henry Clay porque ele era maçom – e incidentalmente a eleição de Jackson, outro maçom!

É difícil ver democracia em uma eleição em que os dois candidatos são integrantes da mesma sociedade secreta. A influência política das sociedades secretas sempre causará um choque no historiador tradicional, mas a simples declaração acima não só enfraquece qualquer noção de democracia, como também evidencia que há aspectos da política inteiramente obscurecidos pelas sociedades secretas.

De maneira inversa, inúmeras organizações têm tentado influenciar ou até mesmo subverter a Maçonaria ao longo dos séculos. Em Proofs of a conspiracy [Provas de uma conspiração – 1798], o eminente cientista e filósofo escocês John Robison acusou os Illuminati de ter tentado recrutar maçons para ajudar a instigar a Revolução Francesa; e na década de 1980 alegou-se que os maçons faziam parte dos cinco principais grupos visados pelos espiões russos infiltrados na sociedade britânica (veja The brotherhood [A irmandade], de Stephen Knight).

Nic Haywood confirmou a significativa influência e as tradições esotéricas que permanecem dentro da Maçonaria, mesmo que a maioria dos integrantes negue esses elementos:

É bom lembrar que a Maçonaria, por mais questionável que seja a causa, é uma irmandade internacional que tem de qualquer forma um grande poder e influência.

Pouco importa se o(s) mito(s) preexistente(s), nos quais grande parte dos rituais [maçônicos] se apoia, são considerados verdadeiros. Entretanto, é correta a lenda referente ao Templo de Salomão etc., assim como a noção de que os [detentores dos graus] Écossais superiores [da Maçonaria] são guardiães de um segredo inacreditável.

O Priorado de Sião entregou-me um desenho que confirmava sua influência direta sobre a Maçonaria. Trata-se do frontispício de um livro (veja a página 56). Nas palavras de Nic Haywood,

O frontispício é interessante porque ratifica os vínculos com o Capítulo supervisor da UGLE, GLAS e outros. Não existe literatura impressa a respeito desse corpo de supervisores e nunca houve. O desenho relativo aos Monitores Secretos é tudo que se pode esperar encontrar, sem maior detalhes.

As abreviaturas usadas acima, como UGLE (United Grand Lodge of England – Grande Loja Unida da Inglaterra) e GLAS (Grand Lodge Alpina, Switzerland – Grande Loja Alpina, Suíça), são as maiores e mais influentes facções maçônicas do mundo.

O frontispício fornecido pelo Priorado lembra muito o logotipo de uma ordem do Monitor Secreto (OMS), uma loja maçônica bem-estabelecida sob a UGLE. Existem variações quanto ao desenho, mas elas indicam claramente um vínculo entre as duas ordens. A exemplo dos rosa-cruzes, a OMS é conhecida por afirmar que a origem de sua ordem remonta ao Egito antigo.

MAÇONS E TEMPLÁRIOS

As influências sobre a Maçonaria produziram muitas confusões ao longo dos anos. Oficialmente, ela nem sequer “existiu” até o século XVII, mas a capela de Rosslyn, construída em cerca de 1456 próximo a Edimburgo, na Escócia, tem elementos do simbolismo maçônico e gótico. A criação desse edifício extraordinário começou mais de um século depois que os Templários oficialmente haviam deixado de existir e dois séculos antes da data aceita para os primeiros maçons, e ela oferece um bom argumento para uma tentativa de continuidade, unindo ambas as organizações em uma época na qual, supostamente, nenhuma das duas existia. De acordo com o Priorado,

A Maçonaria moderna é um sistema especulativo derivado das corporações de ofício medievais, que protegiam seu trabalho na arquitetura sagrada, simbólica, por um código de senhas, sinais, conhecimentos e rituais. Esses pedreiros operários, como são conhecidos, preservaram grande parte de sua erudição em proporção geomântica e no simbolismo alquímico da arquitetura gótica. Na realidade, isso tem suas origens verdadeiras na ordem sufi conhecida como “os Construtores”, fundada por Dhu’l-Nun, no século X.



“Frontispício” do Priorado. O desenho está ligado à insígnia da Ordem Maçônica do Monitor Secreto.

Os integrantes da Dhu’l-Nun eram considerados profundos conhecedores de alquimia e geometria sagrada, e influenciaram as origens da Maçonaria, como explica o Priorado:

Ela [Dhu’l-Nun] começou como uma sociedade alquímica sufi, que chegou à Inglaterra durante o governo do rei Athelstan (924-939) e foi introduzida na Escócia disfarçada como uma corporação de ofício no início do século XIV pelos Cavaleiros Templários. Sua “reforma” na Londres do século XVIII por um grupo de sábios protestantes, que confundiram seus termos em árabe com o hebraico, obscureceu grande parte da sua antiga tradição. É por essa razão, não outra, que o ASR [Ancient Scottish Rite – Rito Escocês Antigo] compreende a verdadeira e legítima Maçonaria. Essa é a verdadeira razão pela qual ela teve de ser “aceita” ou reconhecida pela UGLE.

A “corporação de ofício” disfarçada é o que resultou na Maçonaria do Rito Escocês Antigo, com a influência da aristocracia francesa, embora a “reforma” do início do século XVIII faça referência à criação da UGLE. O livro de Robison, Provas de uma conspiração (veja a página 54), apresenta um relato de como ele teve acesso, na Grande Loja Alpina, à documentação sobre a existência da sociedade secreta de Adam Weishaupt, os Illuminati.

Por coincidência, o Priorado de Sião começou a receber uma atenção generalizada na década de 1950, com a descoberta de seu jornal Vaincre na mesma Grande Loja Alpina. Aqui, de novo, vemos o padrão de intercâmbio de filiados entre as sociedades secretas.

A proliferação das sociedades secretas na Europa alcançou o ponto máximo com uma "revolução ocultista" pouco antes da virada do século XX, quando todas as modalidades de ocultismo e espiritualismo tornavam-se motivo de interesse momentâneo e passaram a ser mais pesquisadas. Na França, a Maçonaria foi influenciada pelos martinistas, uma ordem mística cristã sob a direção de Papus (Gérard Encausse, 1865-1916), um importante ocultista francês que publicou seu próprio conjunto de cartas do tarô e muitas obras esotéricas. Os martinistas – entre os quais destaca-se Joséphin Péladan – ressuscitaram velhos ritos maçônicos. Menciono os martinistas aqui porque um martinista comprovado uma vez referiu-se aos integrantes do Priorado como "irmãos".

POLÍTICA E CONFLITO: AS SOCIEDADES SECRETAS ATUALMENTE

Embora grande parte das informações sobre as sociedades secretas seja histórica, sua presença e influência ainda se manifestam de maneira efetiva na atualidade. Infelizmente, o propósito central original de sua existência parece ter-se apagado pela política e por disputas internas, e é compreensível como isso pode ter acontecido.

O estado atual da moderna Ordem do Templo é de desordem. Nos últimos anos, ela se dividiu geograficamente, e a Grã-Bretanha se separou da ordem mundial, que continua a ser dirigida pelo grão-mestre português. As antigas lojas independentes escocesa e inglesa uniram-se sob uma única bandeira, mas temo que, com isso, tenham mais perdido do que ganhado. Há opiniões conflitantes de ambos os lados quanto aos motivos por trás desses acontecimentos. O contingente britânico alega que a razão de sua separação foram problemas sucessórios: o novo grão-mestre deveria ter sido escolhido por votação e não pela transferência do cargo de pai para filho.

Um representante de Portugal também ameaçou debandar da facção inglesa por esta aceitar maçons demais em suas fileiras.

Infelizmente, os conflitos e as sublevações parecem ser a norma entre as sociedades secretas. O Priorado tem suas próprias facções aparentemente inconciliáveis e inevitavelmente também entra em desordem de tempos em tempos. Seu objetivo atual de "semear" informações na sociedade não é bem-vindo em todos os quadrantes. Enquanto a liberação de informações tem como finalidade criar uma mudança de percepção, ao mesmo tempo acaba causando a extinção de algumas estruturas sociais existentes, notadamente a Igreja Católica. Numerosos integrantes do Priorado, citados como o "contingente italiano" por suas inclinações católicas, estão tentando retardar o ritmo de liberação das informações. Isso tem levado a uma luta interna dentro da organização. O "contingente italiano" inclui integrantes duplos dos Cavaleiros de Malta, uma ordem popular nos Estados Unidos que inclui muitos integrantes de alto escalão da CIA. Na sua encarnação atual, os Cavaleiros de Malta têm sede no Vaticano.

Durante uma entrevista com Nic Haywood, levantei diretamente a questão de o Vaticano ser ou não um adversário do Priorado. A resposta de Nic:

O Priorado sempre esteve em guerra contra Roma. Houve uma razão pela qual Roma fez uma oferta aos Cavaleiros de Malta [depois da dissolução dos Templários em 1312]. Eles acabaram ficando com uma grande parte dos bens dos Templários que não deveriam ser seus. Esse é o maior jogo de xadrez, lutar pelas almas dos indivíduos, pelo futuro da humanidade.

Eu sabia que o Priorado dizia ter integrantes em outras sociedades secretas e no Vaticano, e perguntei se estes últimos permaneceram anônimos.

Roma sabe, algumas pessoas não podem ser afastadas; pode-se aparentemente defender Roma, mas ser membro do Priorado. Existe alguém na sede dos Cavaleiros de Malta que poderia falar com você.

Infelizmente, essa entrevista ainda precisa acontecer, mas as linhas da batalha já estão traçadas.

Durante o tempo em que trabalhei com o Priorado para o documentário Linhagem, percebi que havia desentendimentos dentro da organização. As ofertas de material, os documentos e o acesso a bibliotecas eram geralmente impedidos por outros integrantes. Os e-mails eram invadidos e vários números de telefone em uso pela equipe do documentário Linhagem estavam sendo “grampeados”. Aparentemente, minhas indagações e a franqueza das pessoas com que falei estavam alimentando uma discussão já acalorada dentro da sociedade.

À medida que a pesquisa avançava, as interferências intensificaram-se até chegar a um beco sem saída em diversos momentos. Falando com Nic, tive a impressão de que a revelação das informações estava contribuindo para um racha dentro do Priorado. Gino Sandri, um porta-voz não oficial, referiu-se a isso como uma “guerra”, mas Nic explicou que provavelmente essa era uma palavra forte demais. O núcleo e o propósito da organização permaneciam intactos, e a liberação de informações para o público continuava na agenda. A desavença residia no “quando”. O momento da liberação é muito importante:

Agradeço suas desculpas referentes a quaisquer “discordâncias” que possam ter sido criadas pelas suas solicitações. Entretanto, há determinados indivíduos que acreditam que “este não é o momento certo” para alguns assuntos.

Todavia (…) isso é (em parte) verdadeiro, é o momento de determinadas informações adicionais sobre o assunto serem postas em domínio público mundial. Alguns estão sob grande pressão para cooperar e, não pela primeira vez, caímos em dois campos distintamente opostos.

Em uma reunião com Nick, soube que os feudos e as disputas internas familiares, enraizadas em antigas rivalidades e cismas, às vezes surgem nos intervalos entre períodos de divulgação das informações. Fiquei com a impressão de que, quando elas são liberadas, às vezes são mal interpretadas pelos autores e pesquisadores, e simplesmente contribuem para a confusão em torno das questões.

CONCLUSÃO

Voltando à existência do Priorado antes de seu aparecimento na segunda metade do século XX, ficamos com uma escolha entre duas conclusões. Uma diz que a ordem é verdadeira e conta com uma longa tradição remontando aos Templários e incorporando os rosa-cruzes e outras sociedades secretas como sua fachada pública, com conhecimentos e crenças enraizados na Antiguidade. A segunda opção é que o Priorado de Sião foi criado como um meio de liberar informações de outras fontes, como a Maçonaria e os rosa-cruzes, atuando como uma espécie de "franquia".

O Priorado, é claro, afirma a primeira – que tem uma longa e ilustre história sob o disfarce de diversas outras organizações. Eles querem que acreditemos ser errado considerar a ordem como uma fabricação moderna, moldada em organizações anteriores e adotando personalidades históricas notáveis de fachada como "grão-mestres". Muitos leitores podem considerar o Priorado no máximo como a construção de uma "nova mitologia" que, a exemplo de todos os mitos duradouros, não é desprovida de certa verdade arquetípica que encontra eco na sociedade moderna.

Durante a entrevista filmada para Linhagem, Bruce Burgess perguntou a Nic se o Priorado de Sião poderia comprovar sua história. A resposta foi simples: "Sim, se o Priorado mostrar a mão". Eu investiguei um pouco mais. A "mão" que o Priorado guarda é supostamente um segredo importante. Será que a organização existe por causa desse segredo?

O Priorado não é o segredo. Ele protege o segredo. Ele não precisa provar que existe. (…) Chegará o dia em que tudo se esclarecerá. Trata-se de uma ordem verdadeira, com uma história desde os tempos pré-cristãos. [O Priorado] não é uma invenção da década de 1950.

Obviamente, precisaríamos de uma prova concreta antes de chegar a quaisquer conclusões finais a respeito das origens do Priorado. Mas, para mim, a qualidade das informações sempre foi o aspecto mais importante do que recebemos. Sob esse prisma, temos de reconhecer que o Priorado de Sião tem uma ancestralidade histórica pelo menos no sentido de que seus integrantes partilham informações com origens no Rosacrucianismo e nos

movimentos alquímicos. Estes, por sua vez, levam-nos de volta às antigas civilizações da Grécia, do Egito e da Suméria, assim como às influências árabes medievais por intermédio dos Templários.

No entanto, o que sabemos sobre os integrantes da ordem, aqueles iniciados ilustres que tentaram servir à humanidade como guardiães da luz da verdade? O Priorado reivindica muitos dos personagens históricos importantes como pertencentes às suas fileiras, e devemos nos voltar para eles para nos guiar pelo caminho. Uma sociedade secreta não é nada sem seus integrantes.

---

1 Veja a palestra de R. A. Gilbert, “Freemasonry and esoteric movements” [“A Maçonaria e os movimentos esotéricos”], que pode ser encontrada no Canonbury Institute.

CAPÍTULO 3

EX-ALUNOS

Todos os artistas veem, com o coração, uma espiritualidade superior.

Integrante anônimo do Priorado de Sião

OS GRÃO-MESTRES

O ideal a que o Priorado aspira – o de influenciar a sociedade por meio da cultura – requer que, ao longo da história, ele tenha à sua disposição muitos indivíduos criativos. Como observa Nic Haywood,

O Priorado atrai seus integrantes de campos como a literatura, as artes, os [círculos] eclesiásticos. São pessoas de inclinação espiritual, filosófica. São convidados a se filiar.

O Priorado de Sião recruta, efetivamente, os “sensitivos”, artistas, aqueles que já comunicam a verdade imutável, assim como alquimistas e famílias da “linhagem”. As famílias da linhagem são as que eles acreditam descender diretamente de Jesus e Maria Madalena ou, em alguns casos, dos discípulos de Jesus. Tais pessoas tendem a fazer parte da aristocracia europeia. Segundo se crê, a obra dos artistas vibra em um nível superior que pode ser reconhecido pelos iniciados. Determinados símbolos também indicam significados esotéricos dentro das obras de arte, como a letra “N” invertida, vista na assinatura de Emile Signol (1804-92), cujas obras adornam a igreja de Saint-Sulpice em Paris.

Diz um ditado que, se você pedir um professor, ele aparecerá. O relacionamento professor/aluno é essencial para a transmissão das informações ao longo das gerações, seja por intermédio de uma sociedade secreta, seja nos recessos privados de um laboratório alquímico. Essa

transmissão passa de pessoa para pessoa e, dessa maneira, o conhecimento é protegido da maldição do esquecimento.

O Priorado sempre sustentou que tem procurado influenciar a sociedade no decorrer dos tempos. No entanto, como poderia ter feito isso sem contar com os indivíduos instruídos fundamentais para sua causa?

Na década de 1950, o Priorado depositou uma coleção de documentos chamada Dossiês secretos na Bibliothèque Nationale, a biblioteca nacional francesa. Nessa coleção constava uma lista de grão-mestres da ordem remontando até as Cruzadas. Tema de muito interesse e especulações, ela se parece com uma "lista de desejos" de integrantes preeminentes de qualquer sociedade secreta que reivindique credibilidade histórica. Atualmente se concorda, tanto dentro como fora do Priorado, que essa lista não é exata e pode ter sido usada para atrair indivíduos de ideias semelhantes ou integrantes que perderam contato com a ordem. Entretanto, a lista de grão-mestres inclui alquimistas, artistas e integrantes de famílias da linhagem, e como tal ilustra até certo ponto os ideais do Priorado. Eis a lista dos grão-mestres, com seus períodos de trabalho, conforme apresentada em uma cópia dos Dossiês secretos que Nic me enviou:

- 1. Jean de Gisors (1188-1220)
- 2. Marie de Saint-Clair (1220-66)
- 3. Guillaume de Gisors (1266-1307)
- 4. Edouard de Bar (1307-36)
- 5. Jeanne de Bar (1336-51)
- 6. Jean de Saint-Clair (1351-66)
- 7. Blanche d'Evreux (1366-98)
- 8. Nicolas Flamel (1398-1418)

• 9. René d’Anjou (1418-80)

• 10. Yolande de Bar (1480-83)

• 11. Alessandro di Mariano Filipepi (Sandro Botticelli, 1483-1510)

• 12. Leonardo da Vinci (1510-19)

• 13. Condestável de Bourbon (Charles, duque de Bourbon, 1519-27)

• 14. Ferdinand de Gonzague (Ferdinando ou Ferrante Gonzaga, 1527-75)

• 15. Louis de Nevers (1575-95)

• 16. Robert Fludd (1595-1637)

• 17. Johann Valentin Andrea (1637-54)

• 18. Robert Boyle (1654-91)

• 19. Isaac Newton (1691-1727)

• 20. Charles Radclyffe (1727-46)

• 21. Príncipe Carlos Alexandre de Lorena (1746-80)

• 22. Arquiduque Maximiliano Francisco da Áustria (1780-1801)

• 23. Charles Nodier (1801-44)

• 24. Victor Hugo (1844-85)

• 25. Claude Debussy (1885-1918)

• 26. Jean Cocteau (1918-63)

A certa altura, fiquei com a impressão de que pelo menos parte dessa lista fosse exata e de que Leonardo da Vinci e Fludd realmente tivessem sido

grão-mestres. Parece que o Priorado mantém uma disposição flexível de sustentar a credibilidade dessa lista.

Perguntei a Nic por que na lista existe uma flutuação entre os grão-mestres saídos de famílias aristocráticas e aqueles que eram dedicados às artes. Ele explicou que as velhas famílias nobres eram as guardiãs do “segredo” – o mistério que existe no centro do Priorado – e que muitas dessas famílias haviam contratado artistas para promover seus interesses. Os artistas, disse ele, sentiam-se atraídos por se tratar fundamentalmente de um “segredo filosófico”.

Podem-se encontrar muitas obras sobre cada um dos indivíduos da lista de grão-mestres, e muitos pesquisadores investigaram minuciosamente suas obras em busca de indicações de suas ligações com o Priorado de Sião, portanto evitarei repetir isso em detalhes. E, por razões que logo se tornarão claras, não me demorarei muito nessa lista, salvo por alguns poucos exemplos de interesse.

Sabe-se que Leonardo da Vinci (1452-1519) e seu colega artista holandês Hieronymus Bosch (1450-1516) encontraram-se em Florença em certa ocasião. Esse encontro deve ter sido responsável por uma interessante troca de ideias e filosofias. A obra de Bosch contém muitos dos temas heréticos e cátaros, e pelo menos uma autora, Lynda Harris, em The secret heresy of Hieronymus Bosch [A heresia secreta de Hieronymus Bosch], argumenta com propriedade que na origem da família dele havia refugiados cátaros do sudoeste da França. A crença cátara de que Jesus e Maria Madalena foram casados está em conformidade com as crenças do Priorado e será discutida posteriormente.

Dentre as velhas famílias representadas no rol de grão-mestres descobri a de Bar, que ainda existe, portanto pelo menos algumas dessas famílias sobreviveram. Desde que a lista apareceu, surgiu uma tendência de criar e vender títulos de nobreza. Mesmo nesta época de igualdade, parece que muitos ainda desejam ter uma origem nobre.

Também é grande a probabilidade de que a relação original de grão-mestres visasse menos à precisão histórica e mais a constituir um marco, salientando os criadores de obras que continham fundamentos do segredo.

Os Dossiês secretos informam-nos de que aqueles homens merecem uma consideração e uma investigação especial, que sua obra contém algo do "fluxo subterrâneo" de conhecimentos ocultos passados até nós ao longo da história. Esses personagens certamente cultivaram heresias e uma sabedoria secreta, ou tiveram inclinações alquímicas – tudo o que o Priorado promove.

Há outro elo interessante. Alguns desses integrantes da lista original publicada, incluindo Robert Fludd, Johann Valentin Andrea, Robert Boyle, Isaac Newton e Charles Radclyffe, influenciaram ou contribuíram diretamente para o que se tornou os documentos da Coleção de Byrom. Depois, eles apareceram em The queen's chameleon [O camaleão da rainha], uma biografia do poeta John Byrom (1692-1763), de autoria de Joy Hancox. Hancox descobrira todo um arquivo de desenhos e textos desse período, além de uma lista de nomes. Uma vez que essa lista só foi encontrada na década de 1980, o compilador dos Dossiês secretos, publicados na década de 1950, não poderia saber de sua existência.

Os achados de Hancox mostraram que esse grupo estava em contato com outro. Particularmente interessante é o fato de que dois diagramas de duas diferentes coleções pessoais desses homens contêm erros idênticos. Isso é uma evidência de cópia e circulação de símbolos importantes entre uma elite intelectual com conhecimentos e interesses esotéricos. É provável que fossem rosa-cruzes e, uma vez que o Rosacrucianismo é efetivamente uma ramificação do Priorado de Sião (veja o capítulo anterior), isso pode explicar perfeitamente o aparecimento desses homens na lista original de grão-mestres publicada nos Dossiês secretos.

Tal lista, reproduzida em O Santo Graal e a linhagem sagrada, foi desbancada por uma versão mais exata incluída na edição de setembro de 1989 do Vaincre, o informativo do Priorado. Esta é considerada mais próxima de uma lista correta, mas também se sabe que contém erros:

• 1. Jean-Tim Negri d'Ables (1681-1703)

• 2. François d'Hautpoul (1703-26)

• 3. André-Hercule de Rosset (1726-66)

• 4. Príncipe Carlos Alexandre de Lorena (1766-80)

• 5. Arquiduque Maximiliano Francisco da Áustria (1780-1801)

• 6. Charles Nodier (1801-44)

• 7. Victor Hugo (1844-85)

• 8. Claude Debussy (1885-1918)

• 9. Jean Cocteau (1918-63)

• 10. François Balphangon (1963-69)

• 11. John Drick (1969-81)

• 12. Pierre Plantard de Saint-Clair (1981)

• 13. Philippe de Chérisey (1984-85)

• 14. Patrice Pelat (1985-89)

• 15. Pierre Plantard de Saint-Clair (1989)

• 16. Thomas Plantard de Saint-Clair (1989)

Como se vê, alguns dos nomes mais glamorosos da lista original, tais como Leonardo da Vinci, foram excluídos, embora isso não os impeça de ter sido integrantes. Entretanto, essa lista também conta com algumas pessoas nobres e famosas. O príncipe Carlos Alexandre de Lorena e o arquiduque Maximiliano Francisco da Áustria foram ambos chefes dos Cavaleiros Teutônicos, a terceira das grandes ordens militares criadas durante as Cruzadas. De Rosset, integrante da família De Fleury, foi proprietário de muitas terras ao redor de Rennes-le-Château, e sua família avulta em outras passagens da nossa história. Isso também vale para a família Negri d’Ables,

que esteve profundamente envolvida no caso de Rennes-le-Château – isso será discutido em mais detalhes adiante.

De acordo com Nic Haywood, a sucessão de Thomas Plantard, o atual grão-mestre, em 1989, é o motivo de “um litígio contínuo” e de um “cisma” que até o momento “permanece sem solução”. O próprio Thomas se recusa a entrar em uma discussão sobre o assunto.

Finalmente, Nic confirmou que a lista de 1989 era a mais próxima possível da realidade, embora ainda não fosse perfeita. Mesmo deixando de lado os direitos questionados de Thomas Plantard, disse Nic, “dois nomes são incorretos”: Pelat, que não deveria constar da lista, e Pierre Plantard, que não serviu em um segundo mandato.

Então Nic decidiu me fornecer ainda uma outra lista dos “irmãos” do Priorado do período específico entre os séculos XVII e XVIII na França, “desde a época de Luís XIV até a Revolução”. Eles são indicados com os respectivos anos de nascimento e morte:

Conde de St. Germain (datas incertas; ativo em meados do XVIII)

Sigismund Bacstrom (c. 1750-1805)

Conde Louis de Chazal (1717-1856)

Juste-Aurèle Meissonnier (1693-1750)

Charles Perrault (1628-1704)

Claude Perrault (1613-88)

Stanislas-Jean de Boufflers (1738-1815)

Jean-Jacques Olier (1608-57)

[São] Vicente de Paulo (1581-1660)

Santa Luísa de Marillac (1591-1660)

Essa lista oferece um instantâneo de como o Priorado influenciou a sociedade na época que precedeu a Revolução Francesa, com os três aspectos da ordem claramente representados: o alquímico (St. Germain, Bacstrom, De Chazal); o criativo (Meissonnier, os irmãos Perrault, De Boufflers); e o espiritual (Olier, São Vicente de Paulo, Santa Luísa de Marillac). Isso confirma nossa suspeita de que o fio condutor por trás do Priorado é a alquimia, e o veículo para comunicar sua sabedoria e seus conhecimentos esotéricos é o Rosacrucianismo.

À parte o conde de St. Germain, que continua sendo um personagem amplamente enigmático, esse grupo parece girar em torno da Igreja de Saint-Sulpice, em Paris, e Olier gravita em direção ao centro do grupo. Uma vez que esses indivíduos claramente foram destacados para chamar nossa atenção, eles se beneficiariam de uma breve explicação.

Conde de St. Germain

O “imortal” St. Germain tem sido o tema de muitas especulações ao longo dos anos. A exemplo de muitos indivíduos nessa lista, seria preciso um livro inteiro para estudar plenamente sua vida e suas atividades. Abordarei apenas alguns pontos de interesse aos propósitos deste livro. O aspecto mais admirável em relação ao elusivo St. Germain é sua suposta longevidade – os biógrafos, incluindo Manly P. Hall e Elizabeth Cooper-Oakley, sustentam que ele circulou entre as aristocracias europeias em diversos momentos ao longo de um período de 200 anos. Hall e Cooper-Oakley também acreditam que ele era descendente da realeza europeia oriental. Afirma-se que tenha sido um artista, trabalhando com pintura, música e literatura, mas restam muito poucas obras suas. Posso recomendar como leitura complementar A santíssima trinosofia, uma obra breve e simbólica atribuída a ele. Conforme observou Nic:

Com relação a St. Germain, é verdade que, em parte, “o homem que não morre” é sinônimo de “a mensagem que não morre – não pode morrer”. Entretanto, no caso de St. Germain, procuraremos mostrá-lo como um ativo Irmão do Priorado.

Diz-se também que St. Germain ensinou alquimia a outro integrante de nossa lista, Sigismund Bacstrom.

Sigismund Bacstrom

Considerado de origem escandinava, Bacstrom foi um tradutor de manuscritos alquímicos e um integrante da Rosa-Cruz: o registro de sua iniciação na ordem encontra-se na biblioteca da Universidade de Glasgow, na Escócia, juntamente com muitos de seus textos e manuscritos sobre alquimia. Bacstrom foi iniciado entre os rosa-cruzes pelo conde Louis de Chazal. Nic Haywood também se dispôs a informar que Bacstrom influenciou Francis Barrett, um dos grandes escritores ocultistas de sua época. Bacstrom, disse ele, ofereceu a Barrett a “Tabela de Correspondências” para a obra The celestial intelligencer [A inteligência celestial], publicada em Londres, em 1801, como The magus.

Conde De Chazal

O conde De Chazal foi um alquimista rosa-cruz, formado, segundo se diz, pelo conde de St. Germain em Paris, em 1740. As datas fornecidas por Nic, 1717 a 1856, têm pouca probabilidade de ser exatas, uma vez que indicariam a morte do conde aos 139 anos de idade. Em 1794, ele iniciou Sigismund Bacstrom no Rosacrucianismo, na ilha francesa Maurício. Tanto Chazal quanto Bacstrom afirmavam ter alcançado a “Grande Obra” da alquimia e ter perpetrado o Lapis Philosophorum (Pedra Filosofal). De acordo com Nic,

Chazal fez de tudo a seu alcance para manter Bacstrom na ilha [Maurício], a fim de que pudessem “produzir a Cabeça de Ouro”. Em outras palavras,

Chazal queria mostrar a Bacstrom como realizar a Magnum Opus [Grande Obra].

Em termos psicológicos, a “Cabeça de Ouro” pode ser considerada a transcendência da mente egocêntrica na mente espiritual, iluminada, mas também é possível interpretar isso como algo semelhante ao oráculo templário da cabeça decepada mencionada anteriormente (veja a página 46).

Juste-Aurèle Meissonnier

O francês Meissonnier foi um influente escultor, pintor, mestre-ourives, arquiteto e desenhista de interiores extravagantes. Enquanto morou em Paris, foi empregado por Luís XV como ourives e decorador de interiores, e também trabalhou nos projetos da Igreja de Saint-Sulpice, fortalecendo assim os vínculos com Jean-Jacques Olier (veja a seguir).

Charles Perrault

Mais famoso por seus contos de fadas, Charles Perrault foi autor de clássicos como Cinderela, Mamãe Ganso e Bela Adormecida, considerada uma alegoria alquímica. A Bela Adormecida também é mencionada em A serpente vermelha, documento intimamente vinculado ao mistério de Rennes-le-Château, que será estudado em profundidade mais adiante (veja o Capítulo 10).

Claude Perrault

A história tentou inverter os papéis dos dois irmãos Perrault, mas, durante a vida, Claude foi mais famoso do que Charles. Arquiteto, anatomista e autor científico de alguma fama, ele também foi integrante de Academia

Francesa. A arquitetura da asa leste do Louvre permanece como uma lembrança inequívoca de seus talentos.

Stanislas-Jean de Boufflers

O cavaleiro De Boufflers estudou para o clero em Saint-Sulpice, mas não assumiu o posto. Escritor e artista, foi um integrante dos Cavaleiros de Malta e da Academia Francesa. Escreveu Aline, reine de Golconde [Aline, rainha de Golconda] e suas obras completas podem ser encontradas em francês.

Jean-Jacques Olier, São Vicente de Paulo e Luísa de Marillac

Enquanto os outros integrantes dessa lista deixaram sua marca na sociedade da época, foram os esforços conjuntos de Jean-Jacques Olier, São Vicente de Paulo e Luísa de Marillac que tiveram as consequências mais profundas na orientação espiritual da França.

No século XVII, o país achava-se em declínio espiritual. A Igreja Católica, embora acumulando poder político e riqueza, perdera relação com a laicidade. Muitos dos camponeses tornaram-se protestantes (huguenotes), a quem Henrique IV prometera liberdade de culto. Nessa arena apareceram Vicente de Paulo, Marillac, Olier e os diversos movimentos fundados em Saint-Sulpice (veja adiante, página 73). Sua missão parecia ser a revitalização da Igreja a partir de dentro, e eles alcançaram certa dose de sucesso e popularidade. A Ordem de Saint-Sulpice e a Ordem dos Lazaristas de Vicente de Paulo tiveram ambas ligações com o Priorado de Sião.

Jean-Jacques Olier

Um padre de visão, Olier dedicou seus ensinamentos e sua riqueza totalmente aos pobres. Em 1641, ele recebeu a paróquia de Saint-Sulpice, em Paris. Lutou para melhorar a posição das mulheres dentro da Igreja e é mencionado nominalmente em A serpente vermelha. A influência de Olier não pode ser subestimada, uma vez que o seminário que ele criou em 1641 despachou padres para os quatro cantos da França e tornou-se um modelo para instituições semelhantes em todas as regiões da cristandade católica. Nic nos diz:

Considerando-se que seu mentor era um iniciado no processo alquímico (tendo coligido suas “pistas” a partir do material bem guardado pelos nossos velhos amigos, os Templários), Olier desenvolveu uma síntese que ficou conhecida nos círculos eclesiásticos como uma forma de heresia, mas que não podia ser reprimida. São Vicente de Paulo estava presente na morte de Olier e testemunhou a percepção final do padre, de que o cristianismo, como uma instituição, fora alicerçado sobre uma imensa panóplia de inverdades disseminadas.

O Priorado acredita que o legado de Luísa de Marillac e das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo tenha-se baseado nas atividades caridosas de Maria Madalena e na sua missão de disseminar um cristianismo verdadeiro e proteger o filho de Jesus. Certamente, a principal preocupação das Filhas da Caridade era a proteção das mulheres e dos órfãos. Essa preocupação encontra eco no pregão maçônico: “Quem protegerá o filho da Viúva?”.

São Vicente de Paulo

São Vicente de Paulo foi incontestavelmente o mais famoso desse grupo. Canonizado por suas obras de caridade, dedicou a última fase da vida a ajudar os pobres e os órfãos. Ao mesmo tempo, discretamente começou a tratar da pobreza espiritual que se apossara da França, inspirando e revigorando as pessoas que frequentavam a igreja. Na última fase da vida, encontrou afinidade espiritual em Meissonnier, e juntos criaram as Filhas da Caridade. Essa organização, ao mesmo tempo que prestava socorro aos destituídos, era também uma tentativa de dar maior importância ao papel da

mulher dentro da Igreja, no sentido de promover o equilíbrio. As Filhas da Caridade tornaram-se uma força altamente respeitada dentro da Igreja Católica e representam uma mudança sutil no sentido da igualdade entre os sexos.

Santa Luísa de Marillac

Luísa de Marillac fundou as Irmãs da Caridade sob a tutela direta de São Vicente de Paulo. As irmãs se preocupavam em conceder abrigo às viúvas e aos órfãos, e deram continuidade ao trabalho de Olier e de São Vicente de Paulo depois da morte deles. O filho de Marillac, Michel Le Gras, foi mencionado anteriormente em relação à ressurreição do Priorado de Sião para dar continuidade ao trabalho (veja a página 51).

Ao chamar a atenção para esse período específico da história, o Priorado ilustrou como seus associados se uniram para tirar partido da ambivalência geral das massas e desempenhar um papel atuante no bem-estar da população, ao mesmo tempo que influenciavam sutilmente a orientação teológica da Igreja Católica. Esses indivíduos ajudaram a restabelecer a espiritualidade como uma força na França, de um modo que também abrangesse suas ideologias, sob a cobertura da Igreja e da cultura popular.

SAINT-SULPICE

A igreja e o seminário de Saint-Sulpice em Paris desempenham um papel importante nessa história. Durante muitos séculos, foram o epicentro do pensamento herético e da aprendizagem esotérica na França, e uma expressão dos objetivos do Priorado. A biblioteca de Saint-Sulpice, onde os acadêmicos se reuniam para traduzir manuscritos antigos e raros, instruiu e inspirou pessoas do nível de Eliphas Lévi, o célebre ocultista do século XIX. Como se tratava de um centro de aprendizagem, passaram por ali traduções de documentos raros e esotéricos de toda a cristandade. Qualquer um com acesso a suficiente material apócrifo e textos que apresentassem um cristianismo alternativo, como Saint-Sulpice mantinha, era influenciado

pelas diversas formas de pensamento cristão. Lévi, por exemplo, chegou a escrever a Transcendental magic [Magia transcendental] e obras sobre o tarô e a cabala. Ele teve grande ascendência sobre Aleister Crowley e muitos dos mais importantes grupos e escritores de magia do século XX.

Outro integrante do Priorado de Sião, que deseja permanecer anônimo, afirmou em relação ao mistério de Rennes-le-Château que o padre daquele vilarejo visitou os tradutores acadêmicos de Saint-Sulpice na época de Joséphin Péladan (1858-1918), que chefiava o Salon de la Rose-Croix no final do século XIX (veja a página 51).

Entre os integrantes do seminário de Saint-Sulpice nesse período destaca-se o ocultista francês Papus (1865-1916), cujos desenhos e textos sobre o tarô ainda são usados atualmente. Papus ajudou Péladan a fundar a Ordem da Rosa-Cruz do Templo e do Graal, uma das muitas ramificações do Priorado de Sião. A Rosa-Cruz de Péladan também está ligada ao artista Nicolas Poussin, cuja obra aparecerá mais tarde nesta história, da qual participou o conde de la Rochefoucauld (1862-1960). Acreditou-se que La Rochefoucauld estivesse de posse dos antigos documentos de Poussin, roubados por um dos ancestrais do conde.

Tudo isso contribui para a impressão de que ideias e documentos diversos, relevantes, estivessem em circulação nessa época em Paris. As evidências de informações secretas ainda existem na Igreja de Saint-Sulpice, com o próprio Olier nos orientando sobre sua existência. Em A serpente vermelha faz-se menção de Olier “pondo a mão na boca”. O busto do padre em exibição em Saint-Sulpice não mostra esse movimento, mas, se você examinar os murais da igreja, um afresco na Capela de São João tem um personagem a mais. Olhando para fora da pintura vê-se o próprio Olier, com a mão direita na boca como que para indicar silêncio. Atrás de seu braço esquerdo vê-se uma pilha de rolos de pergaminhos. Os documentos que Olier está guardando – o segredo indicado pelo dedo a pedir silêncio – poderiam muito bem ser o material original relativo a esses campos esotéricos.

Acredita-se que a biblioteca de Saint-Sulpice contivesse inúmeros manuscritos, alguns dos quais fazem parte dos arquivos do Priorado. Em 2005, esses manuscritos foram retirados da igreja para impedir que eu e a

equipe do documentário Linhagem tivéssemos acesso a eles. Nessa etapa, ficou evidente que alguns integrantes do Priorado não estavam nada contentes com a sinceridade de Nic Haywood e tentavam efetivamente impedir nosso avanço. Desde essa época, minhas investigações têm sido dificultadas pelo desvio de material ou por sua retirada de circulação. Até o momento isso continua sem solução, e o Apêndice 1 (Documentação) abrange parte do que eu esperava encontrar.

O Priorado sustenta que muitos dos integrantes mais abertamente cristãos de sua ordem atuavam em torno de Saint-Sulpice, o que implica Olier, seus associados e grupos posteriores ocultistas e rosa-cruzes.

Outro aspecto interessante de Saint-Sulpice é o fato de que o meridiano de Paris passa sobre ela. O meridiano de Paris era usado nos mapas como marco zero (0º de longitude) mesmo depois de se ter chegado, em 1884, a um consenso internacional em torno do atual meridiano de Greenwich. O meridiano de Paris é assinalado na igreja por um dólmen de mármore. Em todos os tempos e culturas, tais monumentos representam o falo masculino, particularmente os erguidos segundo a tradição egípcia, na qual simbolizam o falo do deus Osíris, que, de acordo com o mito, foi lançado no Nilo por Seth, o deus do caos, e perdido.

O meridiano de Paris corta toda a França, passando a poucos quilômetros de Rennes-le-Château e mais próximo ainda do túmulo em ruínas em Pontils, considerado o tema da famosa pintura de Poussin, Et in Arcadia ego [Os pastores da Arcádia]. Alguns caracterizam a pastora dessa pintura como a deusa egípcia Ísis, mas nenhum arquétipo feminino é adequado.

O meridiano de Paris também é conhecido como a “Linha Rosa”, a linha dos segredos. Como é usada pelos rosa-cruzes, a rosa é um símbolo dos segredos. Também é ligada pela Cabala Fonética à Capela de Rosslyn e a Santa Rosalina – em mais detalhes adiante (veja a página 304).

CONCLUSÃO

Chegamos ao ponto em que tanto as sociedades secretas quanto a obra individual de seus integrantes começam a se aglutinar em uma imagem mais clara do Priorado de Sião. Está estabelecido o cenário para virem à luz os segredos que a ordem tem procurado proteger. Durante séculos, ela acumulou um conjunto de conhecimentos e o manteve como um assunto particular, só para os iniciados. Mas então duas coisas ocorreram para ajudar a trazer esse conhecimento a público. A primeira foi a ação de um padre na França no fim do século XIX, e a segunda foi a visibilidade conferida à ordem em si por Pierre Plantard, na década de 1970. O Priorado decidira mostrar sua face.

CAPÍTULO 4

O PRIORADO VEM A PÚBLICO

À medida que a história prosseguia rumo ao século XX e as diversas ordens rosacrucianistas chegavam ao fim, o Priorado de Sião encontrou outra saída para a expressão de seus conhecimentos. Na virada do século XIX, em Rennes-le-Château, um vilarejo do Languedoc no sul da França, o jovem padre Bérenger Saunière começou a reformar sua igreja usando diversas ideias e símbolos conhecidos por nós dos rituais da Maçonaria dos rosa-cruzes. Ao incluir no edifício esses símbolos codificados, o padre estava preservando as informações para gerações futuras.

O Priorado em si permaneceu adormecido pelos cinquenta anos seguintes, e seus integrantes, dispersos ao redor do globo pelas duas guerras mundiais. Então, na década de 1950, a ordem foi registrada publicamente na França por Pierre Plantard. O Priorado viera à tona para outro ciclo de disseminação. Antes disso, não havia motivo para que se expusesse por meio do registro público. Tratava-se de uma sociedade secreta. Mas dois eventos contribuíram para provocar essa mudança no modo como deveria aparecer. O primeiro foi a intenção de congregar os integrantes e potenciais integrantes em torno de seu vínculo original. O segundo foi que a ordem considerou que era o momento adequado para revelar seus objetivos ao público.

As velhas famílias haviam perdido contato e muitos integrantes tinham sido mortos ou encarcerados durante a Segunda Guerra Mundial, quando a França foi direta ou indiretamente governada pelos nazistas. Além disso, houve uma perda de continuidade generalizada e de fé entre a sociedade. A impressão é que o Priorado vinha trabalhando segundo um cronograma, mas os acontecimentos foram retardados pela Segunda Guerra Mundial. Era imperativo, afirma o Priorado, que a existência da ordem fosse conhecida em meados da década de 1980, uma vez que estava preparando a sociedade para a liberação das informações ligadas a um acontecimento esperado.

Pierre Plantard estabelecera um desafio e começou a tornar o Priorado de Sião conhecido. Seu nome foi acrescentado à lista de grão-mestres, e ele, como representante da ordem, começou a fazer circular o material. Em 1956, o Priorado de Sião foi registrado em St.-Julien-en-Genevois, na fronteira suíça no sudeste da França (por que este lugar em particular foi escolhido não se sabe ao certo), e os estatutos da ordem foram depositados lá por Plantard. Esses estatutos ainda estão para surgir em formato não editado, e só temos as referências de Nic Haywood para esclarecer o que pudessem conter. Na primeira versão publicada, eles foram modificados em relação aos originais. Adaptações modernizantes foram feitas ao texto muito mais antigo, e seu propósito permanece parcialmente oculto, uma vez que uma passagem, o Artigo "O", nunca foi aberta ao público. Esse artigo permite a reformulação de todos os outros em épocas de opressão ou para alcançar um propósito específico, e como tal muda o contexto de todos os artigos subsequentes.

Pouco tempo depois do registro do Priorado, uma coleção de documentos compilada sob o título Dossiês secretos apareceu na Bibliothèque Nationale da França em Paris. Parecem ter sido um instrumento para comunicar informações sobre o Priorado a outros grupos interessados, por intermédio de documentos e recortes de jornais e revistas depositados ao longo de um período. Essa foi uma tentativa do Priorado de se reorganizar depois da Segunda Guerra Mundial – um painel de notícias organizado para aqueles que soubessem como interpretar seu conteúdo.

Sabemos, por exemplo, que os maçons foram intensamente perseguidos pelos nazistas por serem considerados capazes de solapar o regime – e diversos membros do Priorado também eram maçons ou integrantes de outras sociedades secretas. Durante a guerra, muitos deles foram assassinados, presos ou exilados, e diversos locais de reunião na Europa deixaram de existir.

Além disso, a desilusão no pós-guerra foi vista como uma oportunidade de reintroduzir na sociedade alguns dos ideais religiosos mais importantes. Nesse ambiente, sentiu-se a necessidade de reativar os canais de comunicação o mais rápido possível.

Os Dossiês foram tratados como um “escaninho” onde os integrantes da ordem podiam trocar entre si fragmentos e observações relevantes. Eram uma reunião de dados refletindo o Priorado e seus objetivos que podia ser facilmente identificada por quem estivesse em posse de material correlato. Além dos Dossiês havia numerosas “pilhas de documentos” produzidas em outros locais, usadas para reunir informações. Elas foram criadas na Bibliothèque Nationale e mantidas ocultas, sem registro no catálogo principal. Um dos funcionários da biblioteca conhecido do Priorado só as acessaria por uma solicitação direta. Ainda hoje existe um contato para o Priorado na Bibliothèque Nationale cujo nome não tenho liberdade de divulgar.

De acordo com Nic Haywood, os Dossiês secretos não servem mais a nenhum propósito prático além de ser uma placa de sinalização, mas ainda são atualizados regularmente. Uma questão mais de tradição do que de necessidade, já superada. Os dossiês não foram destinados ao público e certamente não devem ser considerados pelo seu significado literal. Eles serviram a diferentes propósitos, como a comunicação entre facções diferentes, mas por ora é importante reconhecer que continham referências direcionando o leitor a Rennes-le-Château. A continuidade é essencial para a sobrevivência das sociedades secretas, e as ações sinalizadoras do Priorado no pós-guerra atestam bem esse desejo de assegurar o restabelecimento de uma tradição interrompida.

PIERRE PLANTARD

Foi principalmente por causa de Pierre Plantard (1920-2000) que o Priorado de Sião atraiu tanto o respeito quanto o ridículo em igual proporção. Nunca me encontrei nem conversei com Plantard e não tenho a intenção de lançar críticas sobre ele, mas posso fornecer algumas informações e um contexto para os interessados nesse período da história da ordem.

Plantard, que acrescentou “de St.-Clair” ao próprio nome nos últimos anos, afirmava ter sido iniciado no Priorado de Sião em 1943 pelo abade (posteriormente monsenhor) François Ducaud-Bourget (1898-1984). Plantard deu início a uma série de organizações de fachada, nas décadas de

1930 e 1940, que parecem ter contado com um reduzido número de integrantes e produziram muito pouco além de um informativo ocasional. Deve-se observar que, durante a ocupação nazista, esses informativos incluíram material antimaçônico e antissemítico, embora ao mesmo tempo cultivassem o interesse pelo Graal e pelas tradições herméticas. Os que defendem a política de Plantard afirmam que tal posicionamento era um disfarce de tempo de guerra para seu trabalho na Resistência Francesa, mas isso não se comprovou. Entretanto, ele é reconhecido por alguns como "Pierre da França" em razão de seu patriotismo na época.

Não tenho a intenção de justificar as ações de Plantard ou condenar seu evidente antissemitismo, mas não o rejeitaria diretamente, uma vez que, por um tempo, ele se tornou muito útil ao Priorado. Suas intenções ao conduzir o caso de Rennes-le-Château e do Priorado no final do século XX parecem basear-se na necessidade de revelar uma verdade.

Durante as pesquisas, entrei em contato com o filho de Pierre Plantard, Thomas, por um intermediário, oferecendo-lhe a oportunidade de fornecer as informações corretas sobre seu pai. Todavia, o convite foi, polida e compreensivelmente, declinado. Na época, Thomas Plantard afirmou não ter interesse nesses assuntos. Por fim, os leitores verão Pierre Plantard como quiserem. Entretanto, devemos ter em conta que ele claramente não se aproveitou de sua posição ou fama potencial para fazer riqueza.

Ao registrar o Priorado de Sião, seu objetivo parece ter sido congregar os adeptos remanescentes e os integrantes da linhagem para operar uma mudança na sociedade e assegurar a continuidade dos ideais da organização.

Deve ser daí que deriva a confusão em torno da lista diferente de grão-mestres (veja o Capítulo 3). Os interesses e ideais por trás do Priorado de Sião existem desde a Antiguidade, mas só quando é necessário esses interesses e ideais ganham a forma de um grupo em atividade. Além disso, a perda de bibliotecas e da rede de associados em razão das guerras e outras perturbações reduziu consideravelmente a ordem. Assim, a primeira tentativa de Plantard de compilar uma lista de grão-mestres é exageradamente otimista, porém útil, como base para atrair outros integrantes/arquivistas com informações mais exatas.

Posteriormente, Plantard considerou Gisors como um possível veículo para as informações que queria tornar públicas, mas acabou decidindo-se por Rennes-le-Château. Embora Gisors tivesse documentos e outras relações com os Templários, Rennes-le-Château oferecia um material muito melhor para comunicar a causa.

Pelo mistério de Rennes-le-Château, Plantard trouxe à tona diversas ideias novas. A crença na linhagem de Jesus, embora estivesse presente na região (veja o Capítulo 14), não foi seu propósito principal, mas prendeu a imaginação dos autores de O Santo Graal e a linhagem sagrada e atraiu muito mais publicidade do que alguém pudesse imaginar. Se o objetivo de Plantard fosse levar determinadas informações ao domínio público e conscientizar as massas a respeito delas, então ele foi fantasticamente bem-sucedido. Enquanto eu redigia este livro, a mulher sentada à minha frente no trem lia O código Da Vinci, um campeão de vendas em todo o mundo, que provocou uma desavença legal entre Dan Brown e os autores de O Santo Graal e a linhagem sagrada – eles reivindicaram sem sucesso que Brown plagiara seu livro. O caso no tribunal gerou notícias em lugares tão distantes da Europa quanto a Coreia do Sul.

A ideia da linhagem é fundamental para o Priorado de Sião, mas incidental em relação a seu propósito. Ela é dada como certa dentro da ordem e, a esta altura dos acontecimentos, tem pouco significado para outras pessoas além das famílias da linhagem. Na verdade, a esse respeito Plantard foi quase excessivamente bem-sucedido na sua disseminação.

Pelo mistério de Rennes-le-Château, Plantard convida-nos a considerar todas as expressões dos temas arcanos pela pesquisa e pelo debate. Por mais que tentemos refutar suas afirmações e dispensar as evidências, temos de admitir seu sucesso. Plantard não era tolo, e no fundo parece ter sido um alquimista, dado à transformação. Seus feitos puseram as coisas em movimento – mas são apenas o começo.

O Santo Graal e a linhagem sagrada causou um grande choque em muitas pessoas quando foi publicado, mas também mostrou que a sociedade poderia suportar essas revelações históricas e heréticas. O Priorado pretendia que, depois de conceder um período para que suas ideias fossem absorvidas pela sociedade, surgissem outras informações. Este livro faz

parte da continuidade dessa liberação. Atualmente, estamos entrando em um novo circuito, um novo ciclo.

A exemplo do Priorado hoje, Plantard dirige nossa atenção para os lugares, os acontecimentos, para a arte e os personagens históricos. Ele nos cobra pela revelação da história do Priorado e por fazer seus objetivos conhecidos no mundo. Como disse Nic Haywood em uma entrevista:

[A liberação das informações por parte de Plantard] foi oportuna; os objetivos do Priorado de Sião são espirituais e culturais, e Pierre foi um gênio – ele estava ciente de que Rennes-le-Château se infiltraria no domínio público, e o que aconteceu lá abre um capítulo inteiramente novo.

Nas atuais fileiras do Priorado, existe uma propensão oculta às maquinações da "velha escola" entre o círculo de Plantard da década de 1970. Alguns integrantes, tais como Gino Sandri, parecem incapazes de se desvincular da época de Plantard ou de seus aspectos mais sombrios, como as ligações com o serviço secreto e o comportamento semelhante ao do trabalho na Resistência Francesa creditado a Plantard durante a Segunda Guerra Mundial. Mas não podemos participar do "fluxo subterrâneo" de Plantard, uma vez que aquele tempo já passou: o caminho, a despeito dos esforços de Sandri, não está mais a nosso alcance. O ciclo atual de divulgação de informações acrescenta alguns detalhes para explicar melhor o período de Plantard, mas também há muitas revelações novas que são mais adequadas à nossa época. Para outros integrantes, o sentimento é de que o senso de oportunidade retornou. Eles estão otimistas de que o Priorado esteja voltando a avançar.

O PRIORADO DE SIÃO ATUALMENTE

Livros recentes como O Santo Graal e a linhagem sagrada e O código Da Vinci direcionaram inteiramente a percepção pública para o aspecto da linhagem. Mas o Priorado quer que acreditemos que a linhagem é algo periférico, tendo pouco sentido no mundo atual além das implicações teológicas.

Parece haver muito mais coisas acontecendo na ordem, e eu descobri que o Priorado está muito ativo em diversas regiões do mundo na atualidade. O alcance das atividades varia desde o ocultismo até a política no Oriente Médio. O peso político do Priorado não pode ser subestimado. Já vimos como ele tem uma tendência para atuar dentro do serviço secreto e em outras sociedades secretas. Para alcançar seus objetivos de uma união das filosofias orientais e ocidentais, o Priorado está cada vez mais envolvido na política árabe-israelense, com a intenção de pôr fim às rivalidades entre cristãos, muçulmanos e judeus.

Isso parece ser uma continuação da obra dos Templários, que buscaram um entendimento comum com os muçulmanos nos últimos tempos das Cruzadas.

Assim como o serviço de inteligência já mencionado, é o componente devoto católico/cristão do Priorado, conhecido internamente como o "contingente italiano", que é identificado hoje como a causa primária de todos os atrasos na liberação de informações por parte da ordem. Compreensivelmente, não convém à Igreja Católica apressar sua potencial extinção, que é o que as revelações implicam em última análise. Além desse componente, a filiação ao Priorado também abrange as velhas famílias das linhagens, assim como integrantes mais alquímicos. Isso é responsável por um cadinho pouco agradável de se lidar.

Entretanto, o objetivo do Priorado na atualidade – a liberação de determinadas verdades, artefatos e conhecimentos religiosos – está todo a serviço de uma causa maior. Na verdade, possivelmente a maior causa de todas. Como observou Nic:

A meta fundamental do Priorado de Sião é a unificação da humanidade por meio de mudanças culturais e espirituais engendradas nas percepções e nos valores. É por essa razão que o nome do Priorado parece estar ligado a tantas causas aparentemente disparatadas.

CONCLUSÕES

Este capítulo serviu como introdução geral ao Priorado de Sião. Mas, para termos uma compreensão mais aprofundada, precisamos analisar mais a fundo alguns temas e aspectos que fazem da ordem o que ela é. Vamos nos recordar da citação bíblica no início do Capítulo 1 (Isaías 28:16):

Eis que eu assentei em Sião uma pedra, pedra já provada, pedra preciosa, angular, solidamente assentada.

Agora podemos considerar essa citação de uma nova perspectiva. O uso da palavra “Sião” ou “Sion” não é meramente referência a uma localização material na história; é um ideal, um lugar de completa realização e liberdade, e talvez isso explique o que está no âmago do Priorado de Sião. Há um risco regressivo nessa perspectiva – um chamado à volta entorpecedora a uma suposta “Época de Ouro” – que criou obstáculos a muitas sociedades ao longo da história, como veremos adiante. Mas o Priorado de Sião está avançando, não retrocedendo, e seus ideais “arcadianos” derivam de seu conhecimento do potencial humano, não de alguma nostalgia cor-de-rosa de glórias perdidas.

Existem também inúmeras teorias com relação à transmissão dos segredos centrais do Priorado. Parece ter acontecido uma perda e uma subsequente redescoberta das informações em determinados momentos da história, por exemplo antes da época dos Templários e dos cátaros, depois da Revolução Francesa e durante a Segunda Guerra Mundial. De acordo com essa perspectiva, o Priorado sempre aparece como um grupo desagregado de iniciados transmitindo conhecimentos e segredos ao longo dos séculos. Dessa forma, ele continua sendo um meme (algo que identifica ideias ou crenças transmitidas de uma pessoa ou grupo de pessoas para outros) de época para época até meados do século XX, quando foi reagrupado para servir a um propósito. Com o termo “reagrupado” quero dizer que todos aqueles indivíduos e grupos diversos que poderiam ser considerados “iniciados” das diversas ramificações do antigo conhecimento esotérico e espiritual foram reunidos – conceitualmente, se não literalmente – sob um nome único: o Priorado de Sião.

Num certo nível, portanto, precisamos admitir que o Priorado de Sião existe. É possível conhecer integrantes, ler seus documentos e publicações, e aprender muita coisa com eles. Como acabei de mencionar, o Priorado

como organização ainda está muito ativo. A ordem tem uma sede em Paris e integrantes em todo o mundo, incluindo França, Estados Unidos, Grã-Bretanha, Canadá e Egito. Não tomei conhecimento de seu “segredo supremo”, se é que ele existe, mas isso não desmerece a organização como uma força no mundo, para melhor ou para pior. E ele é de fato uma força e tanto.

Da mesma forma que o Priorado usa outros veículos de disseminação para transmitir sua mensagem, é perfeitamente possível que ele mesmo seja um método de difusão de um conhecimento que precede as Cruzadas. Isso nos leva inevitavelmente ao principal ponto de partida do Priorado: o mistério de Rennes-le-Château, onde a igreja tem impressionado e deixado perplexos os pesquisadores desde que chegou ao conhecimento de um público mais amplo na década de 1950. O Priorado de Sião usa Rennes-le-Château como um veículo para divulgar determinadas verdades, tanto históricas quanto espirituais, e como estudantes do Priorado somos obrigados a investigar esse mistério em suas inúmeras formas.

PARTE II

OS MISTÉRIOS



CAPÍTULO 5

RENNES-LE-CHÂTEAU: O MISTÉRIO FRANCÊS

O pleno conhecimento do segredo de Rennes-le-Château confere um poder muito real e capaz de abalar o mundo todo, se acaso caísse em mãos erradas.

O Priorado de Sião

CHEGANDO AO MISTÉRIO

No alto de um morro, o minúsculo vilarejo francês de Rennes-le-Château carrega o peso de um mistério que assombra o cristianismo.

Subi pela primeira vez o morro de Rennes-le-Château no início da década de 1990, depois de ler os inúmeros e variados livros sobre o vilarejo, publicados na Grã-Bretanha ao longo da década anterior. Cheguei pouco depois do pôr do sol, durante uma tempestade, e atravessei as poucas ruas em busca de um hotel ou café. Não encontrei nada para comer e nenhum lugar onde pudesse me hospedar, mas um morador local me deu uma carona até a cidade vizinha de Couiza. No dia seguinte, subi o morro outra vez e imediatamente me deparei com o mesmo problema. Em uma cidade fundamental para um florescente setor editorial e para o comércio turístico, era impossível na ocasião comprar algo mais que um copo de água. Não se viam hotéis, nem restaurantes, nem se tinha a sensação de ser bem-vindo.

Atualmente, porém, isso mudou, e em Rennes-le-Château tem-se a impressão de que há uma constrangida tolerância em relação aos turistas, com um pequeno café e uma livraria para atender aos curiosos.

Em meu primeiro dia por lá, parei na entrada da igreja, admirei a inscrição acima da porta, e o que vi me divertiu. Gravada na pedra, ela informa: “Este é um lugar terrível”.

Mas, antes de mergulhar de cabeça nessa igreja fascinante, devemos entender um pouco do contexto em que ela se encontra.

UMA IMPRESSÃO DO LUGAR

O sossegado vilarejo de Rennes-le-Château situa-se na região do Languedoc, no sudoeste da França. Ao fundo da paisagem, podem-se ver claramente os Pireneus elevando-se ao sul, e essa região é a porta de entrada para a Espanha. O vilarejo situa-se cinquenta quilômetros ao sul de Carcassonne, em uma região onde as terras cultivadas dão espaço para as falhas geológicas que cortam o sudoeste, em meio a uma sucessão de morros e colinas, com um terremoto brando ocasional. O solo vermelho, com alta concentração de ferro, cobre um leito fraturado de calcário e granito saturado de cavernas e fissuras de um passado turbulento. As abundantes conchas marinhas encontradas sobre essas elevações recordam-nos de que, em certa época, toda a região esteve embaixo das ondas do que atualmente é o mar Mediterrâneo, e que o tempo, embora lento por aqui, segue sempre em frente.

Aqui e ali, a água brota do chão como fontes naturais, muitas das quais aquecidas pelo centro da Terra. Geologicamente, o nível do lençol freático é mais elevado nessa região do que em qualquer outra parte da França, e é bem provavel que tenha sido a abundância de água e o solo fértil que levaram os primeiros colonizadores a parar no local em vez de tentar transpor os Pireneus. Com o avanço da civilização, os estrategistas teriam compreendido o valor defensivo da região, e sem dúvida muitos dos paradeiros no alto dos morros surgiram em épocas pré-romanas, como cercados e fortificações celtas. Rennes-le-Château era especialmente viável para uma fortificação, uma vez que existe um lago dentro da montanha que abastece de água toda a população.

UMA BREVE HISTÓRIA DO LANGUEDOC

O mais antigo assentamento conhecido próximo a Rennes-le-Château foi um local com propósito funerário datado de aproximadamente 3000 a.C., descoberto em uma caverna na encosta do morro. Evidências de um assentamento contínuo na região também podem ser encontradas nas vizinhanças de Rennes-les-Bains, onde há muitos muros semienterrados em trechos elevados. A paisagem é juncada de ruínas de todas as épocas, e pedras em pé, tanto naturais quanto planejadas, sobressaem como dentes por todas as elevações do terreno. Na época dos celtas, a região era conhecida como Areda ou Rhaeda, nomes provavelmente derivados do solo vermelho ou possivelmente, como sustenta o Priorado de Sião, uma variação de reda, a palavra celta para carro.

Os romanos ocuparam a antiga Gália – aproximadamente o que hoje é a França – por quinhentos anos, deixando sua marca indelével na paisagem. Antigos túneis de mineração e cavernas lembram-nos de que eles escavaram de maneira intensa a região em busca de azeviche e possivelmente ouro. Também fizeram uso das fontes naturais de água quente de Rennes-les-Bains e construíram casas de banho comunais. Estima-se que, na época romana, cerca de trinta mil pessoas viveram ali. Há muros, ruínas e estradas que datam dessa época, e uma velha ponte romana recentemente desmoronou no rio Sals em Rennes-les-Bains durante uma tempestade.

O sul da Gália romana fornece o cenário de uma velha tradição francesa, que remonta no mínimo ao século XIII, segundo a qual, depois da crucificação de Jesus, Maria Madalena teria fugido da Judeia em um barco que navegou da Grécia para Marselha. Diz-se que ela permaneceu na região, e no início deu aulas, mas depois tornou-se uma reclusa e, por fim, foi enterrada lá. A Igreja Católica apresentou diversas supostas relíquias suas, que se encontram em exposição em Aix-en-Provence.

Em 410, as províncias romanas ocidentais, incluindo a Gália, sofreram o ataque de diversas tribos alemãs. Uma, a dos visigodos, saqueou a cidade de Roma e depois migrou para oeste, estabelecendo-se no Languedoc. Sua capital ficava oitenta quilômetros ao norte de Rennes-le-Château, em Toulouse, mas acredita-se que tenham construído um grande forte naquela área. Ele nunca foi satisfatoriamente identificado, mas sobre os morros que

se projetam na região encontram-se muitos vestígios de imensas muralhas e fortificações que serviram para algum propósito há muito esquecido.

Um ponto de interesse é a maneira engenhosa como os visigodos enterravam seus falecidos monarcas. Enquanto muitas culturas criavam grandes monumentos e túmulos que eram posteriormente saqueados, os visigodos represavam um rio e enterravam o soberano e seus tesouros no fundo do leito, agora seco. A represa era então removida e o rei jazia escondido indefinidamente dos saqueadores. Essa é considerada uma possível causa para a existência de tesouros na região, que tinham chegado a Roma vindo do Oriente, sendo depois saqueados pelos chefes visigodos e levados para a Gália.

O tema da linhagem de Cristo surge em 428 com outra tribo germânica, os francos sálios. Meroveu ou Merovius (Mérovée), ou talvez seu predecessor, Clódio, fundaram a dinastia merovíngia em partes da Gália, e Pierre Plantard afirmou que eles eram descendentes de Jesus e Maria Madalena. A genealogia dos merovíngios também estava presente nos Dossiês secretos, como foi mencionado no capítulo anterior. Os francos uniram-se sob um descendente de Meroveu, Clóvis I, que em 486 derrotou o que restava do governo romano sobre a Gália e estabeleceu sua capital em Paris. Governante da maior parte da Gália, Clóvis costuma ser considerado o fundador do reino da França, a “Terra dos Francos”. Em 678, acredita-se que o rei merovíngio Dagoberto II foi assassinado na floresta de Ardenas. Existe um mito francês segundo o qual um dos filhos de Dagoberto, Sigeberto, foi levado à força para o Languedoc por soldados e sobreviveu para continuar uma linhagem real secreta.

Durante a Idade Média, o Languedoc esteve sob o controle dos condes de Toulouse. Região cosmopolita, possuía inúmeros assentamentos judaicos e é considerada origem de diversas escolas cabalísticas e alquímicas.

Durante esse período, os Templários, conforme mencionado anteriormente (veja o Capítulo 2), também adotaram o Languedoc como local de moradia. Eles tinham numerosos postos de comando militares na região, incluindo Arques, Blanchefort e Le Bézu a oeste de Rennes-le-Château.

Foi também uma época em que a heresia varreu a região. Não há espaço aqui para estudar plenamente os cátaros, e já existem inúmeros livros excelentes sobre o assunto caso queira se aprofundar no assunto. Mais adiante neste livro voltaremos a discutir mais detalhes sobre suas crenças. Por ora, podemos dizer que os cátaros foram uma seita dualista gnóstica, e sua popularidade atraiu muitos convertidos do catolicismo, até mesmo padres. O dualismo é a ideia de que a luz, ou o "bem", está presa na matéria e deve ser libertada, conceito que pode ser encontrado no zoroastrismo, que remonta ao século II a.C. Sem dúvida nenhuma, grande parte do encanto do catarismo provinha de sua tolerância e do fato de que não cobrava obrigações das pessoas comuns. A simplicidade e o exemplo moral da vida do clero cátaro, os Perfeitos, também devem ter sido atraentes para quem almejava um cristianismo que parecesse mais próximo, na prática, do verdadeiro exemplo de Cristo.

O catarismo tem suas origens nos bogomilos, que na época centravam-se em torno do império búlgaro. O império fora cristianizado no final do século IX, mas muitas invasões e missionários se abateram sobre os Bálcãs, deixando uma mistura de crenças e culturas. Os bogomilos alegavam ter mantido uma forma oculta e verdadeira de cristianismo na sua religião dualista difundida ao sul até a Grécia e Europa Ocidental. No início do século XIII, seus próprios missionários encontraram muitos convertidos no sudoeste da França.

Seria errado pensar que as crenças trazidas da Europa Oriental permaneceram intocadas. O dualismo desenvolvia-se de cidade para cidade e evoluiu com o tempo. Era uma religião viva, modificando-se para atender às necessidades de seus seguidores. Dessa tradição vieram os cátaros, designação que significa "os puros".

Eles não contavam com igrejas próprias, não possuíam edificações ou terras, mas tinham permissão de residir em propriedades cedidas por dignitários e senhores locais simpatizantes. Trabalhavam entre as pessoas e levavam uma vida simples, reunindo-se nos campos e celeiros para pregar.

Com um contraste tão gritante em relação à riqueza e ao poder da Igreja Católica, era inevitável que os cátaros acabassem forçando Roma a tomar providências. Foi declarada uma cruzada contra eles (a Cruzada Albigense,

veja a página 45), os quais foram forçados a buscar refúgio em castelos como o de Montségur, a oeste de Rennes-le-Château.

O cerco a Montségur merece nossa atenção. De acordo com uma história, três cátaros foram conduzidos pelas encostas de Montségur pouco antes do fim do cerco. O que quer que levassem consigo não podia ser muito grande ou pesado, portanto um tesouro material como ouro é pouco provável. Acreditava-se que os cátaros tivessem posse de um segredo herético. Alguns conjecturam que fosse o Santo Graal, sendo Montségur sinônimo de "Montsalvaat", refúgio do Graal nas lendas arturianas. Por exemplo, o Parzival [Parsifal], de Wolfram von Eschenbach, situa o castelo de Montsalvaat nos Pireneus. Há uma questão aqui quanto à natureza do Graal, uma vez que os cátaros não eram adeptos da veneração de objetos. Eles renunciavam a suas posses, o que os torna uma ordem improvável para guardar um artefato. Documentos pareceriam mais plausíveis e potencialmente mais importantes. Apesar das ações da Igreja Católica contra os cátaros, a região nunca deixou de ter um traço de heresia.

Depois da Cruzada Albigense, o Languedoc tornou-se muito menos independente, na medida em que os reis franceses cada vez mais se impuseram sobre a região. E a cruzada não foi a última vez em que a intolerância religiosa foi infligida à região. Antes da diligência contra os Templários em 1307 (veja a página 45), o rei Filipe IV se apossara dos bens das comunidades judaicas e, até o final do século XVI, houve julgamentos por bruxaria em Toulouse.

Um acontecimento em 1633 gerou muita especulação entre os aventureiros. Naquele ano, uma mina de ouro foi aberta em Blanchefort, o morro em frente a Rennes-le-Château. Entretanto, circularam rumores de que o produto extraído da mina e subsequentemente derretido não foram depósitos naturais de ouro, mas uma montanha de tesouros visigóticos. Mineiros alemães foram levados ali para recuperar o metal, despertando a especulação de que a barreira linguística fora usada pela família Blanchefort para impedi-los de divulgar entre a população nativa o que sabiam.

Outro mito local, publicado em 1832 no Journey to Rennes-les-Bains [Viagem a Rennes-les-Bains] por Labouïsse-Rochefort, fala de um menino

pastor chamado Ignace Paris que, conforme se dizia, perdera uma ovelha nos morros próximos à cidade. A ovelha caíra em um buraco e o menino desceu por uma corda para recuperá-la. Quando chegou ao fundo, seguiu a ovelha através de uma falha que levava a uma caverna repleta de tesouros. O menino encheu os bolsos e regressou à cidade para anunciar a descoberta, porém foi acusado de roubo e enforcado antes de poder revelar a localização da caverna.

Deve-se notar também que, em uma escala maior, poucos países passaram por tantos levantes políticos e sociais repentinos como a França durante a Revolução Francesa. Em dez anos, no fim do século XVIII, o ancien régime – as velhas classes governantes da realeza, da nobreza e da Igreja – foi rápida e violentamente deposto. Em consequência, diversos nobres do Languedoc teriam sido forçados a esconder suas riquezas e históricos de família. Qualquer tesouro que pudessem ter herdado foi enterrado e, como os padres locais muitas vezes eram seus únicos confidentes, importantes documentos foram guardados com o clero local para que ficassem em segurança.

Um representante dos Templários de Portugal contou-me que, durante a Segunda Guerra Mundial, os alemães cavaram túneis por toda parte sob os vales na região de Rennes-le-Château e embaixo da própria cidade. Ele não revelou o que estariam procurando, mas afirmou que, quando os prisioneiros usados nas escavações não encontravam nada, eram enterrados vivos nesses túneis. E eu fui uma vez advertido por um morador local de que, se deparasse com uma parede escondida nas minas, não deveria seguir adiante caso houvesse corpos daqueles prisioneiros enterrados ali.

Várias décadas antes, em 1885, François Bérenger Saunière (1852-1917) assumiu o posto de padre na igreja de Rennes-le-Château, e é aqui que começa nossa história em particular. Saunière restaurou a igreja e financiou diversos projetos dispendiosos de construção dentro e ao redor da paróquia, o que parecia impossível com o magro salário de padre. Espalharam-se rumores de que ele tinha localizado um grande tesouro e ficou-se sabendo que dera pedras preciosas valiosas e outros itens aos moradores locais como presentes. Em meio a uma investigação episcopal sobre uma suposta fraude, Saunière acabou renunciando à paróquia em 1909.

A história do mistério de Rennes-le-Château começou a aparecer em meados da década de 1950, quando Noël Corbu, que comprara a propriedade do padre Saunière em 1946, procurou fazer propaganda de um novo restaurante. Em 1956, a imprensa local publicou a alegação de Corbu de que a riqueza do padre Saunière viera de um tesouro visigótico perdido, escondido nos morros e montanhas locais, que ele explorara para decorar sua igreja e construir sua casa e o jardim extravagantes. Embora a intenção de Corbu – atrair turistas para o vilarejo remoto – tenha sido um sucesso, ele parece não ter ido muito a fundo no que se refere a entender a importância do local onde se encontrava. Como o padre Saunière gastou o dinheiro é tão importante quanto o modo como chegou a ele, se não mais. A publicidade de Corbu pôs a história em movimento, e os caçadores de tesouros e de mistérios passaram a afluir para a região desde essa época.

A história sobre o tesouro deriva de uma afirmação de que o padre Saunière teria descoberto pergaminhos contendo mensagens codificadas que conduziam a um local específico. Na década de 1970, Pierre Plantard influenciou o escritor Gérard de Sède quando escreveu O tesouro amaldiçoado de Rennes-le-Château. Esse livro aumentou a difusão do mistério em torno do padre Saunière, tomando sua riqueza repentina e sua igreja incomum como um exemplo da mitologia do Priorado. O livro exibia cópias dos pergaminhos que o padre supostamente encontrara e decodificara. Havia códigos evidentes, mas esses foram ignorados no livro e deixados para o leitor descobrir. Um desses leitores foi o pesquisador Henry Lincoln. Ele fez três documentários sobre o mistério na década de 1970 e depois chegou a ser coautor de O Santo Graal e a linhagem sagrada (1982), que levou pela primeira vez o mistério de Rennes-le-Château, Pierre Plantard e o Priorado de Sião ao público de língua inglesa. O livro afirma que o padre Saunière descobriu um segredo impressionante: que Jesus e Maria Madalena foram casados e tiveram filhos. Desde a publicação, o livro vendeu 18 milhões de exemplares em todo o mundo.

Na primeira vez em que li O Santo Graal e a linhagem sagrada, as ligações entre o mistério de Rennes-le-Château e a teoria da “linhagem de Jesus” me pareceram um tanto forçadas. Perguntei a Nic Haywood se o Priorado estava satisfeito com o livro e com aquela teoria sobre a linhagem. A resposta dele foi:

Consideramos Linhagem sagrada, Santo Graal [o título americano do livro] um pouco ambicioso demais, mas ficamos satisfeitos com o trabalho. Quanto a Jesus ter se casado e ter tido filhos, há evidências irrefutáveis.

Não tive dúvida de que o Priorado de Sião usou o mistério de Rennes-le-Château como um instrumento de disseminação de suas crenças e objetivos. Esse é um veículo com uma infinidade de ligações esotéricas que podem ser usadas para transmitir inúmeras mensagens desde a Antiguidade. Foi uma questão de sincronicidade que Noël Corbu tenha começado a propagandear o mistério ao mesmo tempo que o Priorado decidia vir a público.

Poderíamos dizer que o mistério tem três níveis. Existe uma verdade subjacente; existe o Priorado de Sião, que afirma estar comunicando essa verdade; e existe o mistério de Rennes-le-Château, que constitui o veículo dessa verdade.

O mistério de Rennes-le-Château deveria ser simples, facilmente respondido e descartado, mas há tanta coisa atrelada a essa cidadezinha, com seu padre supostamente errante, que mal se imagina por onde começar. Até mesmo durante o alto verão a povoação de Rennes-le-Château vive mergulhada em neblina – uma neblina de criação humana. Quando se tenta encontrar um sentido para os padrões que aparecem nas nuvens rodopiantes, parece haver uma infindável possibilidade de interpretações, incontáveis desvios e muitas imagens que não passam de uma ilusão provocada pela luz.

O MISTÉRIO DE SAUNIÈRE

Vamos considerar em mais detalhes a controvérsia envolvendo o período em que o padre Saunière ocupou seu posto. No final do século XIX, a cidade de Rennes-le-Château tinha duzentos habitantes. Em 1885, o padre Saunière, aos 33 anos de idade, instalou-se como o novo padre na igrejinha de Santa Maria Madalena. O mais velho de sete filhos, ele nascera na cidade vizinha de Montazels e crescera em uma casa de frente para a praça da cidade, cuja fonte incomum era encimada por Tritões.

Quando Saunière chegou à sua nova paróquia, a igreja estava em um estado lastimável. O telhado tinha vazamentos e a estrutura estava em más condições, precisando desesperadamente de uma reforma. Saunière não tinha dinheiro e recebia um salário minguado, o que o tornava dependente dos donativos da paróquia. Uma garota local foi deixada a seus cuidados como empregada doméstica. Marie Denarnaud tinha 18 anos quando foi trabalhar para o padre e permaneceu ao lado dele por toda a vida.

Durante seis anos ele sobreviveu à custa da boa vontade do povo da cidade. Aparentemente, gastava grande parte do tempo de folga caçando e pescando. Também lia muito, estudando grego, hebraico e latim.

Em 1892, ele pediu e obteve um pequeno empréstimo do bispo de Carcassonne, para uma restauração. Durante a obra, uma laje de pedra quebrada foi erguida para ser substituída. Embaixo dela, descobriu-se uma sacola de moedas de ouro e um cálice. O cálice sobreviveu e foi doado ao abade Grassaud, pároco de Amélie-les-Bains, onde permanece guardado. (Embora o cálice tenha estilo medieval, não parece anterior ao século XIX, portanto pode não ser o original ou então ser algo que Saunière comprou como presente e desde essa época confundiu-se com seu achado original.)

O trabalho de reforma da igreja foi retomado e, ao longo dos anos seguintes, o padre Saunière gastou boa parte de seu tempo explorando a zona rural com um saco para “coletar rochas para o jardim”. De acordo com o Priorado, essa era uma história para encobrir a sua busca de um lugar específico.

Ele substituiu o altar, que descansava sobre dois pilares em estilo visigótico, e usou um desses pilares como pedestal no jardim. Sobre ele, instalou uma estátua de Nossa Senhora de Lurdes, acontecimento acompanhado por uma procissão pela cidade.

Nessa época, o interior da igreja era um canteiro de obras, e certa noite um sacristão local notou uma balaustrada de madeira caída. Um dos pilares dessa balaustrada apresentava uma fenda no topo, dentro da qual se via um frasco de vidro contendo um pedaço de pergaminho. Embora essa descoberta seja admitida – e o sobrinho do sacristão ainda esteja vivo para corroborá-la –, o que o pergaminho dizia é uma questão controversa.

Entretanto, é possível que fosse um plano de lugares ocultos da igreja. Podemos averiguar isso com base nas ações do padre Saunière depois desse acontecimento.

Conta-se que dois trabalhadores ajudaram Saunière a levantar outra laje de pedra, dessa vez na frente do altar. Ao virá-la de borco, descobriram no lado de baixo um entalhe gasto que parecia mostrar duas passagens em arco, com um adulto e uma criança sobre um cavalo seguindo um adulto sozinho em outro cavalo. O estilo do entalhe é visigótico, assim como o do pilar do altar, mas não foi datado com exatidão.

Segundo se diz, os dois trabalhadores teriam afirmado que, embaixo da laje de pedra (desde essa época conhecida como a “Pedra dos Cavaleiros”), “havia numerosos objetos brilhantes que apareciam através da terra”. O padre imediatamente os dispensou, fechou a igreja e recusou-se a deixar entrar quem quer que fosse por vários dias. É provável que Saunière estivesse escavando durante esse tempo. Comenta-se que ele próprio teria descrito o achado como um grande pote cheio de “objetos brilhantes” (ele jamais deu outras explicações a respeito), “medalhões sem valor” e alguns esqueletos.

Considera-se que diversos itens tinham sido escondidos na igreja na época da Revolução Francesa, quando muitas igrejas foram saqueadas, ou pelo penúltimo predecessor de Saunière, Antoine Bigou, que, de acordo com Nic Haywood, era “um irmão da Rosa-Cruz”.

Seja por baixo da Pedra dos Cavaleiros, seja por outro caminho, nessa época também foi descoberta uma cripta, cujos túmulos teriam pertencido aos senhores de Rennes, nobres governantes do final da Idade Média. Na verdade, havia duas criptas, uma das quais foi aberta e depois fechada outra vez por Saunière. A outra não foi fechada até depois da morte do padre. Os integrantes mais velhos da comunidade, tais como a família Captier, lembram-se de ter entrado na segunda cripta e descrevem com precisão onde ficava a entrada. Ela ainda é visível no aposento oculto nos fundos da igreja. Não se sabe se Saunière descobriu ou apenas reabriu a primeira cripta. A segunda ele reabriu.

Em uma anotação no diário sobre esse período, Saunière declara simplesmente: “Encontrei um túmulo”.

Por volta dessa época, diz-se que ele descobriu mais documentos com textos criptografados. Histórias locais alegam que estes vieram do mesmo pilar de madeira que o primeiro. O pilar ainda existe no pequeno museu ao lado da igreja, mas, pelo tamanho do compartimento secreto, parece improvável que algo maior do que um pedaço de papel em um minúsculo frasco de vidro pudesse ser encaixado ali. É possível que outros documentos tenham sido encontrados na cripta e que as duas descobertas se confundiram ao longo do tempo.

Na sua entrevista para o filme Linhagem, Gino Sandri afirmou que os textos encontrados pelo padre Saunière na verdade foram escavados da pedra. Essa ideia é repetida por Nic Haywood, que também mencionou a existência de tabuinhas com inscrições na igreja, portanto é possível que Saunière tenha feito cópias.

O Priorado sustenta que, malsucedido na tentativa de compreender os textos, Saunière apelou ao bispo de Carcassonne e obteve permissão de levá-los a Paris para serem decifrados. A viagem à capital não está documentada, embora o Priorado sugira que os registros da igreja de Saint-Sulpice merecem ser verificados, se não para constatar uma passagem de Saunière em si, mas ao menos de outros pertencentes a seu círculo. É possível que o mentor de Saunière, Henri Boudet, tenha tentado ajudá-lo.

É difícil dizer se o padre realmente foi a Paris ou se essa viagem não seria um mito visando a chamar nossa atenção para Saint-Sulpice, ligando as descobertas de um ao conhecimento de outro. Se Saunière tivesse ido lá, o diretor do seminário de Saint-Sulpice, o abade Bieil, apresentaria-o a Emile Hoffet, uma autoridade em manuscritos antigos e sociedades secretas.

Saint-Sulpice é uma escolha interessante de destino, pois nessa época, como já vimos, considera-se que fosse frequentada por integrantes de sociedades secretas e também formara pessoas de orientação ocultistas, como Eliphas Lévi, autor de Magia transcendental e um dos ocultistas mais influentes do século XIX. (Veja o Capítulo 3 e também o Capítulo 2.)

Atribui-se também ao padre Saunière uma viagem ao Louvre, aonde supostamente levou reproduções de três pinturas, incluindo a lendária tela Os pastores da Arcádia, de Poussin, um retrato do papa Celestino V e uma obra de David Teniers. Essas obras serão discutidas posteriormente no Capítulo 16, sobre arte e simbolismo.

Durante o tempo que teria supostamente passado em Paris, diz-se que Saunière teria sido apresentado aos meios ocultistas e a sociedades secretas, uma cena muito em voga entre os grupos elitistas formados por artistas e pela aristocracia. O Priorado fala de um intercâmbio, uma troca de informações, que teria envolvido doze pergaminhos ou documentos que passaram pelas mãos de Saunière. A descoberta dele, de acordo com o Priorado, abriu a porta para um mistério maior.

Entre as pessoas com as quais ele teria se encontrado em Paris por volta de 1892 estão a cantora lírica Emma Calvé e o compositor Claude Debussy. Na época, Calvé era uma estrela operística mundialmente famosa e retornara há pouco tempo de uma de suas frequentes apresentações para a rainha Vitória. Considera-se que tanto Calvé quanto Debussy foram integrantes altamente respeitados dos círculos ocultistas de Paris. Conta-se que Calvé fizera amizade com Saunière e o visitara em Rennes-le-Château, mas não há evidências concretas que sustentem essa alegação.

Ao sul de Rennes-les-Bains encontra-se uma cruz ao lado da estrada com o nome “Calvet” gravado na base. Mélanie Calvet foi testemunha da aparição da Virgem Maria em La Salette, e Emma Calvé nascera com o nome Calvet, de modo que as duas podiam ser parentes distantes. A ligação com as visões irá se tornar um fator importante do mistério posteriormente.

A teoria do pergaminho afirma que, entre os manuscritos codificados descobertos pelo padre Saunière, estavam duas genealogias datando de 1244 e 1644. Elas nunca mais foram vistas depois de sua suposta descoberta, nem foram explicadas adequadamente. Afirma-se também ter havido duas páginas de inscrições em pergaminhos – uma folha única, frente e verso, ou duas folhas escritas em um lado apenas. Dois supostos pergaminhos foram publicados por Gérard de Sède em seu livro O tesouro amaldiçoado de Rennes-le-Château. Os pergaminhos de Saunière serão estudados mais a fundo nos capítulos seguintes, mas por enquanto é

suficiente dizer que, como sabemos, os dois textos do livro de Sède foram falsificações ou pura invenção – ou ainda, como o Priorado quer que acreditemos, versões modificadas dos originais. Com certeza, o texto no qual os “códigos” estão inscritos deriva claramente de uma versão do século XIX do Códice Bezae, reimpressão bastante difundida de uma coleção do século V contendo passagens em grego e latim do Novo Testamento. Conforme comentou Nic Haywood, acredita-se que um parceiro de Pierre Plantard, Philippe de Chérisey, estaria por trás dessa argumentação. Não posso confirmar nem refutar a alegação de falsificação, uma vez que os pergaminhos originais não foram liberados.

O pesquisador francês Gérard Thome está de posse de pergaminhos semelhantes – todos eles variações de passagens bíblicas com mapas adicionais desenhados à mão. As passagens incluem frases enxertadas do tipo “venham para o túmulo”, mas os manuscritos, embora em velino, não aparentam de maneira alguma ser anteriores à década de 1960.

Se os supostos pergaminhos (e a viagem) eram genuínos ou não, no seu retorno à paróquia Saunière começou a encomendar materiais para a restauração da igreja.

Ele deu continuidade às escavações, e os moradores locais queixaram-se quando o padre foi visto à noite vagando entre as sepulturas no cemitério. Durante essa época, ele danificou a inscrição de pelo menos uma lápide tumular. Uma delas pertence à sepultura de Marie de Negri d’Ables, condessa de Blanchefort (morta em 17 de janeiro de 1781), cujos restos totalmente desfigurados ainda podem ser vistos no museu da igreja. A condessa foi proprietária do Château Blanchefort no século XVIII e seu casamento uniu a família de Blanchefort com a de Hautpoul, proprietária do velho château do qual deriva o nome de Rennes-le-Château. Uma “cópia” da inscrição original circulou por diversos anos, mas possivelmente é falsa.

O escritor Gérard de Sède afirma que Saunière abriu contas bancárias em cidades vizinhas, incluindo Perpignan e Toulouse, e depois em outros países, notadamente na Áustria-Hungria. De acordo com Sède, uma dessas contas foi aberta junto com outra conta pertencente aos Habsburgo, a dinastia governante do Império Austro-Húngaro, o que dá alguma credibilidade à afirmação do Priorado de que o padre estava sendo

financiado por aquelas pessoas em troca das informações que descobrisse ou para proteger os objetos valiosos que localizasse.

Em 1896, teve início a completa redecoração da igreja. Com um gosto espalhafatoso, Saunière encomendou muitas estátuas e afrescos extravagantes para abarrotar a igrejinha. O piso em tabuleiro de xadrez, as estátuas, a pia de água benta com o correspondente demônio e as inscrições são todos dessa época. A essa altura, o bispado começou a fazer perguntas sobre as somas consideráveis que Saunière estava gastando – evidentemente muito além do financiamento para a restauração. Toda a igreja foi reformada e redecorada, e o padre começou a comprar mais terras para expandir seus domínios. Construiu um jardim com um passeio em curva no alto do morro, flanqueado por duas construções gêmeas: uma torre de pedra em estilo gótico chamada de Tour Magdala e uma estufa idêntica (mas espelhada), que usava como abrigo para o cultivo de laranjeiras. Ele acrescentou uma fonte ao jardim. A torre gótica proporcionava uma vista fantástica dos vales adjacentes e dos Pireneus, e foi usada para abrigar a ampliação da biblioteca de Saunière, que incluía The prophecy of the popes attributed to St Malachi [A profecia dos papas atribuída a São Malaquias], de autoria de Joseph Maître, e Celtic monuments [Os monumentos celtas], de L. F. Alfred Maury (ambos localizados pelo pesquisador Benoist Rivière em uma livraria de Lyon).

Saunière também erigiu uma casa de hóspedes de dois andares, a Villa Béthania. Ele nunca morou lá, mas diz-se que a usou para agradar os diversos hóspedes que visitaram Rennes-le-Château nos anos subsequentes e sempre estava bem abastecida com comidas e vinhos caros. Entre esses hóspedes incluíam-se, segundo se afirma, Emma Calvé e o arquiduque João de Habsburgo, primo do imperador austro-húngaro. A justificativa pública de Saunière para a construção dessa moradia foi registrada em uma carta de 1910: “Construí a casa de maneira independente. Não foi para me enriquecer e viver com conforto. Era para oferecê-la como um abrigo para os padres mais velhos e doentes”.

Em 1897, a igreja restaurada foi reaberta. Entre os que compareceram ao evento estava Antoine Gélis, padre de Coustaussa, a cidadezinha no morro oposto a Rennes-le-Château. A viagem para a reabertura da igreja o

deixaria chocado, uma vez que ele era um historiador local e é provável que tenha reconhecido o que Saunière tentava transmitir. Conforme descobriremos adiante, o simbolismo exagerado da igreja não é católico, mas flagrantemente herético, e, embora pareça ter constado na folha de pagamento, Gélis pode ter mudado de opinião e decidido denunciar Saunière por suas ações.

Quatro dias depois, o padre Gélis foi encontrado morto, a cabeça esmagada por um machado e os braços cruzados sobre o peito. Ele era conhecido pela cautela que beirava a paranoia, nunca abrindo a porta a ninguém a não ser à filha, portanto o assassino provavelmente teria sido alguém em quem ele confiava. Não havia sinais de arrombamento na casa e nenhum dinheiro foi levado, mas o lugar foi revirado e assim documentos podem ter sido suprimidos.

O padre Gélis deixou onze mil francos de fundos inexplicáveis, e sabia-se que estava usando terceiros para investir dinheiro em benefício próprio. Claramente, ele fazia parte do esquema de Saunière, e é possível que estivesse sendo pago para manter silêncio sobre as descobertas do colega de Rennes-le-Château.

Gélis está enterrado sob uma lápide encimada por uma rosa-cruz, e a sepultura está voltada para o norte, direção normalmente reservada para os suicidas. Um relato mais completo e meticuloso desse incidente foi compilado por Gérard de Sède em seu livro Rennes-le-Château.

O mentor de Saunière, o padre Boudet, da vizinha Rennes-les-Bains, também tinha dinheiro, e Gérard Thome afirma que ele pagou pela restauração de diversas igrejas na região. Na realidade, o Priorado sustenta que foi Boudet a principal força por trás da reformulação da igreja de Saunière (veja adiante, página 105). Depois da morte do padre Boudet, em 1914, um novo pároco, Rescanière, instalou-se em Rennes-les-Bains. Ele se interessou fortemente pelo mistério local envolvendo as ações de Saunière. Um ano depois, duas pessoas foram vistas fazendo uma visita a Rescanière, e ele foi encontrado morto mais tarde no mesmo dia.

Saunière continuou gastando dinheiro. Embora haja certa controvérsia quanto a ser ele o responsável pela pavimentação da estrada principal que

sobe para a cidade, ele realmente financiou a primeira instalação de água corrente no povoado, o que na época era algo incomum para uma localidade com população tão reduzida. Ele pode ter tido mais do que motivos simplesmente altruístas para isso; parecia acreditar que as pessoas iriam a Rennes-le-Château da mesma forma que seguiam em peregrinação a um santo sacrário. Segundo se diz, ele teria falado que o local seria “como uma segunda Lurdes”.

Saunière também construiu uma “caixa d’água” com um escritório em cima, mas, quando houve um princípio de incêndio na cidade, ele se recusou a recorrer a ela, levantando a suspeita de que a instalação servisse a um propósito secundário, como afirma Nic Haywood:

Aquela “caixa d’água” servia como túnel de ventilação para uma mina preexistente (talvez desde vários séculos). A mina de Blanchefort estendia-se direto [a Rennes-le-Château]. [Saunière] apoderou-se dessas reservas [de ouro, cuja localização ele tinha] previstas e conhecidas havia muito tempo.

Dentro da igreja, Saunière incluiu a inscrição do Novo Testamento: “A minha casa será chamada casa de oração”, que continua assim: “porém vós a tendes transformado em covil de ladrões”. Há um registro segundo o qual a empregada doméstica de Saunière, Marie Denarnaud, teria dito aos moradores da cidade: “Vocês estão andando sobre ouro”. Isso também dá crédito à ideia de que a mina de ouro de Blanchefort fora redescoberta.

Apesar de sua suposta e amplamente inexplicável riqueza, em vários momentos durante seus diversos projetos, Saunière parece ter ficado sem fundos e deveu dinheiro aos construtores. Ele também deu de presente aos paroquianos pedras semipreciosas, algumas das quais ainda estão de posse dos parentes na região. O fato poderia igualmente indicar que Saunière tivesse acesso intermitente à origem de sua riqueza, a qual talvez fosse um túmulo escondido ou uma sala de tesouros.

Por fim, Saunière foi chamado perante o bispo local para explicar sua fortuna e suas ações. Em particular, foi acusado de vender centenas de missas que nunca realizou – recebendo dinheiro para celebrá-las por pessoas vivas ou falecidas. Saunière recusou-se a cooperar com a

investigação e foi exonerado de suas funções. O Priorado afirma que a venda de missas era um disfarce para mais ações encobertas.

Saunière [...] recebia grandes somas de dinheiro – o Priorado de Sião tem dois exemplos dos Habsburgos e de outros. Ele se tornou orgulhoso e pensou que fosse intocável pela Igreja. O poder subiu-lhe à cabeça.

Saunière permaneceu na casa paroquial e lá construiu um pequeno altar. Os moradores locais eram-lhe tão devotados que pararam de ir à igreja para a missa e, em vez disso, compareciam à missa particular na casa dele. Ele também recebeu muitas cartas de apoio de outros padres da região, cujas cópias ainda se encontram em circulação e que continham declarações louvando, por exemplo, “todas as coisas maravilhosas que o senhor tem realizado” (carta de 22 de janeiro de 1908).

Em uma carta datada de 24 de dezembro de 1909, Saunière admitia vender cada missa a dois francos, dez delas para a madre superiora do Hospital de São José, em Paris, que ele confirma ter realmente celebrado. A venda de missas é indicada por alguns como sendo a única origem da riqueza de Saunière. Extratos de suas contas mostram de fato uma infinidade de depósitos de quantias muito pequenas recebidas pelas missas. Entretanto, essas quantias não são substanciais e não cobririam os gastos de Saunière – sem contar os dos padres Boudet e Gélis nas paróquias vizinhas, que também parecem ter recebido grandes quantias no mesmo período.

Outro problema com a venda de missas é que isso de maneira alguma explica a decoração da igreja, nem certas ações de Saunière como desfigurar lápides de túmulos ou distribuir pedras semipreciosas de presente. De uma conversa com Nic:

O dinheiro de Saunière não provinha de simonia – não seria possível rezar tantas missas. Os livros contábeis podem ser uma tentativa de encobrimento, especialmente do programa de obras planejadas para depois, que nunca foi terminado.

Uma carta de Saunière datada de 15 de julho de 1910 afirma que “depois de sua interdição [suspensão pelo bispado] não me ofereci para rezar nenhuma missa, mesmo que determinadas especificações no meu arquivo pareçam

provar o contrário”. Isso serve de suporte à ideia de que Saunière costumava vender missas tanto como uma desculpa quanto como um encobrimento de alguma outra atividade que produzia sua riqueza.

Ele continuou a planejar criações exuberantes, incluindo uma segunda torre menor do que a primeira. Mas isso não seria concretizado.

A MORTE DE SAUNIÈRE

O padre Saunière já estava doente havia algum tempo quando, em 13 de janeiro de 1917, sua empregada Marie Denarnaud encomendou-lhe o caixão. Alguns dias depois, outro padre local foi chamado para administrar os ritos finais. Após a confissão de Saunière, está registrado que o padre local recusou conceder a absolvição e deixou a casa parecendo profundamente chocado com o que ouvira. Em 17 de janeiro de 1917, Saunière morreu. A data de 17 de janeiro repete-se ao longo de todo esse mistério – na lápide sepulcral de Marie de Negri d’Ables, por exemplo –, e sua importância será resumida em um capítulo final, portanto para mim isso no início pareceu ser fictício ou meramente simbólico. Mas o Priorado sustenta a ideia de que Saunière foi na realidade assassinado:

Não é inconcebível que o Priorado de Sião tenha matado Saunière. Na época, o Priorado era constituído de famílias nobres e pessoas ilustres das artes; Saunière era arrogante, o poder lhe subira à cabeça.

Gino Sandri confirmou essa opinião:

Saunière foi assassinado – atingido na cabeça, na torre. Ele se tornara obstinado demais por dinheiro.

Embora seu mentor, o padre Boudet, usasse os recursos financeiros que ele também, evidentemente, estava recebendo para financiar a restauração das igrejas e para outras causas caridosas, Saunière em geral gastava consigo mesmo. Ele mantinha um estilo de vida caro e ostentoso, e, em consequência disso, de acordo com o Priorado, pode ter sido, por fim, assassinado. Ficou a impressão de que Saunière considerava-se intocável,

que via seu papel como muito importante. Outros consideraram que ele não executou como deveria as instruções recebidas e que era extravagante e tomava liberdades com o dinheiro.

Depois da morte de Saunière, diz-se que sua empregada, Marie, falou ao povo da cidade: “Ele morreu. Acabou”. Seu corpo foi colocado em exibição em uma cadeira do lado de fora da igreja, e lá permaneceu por três dias envolto em um xale recoberto de borlas. O povo de Rennes-le-Château e outras pessoas que o conheciam fizeram fila para ver o corpo e cada um tirou uma borla de seu manto. Essa é uma prática incomum, especialmente para um padre católico. Na verdade, a exibição do corpo acontece a papas quando morrem, e ver os defuntos é comum em países católicos. Mas a questão de retirar as borlas parece um modo invulgar e ligeiramente bizarro de prestar respeito ao corpo de um padre. Mencionei essa questão trivial a Nic e obtive a seguinte resposta:

Considerando que os ancestrais do rei Meroveu vieram, segundo se sustenta, do Oriente Médio pela Grécia, não devemos nos surpreender com uma coincidência interessante que relato agora. As crônicas afirmam que, quando um rei merovíngio morria, antes de ser enterrado com sua bola de cristal etc., ele permanecia em sua propriedade, e seus súditos, prestando-lhe homenagem, passavam em fila e tiravam uma borla de seu manto fúnebre. Essa tradição, segundo se conta, remonta ao tempo em que se cortava a cauda de um leão que fosse caçado com sucesso e morto. Um troféu, se me permite.

Parecia uma pequena, quase insignificante peça do quebra-cabeça, mas indicava muita coisa sobre o conhecimento do Priorado acerca desses assuntos. A ordem também afirma claramente que a força motriz na reformulação da igreja de Maria Madalena em Rennes-le-Château não foi Saunière em si, mas seu mentor, o padre Henri Boudet.

HENRI BOUDET

De acordo com Nic Haywood, um arcebispo fez em certa ocasião um comentário interessante: “O abade Boudet está de posse de um segredo

muito antigo e muito importante". Ao chegar a Rennes-le-Château, Saunière conheceu o abade Henri Boudet, pároco da cidade vizinha de Rennes-les-Bains, e fez amizade com ele. Boudet foi fundamental no aprendizado de Saunière e diz-se que se tornou seu mentor e guia. Boudet aconselhou Saunière a "pesquisar a história local". De uma entrevista com Nic:

Boudet era rosa-cruz e integrante oficial do Priorado de Sião. Tinha autonomia para agir por conta própria e não era controlado pelo Priorado, embora tivesse posse de algo quinta-essencial para os propósitos da organização. Bérenger Saunière não era confiável, por isso comportou-se da forma como sabemos.

Pedi uma prova disso.

Além de um certificado ostentando seu nome, juntamente com cópias de sua assinatura etc., mantidos nos arquivos da ordem, a aliança de Boudet com o Priorado é em grande parte evidenciada pela convivência íntima e pelas amizades que mantinha. A maioria, senão todos, tinha relações diretas com a ordem, [e entre eles incluem-se] Doinel, Debussy, Péladan e muitos outros. O predecessor de Boudet [como padre] teve também relações claramente identificáveis. Deixamos perfeitamente claro que um documento ligando o abade Boudet diretamente a um dos integrantes do Priorado poderia ser disponibilizado para a verificação concreta.

Ainda assim, porém, essa "prova" documental continua em minha lista de itens pendentes. Caso ela chegue, publicarei em meu website.

O Priorado afirma que foi por intermédio do entusiasmo e da disposição incansáveis de Boudet agindo como tutor particular que Saunière aprendeu a fonética árabe (não era essencial que escrevesse nesse idioma), além de melhorar seu conhecimento de inglês e aprender um pouco de hebraico antigo.

A ligação entre Rennes-le-Château e o Priorado de Sião durante a época de Saunière e Boudet, portanto, permanece não comprovada. A abreviatura "A.O.M.P.S." inscrita na base de uma cruz do lado de fora da igreja foi interpretada por muitos como uma representação de Antiquus Ordo

Mysticusque Prioratus Sionis (“Antiga e Mística Ordem do Priorado de Sião”), mas ela também está presente em um obelisco do lado de fora do Vaticano, onde representa [Christus] Ab Omni Malo Populum Suum [Defendit] – “Que Cristo proteja o seu povo contra o mal”.

Uma vez mais, vale a pena notar que era costume, certamente durante a época de Saunière, ser um integrante de mais de um grupo esotérico. Mesmo hoje, dois dos meus principais contatos no Priorado de Sião são filiados a outros grupos, tais como a Maçonaria e o martinismo. Muitos indivíduos relacionados na lista de grão-mestres do Priorado (veja o Capítulo 3) também são integrantes de diversas outras ordens ou grupos.

Parece que, com o tempo, Boudet ficou insatisfeito com o modo como Saunière lidava com os recursos recebidos. Tentou discutir o assunto, o que causou uma rixa entre eles. A riqueza do próprio Boudet nunca foi plenamente explicada, e é certo que pouco se esclareceu sobre suas finanças. Entretanto, ao contrário de Saunière, ele parece ter gastado sua renda em obras mais caritativas. De acordo com Gérard Thome, Boudet pagou pela reforma de várias outras igrejas locais, como uma em Limoux que foi totalmente reformada no início do século XX e contém muitas imagens heréticas em seus vitrais. Thome guiou-me pessoalmente em uma visita à igreja e chamou minha atenção para as seguintes cenas: Jesus e Maria Madalena sentados juntos em tronos; a cerimônia de casamento de Jesus e Maria Madalena; Jesus e Maria Madalena com uma criança; e a inscrição “Mulher, eu lhe dou um filho”. Todas representadas nos vitrais de uma edificação católica.

Outra igreja ligada a Boudet contém um pequeno relevo de porcelana mostrando a Última Ceia no estilo de Leonardo da Vinci. Nela, a pessoa à direita de Jesus é uma mulher (são nítidos os seios), que descansa a cabeça no ombro dele. Pediram-me para não revelar o nome ou a localização da igreja, uma vez que isso muito certamente atrairia roubos ou vandalismo. Caso você a encontre, por favor, não divulgue a localização.

As evidências das obras nessas igrejas são uma prova de que um grupo de padres heréticos atuava na região naquela época, e esse grupo ainda pode existir atualmente. Como foi mencionado antes, os cátaros heréticos do

Languedoc medieval acreditavam que Maria Madalena e Jesus foram casados.

O Priorado também sustenta que Boudet era um alquimista:

Henri Boudet foi sem dúvida um verdadeiro iniciado da arte da alquimia, não importa o que possa ser dito dele. Ele possuía a Pedra [Filosofal] e a descobriu por si mesmo.

Minha fonte chegou a enfatizar que a alquimia "está no centro de todo o segredo" de Rennes-le-Château. Diversos pesquisadores têm se debruçado sobre um livro escrito por Boudet e publicado em 1889, que ao leitor descuidado parece ser uma obra do mais completo absurdo. La vraie langue celtique [A verdadeira linguagem dos celtas] é um estudo de peso do idioma, embora faça pouco sentido à superfície. Parece ser uma investigação das origens da língua celta e sustenta que os nomes dos lugares derivam do inglês moderno. Por associações e trocadilhos, Boudet chegou a palavras "ocultas" baseado em termos aparentemente inócuos. O livro parecia ilógico aos que o encontravam e não teve sucesso. Trata-se de uma obra densa e difícil mesmo para aqueles versados no dialeto local. Acho que Boudet simplesmente entendia muito bem que sua teoria era um absurdo, mas usou a obra para transmitir ideias em código, o que era praticado em publicações maçônicas da época.

A segunda parte do livro trata de dolmens, ou círculos de pedra pré-históricos, e abrange os menires naturais, na maioria dos casos gerados pela erosão do calcário sobre o granito, que são frequentes na região. Boudet chega ao ponto de apresentar um mapa. Ele também se refere a um círculo de igrejas na região, o qual será discutido no último capítulo sobre a paisagem (veja o Capítulo 7).

Muitos pesquisadores dedicaram anos para decodificar os jogos de palavra da obra de Boudet. Ele emprega códigos linguísticos e numéricos, e refere-se a eles a torto e a direito, mas ainda estou para ver alguém que os tenha entendido. É possível que ele tenha usado o que é denominado de "Cabala Fonética", ou "linguagem verde", que aparece nas obras de Fulcanelli e outros autores alquimistas. Trata-se de um método de escrita que agrupa

palavras que soam foneticamente semelhantes quando pronunciadas em voz alta.

É possível que o aparente fracasso do livro em entusiasmar tanto historiadores quanto o público mais amplo tenha inspirado Boudet a escolher um meio mais direto para comunicar sua mensagem. De acordo com o Priorado, ele supervisionou a redecoração da igreja de Saunière em Rennes-le-Château e empregou a mesma “Cabala Fonética” na via-sacra. Discutiremos esse assunto em detalhes no próximo capítulo.

Marie Denarnaud

A empregada de Saunière, Marie Denarnaud, pode ter representado um papel mais importante do que se pensava anteriormente. O Priorado declarou diretamente a mim que ela de fato foi contratada como empregada doméstica por Henri Boudet, que no devido momento transferiu-lhe a responsabilidade sobre os assuntos bancários. Ele era muito rigoroso, e a presença dela no exercício dessa função foi aparentemente decisiva para toda a sequência dos acontecimentos.

A importância de Marie Denarnaud sempre foi subestimada pelos autores e comentaristas citados, assim como a posição da família Denarnaud, que parece ter continuado uma tradição pela qual foi amparada: não de maneira pródiga, mas certamente seu conforto foi assegurado. Isso parece remontar a épocas bem anteriores à dos predecessores imediatos de Boudet. Desse modo, é provável que ela tenha sido colocada em uma posição de influência sobre Saunière para acompanhar seu progresso em favor de Boudet e do Priorado.

CONCLUSÃO

Parece que os três padres – Saunière, Boudet e Gélis – beneficiaram-se da riqueza que foi gerada ou descoberta na região. O abade Boudet, de acordo com o pesquisador Gérard Thome, fazia muitos donativos aos pobres e

financiava as reformas das outras igrejas – há evidências disso na cidade vizinha de Limoux. Era um homem humilde e comedido com seus recursos. O abade Gélis tornou-se cada vez mais recluso e investiu seu dinheiro de maneira privada – cerca de vinte mil francos, de acordo com Gérard de Sède. Saunière era o mais jovem e mais extravagante dos três. Ele gastava sua riqueza vivendo em alto estilo, com comidas finas e muito vinho, entretenimento e a exuberante reforma de sua igreja e de sua propriedade. É por isso que Saunière granjeia a maior parte da atenção no mistério de Rennes-le-Château, e isso também pode ter sido a causa de sua morte.

O bispo da região, Félix-Arsène Billard, esteve igualmente implicado. Ele vivia de maneira modesta mas diz-se que deixou milhões em seu testamento.

A pesquisadora Nicole Dawe relatou o seguinte:

Aparentemente, Marie Denarnaud dizia coisas como “existe ouro suficiente para que toda a aldeia se mantenha por cem anos” e “os aldeões andam sobre ouro”. Ela dava entender que existia um tesouro imenso. Também houve o incidente em que ela foi vista queimando maços de notas no jardim da Vila Betânia depois de uma mudança de moeda, quando o dinheiro trocado precisava ter a origem justificada.

Até o momento, o mistério gira em torno de onde Saunière obtinha seu dinheiro e o que ele descobriu, com algumas mortes não explicadas no meio para completar. Essa é a base do enigma; uma questão bastante simples que poderia ter ficado discretamente longe das especulações não fosse pelo modo como Saunière gastou seus recursos.

Está claro também que o Priorado de Sião eleva o significado do mistério de Rennes-le-Château a um nível inteiramente novo. A ordem pode ter se apropriado do mistério existente para propagar seus próprios interesses e, a exemplo de alguns outros autores, podemos, se quisermos, tentar separar os dois e rever o “mistério francês” apenas no que se refere a Saunière. Mas os interesses próprios do Priorado conferem à questão um contexto muito mais amplo, tornando-a relevante atualmente.

Uma coisa está clara: a região de Rennes-le-Château contém mais de um mistério, e ao Priorado de Sião concerne mais de um segredo. A igreja de Rennes-le-Château amplia o mistério em muitas direções e, ao contrário de algumas outras ações de Saunière, cada centímetro dela permanece intacto e disponível à verificação.

CAPÍTULO 6

A IGREJA DE MARIA MADALENA

Em relação à natureza dos “tesouros” em Rennes-le-Château, e nos seus arredores, eles são quíntuplos.

Priorado de Sião

ESPAÇO SAGRADO

Uma igreja é um templo, um lugar sagrado. A ideia de um espaço isolado para atividades espirituais atravessa a história e as culturas, na medida em que no mundo inteiro, e em todas as épocas, as pessoas ergueram monumentos a seus deuses. Em cavernas ou catedrais, as congregações sempre se reuniram para aprender rituais e cânticos e para ouvir sobre leis e ensinamentos por intermédio dos sacerdotes – indivíduos especiais que servem como intermediários entre os reinos divino e humano. Independentemente da complexidade de sua estrutura, todos os locais de adoração atendem ao mesmo uso básico. Sendo muitas vezes o edifício mais sólido de uma comunidade, o santuário proporciona proteção contra ofensivas armadas, intempéries ou espíritos malignos. A igreja ou templo geralmente situa-se no ponto mais alto de uma comunidade, mais próximo da suposta morada divina. Ainda hoje, apesar de tudo o que foi descoberto pela exploração espacial e pela astronomia, é difícil para algumas pessoas desvencilhar-se da imagem pueril do paraíso como um lugar além das nuvens.

Por se elevarem em direção ao céu como um caminho para o paraíso, as montanhas também se tornaram sagradas, e os deuses, segundo a tradição, frequentemente residiam no cume de um pico sagrado. Existe um exemplo

bem conhecido disso no livro bíblico do Êxodo, no qual Moisés sobe o monte Horebe para conversar com Jeová e receber os Dez Mandamentos.

Dada sua localização no alto de um morro, a igreja de Rennes-le-Château cumpre a função de ser um lugar sagrado. Trata-se de uma construção moderna, que, do lado de fora, aparenta estar em ruínas e ligeiramente dilapidada. Entretanto, ao entrarmos na igreja, somos recebidos por uma maravilha em miniatura, uma coleção valiosa que atrai visitantes de todos os lugares, admirados com a abundância de simbolismo que ela tem a oferecer.

Quando o padre Bérenger Saunière reformou a igreja (veja o Capítulo 5), ele o fez de um modo absurdamente ostentoso para uma paróquia tão pequena. Nem um centímetro de todo o prédio ficou sem adorno, e não é só o espalhafato que prende a visão. A escolha da decoração feita por Saunière levanta muitas questões, sendo, para mim, um dos aspectos mais importantes do mistério de Rennes-le-Château.

Talvez a igreja tenha a finalidade de sobrecarregar os sentidos, afastar todas as distrações e inundar a mente com imagens. Poderia ser uma tentativa de verdadeiramente inspirar o assombro, “explodir a mente” em um espaço vazio para a oração e a contemplação de Deus.

Quando comecei a investigar o mistério de Rennes-le-Château, convenci-me de que não havia uma resposta única por trás de todos os aspectos do enigma. Os inúmeros elementos existentes não seriam tecidos em uma grande tapeçaria, mas deveriam ser separados e investigados isoladamente. Um risco para os pesquisadores nessa etapa é tentar juntar todas as peças em uma teoria única, ou por ignorar as anomalias, ou por tentar desesperadamente encaixar à força peças quadradas em buracos redondos. Portanto, em vez de impor uma visão absoluta, o que se segue é uma lista e uma explicação de alguns componentes da edificação que parecem incongruentes com o simbolismo católico. Vamos começar com uma visão geral e uma breve história da igreja propriamente dita.

A IGREJA DE MARIA MADALENA

Diversos estudiosos desse pequeno templo ficam impressionados com a riqueza de símbolos aparentemente não ortodoxos que decoram a igreja. Muitos dos objetos em exibição têm mais de um significado e mais de uma influência em seu desenho. Se pudéssemos dividir esses elementos em teorias separadas, teríamos a possibilidade de ver com clareza as mensagens que nos foram deixadas por Saunière. Antes de tudo, ele e seu colega da paróquia vizinha, Henri Boudet, eram padres católicos romanos e, portanto, seria sensato considerar o uso cristão do simbolismo na igreja antes de passar a conclusões mais inusitadas.

Grande parte do que vemos pode ser reconhecido de outras igrejas, e algumas pessoas podem se surpreender com o fato de que o pentagrama e a "estrela de davi" não são inteiramente incomuns nas igrejas cristãs. Às vezes, uma igreja tem aspectos que parecem em maior ou menor grau estranhos ao ambiente cristão: por exemplo, os símbolos "pagãos" da capela de Rosslyn, o zodíaco de Santiago de Compostela e o labirinto de Chartres. Mesmo com isso em mente, a igreja de Rennes-le-Château destaca-se simplesmente porque a decoração incongruente é tão profusa que ameaça sufocar por inteiro a mensagem cristã.

História

A igreja de Santa Maria Madalena (Sainte Marie-Madeleine) foi consagrada em 1059, e a abside data do século IX, mas ela não foi a primeira a ser erguida no alto do morro. A parede de uma antiga oficina vizinha contém algumas pedras remanescentes de uma igreja anterior dedicada a São Pedro. Há rumores de que parte de uma cripta dessa igreja anterior ainda exista, mas os proprietários atuais do terreno onde ela estaria negam o fato, e um piso de concreto impede atualmente qualquer investigação a respeito.

Em linhas gerais, a igreja possui estilo românico e a data de 1646 está inscrita no pórtico, o que poderia indicar uma restauração anterior. Até a época de Saunière, dizia-se que o altar era carolíngio, remontando aos séculos VIII-IX.

Hoje, a igreja carece desesperadamente de uma reforma. Veem-se muitas rachaduras nas paredes e na argamassa, a umidade vaza pelas estrelas pintadas no teto, e à direita da porta principal uma rachadura sobe pela parede, provocada pela tentativa de um vizinho anterior de abrir caminho a dinamite até a cripta. As lajotas do piso estão quebradas e soltas, e a cabeça de uma das estátuas foi substituída nos últimos anos depois que um vândalo desconhecido retirou a original. Com a igreja no centro de tantas especulações, circundada por inúmeras histórias de tesouros e segredos, danos materiais dessa natureza são, infelizmente, inevitáveis.

Em 1994, o Vaticano concedeu permissão para que uma equipe de arqueólogos comandada pelo doutor Eisenmann realizasse um escaneamento do piso da igreja. O grupo chegou com um equipamento de radar de solo e se trancou na igreja por vários dias, passando também algum tempo no cemitério. Eles partiram recusando-se a discutir o que quer que pudessem ter encontrado.

O fato de que a Igreja Católica ainda esteja procurando algo, muito tempo depois da morte de Saunière, significa que devem ter perdido algo ou que acreditam em alguma coisa escondida ali. Um padre católico me contou certo dia que eu devia tomar cuidado com o que dissesse sobre a Igreja Católica enquanto estivesse na região de Rennes-le-Château, porque ela tem pessoas trabalhando ali e considera o trabalho importante.

O interior da igreja

Nic Haywood destacou a importância da edificação:

Trata-se de uma igreja de iniciados, não para os profanos; ela tem muitas anomalias. [Por exemplo,] a inscrição latina [“Sob este signo vencerás”] e a pia de água benta – há mensagens ocultas aqui. Isso tem uma ressonância maçônica.

O conteúdo dentro da igreja e os prédios vizinhos são a única evidência concreta que temos de que algo incomum aconteceu na época de Saunière.

A política, as sociedades secretas e a mitologia dessa região são difíceis de comprovar, mas a igreja é real e aberta à visitação de todos.

Por intermédio do Priorado, ficou claro para nós que grande parte da igreja foi projetada pelo padre vizinho Henri Boudet, mas, para evitar confusão, vou me referir à igreja como sendo de Saunière, uma vez que ela ficava na paróquia sob o comando dele.

“Este é um lugar terrível”

Quando nos aproximamos da igreja, o primeiro item que chama nossa atenção é a inscrição latina acima da porta: Terribilis est locus iste (“Este é um lugar terrível”). Embora um tanto alarmante à primeira vista – e origem de muitas teorias absurdas –, trata-se de uma citação da Bíblia (Gênesis 28:17). Quando Jacó deita-se para dormir, ele tem uma visão de anjos subindo e descendo por uma escada.

Quão temível é este lugar! É a Casa de Deus, a porta dos céus.

Nesse contexto, as palavras terribilis e “terrível” significam “espantoso”, “surpreendente” ou “que inspira respeito”, em vez de “horrível” e “assustador” nos sentidos negativos modernos. Não sabemos se Saunière imprimiu ou não outro significado a essa frase, mas ela é usada rotineiramente no serviço de dedicação de toda igreja católica, por mais modesta que seja em tamanho, e também é uma inscrição católica comum.

Voltaremos ao aspecto visionário dessa citação bíblica, mas por ora é interessante notar que a passagem sobre os anjos subindo e descendo pela escada também tem um eco cabalístico, na medida em que a Árvore da Vida é às vezes caracterizada como “a escada das luzes”. Isso é revelado a Jacó no momento em que ele colocava uma pedra sob a cabeça para usar como travesseiro. Depois, ele erege a pedra em pilar, unta-a com óleo e denomina o lugar de Betel – a Casa de Deus. A pedra perfeita é uma possível conotação maçônica. O antigo painel maçônico tem uma escada que representa a Escada de Jacó e o caminho de volta a Deus.

A escada também tem um papel importante no ritual do 18º grau (Rosa-Cruz), no qual o candidato é instruído a subir por uma escada adornada com uma rosa. Essa é a rosa de Sarom, um símbolo do amor (Cântico dos Cânticos 2:1) e também, de acordo com alguns pesquisadores maçônicos, de Jesus. Existe ambiguidade nisso, uma vez que o candidato poderia estar subindo a escada para reencenar a crucificação. Acredito que a questão principal quanto a essas interpretações para a Igreja Católica seja que a escada simboliza a capacidade da humanidade de ascender a uma vivência do divino diretamente.

Pia de água benta

Ao entrar na igreja, somos saudados pela visão de um demônio, astro de muitas fotos em websites, livros e artigos sobre Rennes-le-Château.

A estátua em si sustenta a pia de água benta e faz parte de uma escultura maior representando os elementos. O demônio é a terra, e suporta nos ombros uma pequena fonte em forma de concha de vieira. Esta guarda a água [benta] para que as pessoas que entram na igreja molhem a mão e se benzam com o sinal da cruz. Acima da concha veem-se duas salamandras, símbolos do fogo, fazendo parte de um pedestal que carrega a inscrição francesa Par ce signe tu le vaincras (“Sob este signo vencerás [a ele]”). Quatro anjos situam-se acima da inscrição, cada qual participando do gesto de abençoar-se com o sinal da cruz. Eles simbolizam o ar.

O demônio

A estátua do demônio muito provavelmente representa Asmodeu, um personagem do Livro de Tobias no Velho Testamento católico, no Talmude, e em diversas obras apócrifas. Ele é identificado como tal na publicação A serpente vermelha do Priorado de Sião, de que trataremos adiante.

O livro The lost Bible [A Bíblia perdida], de autoria do professor J. R. Porter, contém muitas escrituras que foram excluídas da Bíblia final. Uma

destas é o Testamento de Salomão, uma obra cristã dos primeiros séculos da nossa era, que conta como Salomão "controlou uma sucessão de demônios para ajudar a construir o Templo". Porter escreve (p. 76):

Na Bíblia, diz-se que a sabedoria de Salomão consiste basicamente no conhecimento sobre os fenômenos naturais, plantas e animais (1 Reis 4:29-34). Extrapolando essa passagem, os rabinos creditaram a Salomão um imenso cabedal de conhecimentos astrológicos, mágicos, médicos e, especialmente, demonológicos, o que lhe permitiu obrigar os espíritos a trabalhar no Templo.

O demônio é uma estátua grotesca, com a boca aberta e os olhos arregalados, e provavelmente baseou-se na escultura de Bernini em Roma, A alma danada, com a qual se parece. Ele está agachado, com uma das mãos apontando para o chão e a outra segurando o que deve ter sido um bastão ou estaca, há muito tempo removido.

Observe que a postura de Asmodeu é uma imagem espelhada de Jesus sendo batizado, do outro lado da igreja. Nesse contexto, a cena lembra inteiramente o par dualístico cabalístico medieval de casais bons e maus. É um tema que liga a Cabala à fé dualística gnóstica dos cátaros (veja The other God [O outro Deus], de Yuri Stoyanov).

Asmodeu é o Deus Invertus, a inversão ou reflexo de Deus, e é por isso que pode ser visto espelhando a estátua de Jesus em todos os sentidos. Esse espelhamento aparece em todos os domínios de Saunière, e voltaremos a ele posteriormente.

Também digno de nota é que, de acordo com Gérard Thome, pesquisador local, diz-se que Asmodeu acompanha a Arca da Aliança onde quer que ela vá. Resumindo, a lenda de Salomão e Asmodeu é a seguinte:

Salomão pretendia construir o Templo, mas foi instruído por Deus de que não deveria usar ferramentas nem fazer ruído. Para encontrar uma ferramenta de corte silenciosa, ele recorreu a Asmodeu, o "rei dos demônios", que, sendo um ser mágico, era capaz de trabalhar silenciosamente. Asmodeu vivia no alto de uma montanha, onde tinha cavado um poço profundo para usar como cisterna. O servo de Salomão

drenou a água e encheu a cisterna de vinho. Asmodeu embebedou-se e o servo o capturou, levando-o a Salomão.

No caminho de volta, Asmodeu zombou de um mágico. Quando lhe perguntaram o motivo, o demônio disse que era “porque naquele exato momento o mágico estava sentado sobre um imenso tesouro escondido no solo embaixo dele e, no entanto, não sabia, embora fingisse ser capaz de prever o futuro e desvendar mistérios”.

Posteriormente, Asmodeu tornou a ser convocado, dessa vez usando o anel de Salomão, cujo selo é descrito como cinco letras “A” entrelaçadas (isso forma um pentagrama, não o hexagrama do “selo de Salomão” tradicional). Ele contou a Salomão que era o produto do casamento entre um anjo e um ser humano: “Sou de origem celestial. Acaso não brilha no céu a minha estrela, a estrela que alguns homens chamam de filha do dragão? O arcanjo capaz de frustrar meus intentos é Rafael”. Asmodeu pediu que não o fizessem trabalhar com ou na água, então Salomão o fez transportar água para frustrar seus intentos em relação à humanidade.

Pode parecer estranho que Salomão tenha escolhido convocar um demônio e não um anjo para fazer o trabalho, mas na teologia cristã os anjos servem apenas a Deus, e nenhum mortal tem poder sobre eles. Salomão foi capaz de obrigar os demônios a trabalhar para ele, mostrando, assim, seu poder de subjugar o mal.

Também é possível compreender esse relacionamento em termos psicológicos. Há métodos para identificar, aceitar e trabalhar com os nossos próprios demônios interiores a fim de mantê-los sob nosso controle e por fim transformá-los e integrá-los de volta ao nosso eu.

Talvez Salomão tenha subjugado seus aspectos inferiores inconscientes, figurativizados pelo demônio, com a água de suas emoções. Isso liberta o seu fogo interior (simbolizado pelas salamandras) para elevar-se na forma de criatividade aos estados superiores da consciência (representada pelos anjos).

Uma vez que os detalhes da história de Salomão e Asmodeu existem não na Bíblia, mas no folclore judaico, parece estranho que um padre católico

viesse a empregá-los.

A verdade é que a importância de Asmodeu, nesse contexto, não é nem judaica nem cristã. Como o construtor do Templo de Salomão, ele é fundamental para a Maçonaria – e para seus predecessores Templários –, uma vez que todos os templos maçônicos são inspirados no projeto de Salomão. A presença de Asmodeu dá mais peso à ideia de que ou o padre Saunière ou Boudet foram influenciados por grupos pró-maçônicos.

Uma das tradições judaicas em torno desse demônio conta que ele era um guardião de tesouros – e, ao lado de sua estátua, um afresco do Sermão da Montanha inclui uma avantajada sacola transbordando de ouro, em meio a uma representação da paisagem local. Infelizmente, isso tem sido responsável por atrair um número considerável de caçadores de tesouros à região.

Concha de vieira

As conchas de vieira, ou “veneras”, eram usadas como um ornamento entre os peregrinos que visitavam a Terra Santa, onde se diz que elas existiam em abundância nas praias e podiam ser usadas para beber água e comer (veja Herbert Whone, Church, monastery, cathedral [Igreja, mosteiro, catedral]). Considera-se que “concha” e “crânio” guardem uma relação, e ambos eram também usados como recipientes de bebidas. Posteriormente, as vieiras representaram a peregrinação ao sacrário de Santiago de Compostela no nordeste da Espanha. Rennes-le-Château fica próximo à principal rota de peregrinação a Santiago, portanto a referência mais provável é São Tiago. Entretanto, também há uma concha de vieira em Saint-Sulpice, em Paris, que serve como pia batismal – o motivo da vieira é bastante comum.

Salamandras

O vínculo entre a alquimia e as salamandras é bem conhecido, e geralmente se faz a seguinte interpretação. As salamandras são pequenos seres com

aspecto de lagarto que representam o fogo, por causa de sua lendária capacidade natural de resistir a esse elemento. Mesmo no simbolismo cristão clássico, são consideradas emblemáticas da “fé duradoura e do homem virtuoso que não pode ser consumido pelos fogos da tentação” (Symbolism [Simbolismo], de J. C. Cooper).

“Sob este signo vencerás”

A inscrição francesa Par ce signe tu le vaincras, acima da pia de água benta, é relevante em dois sentidos. Primeiro, existe um raro manuscrito rosa-cruz, intitulado Codex Rosae-Crucis [Livro da Rosa-Cruz], que apresenta uma coleção de gravuras alquímicas. A estampa final, e a culminação das obras alquímicas, inclui uma Árvore da Vida cabalística, ao pé da qual se vê um círculo segmentado nos quatro elementos, terra, ar, fogo e água, com a frase “Sob este signo vencerás” sobreposta. Essa é a primeira de muitas referências aos rosa-cruzes na igreja.

Em segundo lugar, a inscrição tem exatamente 22 letras, número que encontramos repetido em todo o mistério de Rennes-le-Château. A Árvore da Vida cabalística tem 22 caminhos, que correspondem às 22 letras do alfabeto hebraico. A Árvore é representada na Bíblia pela escada de Jacó. Pode também haver uma indicação aqui sobre como interpretar as Estações da Cruz (veja a página 121).

Associadas à Cabala e à alquimia, elas são instrumentos para reinterpretar a linguagem, tanto por intermédio dos valores numéricos atribuídos às letras (numerologia), quanto por meio de trocadilhos, usando a “linguagem verde”. Considera-se que os dois métodos tenham sido empregados pelo abade Boudet no seu livro A verdadeira linguagem dos celtas (veja acima, página 107).

A segunda interpretação de “Sob este signo vencerás” – e a mais usual – provém da lenda em torno da visão do imperador Constantino I antes da batalha da ponte Mílvia, em 28 de outubro de 312. Conta-se que, na noite anterior à batalha, o imperador viu uma imagem da cruz e Cristo apareceu, dizendo: “Sob este signo vencerás”. Constantino adotou a cruz como

monograma pessoal e mandou pintá-la nos escudos do seu exército. Venceu a batalha, e diz-se que esse acontecimento contribuiu para persuadi-lo a legalizar o cristianismo em 313. Consta que o próprio Constantino converteu-se à religião no leito de morte.

Saunière também teve suas inicias, BS, gravadas entre as salamandras, embora alguns interpretem as letras como uma indicação do lugar onde dois rios locais, o Blanc e o Sals, encontram-se em um ponto conhecido como Le Bénitier (“Pia de Água Benta”) exatamente ao norte de Rennes-les-Bains.

Os quatro anjos

Os quatro anjos fazem o sinal da cruz, mas a anomalia aqui é que o mais alto não está tocando a testa, mas protegendo os olhos, como se olhasse à distância na direção de Rennes-les-Bains. Estranhamente, existe um orifício no alto de sua cabeça que parece não servir a nenhum propósito. Seria impraticável como suporte para vela e improvável para fixar alguma modalidade de protetor de cabeça ou halo, uma vez que as outras estátuas não possuem nada semelhante. Desconfio de que, em algum momento da história recente, fizeram a abertura para verificar se Saunière escondera alguma coisa ali.

Piso em tabuleiro de xadrez

Seguindo para o interior da nave, sentimos plenamente o impacto causado pela igreja. Somos cercados por murais, entalhes, pinturas, estátuas e vitrais, tudo no espaço diminuto de uma pequena igreja paroquial. Seria interessante pensar que o padre tentou dominar os sentidos do visitante, abrindo-os para a graça de Deus, mas, infelizmente, desconfio que ele apenas se deixou arrebatar pela decoração do interior antes insípido e não soube quando parar.

Originariamente, a área do piso quadriculado criado por Saunière na nave era como um verdadeiro tabuleiro de xadrez, um quadrado perfeito de exatamente 64 quadrículas de ladrilhos pretos e brancos, como que ofertando o jogo para o uso da igreja. Entretanto, em épocas mais recentes, todo o piso foi ladrilhado, mascarando o tabuleiro quadrado original. O piso xadrez de quadrados claros e escuros é uma exigência de todas as lojas maçônicas e pode ser representado por um tapete, caso a loja seja temporária. Na igreja de Saunière, o xadrez do chão foi feito de ladrilhos e disposto como se fosse para ser "contemplado" pelas estátuas tanto de Jesus quanto do demônio Asmodeu. É instantaneamente reconhecível e prova de que a igreja é um templo maçônico/rosa-cruz na sua decoração. Bernard Giscard, arquiteto e escultor local que trabalhou nas reformas, era um conhecido maçom, mas não poderia ter criado uma loja funcional sem a concordância do pároco, o padre Saunière.

O tabuleiro de xadrez também aparece em um dos métodos de decifrамento dos pergaminhos de De Sède, que foram publicados na década de 1960. Essa decodificação envolve o percurso de um cavaleiro, que se move sozinho pelas casas, parando apenas uma vez em cada uma. Podem-se acrescentar letras ao tabuleiro, na ordem em que são descobertas no texto. Assim, à medida que o cavaleiro avança no percurso, ele pronuncia uma mensagem secreta.

Simbolicamente, as quadrículas pretas e brancas do tabuleiro representam a dualidade em todas as suas formas. Em seu livro sobre a catedral de Chartres, o escritor Louis Charpentier estabelece uma conexão muito sutil entre o tabuleiro de xadrez, o labirinto de Chartres e a alquimia, usando o cavaleiro para a "quadratura do círculo".

AS ESTAÇÕES DA CRUZ

Muitas igrejas contêm representações das Estações da Cruz, os catorze eventos fundamentais que assinalam a Via Sacra, ou Via Dolorosa, caminho percorrido por Cristo do local de seu julgamento até a crucificação no Calvário (Gólgota). Os supostos locais das Estações eram pontos de peregrinação em Jerusalém, e os franciscanos instalaram representações

delas em igrejas europeias para permitir às congregações acompanhar em espírito a Via Dolorosa. Numerosas igrejas católicas ainda mantêm uma celebração da Páscoa em que os paroquianos são conduzidos de Estação para Estação, em memória. Em muitas igrejas, encontram-se as Estações assinaladas por um simples número romano, mas às vezes elas são um pouco mais elaboradas: pinturas ou, como em Rennes-le-Château, altos-relevos. Na verdade, há duas versões das Estações de Cristo, mas a seguinte é a mais conhecida e pode ser encontrada em Rennes-le-Château:

1. Jesus é condenado à morte por Pilatos.

2. Jesus é forçado a carregar a própria cruz.

3. Cai pela primeira vez.

4. Encontra a mãe.

5. Simão de Cirene ajuda Jesus a carregar a cruz.

6. Santa Verônica enxuga o rosto dele.

7. Jesus cai pela segunda vez.

8. Fala às filhas de Jerusalém.

9. Cai pela terceira vez.

10. É despojado de suas vestes.

11. É pregado à cruz.

12. Entrega a alma a Deus.

13. É retirado da cruz.

14. É colocado no sepulcro.

As Estações aqui são bem grandes e ornamentadas, cada qual encimada por uma cruz com uma rosa ao centro. Como já foi mencionado anteriormente, os símbolos rosacrucianistas são indicativos dos rosa-cruzes e dos graus superiores de Rosa-Cruz da Maçonaria.

Os entalhes emoldurados retratando a jornada de Cristo seguem um padrão artístico típico da região e, como grande parte da igreja, foram criados por Bernard Giscard. Os originais foram fornecidos sem pintura, há exemplares na igreja da cidade vizinha de Couiza. Por eles sabemos que todas as modificações feitas por Saunière ou por Boudet restringem-se à pintura dessas cinzeladuras. De acordo com o Priorado, “quando se é iniciado na Cabala Fonética, pode-se inferir muita coisa das Estações da Cruz de Boudet”.

A Cabala Fonética, conhecida na alquimia como a “linguagem verde” (la langue verte), foi explicada pelo alquimista Fulcanelli como um meio de inscrever trocadilhos simbólicos em edifícios, uma linguagem peculiar a indivíduos que desejam comunicar suas ideias sem ser compreendidos pelos não iniciados. Esses jogos de palavras às vezes aparecem também na Maçonaria, mas estão frequentemente ligados à tradição rosacrucianista e alquímica. O termo “rosa-cruz” em si faz parte dessa tradição, uma vez que o nome do fundador mítico foi Christian “Rosenkreuz”, um sobrenome simbólico que significa justamente “rosa-cruz” em alemão.

Essas imagens permitem ao observador reinterpretar o que vê, decompondo as palavras para formar outras diferentes ou uma frase que soe de maneira semelhante, mas que contenha um significado diverso ou mais profundo. Sem saber como interpretar os símbolos, os pesquisadores podem se perder em um labirinto de simulacros verbais.

Considera-se que a verdadeira Cabala Fonética funciona na maioria dos idiomas, porém se aplica melhor ao francês, ao árabe e ao hebraico. Meu francês não é suficiente para os jogos de palavras occitanos de Boudet, mas tenho algumas reflexões sobre a Via Sacra. Para começar, as Estações da Cruz de Rennes-le-Château também ilustram um ritual de iniciação. Essa iniciação é a mesma do percurso que A serpente vermelha percorre na

paisagem circunvizinha, que será considerado adiante. O menor reflete o maior no verdadeiro estilo hermético. É alquímico por natureza e em alguns sentidos lembra o 18º grau de Rosa-Cruz do Rito Escocês Antigo e Aceito da Maçonaria. Vou tratar aqui dos pontos de maior relevância e interesse, mas tenha em mente que essas interpretações são uma obra inacabada.

Estação 1: Jesus é condenado à morte por Pilatos.

Pilatos tem o cabelo vermelho e é atendido por um rapaz negro. Essa característica também está presente na Catedral de Chartres, onde se acredita que um rapaz negro aos pés da rainha de Sabá indique que ela era da Etiópia e estava ligada à Arca da Aliança (veja Graham Hancock, The sign and the seal [O sinal e o selo]). Também se vê um grifo dourado, uma mistura de águia com leão. A águia simboliza a vigilância e o leão, a coragem, e durante a Idade Média o grifo era considerado um símbolo do bem e do mal. O fato de ser reproduzido em ouro ao lado do rapaz negro poderia indicar o nigredo, estágio “do enegrecimento” da alquimia, geralmente representado como um rapaz “etíope”. Talvez haja também uma referência à família nobre local de Negri d’Ables, ocupante do Château Blanchefort. Seu nome também é escrito “Nègre”, que corresponde à palavra francesa para “negro”.

O rapaz negro carrega um “prato branco” de água com que Pilatos lava as mãos. Essa é uma provável alusão a Le Plateau Blanc entre Rennes-le-Château e Blanchefort. Pilatos também está usando um véu.

Estação 2: Jesus é forçado a carregar a própria cruz.

Um garoto em primeiro plano segura um graveto como se pegasse o bastão. Isso aparece em outras representações na região, portanto não é exclusivo dessa igreja.

Estação 4: Jesus encontra a mãe.

Na cidade vizinha de Couiza mora o artista Alain Féral, um ex-discípulo de Jean Cocteau. Féral chegou a produzir um meticuloso modelo em escala da igreja e também ilustrou um belo projeto de layout, cujas cópias são vendidas em uma pequena livraria da cidade. Féral vê muita coisa nesta Estação em particular. Ele observa que é a única com uma forma preta embaixo da imagem – outra referência, segundo ele, à família Negri d'Ables. Essa família é importante para o mistério, uma vez que teria sido a origem dos documentos que, conforme se diz, Saunière encontrou. Como já foi mencionado anteriormente, eles afirmavam que sua propriedade continha uma mina de ouro, mas há inúmeros rumores de que não estiveram minerando ouro, e sim um tesouro antigo (veja a página 91). Conforme indiquei, o nome "de Nègre" pode significar "do Negro" e tradicionalmente considera-se que seja derivado do casamento dentro da mesma família com não europeus. Possíveis interpretações sobre as origens desse nome serão discutidas no Capítulo 15, sobre a linhagem.

Também nesse sentido existe a teoria de que um primo de Marie de Negri d'Ables de Blanchefort, Jacques-Etienne Marconis de Nègre (1795-1865), que morava em Rennes-le-Château, tenha criado o rito de Memphis, um precursor do Rito Escocês Antigo e Aceito, posteriormente incorporado aos graus de Rosa-Cruz.

Estação 7: Jesus cai pela segunda vez.

Quando Jesus volta a cair, São Simão de Cirene pega outra vez a cruz para ajudá-lo. De acordo com o Priorado,

As referências a São Simão, como está retratado nas Estações da Cruz (veja a Estação 7), são a Henri de Saint-Simon (1760-1825), um irmão da ordem.

Henri de Saint-Simon foi muito influente tanto no socialismo quanto na sociologia e constituiu uma ordem semimística de padres cientistas, com a qual ele pretendia substituir o clero na era industrial. Diz-se que tentou

suicídio, mas o Priorado nega, afirmando que seus ferimentos foram “um ato de represália” por parte daqueles que se opunham à sua obra.

Podem ser feitos jogos fonéticos com esse caso assim como em todas as Estações da Cruz. Por exemplo, há um soldado segurando um escudo grande, cuja borda é circundada por um traço em forma de flecha que aponta no sentido anti-horário e ocupa metade do perímetro. Esse escudo obscurece a metade de uma torre a distância. Em francês, isso pode ser interpretado como haut bouclier et demie tour (“escudo elevado e metade da torre”). Entretanto, na Cabala Fonética (veja a página 122) isso pode ser entendido como o foneticamente idêntico au bout clier et demi-tour (“embaixo [do] cercado e a meia-volta [isto é, no sentido anti-horário, para a esquerda]”).

São Simão parece estar olhando para longe na direção de um lado da Estação, e Santa Verônica se agacha segurando o tecido. Eles não apenas são representados de maneira irregular, mas também exibem gestos e/ou constituem símbolos excessivamente enfáticos. Na Cabala Fonética, seria possível interpretar Simon regarde (“Simão olha”) ou cime on regarde (“[o] cume que é visto”) e Veronica au lin (“Verônica com o tecido”) ver en nid kaolin (“verme no ninho [de] caulim”). “Verme” aqui poderia ser entendido no sentido de serpente. Indo-se até o fundo do pátio da igreja (o “cercado”) e fazendo-se uma meia-volta, o cume que se vê é o “Ninho da Águia” (Nid d’Aigle), uma expressão local para Pech Cardou (o pico Cardou), que é formado, em parte, de barro caulim.

Estação 8: Jesus fala às filhas de Jerusalém.

Um garoto acompanhando Jesus veste uma faixa decorativa de tartã, tecido de lã xadrez escocês. Em razão da predominante natureza maçônica da decoração da igreja, é provável que isso seja uma referência ao Rito Escocês Antigo e Aceito da Maçonaria. A noção maçônica de “proteger o filho da viúva” vem à mente, e alguns interpretam isso como uma referência ao filho de Maria Madalena e Jesus.

Estação 10: Jesus é despojado de suas vestes.

Os soldados romanos tiram o manto de Jesus e jogam dados para determinar quem ficará com o espólio. Os dados são exibidos com o três e o quatro em lados adjacentes e um cinco sobre um dado separado. Na verdade, três e quatro nunca estão em lados adjacentes de um dado, cujos lados opostos sempre somam sete. O mesmo artifício aparece tanto em A serpente vermelha quanto em um mural pintado por Jean Cocteau em Londres, os quais serão tratados posteriormente. Os números 3/4/5 também são pitagóricos. O antigo matemático grego Pitágoras descobriu que, em um triângulo retângulo, o quadrado da hipotenusa (o lado maior) equivale à soma dos quadrados dos catetos (os dois lados menores). Daí que 32 + 42 = 52 (9 + 16 = 25).

Estação 14: Jesus é colocado no sepulcro.

A imagem representando a última Estação tradicionalmente mostra Jesus sendo levado ao túmulo, mas nesta igreja ela é incomum, na medida em que a cena acontece à noite. Alguns autores, tais como Michael Baigent no seu excelente The Jesus papers [Os manuscritos de Jesus], afirmam que essa é uma prova de que Jesus sobreviveu à Crucificação. Baigent sustenta que, porque a cena acontece à noite, Jesus não está sendo levado ao sepulcro (considerando que a lei judaica exigia o funeral antes do pôr do sol, o início do Sabá), mas está sendo transportado às escondidas do sepulcro, sob a proteção da escuridão. Entretanto, essa teoria ignora as duas Estações anteriores, que mostram claramente o céu escurecendo e o sol se pondo, conforme é narrado nos evangelhos, que afirmam ter escurecido de modo sobrenatural quando Jesus morreu (Estação 12): “Já era quase a hora sexta, e, escurecendo-se o sol, houve trevas sobre toda a terra até à hora nona” (Lucas 23:44; compare com Mateus 27:45, Marcos 15:33). A característica noturna da Estação 14 é uma extensão natural dessas cenas.

Também se alegou que era contra a lei judaica tocar um corpo morto no Sabá (depois do pôr do sol na sexta-feira, o dia em que Jesus morreu), e, durante a Páscoa judaica, Jesus devia estar vivo quando foi carregado. Embora isso seja verdade, ignora-se o fato de que Saunière era um padre

católico e não tinha motivos para levar em conta as leis judaicas ao mandar pintar a Estação; na verdade, ele pode simplesmente não ter conhecimento delas. A cena pode ainda retratar Jesus vivo sendo levado às escondidas para fora do túmulo, mas as evidências não são conclusivas.

ESTÁTUAS

Além de Asmodeu e dos anjos, a igreja tem uma coleção de obras representadas em madeira e argamassa. Isso não é incomum, embora o motivo pelo qual esses santos em particular foram escolhidos não seja claro: podem ser encontradas pistas em seus atos e em sua vida, mas é possível que as estátuas tenham sido selecionadas simplesmente por seus nomes: Germana, Roque, Antônio, Antônio de Pádua e Lucas. Santa Germana e São Roque são abordados individualmente a seguir. As estátuas estão dispostas de tal modo que as iniciais dos cinco santos formem a palavra Graal (com esse mesmo significado em francês), na forma de uma letra "M".

A estátua de Maria Madalena está posicionada no centro desse conjunto, no alto do "M", portanto essa referência não pode ter sido acidental. A ideia de Maria como o Santo Graal poderia ter mais a ver com um arquétipo do "feminino divino" do que com a linhagem, mas, ainda assim, não seria menos importante.

Santa Germana de Pibrac

Esta santa local foi uma pastora nascida em uma fazenda próximo de Toulouse. Seu túmulo em Pibrac tem sido um local de peregrinação e detém uma série de milagres registrados. Sua festa é comemorada em 17 de janeiro – a data da desfiguração da laje tumular de Negri d'Ables (veja a página 99).

São Roque

Santo local, natural de Montpellier no Languedoc, São Roque curava os enfermos por meios sobrenaturais, conforme se dizia. Segundo relatos de sua vida, ele se encontrava em uma peregrinação a Roma quando foi acometido por uma doença e precisou retornar à França, onde foi acusado de ser um impostor e morreu na prisão.

Era um dos preferidos de Bernard Giscard, que forneceu essas estátuas. São Roque aparece em muitas igrejas locais, incluindo Limoux (com sua Madona Negra), Rennes-les-Bains e Couiza. É o santo padroeiro dos objetos perdidos, especialmente valores, e Saunière pode ter instalado a efígie por essa razão. São Roque também é retratado erguendo a túnica para mostrar o joelho, uma conhecida referência ao ritual maçônico.

Santa Maria Madalena

A estátua de Santa Maria Madalena é acompanhada por um livro e um crânio. O livro está aberto e tem um padrão sobre as páginas, mas nada escrito. Os crânios aparecem nos rituais maçônicos e são usados em conjunto com um livro na Câmara de Reflexão, mas também podem indicar a presença de um cadáver. Maria é discutida em mais detalhes em um capítulo adiante.

A Sagrada Família

Tanto São José quanto a Virgem Maria estão segurando crianças, cada um com o cabelo de uma cor diferente. Isso possivelmente indica que Cristo teve um irmão, talvez até mesmo gêmeo – uma ideia aceita por algumas escolas de pensamento esotérico. A outra criança também poderia representar um irmão de Jesus, que é caracterizado na Bíblia como tendo irmãos e irmãs, incluindo Tiago, Marcos, Judas e Simão. O catolicismo romano tradicionalmente explica esses irmãos como filhos de um suposto

casamento anterior de José, permitindo que a virgindade de Maria permanecesse intacta.

Mural do Sermão da Montanha

A igreja tem um grande mural acerca do Sermão da Montanha, a clássica representação de Jesus pregando durante seu ministério. O aspecto principal dessa obra é a paisagem detalhada em torno dele. À esquerda podemos ver claramente traços locais de Rennes-le-Château, tais como a cidade vizinha de Coustaussa, onde o pároco, o padre Gélis, foi assassinado (veja a página 100), e flores locais, notadamente uma conhecida como selo-de-salomão (Polygonatum). Vê-se claramente um saco de ouro na encosta do morro, sugerindo o tesouro como a resposta simples para o mistério da riqueza de Saunière. Mas se fosse um tesouro, de onde viria? Do antigo Israel, dos celtas, romanos, visigodos, Templários ou cátaros?

Há mesmo uma extensão de terra coberta de rosas.

Quando se observa a imagem de maneira atenta, vê-se claramente um monte indicado à esquerda da composição. Esse monte íngreme está coberto de rosas. Do mesmo modo, quando se olha para o vale, com Coustaussa à direita, enxerga-se claramente essa protuberância geológica que, sobre o papel, é um terreno separado das terras da família de Fleury.

A menção do Priorado às terras da família de Fleury destaca que extensões de terra na região podem ser identificadas com famílias, que por sua vez podem ser identificadas com os Templários.

Igualmente visível nesse mural é a imagem do topo do pilar no qual se disse que foram encontrados pergaminhos (veja a página 95). Ali despontam brotos de folhas de romã, um símbolo da imortalidade e da ressurreição. Um arbusto à direita da pintura contém um olho mágico escondido que se comunica com um aposento da casa paroquial da igreja. Não se sabe a que propósito servia, embora pudesse simplesmente ter permitido a Saunière observar seu substituto quando foi afastado do sacerdócio.

O ALTAR

Este é o único item da igreja unanimemente considerado como sendo da lavra do próprio Saunière. Ele retrata Maria Madalena ajoelhada em uma caverna junto de uma cruz feita de dois ramos. De um dos ramos projetam-se dois brotos vivos e isso às vezes é interpretado como os descendentes de Jesus e Maria Madalena. A caverna, com sua formação montanhosa ao fundo, guarda semelhança com uma caverna em frente a Rennes-le-Château, conhecida como a gruta de Madalena. Há uma posição na estrada, olhando-se para leste quando nos aproximamos de Rennes-le-Château vindo de Couiza, que permite uma boa visão dessa imagem. À esquerda ficam as ruínas de Coustaussa, e o pico oposto é o Pech Cardou, além de Blanchefort. Isso vale tanto para a representação do Sermão da Montanha de Coustaussa quanto para a estátua do anjo em pé olhando para o leste. Na seção das ilustrações mais adiante são apresentadas fotografias do altar e da vista comparativa.

Na imagem, Maria Madalena está sentada com as mãos no colo, os dedos entrelaçados. Nos ensinamentos da Rosa-Cruz, há uma instrução sobre o "sinal de Adoração" que começa com o entrelaçamento dos dedos.

Essa imagem atende a uma segunda função. Ela explica a gruta de Madalena como um espaço de contemplação. A presença do crânio e da cruz poderiam ser evidências de que essa caverna fosse usada como tal. No entanto, em termos simples, a paisagem local, a sepultura e o crânio também podem aludir a tradições segundo as quais Jesus ou Maria poderiam estar enterrados nas imediações.

JANELAS

Os vitrais das janelas são bonitos, mas de pouco interesse. Há exemplos da missão dos apóstolos Marta e Maria, além de Maria Madalena limpando os pés de Jesus com o cabelo. Entretanto, há um efeito que parece ocorrer todos os anos – em 17 de janeiro. Conta-se que, ao meio-dia dessa data, a

luz que atravessa as janelas lança esferas azuis sobre a parede. Testemunhas reúnem-se todos os anos para ver esse fenômeno e existem fotografias atestando-o. Um dos pergaminhos divulgados por De Sède na década de 1970 nos informa que se trata de “maçãs azuis”. O fenômeno parece existir em outras igrejas, incluindo a de Saint-Sulpice, em Paris, embora o vidro azul recentemente tenha sido removido dessa igreja, portanto o fenômeno não pode ser verificado com facilidade. As janelas da igreja de Couiza também lançam formas estranhas, mas ainda não vi nada mais revelador do que um teste de Rorschach.

O APOSENTO OCULTO

À direita do altar fica a sacristia, um pequeno escritório com um armário instalado na parede leste. O armário tem um fundo falso – ele lembra curiosamente The lion, the witch and the wardrobe [O leão, a feiticeira e o guarda-roupa], de C. S. Lewis – que conduz a um aposento secreto escondido, cuja forma semicircular pode ser verificada do lado de fora do prédio.

Na Maçonaria, o grau de Rosa-Cruz é antecedido por um tempo passado sozinho em uma “câmara de reflexão” ou aposento de contemplação. Trata-se de quartinhos adjacentes às lojas maçônicas, onde o candidato se prepara para o ritual contemplando objetos como o crânio e a cruz. As câmaras secretas não são exclusivas da Maçonaria, mas, no contexto da igreja e da obra de Saunière, é provável que esse tenha sido um dos usos do recinto. A câmara tem suas raízes no judaísmo, em que um pequeno aposento ou a parte de um aposento é separada para orações, e isso se encaixa no projeto de “Templo de Salomão” maçônico da igreja. Uma vez que esse aposento pode ser usado para atingir a gnose, a comunicação direta com o divino, ironicamente ele não tem lugar dentro da Igreja Católica, e é possivel que revele as inclinações heréticas de Saunière.

A câmara de reflexão geralmente inclui certo número de símbolos alquímicos, como triângulos representando os elementos, além de enxofre, sal e o acrônimo VITRIOL – Visita Interiora Terrae, Rectificando Invenies Occultum Lapidem. Esse costuma ser traduzido como “Visite o interior da

terra, purificando-se ao descobrir a pedra oculta". É um conselho para a pessoa meditar, embora eu ache que rectificando, com o significado de "purificando-se" ou "retificando-se", funcione melhor se traduzido como "corrigindo-se" em matéria de distorções psicológicas. VITRIOL também aparece em numerosas publicações do Priorado.

Esses elementos alquímicos são tratados adiante, na parte sobre alquimia, mas por ora indicam as origens mais amplas desse aposento além da Maçonaria.

Um segundo aspecto do aposento oculto é que em certa época ele conteve degraus que desciam para a cripta abaixo do altar.

AS CRIPTAS

Existem duas câmaras fechadas embaixo da igreja. Ao planejar o cenário para o documentário Linhagem, os produtores Bruce Burgess e René Barnett haviam chegado a um acordo com o prefeito e com a Câmara Municipal de Rennes-le-Château para financiar parte da reforma da distribuição elétrica necessária para a igreja. Isso exigiu a escavação do piso em determinados lugares, dando acesso às criptas. Infelizmente, o departamento do governo que supervisiona todas as obras e monumentos nacionais da França vetou a obra. Entretanto, há registros de que outras pessoas tiveram acesso às criptas, como Claire Captier, que se lembra de ter chegado às escadas e a uma passagem abobadada embaixo da igreja. De modo semelhante, a pesquisadora Nicole Dawe nos conta que outro padre local, o abade Mazières (1909-1988), também alegava ter estado dentro do túmulo, que aparentemente situa-se embaixo da famosa "Pedra do Cavaleiro", próximo ao altar.

De acordo com o Priorado de Sião, duas passagens abobadadas embaixo da igreja contêm dois itens importantes colocados ali por Saunière. Ele os tinha originalmente encontrado nos fundos da igreja, e em uma das passagens há imagens – um relevo esculpido na parede ou no piso – indicando algo importante na paisagem local. Com o tempo, o Priorado fez

uma série de comentários adicionais sobre os objetos na cripta, que podem ser resumidos como se segue.

Os objetos podem passar despercebidos e ser pisoteados. Os dois objetos pertencem ao “corpo de evidências”, mas não são parte do corpo e devem ser reunidos com um terceiro item que está no museu de Carcassonne. Eles também teriam sido usados durante o ritual cátaro do Consolamentum.

Dois dos três itens depositados em torno de Rennes-le-Château, antes do cerco de Montségur durante a Cruzada Albigense, foram escondidos em dois lugares. Por medida de segurança, Saunière pôs esses dois itens embaixo da igreja. A decoração, sob as ordens de Boudet, tinha por finalidade deixar os marcos para que outros seguissem. Faz parte da tradição deixar um sinal.

Também se disse que corpos em Gisors foram movidos para Verdun e depois para os túmulos de Rennes-le-Château. O tesouro de Gisors foi para o Vaticano e incluía duas fontes datadas de 1350. A impressão foi que esses tesouros haviam pertencido aos Templários, mas até hoje as criptas permanecem seladas.

A TORRE, A CASA DE HÓSPEDES E OS JARDINS

Do interior da igreja, passamos para o lado de fora, para os terrenos e jardins da propriedade pessoal de Saunière.

Depois do bombardeio visual da igreja, é um tanto relaxante perambular pelo restante dos domínios do padre. A chegada à igreja é flanqueada por dois pequenos jardins.

Calvário

À direita fica um pequeno jardim triangular com um Calvário e uma gruta, a qual foi reconstruída depois que visitantes atacaram a original, levando as

pedras como lembrança. A visão ortodoxa da gruta é que ela representa a caverna onde Maria Madalena teria passado os últimos anos de vida quando, de acordo com a tradição local, veio para a França. Há também uma reprodução da Crucificação no centro desse jardim, com a inscrição A.O.M.P.S. Conforme foi mencionado anteriormente, Pierre Plantard alegava que essa sigla significa Antiquus Ordo Mysticusque Prioratus Sionis (Antiga e Mística Ordem do Priorado de Sião), mas existe uma inscrição semelhante em um obelisco em Roma que se interpreta como "Que Cristo proteja o seu povo contra o mal". Tendo a não acreditar em Plantard, que em minha opinião estava fazendo um esforço para vincular o nome do Priorado ao mistério de Rennes-le-Château, com outros propósitos. Entretanto, é algo que a ordem reivindica até a atualidade.

No canto oposto da gruta, ao lado da entrada do cemitério, fica o pequeno escritório de Saunière. Gravado na madeira há um "N" invertido, como pode ser visto nas pinturas de Emile Signol em Saint-Sulpice e que se diz ser o sinal de um iniciado (veja a página 209), mas aquilo poderia ser um acréscimo recente. As escavações embaixo do escritório levaram a um sistema de túneis, e as testemunhas que tiveram o limitado acesso a tal área podem atestar isso.

Pequeno jardim

À esquerda do caminho fica outro jardim, menor, contendo um pilar baixo sustentando uma estátua de Nossa Senhora de Lurdes, a Virgem Maria. Diz-se que o pilar tem desenho visigótico e é cópia de outro que sustentava o altar da igreja quando Saunière começou as restaurações (veja a página 94-95). (O original existe, mas não parece velho o bastante para datar do período visigótico, portanto também pode ser uma cópia.) O pilar traz uma cruz esculpida, com as letras gregas alfa e ômega, mas foi invertido, então a cruz e os símbolos parecem de cabeça para baixo. Na base está escavada a palavra "Missão".

Casa paroquial

Ao lado do jardim fica um portão para um pequeno pátio e para a casa paroquial, que atualmente abriga um diminuto museu com os bens de Saunière. Diz-se que havia um túnel da casa paroquial até o vizinho Château Hautpoul, mas, considerando a condição dilapidada do château, seria difícil saber se permanece intacto.

Instalado na casa paroquial, havia um altar privado usado por Saunière depois de sua expulsão da igreja. Aqui encontramos outra estátua do tipo feito por Giscard. A imagem, que nunca esteve em exibição pública, é de Joana d'Arc com armadura completa e portando um estandarte.

O cemitério

Entra-se no cemitério por um arco encimado por um crânio e ossos cruzados. Emblema simples da morte, era também um símbolo dos Templários e é mais conhecido por figurar na bandeira dos piratas. Isso indica, insiste Gérard Thome, que a igreja contém um caminho para o sistema de túneis subterrâneos. Há outros túneis na região, incluindo um que começava em uma passagem em arco atualmente fechada com tijolos na pequena cidade de Serres, no leste, e que se diz ter desmoronado quando se construiu uma estrada na vizinhança. O crânio e os ossos cruzados podem ter origem em um símbolo templário que apareceu na Idade Média.

Dentro do cemitério existem evidências de uma das ações mais desconcertantes e perturbadoras de Saunière. No ossuário encontra-se uma lápide quebrada, uma das duas que o padre removeu da sepultura de Marie de Negri d'Ables, condessa de Blanchefort, e cinzelou completamente para apagar a inscrição. De acordo com uma versão circulante sobre a inscrição original, o dístico "Et in Arcadia Ego" pode ser identificado em meio ao texto, a mesma inscrição que aparece na pintura com o mesmo nome, de autoria de Nicolas Poussin (também chamada Os pastores da Arcádia).

Recebi um mapa antigo do cemitério por intermédio de Nic Haywood detalhando quem está enterrado onde, mas preferi não publicar isso no momento, uma vez que poderia atrair mais ações de vandalismo e caçadores de tesouros para o local.

VILLA BÉTHANIA

A casa de hóspedes de Saunière, a Villa Béthania ou Betânia, dá continuidade ao tema de Maria Madalena. De acordo com uma tradição, Betânia, próxima a Jerusalém, foi o local onde ela nasceu, e ela é identificada como "Maria de Betânia" em João 11. A casa de hóspedes tem dois vitrais acima da porta da frente, retratando dois corações sagrados ligeiramente diferentes.

O jardim atrás da vila foi lindamente restaurado por Saunière e continha originalmente um abrigo de animais. Poderia parecer uma referência à Arca de Noé e ao grau de Cavaleiro do Real Arco da Maçonaria.

O jardim é cercado e tem uma fonte na parte de trás. No simbolismo cristão, costuma-se dizer que isso representa a Virgem Maria (havia a lenda de que apenas uma virgem pode domar um unicórnio). Mas, nas tapeçarias medievais, Maria Madalena era também retratada em um jardim fechado com um unicórnio. O Cântico dos Cânticos bíblico, ou Canção de Salomão, atribuído ao rei Salomão, tem o verso: "Jardim fechado és tu, minha irmã, noiva minha, manancial recluso, fonte selada" (Cântico dos Cânticos 4:12).

TOUR MAGDALA

Esta pequena torre de pedra construída por Saunière parece a princípio um absurdo. Local de sua biblioteca, segundo se diz, o interior é um espaço minúsculo, totalmente ornamentado, porém apertado. A torre é impregnada de dualidade: é repetida e refletida diversas vezes tanto no nome quanto na arquitetura. Diz-se que o ângulo de uma das janelas foi mudado por instrução de Saunière. De acordo com Nic Haywood, "mudar o ângulo da janela significa alterar a visão; uma mudança". De novo, como no caso das imagens de Asmodeu e Jesus (veja a página 116), encontramos um espelhamento. Magdala (atualmente Migdal, em Israel) foi a cidade na margem do lago da Galileia da qual Maria Madalena recebeu seu nome (Lucas 8:2). Migdal significa "torre", portanto o edifício é na verdade

chamado “torre torre”. Também se diz que os jardins foram projetados para reproduzir o perfil da igreja. O significado do reflexo nesse contexto será estudado em mais detalhes posteriormente.

De acordo com informações citadas pela escritora Patrice Chaplin no livro City of secrets [A cidade dos segredos], a torre vincula-se a viagens que Saunière fez a Gerona, onde existia, até o final da década de 1950, uma torre quase idêntica, também chamada Tour Magdala.

A versão de Gerona é uma possível origem tanto para o nome quanto para o projeto da torre.

LARANJAL

Este é mais um exemplo de reflexão. Em uma curva acompanhando a encosta do topo do morro, como uma muralha, existe uma balaustrada com a Tour Magdala em uma extremidade e, na outra, outra torre projetada como uma imagem reflexa da primeira. Há uma diferença: a segunda torre é uma estufa com estrutura de ferro que originariamente abrigava um laranjal. Em todos os outros aspectos, porém, ela espelha perfeitamente sua contraparte de pedra. A meio caminho entre as duas torres fica a fonte do jardim. Isso é importante, uma vez que existe uma tradição alquímica mais ampla de a água refletir o inverso que impregna outros aspectos do mistério.

Recorrendo ao simbolismo cristão, descobrimos que a torre também é representativa da Virgem Maria. Essa paridade das duas Marias é um tema coerente, não importa como o interpretemos. Lembra muito a obra de Jean Cocteau na Notre Dame de Londres, onde ele pintou uma imagem de Maria Madalena e da Virgem Maria, uma de costas para a outra, mas ligadas pelo cabelo. Juntas, as duas imagens formam a letra “M”, que contém as duas Marias.

As construções e os edifícios notáveis em Rennes-le-Château mantêm mais do que uma semelhança fortuita em relação ao que resta da Velha Jericó (Cidade da Lua), na medida em que, na cidade palestina, subsiste uma torre

proeminente, que restou de uma antiga igreja e uma casa ou grande vila construída para abrigar os visitantes importantes.

Jericó, vale lembrar, foi o local onde a Arca da Aliança foi empregada pelos israelitas, durante a batalha bíblica.

AS VISTAS

Não podemos deixar os pontos de interesse de Rennes-le-Château sem admirar as vistas maravilhosas que circundam a cidade: os Pireneus ao sul, o pico Bugarach ao sudoeste e Blanchefort, à sombra do Pech Cardou, a leste. Olhando para o sul a partir da Tour Magdala, vemos a gruta de Maria Madalena escavada em formato quadrado no penhasco oposto, que se eleva acima do Ruisseau des Couleurs, o “rio das Cores”. Abaixo fica uma descida para um planalto onde Saunière pretendia construir outra torre. De acordo com o Priorado, os planos para essa edificação existem e mostram a altura imensa pretendida. Dela seria possível avistar toda a paisagem ao redor, e hoje só podemos imaginar a que outro propósito essa torre serviria.

Aparentemente, o próprio Saunière afirmava que as pessoas um dia viriam visitar a paróquia se ela fosse uma segunda Lurdes. A ideia de Rennes-le-Château como um local de peregrinação é discutida adiante em mais profundidade. Basta dizer que, para tornar-se esse centro de peregrinação, seria preciso ter uma relíquia sagrada ou alguma forma de atração religiosa singular.

Por ora, vamos deixar os domínios do padre Saunière e explorar a paisagem ao redor.

CAPÍTULO 7

PAISAGEM

Qualquer pessoa que esteja pesquisando o mistério de Rennes-le-Château deve visitar a região e caminhar pelas terras para ter uma impressão do lugar. Muita coisa é invisível aos “arqueólogos de gabinete”, e só um contato direto com a paisagem oferece uma impressão verdadeira dos mistérios locais. Como veremos, é a paisagem que sustenta todas as indicações de qualidade e legitimidade de um espaço ritual – em uma escala grandiosa.

Até mesmo à luz áspera do dia essa é uma localidade romântica. Seus recantos possuem um toque mítico, como em um mundo perdido. Na primeira vez que planejei uma viagem para lá, debrucei-me sobre o mapa da região e me encantei com os nomes bizarros dos lugares. O Homem Morto, a Poltrona do Diabo, o Vale do Ouro, o Vale do Paraíso, a Fonte do Amor, o Círculo, a cidade chamada Serpente, o rio das Cores, a cidade chamada Luz e a Fazenda dos Mortos. O nome dos lugares soa como os de um conto de fadas de Charles Perrault, entre uma antiga paisagem de menires e fortalezas em ruínas. A região é evocativa, linda e acidentada, difícil de atravessar. Com tanta variedade em uma pequena extensão de terra, pode-se entender por que os escritores têm escolhido o lugar como o berço de tudo, desde o rei Artur até o culto de Ísis.

Para lá retornei algumas vezes. Como em nenhum outro lugar na Terra, sinto uma profunda paz interior quando estou ali. Um habitante nativo uma vez me disse que a terra exerce um tipo de fascínio sobre os que já viveram ali antes, a exemplo de cátaros e templários reencarnados, como se suas lembranças ainda corressem em seu sangue.

Mas se você também se sentir atraído a explorar essa região, fique atento. Existem regras para os que a visitam:

• Não pegue nada.

• Não deixe nada.

• Não mude nada.

Por mais que você se identifique com o lugar, ele também pertence aos outros que virão depois. Tudo o que se encontra ali pertence ao local e tudo o que for trazido para lá deverá ser levado de volta. Para os que já contemplaram o significado da paisagem, o motivo disso é evidente.

VISTAS EM TORNO DE RENNES-LE-CHÂTEAU

Por um momento, retornemos à igreja de Rennes-le-Château. Diz-se que o padre Saunière só interferiu em uma única obra de arte na restauração da igreja: a pintura do altar mostrando Maria Madalena em uma caverna com uma paisagem ao fundo. Muitos consideram o cenário como sendo a gruta de Maria Madalena, uma caverna quadrada no penhasco ao sul da cidade. Ela é visível da Tour Magdala e se destaca consideravelmente acima do Ruisseau des Couleurs, ou rio das Cores. A gruta em si é bastante rasa e foi bem escavada no passado. Se decidir visitá-la, prepare-se para uma jornada um tanto precária; o acesso é provavelmente mais fácil do planalto acima.

Na pintura do altar, a paisagem além da gruta nos remete a um lugar diferente. Ela mostra uma colina baixa à esquerda, com uma ruína e um pico agudo mais adiante, à direita. Depois de sair de Couiza na direção de Rennes-le-Château, se você parar para admirar a vista a leste da segunda curva da estrada, verá à esquerda as ruínas do château de Coustaussa, e à direita o pico de Blanchefort e, mais além, o Pech Cardou. A vista pode ser alinhada para corresponder à imagem do altar da igreja (veja as ilustrações).

Coustaussa também é visível no afresco da igreja representando o Sermão da Montanha. Era nessa minúscula aldeia que morava o padre Gélis, cujo fim foi narrado num capítulo anterior (veja a página 100). A importância dessa vista ficará evidente mais adiante.

Blanchefort é o local de um château onde moravam os Blanchefort e a família de Negri d’Ables. Suas ruínas ainda são visíveis, juntamente com os

vestígios do que se parece com uma torre de observação. A “torre branca” de Blanchefort é espelhada pela “Rocha Negra”, Roc Nègre, a pouca distância para o sul. Em Roc Nègre existe uma propriedade conhecida por ter pertencido a Pierre Plantard na década de 1970. Ali há uma pequena caverna e uma espécie de câmara que poderiam ter sido usadas no passado. A região é célebre por ser pontilhada de cavernas e por ter escavações de minas debaixo de Blanchefort.

Se caminhar de Rennes-le-Château na direção de Blanchefort e Rennes-les-Bains, você provavelmente encontrará alguns estranhos “iglus” de pedra espalhados pela encosta da colina. Há mais de uma centena deles, muitos em boas condições porém difíceis de datar, uma vez que consistem em pedras planas naturais empilhadas como domos. São conhecidos como “Les Capitales” e até agora todas as tentativas de explicar sua finalidade foram frustradas. As hipóteses variam de armazenamento de grãos a abrigos de ovelhas, e até se cogitou que fossem ermidas, mas a incoerência de seu desenho e a falta de proximidade entre elas parece desautorizar essas ideias. Algumas contam com entradas bem definidas, outras têm janelas e outras ainda não possuem nem uma coisa nem outra. Sugiro que não fiquemos muito presos a isso como parte do mistério, uma vez que elas podem ter sido reutilizadas e modificadas muitas vezes e, em alguns casos, podem ter servido simplesmente como um meio de reunir as pedras que se espalham pelas terras em todas as direções e impedem o uso do arado.

O círculo de igrejas

O “círculo de igrejas” é outro padrão na paisagem e foi divulgado pela primeira vez pelo padre Henri Boudet em seu livro A verdadeira linguagem dos celtas (veja a página 107). Também foi abordado por David Wood em Genisis [sic], que apresenta a teoria do autor sobre o desenho e o propósito desse círculo.

A interpretação do círculo de igrejas no texto impenetrável de Boudet é mais trabalhosa, porém um aspecto importante do círculo é Espéraza, uma cidadezinha a sudoeste de Rennes-le-Château. Recentemente, Espéraza ficou famosa nos arredores pela instalação, na sua igreja, de uma ambígua

escultura de Jesus em um túmulo no interior de uma gruta. Concebida como um corte transversal, ela se parece mais com um enterro em uma caverna – um lugar com aspecto mais natural do que a tradicional representação do túmulo de Cristo, enquadrado por um lintel e uma porta. Trata-se de uma obra de arte de tamanho considerável, com cerca de três metros de largura e dois metros de altura. Também digno de nota em Espéraza é a estátua de Santa Rosalina, que é celebrada em 17 de janeiro – aquela mesma data de novo. Adiante, no capítulo sobre arte e simbolismo, há mais explicações sobre ela, que aparece em uma pintura relevante (veja o Capítulo 16). Por ora, basta dizer que a estátua mantém o mesmo estilo e o desenho das que foram encomendadas por Saunière para a igreja de Maria Madalena e podem, portanto, ser consideradas contemporâneas. Além disso, o nome "Rosalina" é mais do que uma coincidência com a "Linha Rosa", que segue paralela ao meridiano de Paris (veja nas página 73-74) próximo a Rennes-les-Bains.

Uma observação final sobre Espéraza é que, em frente à escultura da "gruta", fica uma representação especialmente boa de um crânio com ossos cruzados, um emblema da morte também usado pelos Templários. Esse emblema, como já vimos, aparece acima da entrada do cemitério de Rennes-le-Château e, como observou Gérard Thome, poderia ser empregado para significar a entrada de um túnel (veja a página 134).

Lavaldieu

Lavaldieu, ou "La Val Dieu", traduz-se como o Vale de Deus. Está localizado no sudeste de Rennes-le-Château, na direção do Château des Templiers (Castelo dos Templários), e consiste em uma estrada simples entre fazendas, culminando em uma pequena casa rural engastada sobre uma elevação rochosa. Um desmoronamento recente de parte dessa elevação revelou uma capela subterrânea. Caso fique tentado a explorá-la, é preciso considerar que não só está vazia como também situa-se em uma propriedade privada.

Tenho uma insígnia de peregrino que foi descoberta nos arredores de Lavaldieu durante as filmagens do documentário Linhagem. Ela estava

enterrada perto de uma mina de água próximo a Rennes-le-Château. O pequeno distintivo de metal apresenta a cabeça de Jesus crucificado. Esses distintivos costumavam estar costurados sobre a túnica dos peregrinos e eram depositados próximo da água quando atingiam seu destino, significando o fim da jornada. (Quando o rio Tâmisa em Londres foi dragado, encontraram-se milhares de distintivos de peregrinos nas imediações das pontes.) Os peregrinos a caminho de Santiago de Compostela normalmente usavam uma concha de vieira, o símbolo de São Tiago – uma delas está em uso, constituindo a fonte menor da igreja de Rennes-le-Château. Por coincidência, em nosso primeiro encontro com Nic Haywood para o documentário, ele deu ao produtor René Barnett uma pequena insígnia de metal que ilustra a 13a Estação da Cruz. Trata-se de uma pietà, retratando a Virgem Maria com o corpo de Jesus nos braços, flanqueada por duas palmeiras que formam um arco natural. Essa é uma cópia de uma pietà original que foi encontrada nos arredores de Rennes-le-Château.

O Priorado de Sião deu muitas indicações sobre o local onde pode ter existido uma necrópole da era romana em Lavaldieu. Entretanto, não fizemos nenhuma exploração ou escavação, pois fomos fortemente advertidos de que todas as construções corriam risco de desabamento, e qualquer obra levada a efeito ali requereria serviços profissionais. Identifiquei o lugar como um santuário, considerando sua proximidade em relação a uma fonte natural perto de onde encontramos a insígnia de peregrino. Grande parte dessa região também é de propriedades privadas; portanto, se você pretende explorar o lugar, precisa obter permissão e respeitar a privacidade das pessoas que moram ali.

Ao sul de Lavaldieu fica um campo com um círculo de arbustos ao estilo pagão, com uma árvore velha no centro e uma pedra elevada no leste. Esse círculo é visível desde o Château des Templiers. Embora não se possa datar facilmente o local, não há motivo para suspeitar de uma modificação recente na paisagem. O campo parece ter sido planejado e acho que os arbustos foram mantidos como estavam anteriormente.

O lago sagrado

Seguindo ao norte a partir do local da insígnia do peregrino, fomos orientados pelo Priorado a ir até um lago isolado entre algumas árvores. Fotografias antigas do lugar podem ser vistas na edição atualizada de O Santo Graal e a linhagem sagrada, cujos autores inicialmente pareciam não fazer a menor ideia sobre o motivo de terem sido encaminhados para esse local. Na frente do lago há uma rocha avantajada, muitas vezes confundida com um altar. A verdade sobre o assunto é que a pedra era usada para representar, possivelmente de maneira simbólica, a Flagelação de Jesus pelos soldados de Pilatos, um evento assinalado pela Primeira Estação da Cruz na Via Dolorosa. Em épocas antigas, esse lugar foi claramente usado como parte de uma iniciação mais ampla, que será tratada no Capítulo 9, sobre peregrinação.

O lago tem uma segunda função para a qual o bosque em que se situa foi inteiramente planejado. Como explicou o Priorado:

Devemos entender sua importância em virtude dos arredores flagrantemente fabricados/esculpidos por mãos humanas, pois, caso se permita por ali vagar [divagar?], sem dúvida nenhuma encontrará uma relação entre a Santa Posição Privilegiada, o Olho que Tudo Vê – cuja realidade nada mais é do que o reflexo do eu nos olhos do Amado –, e a noção de um lago sagrado. Trata-se do fluxo Subterrâneo manifesto, surgido do chão. Trata-se de um lugar convenientemente sagrado.

A “Posição Privilegiada”, ou “Olho que Tudo Vê”, é representada por um olho dentro de um triângulo: o lago fica em um campo que tem a forma triangular. Esse é um símbolo que aparece na Maçonaria para representar Deus, mas é também conhecido por já ter sido usado anteriormente pelos rosa-cruzes e alquimistas. Os significados do olho no triângulo são numerosos, mas nas igrejas esse símbolo costuma representar o Olho da Providência ou Deus. Na alquimia, é o olho de Deus no qual o alquimista se vê refletido. O símbolo está de acordo com o conceito maçônico de Deus expresso por intermédio da geometria e da arquitetura. Infelizmente, o lago também se encontra em terreno privado, e o acesso até ele requer que se obtenha permissão.

Velhas fotografias mostram o lago cercado de árvores, com um altar de pedra em uma extremidade. Entretanto, esse lugar antigamente sagrado e

isolado hoje está com uma aparência lamentável. A terra em torno das margens foi ocupada e arada, as árvores ao redor foram cortadas e reduzidas a um punhado apenas, e o lago em si foi cercado com concreto. O pedestal ou “altar” que se elevava na frente do lago foi removido. Ao descobrir o local, ele parecia tão distante de algo remotamente sagrado que o ignorei por completo até confirmar sua localização no mapa. A destruição do lugar pareceu surpreender o Priorado, mas é mais uma evidência de que as areias do tempo estão mudando de lugar, cobrindo lentamente o que fora revelado entre esses morros em outros tempos.

Jaffus

Um pouco adiante, na direção norte, há uma área assinalada no mapa como “Jaffus”. O local situa-se a oeste de Rennes-le-Château, e sua semelhança com o Portão de Jafa na Cidade Velha de Jerusalém parece mais do que uma coincidência. De Jaffus em direção ao leste, escala-se uma colina até as ruínas do Château de Blanchefort. Houve antigamente em Blanchefort uma fileira de cabeças esculpidas em pedra, e aqui ainda existe uma rocha chamada de “cabeça”. Mas das esculturas originais só sei de uma que tenha sobrevivido – mas esta é propriedade particular, mantida em uma casa de uma cidade vizinha, e não pode ser restaurada por receio de roubo ou vandalismo, mas deveria ir para o museu de Carcassonne a fim de que pudesse ser apreciada pelo público. Tais obras de pedra geralmente são características de achados da antiga cultura celta, povo que tinha grande respeito pela cabeça cortada, acreditando que justamente essa parte do corpo fosse a fonte de poder espiritual entre os humanos.

As cabeças de pedra podem estar ligadas ao cume de Blanchefort, que aparece no mapa como Caput, palavra latina para “cabeça” ou “crânio”. Não seria forçado considerar a ligação entre esse nome e o de Gólgota ou Calvário, o “Lugar do Crânio”, onde Jesus foi crucificado.

Olhando para o leste nos defrontamos com o Pech Cardou, a montanha que domina grande parte da região, situada ao norte de Rennes-les-Bains. Eis uma outra referência apontando para Jerusalém: a palavra “Cardou” tem origem semelhante à de Cardo, a rua principal da Jerusalém romana e

bizantina. Essa rua, com colunas ao longo de toda sua extensão, era uma avenida comprida que cortava a cidade de norte a sul.

Como adverte Nic Haywood, podemos recuar a um tempo muito remoto na nossa busca de ligações entre essa localidade e Jerusalém. Há alguns indicadores, suficiente para sugerir a existência de uma rota simbólica que atravessa a região. A paisagem foi adaptada, tendo sido acrescentados alguns aspectos, outros modificados para criar um espelho de Jerusalém. A importância do local seria mais bem estabelecida antes das Cruzadas, mas durante a Idade Média a região reviveu. “Esse locais”, disse Nic, “nada mais são do que veículos usados para carregar uma verdade eterna.”

Blanchefort

É nas ruínas do Château de Blanchefort que entramos em contato com o aspecto mais esotérico dessa jornada, uma vez que ele constitui o ponto de partida de A serpente vermelha. Esse é o nome de uma publicação do Priorado em que todos os elementos do mistério se unem. O texto é enigmático e estranho, e eu o considero o documento mais importante de todo o mistério – por isso dediquei um capítulo inteiro mais adiante sobre o seu significado (veja o Capítulo 10).

Por ora, ele representa uma jornada iniciática pela paisagem, na qual a igreja de Rennes-le-Château funciona como um local de iniciação e a planta do edifício é traçada sobre a paisagem como se fosse um templo imenso:

Toda essa área [ao redor de Rennes-le-Château] foi modificada, escavada, aterrada e esculpida para oferecer uma jornada tridimensional, da mesma forma como as lojas maçônicas representam os rituais internamente, só que no mundo real. O labirinto [um sistema de minas e túneis subterrâneos] é Rennes-les-Bains, a “Poltrona do Diabo” é onde o trajeto termina – onde seus pés são lavados; requer a travessia de um rio. É uma iniciação a um mistério – o ritual maçônico mais próximo é o grau rosa-cruz do Rito Escocês Antigo e Aceito, indicado na igreja pelo tabuleiro de xadrez.

O grau de Rosa-Cruz é considerado o ritual mais próximo da representação da Via Dolorosa, a repetição figurada do percurso de Jesus desde o julgamento perante Pilatos até a crucificação e a entrada no túmulo. É essa jornada que está mapeada nas Estações da Cruz na igreja, entre cujas anomalias inclui-se a presença do xadrez, conforme mencionado anteriormente (veja a página 121).

Rennes-les-Bains

Seguindo a crista do morro para o sul, passamos a Rennes-les-Bains, a leste do vale. Esse é o local dos banhos romanos, ainda usados atualmente, nas proximidades do velho meridiano de Paris. Fica localizada aqui, também, a igreja onde atuou o padre Henri Boudet, que aparentemente foi o mentor do padre Saunière na restauração de Rennes-le-Château. A igreja de Boudet tem poucos aspectos de interesse, incluindo o que parece ser o desenho de um compasso no piso sob o altar. Os itens de maior destaque dessa igreja encontram-se no cemitério. Há duas sepulturas com o nome de Paul-Urbain de Fleury, cada uma assinalada com datas diferentes. Uma delas com a inscrição “que passou fazendo o bem”, uma frase usada para caracterizar os rosa-cruzes, assim como as rosas simbólicas da sepultura. No túmulo do predecessor de Boudet, o padre Jean Vié, pode-se ler algo como “janvier 17” (17 de janeiro) – em francês, Jean Vié e janvier são homófonos. O cemitério também manteve em certa época uma lápide para um terreno de propriedade de Pierre Plantard, mas ela se perdeu durante uma tempestade no início da década de 1990.

A Poltrona do Diabo

Continuando ao sul desde Blanchefort e para além de Rennes-les-Bains, chegamos a uma grande rocha parcialmente escavada, chamada Le Fauteuil du Diable, a “Poltrona do Diabo”. Essa pedra natural fica na encosta do morro e possui de fato a forma de uma poltrona gigantesca. Suas origens são desconhecidas, mas outros aspectos da paisagem vizinha, como o terraço em direção ao sul, são provavelmente de origem celta. A “poltrona”

está situada ao lado de uma fonte com alto teor de ferro, que pode ser usada para lavar os pés de quem se sentar na “poltrona”, presumivelmente um iniciado.

Entalhadas na rocha da poltrona veem-se diversas figuras, a mais velha das quais parece ser um alfa e ômega (AΩ). Como vimos no pilar visigótico na igreja de Rennes-le-Château, esse símbolo – a primeira e a última letras do alfabeto grego – representa o princípio e o fim, assinalando um percurso circular que estudaremos em A serpente vermelha. Há também um triângulo que pode estar relacionado ao campo triangular com o lago (veja a página 142), embora como símbolo geral ele normalmente represente uma montanha. É possível que o lago em si seja a representação de um local dentro da montanha – uma imagem, de perfil, revelando onde algo importante está enterrado. Há duas montanhas notáveis na vizinhança. Voltada para o norte fica a elevação escarpada do Pech Cardou, visível na pintura do altar de Rennes-le-Château (veja as Ilustrações).

Quanto ao nome “Poltrona do Diabo”, ele serve para nos lembrar do demônio Asmodeu, o guardião dos segredos, mas também se relaciona ao arquétipo do Trapaceiro ou Tolo, que empreende uma jornada de despertar espiritual – de alfa a ômega.

De acordo com o Priorado, a vista de Le Fauteuil du Diable sob a lua cheia na véspera do Dia da Colheita (1º de agosto) “merecia ser contemplada”, com os muitos cursos de água e rios da região totalmente iluminados. Infelizmente, um programa de plantio de árvores e o advento da luz artificial estragaram a vista à noite.

Château des Templiers

Olhando para o sul desde a Poltrona do Diabo, acompanhamos o rio Sals enquanto ele segue serpenteando no sopé de outra montanha, em cuja crista situam-se as ruínas de um velho posto avançado templário, o Château des Templiers, ou Castelo dos Templários. Entre o château e a Poltrona do Diabo existe um lugar chamado Homem Morto, cuja designação sugere que alguém foi enterrado por ali.

O château é uma das diversas construções que, segundo dizem, teria sido uma fortaleza templária após o retorno dos Cruzados. Essa é a opinião do Priorado, embora na região algumas pessoas sustentem que o baluarte pertenceu aos Cavaleiros de São João (os Hospitalários). Entretanto, as duas coisas são possíveis, uma vez que a maioria das terras e propriedades dos Templários acabou sendo transferida para os Hospitalários. Sua localização, sobre um morro ao sul de Rennes-les-Bains, é importante por diversas razões. Proporcionava vistas sobre Rennes-les-Bains e Lavaldieu, e, durante a época dos Templários, o Château Blanchefort também era visível ao norte, além da Poltrona do Diabo. Rennes-le-Château pode ser vista ao noroeste. A importância disso irá se esclarecer nos últimos capítulos, mas por ora é suficiente assinalar que o castelo domina toda a paisagem e está, de acordo com o Priorado, ligado diretamente aos Templários. O segredo dessa paisagem, a que voltaremos adiante, era conhecido pelo menos já na época dos Templários.

De acordo com o Priorado, a segunda fortaleza templária estava localizada em Arques, ao nordeste, oferecendo vistas comparáveis de toda essa região. A impressão que temos é que os Templários conheciam o segredo dessa localidade e por um tempo mantiveram-na sob observação.

No retorno da Terra Santa, diversos Templários passaram a residir no Languedoc, e grande parte das terras da região pertencia a famílias vinculadas à ordem. Depois de sua perseguição e dissolução no início do século XIV (veja o Capítulo 2), essas propriedades foram confiscadas e distribuídas a outras ordens, com maior destaque para os Cavaleiros Hospitalários, que posteriormente tornaram-se os Cavaleiros de Malta.

Não podemos dizer com certeza exatamente quais locais foram ocupados pelos Templários, mas com base nos ecos de Jerusalém em diversos topônimos parece plausível que eles tenham influenciado grandemente a paisagem.

CONCLUSÃO

A terra às vezes guarda nossas memórias, os vestígios daqueles que vieram antes de nós, em sedimentos representativos da sociedade de todas as épocas. A paisagem de Rennes-le-Château mudou, e todas as escavações trazem à luz de nossos dias vestígios dos ancestrais que antigamente ocuparam esses mesmos campos. Nas últimas centenas de anos, séculos de progresso lento deram espaço para um surto de desenvolvimento, e a paisagem mudou drasticamente. Velhas estradas são refeitas de concreto e asfalto, e o arado apaga o que resta dos rastros antigos; cristas desabitadas pontuadas por saliências rochosas encontram-se atualmente ocultas pela plantação de florestas; os marcos foram mudados ou enterrados e quebrados; à noite, o brilho ambarino da luz elétrica das ruas esconde muitas das estrelas, e a lua já não empresta mais aos rios o reflexo que lhes dava vida como serpentes de mercúrio. Quando tudo está iluminado, parece que o caminho se perdeu.

A última palavra sobre o uso ritual da paisagem está contida em um panfleto intitulado A serpente vermelha, um texto que assinala o elo entre o que passou e o que estamos para descobrir. Porém, antes de entrarmos nessa próxima etapa de nossa jornada, devemos fazer uma pausa para considerar o que aprendemos até aqui. Refletindo sobre os últimos capítulos, vemos o surgimento de diversos temas que podemos usar como base para pensamentos e ideias nos capítulos seguintes.

CAPÍTULO 8

TEMAS MANIFESTOS

INTRODUÇÃO

A igreja do padre Saunière e a paisagem vizinha encerram numerosos temas do mistério de que estamos tratando. A partir de certo ponto no futuro, esses temas poderão convergir sob um mesmo “guarda-chuva”, mas no momento uma resposta abrangente torna-se elusiva. Até lá, devemos supor que deve haver mais de um mistério envolvido. Certamente, os temas são mais fáceis de identificar e estudar como elementos individuais. Por ora, minha intenção nesta parte do livro é resumir os antecedentes, as pistas e as informações disponíveis sobre determinado número de caminhos e esboçar possíveis conclusões. Algumas ideias novas e avanços recentes também contribuíram para aprofundar e ampliar o mistério. Grande parte das evidências existentes está sujeita a mais de uma interpretação, e, até onde for possível, discutirei as alternativas.

PADRE BÉRENGER SAUNIÈRE

O papel de Saunière no centro desse mistério parece ser tanto o de explorador quanto o de guardião. Suas descobertas e seu enriquecimento repentino (veja o Capítulo 5) colocaram-no em posição de comunicar uma série de ideias diferentes, por meio da constituição material e da decoração da sua igreja. Nisso ele foi auxiliado por aqueles que se achavam mais próximos e por outras pessoas da região que apoiaram e orientaram suas ações. O Priorado nos informa que:

Bérenger Saunière recebeu uma carta importante de Granes informando-lhe sobre um símbolo ou pequeno marcador que fora localizado ali. Uma linha traçada diretamente de lá até as abóbadas de Arques (palavra derivada de “um tabuleiro de xadrez” em árabe – ar-qa, ruat –, e também a origem de

Arlequim, além de significar “fala confusa”, “grande porta ou entrada”) atravessa diretamente o Túmulo!

Aprenderemos mais sobre o “túmulo” no Capítulo 11, mas o Priorado quer dizer que outro padre, sediado em Granes, ajudou Saunière a localizar uma sepultura. Esta pode ter sido a origem imediata da riqueza dele ou talvez contivesse documentos, informações ou um tesouro, que ele trocou por dinheiro. Esse dinheiro, e possivelmente itens do túmulo, foram divididos entre Saunière e dois outros padres locais, Gélis e Boudet. Gélis investiu sua parte comercialmente, Boudet financiou a reforma de diversas igrejas da região e outras causas de caridade, ao passo que Saunière gastou seu quinhão na reforma de sua igreja em Rennes-le-Château, numa casa de hóspedes e em artigos de luxo. A igreja e seus jardins foram ampliados para incluir um simbolismo esotérico e às vezes herético, originário em grande parte dos maçons e dos rosa-cruzes.

MAÇONARIA

Independentemente do que Saunière tenha descoberto como fonte de riqueza, a decoração de sua igreja (veja o Capítulo 6) pareceu-me de início algo semelhante a um parque temático maçônico. Para enfatizar esse vínculo, um grupo de maçons dos Estados Unidos visitou o lugar enquanto eu estava por lá, mostrando-se visivelmente encantado com a abundância de seus símbolos peculiares. Sabe-se que outros grupos maçônicos viajam de Paris e da Inglaterra para se maravilhar com o que parece ser à primeira vista uma loja maçônica oculta dentro de uma igreja. Porém, embora ela tenha muito em comum com o templo maçônico padrão, na verdade a igreja é uma criação do Rosacrucianismo, o braço espiritual do Priorado de Sião, como este confirmou:

Sem dúvida nenhuma, a igreja de Rennes-le-Château foi usada como uma comenda de Templários – uma loja para encontros de alto nível da Rosa-Cruz –, e sua reforma atesta esse fato.

Além disso, ela também foi usada para solenizar a elevação/iniciação nos graus [superiores de Rosa-Cruz] (de 17 a 33).

Superficialmente, há poucas diferenças entre os dois tipos de lojas, considerando que os rituais e a indumentária da Maçonaria foram amplamente adotados no Rosacrucianismo. As lojas maçônicas são construídas segundo a imagem do Templo de Salomão, e essa igreja não é diferente. Do lado de dentro da porta fica uma estátua de Asmodeu, o demônio convocado e obrigado pelo rei Salomão a construir seu templo em silêncio, como vimos. Salomão rendeu Asmodeu usando água, e é por isso que a estátua se agacha embaixo da pia de água benta. O demônio contempla o piso xadrez, que é por si só um aspecto característico de todo templo maçônico. Na época de Saunière, esse desenho era limitado às exatas 64 quadrículas de um tabuleiro, mas depois foi ampliado até cobrir todo o piso, supostamente numa tentativa de disfarce.

A igreja de Rennes-le-Château foi um local de iniciação, de ritual e de mistério. Os ensinamentos ministrados ali estavam sob a égide da Maçonaria rosacrucianista. Da perspectiva cristã, o 18º grau (Rosa-Cruz) é o mais próximo da Paixão de Cristo, e seus ritos de iniciação acompanham a Via Sacra. Como foi mencionado anteriormente, na Oitava Estação da Cruz, vê-se um garoto usando um tartã, tecido de lã xadrez, uma referência ao Rito Escocês Antigo e Aceito da Maçonaria (veja o Capítulo 6). Muitos dos graus superiores, ou ecossais [escoceses], tiveram origem nas antigas famílias aristocráticas da Europa. Essa Oitava Estação também estava ligada à família nobre local de De Negri d’Ables (também grafada como Nègre), e foi Jacques-Etienne Marconis de Nègre quem criou o rito de Memphis – um precursor do Rito Escocês Antigo e Aceito. Jacques-Etienne de Nègre foi um ancestral de Marie de Negri d’Ables, condessa de Blanchefort, enterrada na igreja.

A fusão entre o Rito Escocês e a Rosa-Cruz criara mais outros dezessete graus, aumentando o número total para 33. A verdade sobre o assunto é que o Priorado de Sião precisava de um repositório seguro para seu próprio conhecimento e uma fonte inquestionável de recrutas – um local seguro, secreto e bem guardado. Que lugar melhor do que os escalões superiores de uma instituição secreta que eles próprios haviam criado e, principalmente, acompanhado?

Os emblemas do grau da Rosa-Cruz são a rosa, a cruz, a águia e o pelicano. O pelicano é visto dando o próprio leite a seu filhote, num ato de autossacrifício. O pequeno museu em Rennes-le-Château exibe o hábito de Saunière com essa imagem bordada nas costas (veja as Ilustrações).

Nos graus de Rosa-Cruz, usava-se um “aposento de contemplação” para preparar o candidato para os rituais e esse pode ser identificado como o aposento secreto, oculto por Saunière atrás do armário da sacristia.

O símbolo da rosa sobre a cruz no púlpito e acima das Estações da Cruz também nos lembra do grau de Rosa-Cruz e vincula os maçons ao movimento rosacrucianista, o braço espiritual do Priorado.

A rosa-cruz sozinha pode ser absorvida em um ambiente cristão sem despertar suspeitas, uma vez que pode ser interpretada como sendo Jesus como a “Rosa de Sarom”. Entretanto, um simbolismo maçônico e rosacrucianista excessivo em um único lugar é uma evidência esmagadora da influência das sociedades secretas.

Lá, o ritual também emprega três câmaras nas cores preta, branca e vermelha – as etapas clássicas da transformação alquímica. Essas etapas podem ser igualmente vivenciadas como estágios de meditação. O 25º grau (Rosa-Cruz) confere ao candidato o título de “Cavaleiro da Serpente de Bronze”, simbolizado pelo título do documento do Priorado A serpente vermelha.

O símbolo, conforme usado no 25º grau, uma serpente enroscada na cruz de tau, deve ser familiar aos que viram as imagens do livro de Nicolas Flamel.

O texto de A serpente vermelha, integralmente analisado num capítulo posterior, mostra que o ritual não era limitado à igreja, mas recriado em grande escala na paisagem vizinha: um lugar de iniciação em massa, não embaixo das estrelas pintadas no teto da igreja/loja, mas sob a verdadeira profusão de estrelas reais.

Não chegou ao conhecimento público nenhuma filiação maçônica/rosa-cruz de Saunière, mas na época os padres eram proibidos de se tornar maçons, portanto ele certamente manteve o fato em segredo. Até mesmo a história

sobre as ações de Saunière podem se basear nas instruções de um ritual maçônico. Durante o ritual do 17º grau (Real Arco), o candidato passa por uma representação da descoberta do Templo de Salomão, esse mesmo baseado presumivelmente na volta dos Templários à Terra Santa e na residência sobre o Monte do Templo. A certa altura do ritual, o candidato força a abertura da arcada do Templo com um pé de cabra e descobre um rolo secreto – de maneira muito semelhante à que Saunière, segundo se diz, descobriu os pergaminhos.

Nessa etapa, pode ser tentador classificar todo o mistério como um absurdo rosacrucianista. Mas essa é apenas parte da história. As sociedades secretas são um veículo perfeito para a transmissão de ideias heréticas, e a abundância de simbolismo nessa igreja indica a possibilidade de algum segredo maior.

TERRAS DE PROPRIEDADE DOS TEMPLÁRIOS

Os Cavaleiros Templários costumam ser vistos como precursores dos maçons. Certamente, diversos rituais maçônicos recriam cenas da história dos Templários, como a escavação do Monte do Templo durante o 17º grau. Os Templários tinham estreita ligação com as imediações de Rennes-le-Château. No retorno do Levante, a maioria dos Templários realojou-se nessa área, e somos informados pelo Priorado de que em uma etapa eles tentaram criar seu próprio principado, ressuscitando a antiga região chamada Septimania, parte do reino visigótico em tempos pós-romanos. Ele incorporava grande parte do Languedoc, incluindo a localidade de Rennes-le-Château.

Se tais áreas pertenceram um dia aos Templários, então os itens dos nobres locais de Hautpoul e Blanchefort que podem ter chegado às mãos de Saunière pelo seu predecessor incluiriam as escrituras dessas terras, que estariam em nome de antigas famílias vinculadas aos Templários. O Priorado afirma que essas escrituras, assegurando toda a região aos Templários, realmente existiram e constituíam parte dos achados de Saunière. De acordo com Nic Haywood,

Não é segredo que a Septimanie [Septimania] era para ter sido o principado independente da “Ordem dos Pobres Cavaleiros do Templo” e que todos os documentos necessários haviam sido assinados e selados com essa finalidade antes de sua apreensão. Será que estes incluíam a terra e os arredores de Rennes-le-Château? Em caso afirmativo, é um fato que nem a França nem Roma jamais revogaram essas escrituras.

A ordem dos Templários caiu em 1307, quando o rei Filipe IV da França ordenou a prisão em massa dos cavaleiros por suspeita de heresia. Filipe tomou as terras e os bens dos integrantes da ordem e, embora diversos Templários tenham escapado da perseguição – e muita coisa tenha se perdido, dispersado ou sido enterrada às pressas –, suas terras, incluindo o Languedoc, lhes foram tomadas. Essas propriedades teriam sido transferidas aos Cavaleiros Hospitalários (também chamados de Cavaleiros de São João e, posteriormente, os Cavaleiros de Malta).

O PERGAMINHO DE CHINON

Já tratamos do Pergaminho de Chinon quando discutimos a história do Priorado em relação aos Templários (veja o Capítulo 2). Antes de ser descoberto em 2001, esse decreto papal, que absolve explicitamente a ordem de heresia, ficara perdido no Arquivo Secreto do Vaticano durante séculos. Sua existência lança nova luz, de valor inestimável, tanto sobre os Templários quanto sobre o mistério de Rennes-le-Château.

Apesar da existência desse documento autenticado, Bento XVI – a exemplo de seus predecessores – recusou-se a endossar o perdão [para os Templários], cuja proclamação negaria a posse dos imóveis tanto pelos Cavaleiros de Malta quanto pelos do Santo Sepulcro [ordem fundada em 1099, que depois se fundiu com a dos Hospitalários].

À parte a localização das escrituras das terras nas vizinhanças de Rennes-le-Château e a exoneração da ordem, o que nos interessa mais aqui é que as terras pertencentes à ordem e às famílias dos Templários deveriam ter permanecido sob o controle de seus proprietários. Como foi mencionado anteriormente, depois do julgamento dos Templários, suas terras e seus bens

passaram aos Hospitalários, os atuais Cavaleiros de Malta. À luz do Pergaminho de Chinon, todas as propriedades que sobreviveram deveriam ter sido devolvidas aos proprietários de direito.

Por ter um interesse tão direto no assunto, não é surpresa que alguns integrantes efetivos do Priorado ainda estejam localizados na região, ou que seu antigo grão-mestre, Pierre Plantard, também possuísse seu quinhão nas imediações de Rennes-le-Château. Em um capítulo anterior, também mencionei as terras pertencentes à família nobre De Fleury, que são visivelmente destacadas no mural do Sermão da Montanha da igreja de Rennes-le-Château (veja a página 128). Além disso, identifiquei a referência rosacrucianista sobre a lápide tumular de um integrante da família. O Priorado afirma:

Terras específicas nas imediações de Rennes-le-Château/Rennes-les-Bains são mantidas por famílias com vínculos discerníveis com o Priorado de Sião do século XX, com a Rosa-Cruz ou com a tradição cátara.

A importância da questão sobre quem detém a propriedade das terras não é inteiramente política. O ponto crucial é que, seja quem for o proprietário das terras, também possui tudo o que esteja enterrado sob elas.

Exatamente o que o Priorado acredita estar enterrado nas imediações de Rennes-le-Château é uma questão muito diferente na realidade. Le serpent rouge [A serpente vermelha] alude a “corpos embalsamados e metais preciosos pesados demais para serem carregados etc.” Há diversos itens “críticos” armazenados lá, entre os quais podem estar incluídos restos humanos em estado de preservação (especificamente uma cabeça), que foram usados, em virtude de sua existência, como “meio de influência” no passado.

O aspecto do mistério ligado ao tesouro representa uma distração e tanto para muitas pessoas. A possibilidade de que Saunière tivesse descoberto, e pilhado, uma grande quantidade de tesouros templários ou visigóticos é algo empolgante, mas não devemos nos deixar dispersar por isso. Há outros caminhos muito mais interessantes a serem percorridos. Uma vez que os itens podem ser usados como um “meio de influência” contra a Igreja, eles

devem ter algum significado religioso que contraria o cristianismo ortodoxo.

GEOMETRIA SAGRADA

As técnicas de edificação e as tradições podem viajar por todo o planeta, a exemplo daquelas dos construtores de catedrais da Idade Média. Suas obras e muitas outras foram adornadas com rosáceas que são na realidade mandalas, ou diagramas cósmicos, ilustrando uma cosmologia sutil, enquanto sua estrutura em geral expressava o conceito do quadrado da matéria contendo o círculo do espírito. Todos esses aspectos têm suas origens nas filosofias orientais. Isso se aplica especialmente às construções com domo. Durante essa época, certos locais de adoração, como algumas igrejas templárias, tinham um formato redondo, refletindo a forma do mundo. Eles transcendiam a concepção medieval de um planeta com quadrado com “quatro cantos”, talvez devido a algum ensinamento aprendido na Terra Santa.

A geometria sagrada foi aplicada a essas catedrais, tendo declinado depois da época dos antigos gregos e acabando por ser redescoberta no Oriente pelos europeus durante as primeiras Cruzadas. O estilo românico funcional, que derivou dos modelos do final da época romana, foi subitamente imbuído de um novo sentido de reverência quando o significado e o equilíbrio foram restaurados na arquitetura. Nas cidades e vilas europeias medievais, onde poucos edifícios tinham mais do que dois andares de altura, os novos monólitos “góticos” erguiam-se acima das pessoas, exigindo que olhassem sempre para cima num espetáculo de força e beleza. Ainda hoje, a escala dessas construções tem a capacidade esmagadora de nos impressionar.

A geometria tem seus próprios segredos; ela contém o crescimento e a evolução nos padrões da natureza e pode ser vista como uma expressão da ordem divina dentro do caos aparente. A palavra “racional” deriva da palavra latina ratio – razão, ou a visão correta das coisas; não se trata apenas de lógica, mas de significado. Em Rennes-le-Château, a geometria é especialmente importante, uma vez que é usada para representar mistérios

profundos. Como me confirmou Nic Haywood por e-mail, “a geometria é um segredo essencial a tudo o que diz respeito ao ‘mistério’ de Rennes-le-Château”.

O pentagrama

Dois autores em particular estudaram a geometria aplicada nas construções da região. Em Genisis e Geneset, David Wood mapeia um pentagrama e um hexagrama complexos sobre a paisagem, enquanto em The holy place [O lugar santo] e The key to the sacred pattern [O segredo do padrão sagrado], Henry Lincoln também encontra um pentagrama perfeito, com cada uma das cinco pontas da estrela assinalada por um pico de montanha. Os dois abrangem a terra entre Rennes-le-Château e Rennes-les-Bains.

Alguns outros autores incluíram Rennes-le-Château em alinhamentos geométricos, e também há uma série de obras não publicadas ou impressas para uso particular, incluindo a de Ron Weighell, Angles of coincidence [Ângulos de coincidência], mas esses na maior parte inspiram-se fortemente na geometria de Lincoln e tentam interpretá-la de maneira diferente ou fazem-na apontar para um local específico.

Embora o complexo livro de David Wood, com temática egípcia, tenha sido publicado primeiro, foi o pentagrama simples de Henry Lincoln que prendeu a imaginação do público. O pentagrama de Lincoln liga o Château des Templiers, ao sul, com Rennes-le-Château e Blanchefort, ao norte, e a dois outros picos no mapa. Essas construções foram erguidas sobre picos que parecem naturais, o que significa que o pentagrama subjacente foi formado ou quando os Pireneus se elevaram da terra ou quando a região foi extensamente trabalhada para produzir esse efeito. Até mesmo o árido livro de Wood sobre Rennes-le-Château admite a exatidão do pentagrama sobre a paisagem. A probabilidade determina que, com tantos picos, a forma de um pentagrama deveria aparecer em algum lugar, mas representa uma coincidência interessante acontecendo aqui e ligando esses locais.

A exemplo de todos os símbolos, o pentagrama, ou a estrela de cinco pontas, é passível de muitas interpretações, mas a maioria das pessoas a

reconhece como um símbolo do ocultismo. O rei Salomão, cujo Templo é imitado pelos maçons e referido na igreja de Maria Madalena em Rennes-le-Château, é caracterizado nas tradições judaica e cristã usando um anel inscrito com um selo mágico. O selo muitas vezes é representado erroneamente como a Estrela de Davi, de seis pontas, quando na verdade constitui cinco formatos de letras “A” entrelaçadas – em outras palavras, um pentagrama. Essa tradição, transmitida ao longo da história por pessoas como o ocultista de Saint-Sulpice, Eliphas Lévi, com frequência pode ser considerada como uma base da atividade mágica moderna.

O pentagrama em si é muitas vezes associado ao mal ou ao diabo, mas como tal foi, consciente ou inconscientemente, parte da campanha de discriminação contra o sexo feminino dentro da Igreja Católica. Na sua forma mais primitiva, o pentagrama representa o caminho de Vênus no céu noturno. Isso teria sido reconhecido pelos antigos e transmitido ao longo da história como um desenho arquetípico feminino, e o planeta era identificado com a poderosa divindade pré-cristã da sexualidade feminina (diversamente chamada de Afrodite, Vênus, Astarte e Ishtar). Naturalmente, a Igreja tentou reprimir o arquétipo pagão, e esse símbolo claro, porém complexo, da feminilidade foi indevidamente caracterizado como um sinal do mal. (Seu aparecimento na testa da “Cabra do sabá”, como indicado por Eliphas Lévi, pode ter mais a ver com o relacionamento de Vênus com Capricórnio do que com a “adoração do Diabo” de concepção popular.)

Na magia oculta, o pentagrama é usado tanto para invocar espíritos quanto para bani-los. O pentagrama também pode ser usado para criar uma barreira protetora ao redor do inquiridor. Considere-se ou não a magia como algo sem sentido, o efeito psicológico do pentagrama transcende o veículo transmissor do ocultismo. Se a paisagem é assinalada com as cinco pontas de um pentagrama nos picos dos morros, este representa um símbolo feminino e protetor.

Uma linha do pentagrama de Lincoln liga Rennes-le-Château a Blanchefort, que também é retratada na vista da pintura do altar da igreja de Saunière. Seguindo esse caminho, chegamos ao meridiano de Paris e à “Linha Rosa”, logo depois do Pech Cardou. Isso é assinalado pelos vestígios de um túmulo em Les Pontils, que originalmente parecia muito semelhante ao túmulo de

Et in Arcadia ego, de Poussin. Poussin usou o pentagrama para dar forma a sua famosa e enigmática obra, e Lincoln adotou a pintura como base para seu desenho.

A presença da Linha Rosa na região permite-nos fazer outras ligações com o pentagrama de Lincoln. A exemplo de muitos outros pesquisadores, desenhei incontáveis linhas sobre os mapas IGN da região, estudei os ângulos e pesquiseis os morros. Uma vez que não há nada no centro do pentagrama e no outro único ponto focal discernível, é difícil provar que o pentagrama tenha algum propósito direcional. Talvez ele simplesmente exista para atrair as pessoas à região e dar um sentido à sua importância. É provavel que haja um segredo para desvendar o pentagrama, como tive a impressão de que seja usado para indicar locais específicos usando um conjunto de regras simples. Estudarei o assunto adiante, mas por ora estamos à mercê daqueles que construíram o pentagrama ou fizeram uso de um pentagrama natural para revelar seu propósito.

Muitos consideram a geometria dessa região como um espetáculo secundário, um desvio do mistério principal, pois as linhas isoladamente não podem ser responsáveis pelo enriquecimento de um pobre padre francês, a menos que apontassem para um local específico. Um segundo problema é que a mesma geometria pode muitas vezes se mostrar compatível com muitos outros locais ou cidades (veja, por exemplo, o livro Earthstars [Estrelas na terra], de Chris Street, que encontra uma correlação entre padrões geométricos complexos e a localização de igrejas em Londres).

Igualmente de interesse é uma obra de publicação limitada intitulada The secret of the Templars [O segredo dos Templários], de Patricia Villiers-Stuart. O Priorado nos forneceu uma cópia parcial dessa obra e vamos discutir melhor o assunto no Capítulo 10, sobre os documentos. A exemplo de Henry Lincoln, Villiers-Stuart usa a pintura de Poussin como base de seus desenhos. Conforme mostrado por Lincoln, o pentagrama também foi usado por Jean Cocteau quando desenhou a cena da Crucificação na Notre Dame de Londres:

Jean Cocteau preparara uma série de desenhos com base principalmente em progressões preexistentes da geometria, as quais, por sua vez, eram a base

de um tarô revisado. Eram altamente minimalistas, quase glifos puros, que sugeriam um objeto cuja formação seguia de perto a geometria subjacente ou glifo. Era progressivo.

O Priorado me forneceu uma seleção dessas cartas do tarô (veja as páginas 350-351). Já me referi às ligações de Cocteau com o Priorado e tornaremos a mencioná-lo adiante.

Em uma escala maior, a obra de Greg Rigby, On Earth as it is in Heaven [Sobre a Terra como no Céu], mapeia as estrelas da Ursa Maior sobre diversas catedrais dedicadas a Notre Dame (“Nossa Senhora”) em toda a França. A única estrela que não encontra correspondente em uma catedral, e o ponto mais ao sul desse desenho, é representada por Rennes-le-Château, onde a igreja é dedicada a Maria Madalena.

A energia se organiza em linhas retas e assume a forma de padrões geométricos. Resta outro aspecto da paisagem que auxilia muito o alinhamento das energias: o magnetismo.

A ENERGIA DA PAISAGEM

Os arredores de Rennes-le-Château têm propriedades magnéticas. O solo contém tanto ferro e tantas fontes naturais que a região é o sonho de todo rabdomante. Há áreas consideradas como “zonas vedadas ao voo”, por causa da influência do magnetismo sobre os instrumentos das aeronaves. Também fui informado por diversas fontes de que, se pararmos à porta da igreja de Maria Madalena com uma bússola convencional de metal, ela irá girar loucamente fora de controle. Da entrevista com Nic Haywood:

Os tesouros, as coisas enterradas [dentro e ao redor de Rennes-le-Château] a serem descobertas, são um caso à parte. Existe uma energia. A terra é ferrosa, geralmente considerada como a área de maior concentração de magnetita conhecida da humanidade. A magnetita – ou pedra-ímã – é o ímã natural encontrado na natureza, e os navegadores dependiam dela para navegar sem orientação das estrelas.

As dezenas de menires pagãos naturais ou esculpidos por mãos humanas, espalhados por toda a paisagem ao redor de Rennes-le-Château, também servem como uma ligação a esse campo magnético. Segundo os rabdomantes, elas canalizariam as energias terrestres. Mesmo que você não acredite em rabdomancia, a ideia das energias terrestres ou “correntes telúricas” tem um grande número de adeptos, e se tantas pessoas endossam a ideia – de maneira parecida a uma religião – ela deve ter a sua influência, independentemente de ser de fato verdadeira. (Para outra perspectiva sobre essas “correntes telúricas”, o romance de aventuras de Umberto Eco, O pêndulo de Foucault, estabelece muitas pontes interessantes entre as energias terrestres e os Templários.)



Estátua de Asmodeu em Rennes-le-Château



A batina do padre Bérenger Saunière Priorado



Santo Antônio e São Paulo no deserto, pintura de David Teniers, o Moço



Et in Arcadia ego [Os pastores da Arcádia], pintura de Nicolas Poussin



Altar em Rennes-le-Château com paisagem



Da esquerda para a direita: os picos de Coustaussa (com ruínas), Pech Cardou e Blanchefort



Manuscrito Splendor Solis: “Tira-me do lamaçal…”

A ideia de correntes terrestres que podem ser controladas é antiga e aparece em diversas culturas. De acordo com essa concepção, o campo magnético terrestre pode ser usado para influenciar o indivíduo no plano energético. Tudo vibra segundo um nível molecular e reage de algum modo a campos magnéticos fortes. Em teoria, a vibração de uma imensa rocha magnetizada

afeta um indivíduo que tenha sido adequadamente preparado para ficar aberto a essas energias.

Não sou nem um canal nem um rabdomante, mas testemunhei tanto a canalização quanto a rabdomancia em atividade. No caso particular da segunda, é fácil para a maioria das pessoas sentir pelo menos alguma indicação de que existe uma reação biológica a entidades geológicas. De conversas com habitantes da região de Rennes-le-Château, tive a sensação de que a energia ali pode amplificar tanto os aspectos positivos quanto negativos de uma pessoa, e assim deve ser protegida do uso indevido. Nesse contexto, citarei uma estranha carta que recebi do Priorado:

Fui levado também pelo acaso a abrir um determinado volume antigo na página em que se lia o seguinte:

“Pois no cérebro, no coração e na virilha / Portões se abrem atrás do trono de Satã na cidade de ‘Golgooza’, que é o centro quádruplo no coração da Arcádia.” Arcádia é o lar espiritual das artes e ofícios. Seu portão oriental guarda o segredo e é protegido pelos mensageiros de “Los”, a personificação da energia criativa. A “Golgooza” quadridimensional segue o modelo de Jerusalém – Sião –, o lugar da realização e da liberdade completas.

Esse texto enigmático liga a Poltrona do Diabo (“Trono de Satã”), a pintura de Poussin (Os pastores da Arcádia) e a energia criativa. Ele identifica a montanha de Blanchefort com o Gólgota (“Golgooza”), o Lugar do Crânio, e sobre essa montanha existe realmente um pico denominado “Caput” ou cabeça. A ideia inclina-se no sentido de uma iniciação, e isso será visto posteriormente no capítulo sobre A serpente vermelha.

A analogia de uma cidade subterrânea baseada na energia criativa também nos leva na direção de outras esferas de possibilidades. Como é o caso de muitos aspectos desses mistérios, justo quando nos tornamos enraizados na realidade do solo e das rochas, descobrimos outro nível de significado brotando como uma fonte de baixo da terra. As energias da região parecem ir além das perturbações magnéticas na direção de algo mais estranho.

UM PORTAL DO TEMPO?

Sobre o assunto das energias na região, há algo mais que poderia ser adicionado. No final de década de 1980, ocorreu-me a ideia de um “portal” em Rennes-le-Château. A escritora Elizabeth van Buren caracterizara isso como uma passagem no tempo, oculta na paisagem. A ideia de um “portal” assim, embora aparentemente bizarra, tinha alguns relatos a seu favor. Há duas histórias diferentes de pessoas que viajaram a Rennes-le-Château e passaram pelo que pareceu uma mudança no tempo.

Em um relato narrado com clareza, uma moradora local conta a história de uma mulher que a visitara em um dia de verão. No fim da manhã, a visitante seguiu pela estrada que conduzia à igreja cortando a cidade, mas encontrou tudo fechado. A igreja estava trancada, e todas as ruas da cidade, desertas. A visitante partiu e voltou no dia seguinte – para descobrir que, no momento de sua visita no dia anterior, havia uma verdadeira passeata, com centenas de visitantes dos dois lados das ruas e a igreja completamente lotada. Ela também observou que a cidade deserta, em sua primeira visita, tinha uma aparência estranha, antiquada, como se parada no século XIX. Não há evidências para comprovar esse relato, mas esse não é um caso isolado.

Tenho conhecimento de pelo menos outra experiência semelhante de uma pessoa na região na década de 1980, e circulam outros rumores de incidências mais recentes.

Depois de ter estudado por muitos anos a noção de portal, perguntei ao Priorado sobre a possibilidade de existir um lugar assim. Esta foi a resposta de Nic Haywood:

O Priorado de Sião está, em grande parte, ciente desse sítio específico – um local. Seu propósito é de gnose e aperfeiçoamento total. Isso, principalmente, constitui o cerne essencial da experiência iniciatória, mas poderia tender facilmente ao uso inadequado.

Devo esclarecer que a própria ideia de um “portal”, uma “passagem”, uma “entrada”, por mais fantástica que pareça, não está longe da verdade.

Outro integrante do Priorado de Sião, que prefere permanecer anônimo, também narrara esse fenômeno, trazendo à tona um esquema muito mais amplo dentro da paisagem.

Existe um local de gnose, vivência espiritual, à noite. A influência da vibração pode fortalecer tanto os aspectos positivos quanto os negativos, portanto ele é mantido oculto.

Ficou bastante claro para mim que, caso tentasse localizar esse "portal", seria impedido de fazê-lo. Essa foi a única vez que o Priorado restringiu minhas ações e o mais perto que chegou de fazer uma ameaça. Desde essa época, tem havido inúmeras outras alegações de experiências com algum tipo de "portal" na região, mas, até onde posso dizer, essas diferem do que foi comentado aqui.

VISÕES

Outro tema em Rennes-le-Château é que há numerosas referências a visões, como a estátua de Nossa Senhora de Lurdes, no jardim. Essa foi uma aparição da Virgem Maria que aconteceu na cidade de Lurdes, em 1858, a uma garota chamada Bernadette Soubirous. Rapidamente, Lurdes transformou-se em um importante destino de peregrinação.

Saunière visitava Lurdes regularmente, sobretudo no fim da vida, e acreditava na importância das visões e das informações que elas transmitiam. Como já observamos (veja o Capítulo 6), a inscrição acima da porta dessa igreja tem o dístico Terribilis est locus iste e é tirada da visão de Jacó dos anjos viajando entre a terra e o céu. Dentro, vemos acima da pia de água benta a inscrição em francês "Sob este signo vencerás", que apareceu no céu na visão do imperador Constantino de uma cruz com o alfa e o ômega suspensos por baixo. Essa imagem da cruz também está presente no suposto pedestal visigótico que sustenta a estátua de Nossa Senhora de Lurdes.

Uma das muitas coincidências interessantes no caso de Rennes-le-Château é encontrada bem ao sul de Rennes-les-Bains, onde a inscrição do nome

“Calvet” aparece gravada numa cruz de pedra sobre um pedestal. Não há data na cruz, mas ela parece contemporânea de Saunière e Boudet. “Calvet” é tanto o sobrenome original de Emma Calvé, uma famosa cantora da época, como o nome de uma garota, Mélanie Calvet ou Calvat, que teve uma visão da Virgem Maria em La Salette. “Nossa Senhora de La Salette” foi avistada em 1846, e o local tornou-se um centro de peregrinação (veja a página 98). Tanto Lurdes quanto La Salette continuam sendo locais de peregrinação importantes até os nossos dias.

Dentro da igreja de Rennes-le-Château, a concha de água sustentada por Asmodeu (veja a página 115) representa São Tiago e costuma ser usada pelos peregrinos a caminho de Santiago de Compostela. Uma rota para Santiago é visível a partir de Rennes-le-Château. As duas visões e a peregrinação são discutidas em outras partes deste livro, mas por ora nos basta reconhecer que são representadas na igreja.

Meu interesse pessoal pelas visões deriva da vivência que tive na região.

Durante minha primeira visita a Rennes-le-Château, eu me achava em certo momento no meu quarto de hotel na vizinha Couiza, sentado ao pé da cama. A claridade começava a diminuir, e meus pensamentos estavam ocupados com todos os lugares em que estivera durante o dia, incluindo a igreja e a gruta de Maria Madalena. Anoitecia, quando então tomei consciência de algo se movendo atrás de mim nas sombras à cabeceira da cama. Voltei-me lentamente e vi o que pareciam ser videiras surgindo da parede. Tinham folhas verdes e cresciam rapidamente, entrelaçando-se enquanto se espalhavam pela alvenaria de pedra atrás da madeira da cabeceira. Não me surpreendo facilmente com fenômenos, portanto fiquei sentado e observei com calma a grande quantidade de videiras crescendo para cima e para os lados da parede. Elas me traziam à mente muitos pensamentos, incluindo as trepadeiras na selva de um velho filme de Tarzan. Eram fortes e altas, e acabaram chegando ao teto. Não me senti nem um pouco assustado e assim continuei a observar, perplexo pela característica realista da imagem que minha imaginação invocara. Depois de alguns minutos as videiras se apagaram e só restou a parede nua.

Eu havia lido livros suficientes e visto o bastante sobre o mistério de Rennes-le-Château para relacionar a declaração de Jesus, “Eu sou a videira

verdadeira” (João 15), com a ideia de uma linhagem, e classifiquei o episódio inteiro como um exemplo da mais pura imaginação. Foi tudo muito lúcido e interessante, e pareceu bem real, mas provavelmente não mais real do que os efeitos de um composto psicotrópico, como a cravagem (encontrada no centeio mofado e causa bastante comum de alucinações), e portanto nada que o cérebro humano não seja capaz de manifestar em determinadas circunstâncias. O que eu aprendi com a experiência foi que seria possível induzir a gnose ou outras experiências transpessoais ou místicas pela aplicação do tipo certo de informações no ambiente adequado. Um ritual poderia levar a isso.

Três dias depois desse evento conheci a escritora Elizabeth van Buren, que naquele momento estava morando num lugar de nome engraçado, “Fazenda dos Mortos”. Ela me contou histórias interessantes de suas aventuras e foi muito gentil ao me oferecer um almoço maravilhoso e uma fita cassete com a narrativa de sua interpretação acerca da decoração da igreja de Rennes-le-Château. A certa altura, no final da tarde, ela me contou a história verídica de um casal que viera da Inglaterra, pretendendo ir de carro a um local de veraneio no sul da França. Depois de ter lido um livro que fazia menção a Rennes-le-Château, o marido insistira para que passassem por lá durante a viagem. Quando chegaram à aldeia, desceram do carro com a intenção de visitar a igreja, mas a esposa imediatamente começou a gritar e insistiu para que voltassem ao carro e regressassem de uma vez à sua casa na Inglaterra. Com as férias canceladas, o marido obviamente quis saber o que a incomodara tanto. Ela disse que vira o que pareceram ser videiras saindo do chão à sua frente.

Tais acontecimentos podem ser considerados coincidências, e no fim das contas dependem de como os interpretamos. Para mim, eles fortaleceram ainda mais minha atração para a região como um lugar de energia amplificada.

17 DE JANEIRO

Outra visão durante a vida do padre Saunière foi a aparição da Virgem Maria em Pontmain, no Loire. A aparição de Nossa Senhora da Esperança

aconteceu em 17 de janeiro de 1871. A data “17 de janeiro” aparece repetidamente nesse mistério e conduz a uma série de ideias que se desdobram em alguns dos temas sugeridos na igreja de Rennes-le-Château. Tem-se acumulado um número tão imenso de referências e níveis de relevância até os dias de hoje que acho que a data representa um dos verdadeiros exemplos de quanto o mistério de Rennes-le-Château é importante. Do ponto de vista da psicologia e da alquimia, sempre vale a pena considerar o significado das sincronicidades, as quais são evidências de algo da natureza holística do universo.

Perguntei ao Priorado se 17 de janeiro era importante para eles e recebi a seguinte resposta:

17 de janeiro, como sem dúvida você deve estar ciente, é a data do “Presente de Deus” de Nicolas Flamel e certamente assinala o começo de sua riqueza extraordinária e de sua carreira filantrópica.

Em seu diário, ele fala claramente que sua transmutação aconteceu ao meio-dia. Não é coincidência que, como já lembramos, todas as reuniões maçônicas, especialmente dos graus superiores, aconteçam ao “meio-dia virtual”.

Além disso, essa data assinala a celebração de Santo Antônio do Egito, o alquimista santificado. Foi de propósito que o dia comemorativo de São Sulpício [o patrono do século VII da igreja de Saint-Sulpice em Paris] coincidiu com o de Santo Antônio.

A primeira transmutação alquímica de Nicolas Flamel aconteceu ao meio-dia de 17 de janeiro de 1382, como está registrado em seu próprio diário. Em 356, Santo Antônio morreu aos 105 anos de idade, e 17 de janeiro é dia de sua celebração. Como vimos, esse é também o dia de celebrar São Sulpício, além de Santa Germana (que aparece na igreja) e de Santa Rosalina, que abordaremos em mais detalhe adiante.

Há, ainda, uma ligação possível com o último dos nove Cavaleiros Templários originais, André de Montbard, que morreu em 17 de janeiro de 1156. Ele foi sucedido por Bertrand de Blanchefort, proveniente da região de Bordeaux, na França. Até o momento, não consegui encontrar outra

ligação direta – a não ser pelo nome – entre ele e a nobre família Blanchefort de Rennes-le-Château, embora alguns pesquisadores o considerem aparentado. Talvez o sobrenome tenha sido adotado por essa última família como um gesto de respeito simbólico.

No que diz respeito à Maçonaria, o 17º grau é o precursor do 18º grau de Rosa-Cruz, embora o Priorado tenha afirmado sobre isso:

O rito controvertido e iniciatório [ao 17º grau] como um prelúdio para o grau alquímico de Rosa-Cruz não é a única explicação da importância do 17 de janeiro. Há muitas outras facetas nessa data.

Vimos também que, em Rennes-le-Château, a data 17 de janeiro de 1781 está presente na lápide tumular da condessa Marie de Negri d'Ables e é também a data registrada oficialmente do ataque cardíaco fatal do padre Saunière na Tour Magdala em 1917. Além disso, é nesse mesmo dia que os vitrais da igreja de Saunière produzem uma imagem de maçãs azuis. Ademais, considera-se que foi justamente nesse dia do ano que o futuro Sigeberto IV, filho sobrevivente do rei merovíngio Dagoberto II, chegou à região de Rennes-le-Château em 681, como está mencionado nos Dossiês secretos que o Priorado pôs em circulação no final do século XX.

De acordo com a pesquisadora Nicole Dawe, esse também foi o dia da visita do arquiduque Rodolfo de Habsburgo (1919-2010) à igreja de Rennes-le-Château já mais recentemente, em 1975.

É difícil dizer qual acontecimento – se é que há algum específico – é a chave para essas ocorrências da data, ou quantos deles são meramente coincidências. Considero esse dia como um marcador, um modo de fazer ligações entre acontecimentos distantes que têm alguma correlação por trás dos objetivos do Priorado. Pode ser que 17 de janeiro seja importante para todos os níveis do mistério e, portanto, ressoe em todos os níveis num estilo alquímico. É de uma importância especial o fato de Nicolas Flamel ter assinalado essa data como aquela em que alcançou a Grande Obra.

O ESPELHO

‘Quando olhamos no espelho, raramente vemos através do vidro o estanho do outro lado’.

Wolfram von Eschenbach, Parsifal

Outro efeito alquímico de interesse aqui é o espelhamento. Dois de seus aspectos estão presentes no mistério de Rennes-le-Château. O primeiro é uma representação material, uma vez que o padre Bérenger Saunière colocou nos jardins objetos que deviam refletir, invertidos, os que se achavam contidos dentro da igreja. Dessa maneira, ele criou uma imagem espelhada da igreja, tanto de cabeça para baixo como virada em sentido contrário. O pedestal visigótico que sustenta a estátua da Virgem Maria do lado de fora da igreja também foi invertido. Muitos aspectos individuais têm um “reflexo”; por exemplo, as estátuas de Cristo e de Asmodeu espelham-se perfeitamente entre si, tanto em postura quanto no foco de seu olhar dentro da igreja. As Estações da Cruz também são exibidas em ordem inversa, e, além disso, a Tour Magdala é espelhada em sua torre estufa/laranjal no canto oposto do jardim.

Por que Saunière trabalhava com o reflexo? Considerando o forte componente de crenças heréticas e não ortodoxas da região, é bem possível que essa igreja de Maria Madalena tenha sido usada como um foco para sustentar e expressar a importância da feminilidade oculta como um espelho e contraponto de todo o sistema preponderantemente masculino da Igreja Católica, assim como a lua feminina é tradicionalmente o reflexo e o equilíbrio necessário do sol masculino.

No interior da Inglaterra, Shugborough Hall tem uma estátua inspirada na pintura de Poussin, Os pastores da Arcádia, mas esculpida como uma imagem espelhada. No contexto alquímico, isso é considerado como invertido por estar do lado oposto da água (o canal da Mancha) do túmulo original da pintura, que está localizado próximo a Rennes-le-Château.

Num sentido mais amplo, o mistério de Rennes-le-Château também parece ter o efeito psicológico de atuar como um espelho entre alguns pesquisadores.

O ESPELHO MÁGICO E A SINCRONICIDADE

Além da evidência material do reflexo, há a ideia de que o mistério de Rennes-le-Château é como um espelho no qual se reflete e amplifica o que os visitantes já sabem. Muitos parecem descobrir nele um ângulo perfeitamente adequado a seus conhecimentos ou questionamentos prévios, de modo que, explorando o mistério, descobrem como contribuem para ele.

Até certo ponto, isso acontece em muitos aspectos da vida, mas em Rennes-le-Château o fenômeno parece ser especialmente forte. Quando apresentei essa ideia ao Priorado, a resposta que obtive foi a seguinte:

Embora as escavações arqueológicas tenham revelado determinadas coisas (algumas de grande importância), a realidade era tal que seria provável "encontrar" o que quer que se estivesse procurando em virtude da condição singular de Rennes-le-Château, como sendo um lugar e um "mistério" que foi "criado" muitas luas atrás por magos que procuravam utilizar sua importância posicional e geológica.

Pode parecer impossível, mas, quando estudamos alguns autores e pesquisadores que escreveram sobre o assunto, geralmente descobrimos que eles foram capazes de descobrir evidências na região para qualquer campo de conhecimento. Do mesmo modo, alguns dos críticos que apenas buscam negar o mistério tendem igualmente a cair na mesma armadilha. Emprego a palavra "armadilha" porque acredito que esse efeito seja exatamente isso. Além das bizarrices fascinantes do fenômeno, ele só pode agir como uma barreira contra a verdade. Se ficarmos presos apenas à nossa necessidade individual, deixaremos de ver os verdadeiros segredos de Rennes-le-Château.

A ideia de que criamos nossa própria realidade é bem documentada na psicologia (e também está presente em alguns aspectos da física moderna) como uma forma de projeção. Nunca conheci um lugar que atraísse tanto material projetado. É como se Rennes-le-Château pudesse ser vivida como uma manifestação externa do inconsciente coletivo. Não é à toa que

represente uma excelente “caixa de areia” psicológica para a experimentação.

Um exemplo bem simples desse efeito pode ser visto em alguns dos caçadores de tesouros de Rennes-le-Château. Em sua expressão adulta, a ânsia juvenil de encontrar um “tesouro enterrado” é provavelmente um estímulo à busca de si mesmo e de material de redenção emocional que esteja perdido no inconsciente. Essa procura pode ser projetada no mundo exterior na forma de uma investigação para encontrar o ouro visigótico escondido, ou qualquer outra “caça ao tesouro”. Uma imagem disso pode ser vista na Ilustração 5 do Splendor Solis, um manuscrito alquímico do século XVI famoso por suas gravuras inspiradas, nas quais as imagens mergulham profundamente na exploração do mundo subterrâneo em busca de tesouros.

Pela minha experiência, Rennes-le-Château parece acelerar e intensificar esse processo de projeção e tem sido caracterizado pelo Priorado como um “espelho mágico”. Não é necessário aceitar essa noção para se perceber que o caminho para o mistério de Rennes-le-Château é juncado de desvios. Na minha opinião, porém, em vez de diminuir o mistério, isso só o faz aumentar. Como observa o Priorado:

Você nunca se perguntou como foi que todas as coisas importantes relacionadas ao lugar simplesmente apareceram como se Rennes-le-Château fosse um imenso espelho mágico, uma superfície refletora maravilhosa e hermética?

ALQUIMIA

As formas física e psicoespiritual do espelhamento também fazem parte de uma obra maior em ação no lugar: a obra da alquimia.

Você perguntou no início se o “segredo” está ou não de algum modo ligado à alquimia, e nossa resposta é afirmativa.

O tema oculto, subjacente de algum modo a cada aspecto do mistério, é a alquimia. Isso será tratado mais extensamente adiante, mas por ora é suficiente nos lembrarmos da presença de salamandras na igreja, as quais representam o fogo e o enxofre no simbolismo alquímico, ao passo que os símbolos da Rosa-Cruz nas Estações da Cruz também têm suas origens nessa tradição.

Um morador local me disse que “existe uma caverna próxima a Rennes-le-Château com todos os elementos necessários para a alquimia”. Voltaremos a esse assunto adiante, depois de estudar o mistério mais a fundo.

RESUMO

A comunicação com o divino está ligada diretamente à alquimia. Essa experiência é conhecida como gnose, literalmente “conhecimento” – quer dizer, o conhecimento direto de Deus. A gnose pode ser induzida, e esse é o objetivo do Priorado de Sião, dos rosa-cruzes e de grande parte das escolas de mistérios da Antiguidade. Nos graus de Rosa-Cruz da Maçonaria, a Câmara de Reflexão é usada para alcançar o estado de gnose. Ela é considerada o lugar para se comunicar com o “Mestre Interior”, o divino, ou na psicologia, o Eu Superior.

A área em torno de Rennes-le-Château tem sido usada e modificada ao longo do tempo para servir a uma série de propósitos, e os recursos locais têm sido adaptados de acordo com isso. A impressão geral que recebemos do Priorado é a de que, próximo a Rennes-le-Château, existe um caminho pelo qual se pode realizar a jornada espiritual da Rosa-Cruz, uma recriação mística da jornada de Cristo enquanto se aproximava da crucificação. Os passos ao longo da jornada, e seus diversos níveis de significado, são narrados pelo Priorado de Sião em um texto intitulado A serpente vermelha.

Com isso em mente, vamos agora seguir a tradição de que essa terra faz parte e observar a peregrinação, para depois encarar o desafio de desvendar a Serpente Vermelha: a busca espiritual simbólica do Priorado, representada nessa região.

CAPÍTULO 9

PEREGRINAÇÃO

INTRODUÇÃO

A peregrinação é um tema impregnado em toda a região de Rennes-le-Château. Fazer uma peregrinação é um exercício de humildade, seja uma visita aos túmulos de santos cristãos, seja uma Hajj a Meca, uma vez que os peregrinos não esperam nem querem um reconhecimento por seu esforço. Muitas vezes eles são chamados ou compelidos a viajar por grandes distâncias, deixando para trás o lar e a família, para se dirigir a um lugar com que se identificam, e quase sempre a jornada em si é mais transformadora do que a chegada ao objetivo final. No fundo, a peregrinação é o desejo de se dirigir aos lugares sagrados, e isso, em certo sentido, satisfaz a um impulso inato de estabelecer contato com o divino. Ao empreender uma jornada de contemplação a um destino sagrado, esperamos nos tornar sintonizados para receber uma vivência do divino. A satisfação de concluir a jornada completa o relacionamento entre o peregrino e o objeto ou local sagrado, capacitando-o a agir como um amplificador material da energia espiritual.

Há muito tempo os crentes são atraídos para seus lugares santos. Nos tempos antigos, estes podem ter sido os templos do Egito ou o oráculo de Delfos na Grécia, e atualmente a peregrinação continua sendo um traço do cristianismo e da maioria das outras principais religiões do mundo, incluindo o islamismo, o budismo e o hinduísmo. Alguns viajam para pedir favores ou para pedir uma cura, enquanto outros encaram a jornada como um ato de pura devoção, um sinal de respeito por seja lá o que os espere no seu destino pretendido.

OS ASPECTOS ESPIRITUAIS DA BUSCA

A jornada exterior da peregrinação também é refletida em uma jornada interior de descoberta de si mesmo. Existem meios de vivenciar simbolicamente alguns aspectos religiosos da peregrinação. Por exemplo, o crente pode percorrer as Estações da Cruz nas igrejas, na ordem em que Jesus viveu aqueles acontecimentos na época da crucificação. Passar de Estação a Estação e contemplar cada uma delas suscita empatia em relação ao sofrimento e às provações de Jesus.

Percorrer um labirinto pode exercer função semelhante. Aqueles dispostos no piso das catedrais, como a de Chartres, podem ser percorridos pelos crentes como jornadas simbólicas a Jerusalém, a Cidade Santa. Mas o labirinto também pode ser usado pelos que estão do lado de fora do ethos cristão. Contemplando o caminho que ele nos apresenta, é possível descer em espiral até a “fonte” e então retornar, após ter experimentado muitas revelações. O mesmo se dá com o tarô: a jornada do Tolo (representando o santo inocente ou buscador espiritual) pelo ciclo dos Arcanos Maiores é uma exploração dos arquétipos que podem ser contemplados e utilizados como instrumentos para o crescimento pessoal. Até mesmo os rituais usados pelos maçons podem funcionar como peregrinações condensadas.

A jornada, real ou simbólica, funciona como uma parte importante do caminho espiritual. Subir uma montanha até uma igreja ou templo pode representar a exploração da consciência superior – o reino do Eu Superior e o caminho para a gnose. Muitos locais religiosos foram erigidos no alto de montanhas, perto do “céu”. O ato de subir a montanha simbolicamente recria nossa ascensão espiritual no sentido de uma vivência do divino. Isso se mantém não só na teologia, mas também pode ser encontrado na psicologia transpessoal, na mitologia e na literatura.

As rotas do cristianismo

Os romeiros cristãos podem visitar uma vasta gama de relíquias e lugares santos espalhados por toda a Europa e Oriente Médio. A peregrinação espiritual voltou a ser moda nos últimos anos, e um número cada vez maior de pessoas decide explorar as jornadas a lugares sagrados de maneira tradicional. Num certo sentido, elas estão retirando o mau uso do termo

“peregrinação” e recuperando os lugares sagrados ocupados pelos turistas, que correm de um canto para outro em busca de mais e mais fotos. Um único dia de caminhada a um local santo com a mente aberta pode apresentar várias oportunidades de experiências espirituais.

A peregrinação cristã à Terra Santa, culminando nos inúmeros locais sagrados de Jerusalém, começou já no século IV. Na Idade Média, a popularidade das principais rotas da Europa tinha chegado ao auge. Independentemente da autenticidade do local ou da relíquia que estivessem visitando, a crescente tendência de fazer uma longa jornada para um local santo tornou-se uma expressão espiritual tanto para reis quanto camponeses. É aí que encontramos as origens do turismo moderno como conhecemos: muitos viajantes que antes viviam inteiramente restritos às fronteiras da região, ou até mesmo da aldeia em que moravam, de repente atravessavam a Europa e a Terra Santa.

O desvio secreto

Dentro da própria Europa, os romeiros medievais dirigiam-se a dois destinos principais. Um era a antiga capital imperial de Roma, a sede da Igreja e o local do martírio de santos famosos, incluindo os apóstolos Pedro e Paulo. Outro local era o santuário do apóstolo São Tiago (Santiago) em Compostela, no norte da Espanha. O Guia do peregrino de Santiago, escrito no século XII, informa que, na época, havia quatro rotas principais ao santuário. Delas partiam diversas outras de importância secundária, como as rotas “molhada” e “seca” por terra ou por mar, o que indicava uma dimensão alquímica da jornada.

Sempre se disse que a peregrinação de São Tiago, empreendida por muitos visionários e artistas conhecidos de todas as disciplinas, era importante porque a rota obrigava o peregrino a ser “tanto um pedestre quanto um nautonnier (timoneiro)”.

O trecho entre Toulouse e Oloron-Sainte-Marie passava tradicionalmente perto de Rennes-le-Château. Como em muitas outras rotas, diversos locais ao longo da estrada são importantes como parte da jornada espiritual feita

pelo peregrino. Entretanto, o Priorado acredita que esse trecho da estrada para Santiago fosse usado como disfarce para um destino secreto, um desvio que levava os buscadores à região de Rennes-le-Château:

Os antigos e verdadeiros alquimistas, como Flamel, faziam a jornada sob a égide do Caminho de Santiago, preservando assim suas verdadeiras intenções e o verdadeiro lugar a que faziam a peregrinação.

Sabe-se que o alquimista Nicolas Flamel a empreendeu, e, como veremos adiante, essa experiência é comentada em A serpente vermelha. Ao sul de Rennes-le-Château passa uma antiga estrada romana, conhecida por ter sido usada como rota para Santiago de Compostela desde a Idade Média. Percorri parte desse caminho sagrado, embora na época não soubesse que o estava trilhando.

INICIAÇÃO

Saindo da rota principal de peregrinação, existe uma senda sinuosa que passa por diversos locais importantes. Há uma bifurcação próximo da gruta de Maria Madalena, e nesse ponto as rotas exotérica e esotérica divergem. Toda a área foi modificada, escavada e esculpida para proporcionar uma jornada tridimensional, da mesma forma que as lojas maçônicas revivem os rituais de iniciação – mas no mundo real.

O grau maçônico de Rosa-Cruz é considerado o ritual que recria mais fielmente a Via Dolorosa, a jornada que Jesus empreendeu desde seu julgamento por Pilatos até a crucificação e sepultamento. É esse percurso que está mapeado nas Estações da Cruz das igrejas. As versões das Estações em Rennes-le-Château apresentam numerosas anomalias, incluindo a presença do tartã, como mencionado anteriormente.

Sabemos que os Templários, depois de expulsos da Terra Santa, estabeleceram-se em grandes contingentes no Languedoc. É bem possível que tenham tentado recriar localmente sua amada Jerusalém para dar continuidade às tradições que haviam aprendido e aperfeiçoado naquela cidade, criando assim uma “Via Dolorosa” que espelhasse a jornada de

Jesus pelas Estações da Cruz. Isso teria sido adaptado pelo Priorado como uma primeira modalidade de iniciação nos graus de Rosa-Cruz da Maçonaria. Como afirma o Priorado:

Os arredores de Rennes-le-Château foram usados sem dúvida nenhuma para o propósito da indução – indução em uma escala muito grande.

A rota de peregrinação de Rennes-le-Château passa por lugares cujos nomes derivam de Jerusalém. A rota também é visível a partir da Tour Magdala do padre Saunière, que funciona como ponto de referência em diversos lugares da jornada. Depois de a torre ter sido erigida, o ângulo de uma janela foi mudado, em grande medida para oferecer uma vista melhor da rota e simbolicamente recordar que Maria Madalena era considerada arrependida: uma mulher que mudou sua maneira de ver as coisas. Isso vincula a rota tanto à peregrinação quanto à iniciação a Maria Madalena.

É provável que a rota tenha mudado e se desenvolvido ao longo dos anos por causa da paisagem em constante transformação, mas parecem ter sobrevivido alguns aspectos fundamentais que remontam à época dos Templários.

Por mais relevantes que sejam os aspectos ritualísticos da jornada, não se deve perder de vista o destino. Toda peregrinação deve ter uma meta, um local final de grande importância religiosa ou espiritual, e essa não é diferente.

Na busca do destino final, saímos da gruta de Maria Madalena e seguimos o Ruisseau des Couleurs (o rio das Cores, ele próprio simbólico da fase iridescente do “pavão” ou “arco-íris” da alquimia) em direção ao leste no sentido de Lavaldieu, o Vale de Deus. Aqui há diversos locais de interesse, mas a maioria acha-se em terras particulares. Entre eles destacam-se o lago com o “Pilar da Flagelação” (a Sexta Estação da Cruz) e um labirinto em Rennes-les-Bains, cujo arco lembra o antigo desenho do piso das catedrais. A rota termina no Fauteuil du Diable (Poltrona do Diabo), onde os pés do iniciado são lavados, lembrando Maria Madalena ao lavar os pés de Jesus. Mas, para entendermos de fato a profundidade do que é apresentado aqui – os inúmeros níveis da existência sobre os quais a verdadeira iniciação atua –, devemos mergulhar no que considero o mais importante documento

liberado pelo Priorado: A serpente vermelha. Nele podemos encontrar algumas pistas para o segredo revelado ao longo do caminho.

CAPÍTULO 10

A SERPENTE VERMELHA

A serpente vermelha abrange todos os aspectos do mistério.

Priorado de Sião

No final do século XX, o Priorado de Sião pôs em circulação uma publicação de poucas páginas intitulada Le serpent rouge [A serpente vermelha]. Essencialmente, trata-se de um poema místico em treze estrofes em que se reúnem todos os elementos do mistério de Rennes-le-Château, incluindo uma rota pela paisagem; simbolismo; alquimia; linhagens; arte; literatura; e o meridiano de Paris. O texto menciona todos os níveis do mistério, criptografando ao mesmo tempo seus segredos em uma linguagem simbólica e estranha.

O livrete foi a primeira coisa que realmente me atraiu ao mistério de Rennes-le-Château e ao Priorado de Sião. O documento contém grande quantidade de simbolismo esotérico, além de encerrar orientações e referências a lugares reais nos vales ao redor de Rennes-le-Château. A "serpente vermelha" do título é tanto a salamandra alquímica (uma criatura que se acreditava ser imune às chamas, e portanto um símbolo do fogo) quanto o rio Sals, que se torna vermelho em contato com o solo de alto teor de ferro ao passar por Rennes-les-Bains. O Priorado confirmou que "A serpente vermelha realmente chama a atenção para os arredores de Rennes-le-Château". A jornada simbólica inteira é mapeada sobre uma paisagem simbólica real para criar a jornada de iniciação.

Na primeira vez que me deparei com essa obra, desconfiei que seus autores estivessem tentando comunicar algo de grande importância. Nos meus vinte

anos de pesquisa, essa desconfiança nunca deixou de existir. É claro que A serpente vermelha remete a vários níveis de leitura. Superficialmente, apresenta referências aos aspectos materiais da igreja de Rennes-le-Château e à paisagem vizinha. Em um nível mais profundo, entretanto, podem-se detectar alusões diretas a processos alquímicos, que conferem a todo o documento a sensação de um sonho. Ele traz à lembrança as jornadas alquímicas comentadas em A santíssima trinosofia (obra atribuída ao lendário conde de St. Germain) ou o processo de Splendor Solis do século XVI. De acordo com o Priorado, A serpente vermelha "entremisturou todo o cadinho de informações, o segredo em si, em uma alusão alquímica".

A exemplo de todos os textos alquímicos, somos levados em uma jornada de iniciação que atua tanto no nível físico quanto espiritual da existência. A iniciação que o texto apresenta pode ser empreendida como uma peregrinação, uma jornada espiritual ou um ritual muito semelhante ao 18º grau (Rosa-Cruz) da Maçonaria. Pode também ser estudado à distância e usado para visualizações como as de meditações guiadas.

HISTÓRIA CONHECIDA

Embora a edição atual de A serpente vermelha tenha vindo a público inicialmente no final da década de 1960, sua verdadeira origem e idade são obscuras, na medida em que o Priorado dá a impressão de ela ter sido alterada e atualizada para incluir as mudanças na paisagem com o passar do tempo. De acordo com o Priorado, o original, que "nunca visou o público em geral", existia em francês, árabe, catalão, alemão e também provençal, um dialeto occitano, a língua do sul da França que ainda é amplamente falada no Languedoc e em outros lugares. Mas nenhuma dessas versões foi posta em circulação e, considerando que a maior parte do poema é dedicada à igreja reformada de Santa Maria Madalena em Rennes-le-Château, acredito que seja cabível dizer que A serpente vermelha como conhecemos originou-se durante o século XX. A versão atual pode ter diversas predecessoras, cada uma delas tendo sido subsequentemente ampliada ou aprimorada. O Priorado afirma que o texto tem uma história antiga e eminente. Usado supostamente por artistas, filósofos e metafísicos do

Renascimento, ele tem uma mensagem central que pode muito bem remontar ao início do período gótico ou medieval.

O conjunto em si é um belo poema, e sua autoria continua sendo controvertida. Pierre Plantard poderia tê-lo escrito, assim como Jean Cocteau. Certamente, podem-se encontrar paralelos no estudo do próprio Cocteau da jornada no mundo subterrâneo em seu filme Orphée (Orfeu).

Originalmente, a obra consistia de um único parágrafo em prosa, em que as treze estrofes representavam um zodíaco ampliado. Acredita-se que algumas partes do poema tenham sido compiladas de outros textos, incluindo os diários de Nicolas Flamel e de pergaminhos da família Hillier. Flamel é um personagem que aparece em muitas das referências alquímicas feitas pelo Priorado. Como já vimos, diz-se que ele chegou a realizar a Grande Obra ao meio-dia de um 17 de janeiro e é considerado um dos maiores alquimistas da história. No entanto, seus textos publicados revelam pouco do conhecimento que tinha na realidade. Os “verdadeiros” diários que influenciaram A serpente vermelha não estão disponíveis ao público. O Priorado também quer nos fazer acreditar que Flamel obteve grande parte de seu conhecimento de alquimia por intermédio de um livro recebido enquanto fazia uma peregrinação que incluía o desvio de Rennes-le-Château (veja o Capítulo 9). Isso poderia ser simplesmente mais uma alusão à importância de Flamel, mas voltaremos a essa ideia mais adiante.

De acordo com a capa da edição atual (da década de 1960), a autoria de A serpente vermelha foi inicialmente atribuída a três homens que, segundo se diz, foram encontrados enforcados depois da publicação. A história é espúria, mas existe para indicar que algo importante e esotérico está sendo revelado, e guarda uma semelhança com a ameaça maçônica de enforcamento pela revelação de segredos. O mito dos assassinatos também serve para produzir interesse pelo documento ao mesmo tempo que oculta a identidade dos verdadeiros autores.

Louis Vazart, do segundo escalão do Priorado, era um arquivista e integrante do antiquário. Ficou conhecido por ter posto em circulação exemplares destinados a eventuais futuros integrantes do Priorado no final do século XX. Vazart revisara uma versão mais antiga do texto, que distribuiu por conta própria a pessoas que, segundo o Priorado, poderiam se

interessar pelo assunto ou ser de alguma utilidade. Esses exemplares foram atribuídos a um editor fictício e tinham uma encadernação vermelha.

O livrete também foi usado como uma espécie de sinalização por parte do Priorado de Sião. Vale notar que esses exemplares eram encaminhados aos recrutas em potencial como um convite não para se associar à ordem diretamente, mas ao “mistério de Rennes-le-Château”.

Não é de surpreender que o Priorado de Sião tenha usado A serpente vermelha com uma circular para atrair as pessoas que poderiam estar interessadas no seu trabalho. É o convite mais perfeito para se filiar a uma sociedade esotérica desde que os rosa-cruzes publicaram Fama fraternitatis e Confessio fraternitatis no início do século XVII (veja a página 49). O Priorado tomava a iniciativa de tornar pública uma parte de seu conhecimento e começava a disseminar um aspecto da organização para o mundo exterior.

O TEXTO ORIGINAL

A primeira aparição do texto foi na forma de um exemplar depositado na Biblioteca Nacional de Paris no final da década de 1960. A capa estampava o título A serpente vermelha e o subtítulo Considerações sobre St.-Germain-des-Prés e Saint-Sulpice de Paris. Também inscritos na capa vinham o dia de publicação, 17 de janeiro de 1967 – o 17 de janeiro sendo a data encontrada como uma sinalização em todo este caso –, e o preço de três francos, juntamente com o nome dos autores espúrios e uma referência a Pontoise como endereço do editor. Pontoise é o local de nascimento de Nicolas Flamel, e constitui outra alusão sutil a ser reconhecida por parte dos alquimistas. Esses detalhes têm o efeito de fazer o volume se parecer com uma edição normal, ao mesmo tempo que destacava o conteúdo para o público pretendido.

A capa contém a figura de um cavalo dentro de um escudo desenhado à mão, encimado pela inscrição “LENE BUXEUM-EOUS SCAPH FE”. Essa frase pode parecer impossível de se compreender, ainda que em latim lene (redução de plene) seja traduzido por “completamente” e scaph (redução de

scaphium), por “tigela”, e portanto talvez seja uma alusão à expressão bíblica “o meu cálice transborda” (Salmos 23:5).

Vê-se também um desenho circular de três anéis concêntricos. Trata-se de uma espécie de logotipo, com o anel exterior constituído de pontos com um “P” no alto e um “S” embaixo, as iniciais do Priorado de Sião. O segundo anel é mais largo, com uma cruz de braços iguais no alto e a inscrição Rosa Crux 1099-1188. O anel interno tem uma letra “S” enrodilhada ao que parece ser um fêmur embaixo de uma letra “M” recurvada. De acordo com o Priorado:

A exemplo do culto de Osíris, a Maçonaria sufista do final da época das Cruzadas também adotou o osso da coxa, que viria a ser posteriormente empregado pelos primeiros corsários e depois dançarinos mouriscos etc. Tradicionalmente, os ossos da coxa cruzados são o símbolo primário de “Osíris massacrado”.

Um desenho semelhante pode ser encontrado na igreja de Rennes-le-Château, na parte superior de um arco. O “M” estilizado é uma variação do monograma da Virgem Maria, e é provável que represente Maria Madalena, a quem a igreja é dedicada.

Possivelmente um acréscimo posterior ou específico da minha fotocópia é o que parece ser uma referência bibliotecária: “DL 20 março 1967. 04927”.

Depois, quando Vazart pôs o livrete em circulação com uma capa encadernada, a quarta-capa explicava a suposta morte dos autores, e a guarda da quarta-capa continha a notícia da decapitação de um mensageiro, Fakhar ul-Islam, em um trem de Paris a Genebra. A decapitação e os enforcamentos talvez pretendessem advertir o leitor de que estava de posse de um material vinculado ao juramento maçônico. A morte de Fakhar ul-Islam aconteceu de fato, e o Priorado afirmou que ele se achava de posse de um segredo de Estado e possivelmente também de documentos alquímicos roubados.

Na segunda página vê-se a figura de uma mulher sentada com três dados aos pés. Ela está usando uma concha de vieira, o distintivo do peregrino da rota de Santiago de Compostela. Os dados são outro sinal sutil para

alquimistas e esotéricos, uma vez que os números exibidos nos lados adjacentes estão incorretos.



A capa de A serpente vermelha

Isso também ocorre nos dados usados pelos soldados na cena de crucificação pintada por Jean Cocteau na Notre Dame da Leicester Square, em Londres (veja as páginas 310-311). Henry Lincoln chamou a atenção mundial para esse mural quando descobriu que fora elaborado ao redor de um pentagrama do mesmo modo que a pintura de Poussin, Os pastores da Arcádia, e a paisagem ao redor de Rennes-le-Château. No mural de Cocteau, os dados são numerados de maneira errônea, assim como na cena de crucificação da Via Sacra em Rennes-le-Château. Nos dois casos, ambos os dados mostram os números três, quatro e cinco em lados adjacentes. Em dados reais, os números inscritos em lados opostos sempre somam sete, portanto o três e o quatro não podem estar adjacentes, e isso também é visto no mural de Jean Cocteau em Londres, mencionado anteriormente. O Priorado me informara que os três dados de A serpente vermelha representam o mercúrio alquímico e são tirados de um manuscrito alquímico do século XV, intitulado O livro da Santíssima Trindade (de que tratarei mais adiante).

Além disso, nessa página, vê-se uma citação de L’alchimie moderne (A alquimia moderna), de autoria do abade Théophile Moreux (1867-1954):

Depois de um longo sono, os mesmos pressupostos reaparecem, sem dúvida retornando à nossa consciência com uma nova roupagem e uma personificação mais inspiradora, mas os fundamentos permanecem os mesmos, e a nova máscara que ostentam não engana um homem de ciência.

Observe que a expressão “homem de ciência” pode ser usada para identificar os alquimistas. A noção do despertar de um longo sono

reaparece diversas vezes ao longo do texto de A serpente vermelha na forma de referências à Bela Adormecida (La Belle au bois dormant), a famosa história publicada em 1697 por Charles Perrault (veja a página 69), e também pode ser uma referência à “memória da raça”.

A serpente vermelha inclui ainda um punhado de histórias e plantas urbanísticas relativas a St.-Germain-des-Prés e seu distrito parisiense em 1615. Segue-se um projeto de Saint-Sulpice com o meridiano de Paris, datado de 1966, e mais alguns recortes de Saint-Sulpice em Paris, chamando a atenção para o artista N. Signol, cujas pinturas embelezam as paredes de igreja. “Signol” está grafado ao redor de um “N” invertido, que o artista usa para assinar sua obra e é considerado um emblema dos iniciados.

Ainda entre o material presente, destacam-se uma carta genealógica merovíngia, mapas da França na época dos visigodos e merovíngios, e uma imagem de Childeberto, o rei merovíngio. Esses elementos têm ligação com a ideia de uma linhagem sobrevivente até os nossos dias, e serão tratados num capítulo posterior.

O exemplar que me foi destinado também fora estampado com várias insígnias. Entre elas, os selos da Grande Loja Alpina, de Memphis-Misraim e um desenho da “Crux Rosa” do Priorado de Sião. Além disso, contém uma amostra de caligrafia árabe na contracapa, que inclui a data de 1956 em números arábicos.

Sem dúvida nenhuma, a parte essencial do livrete é composta pelas treze estrofes correspondentes a um zodíaco ampliado, que inclui Ophiuchus (Ofiúco), o Serpentário. Ophiuchus ocupa um espaço entre Scorpio (Escorpião) e Sagittarius (Sagitário), e é interessante notar que foi oficialmente aceito no zodíaco astronômico em 1995. O sol está em Ofiúco de 30 de novembro a 16 de dezembro.

O texto a seguir é o original em francês das treze estrofes astrológicas que descrevem a jornada, tiradas de um exemplar que me foi fornecido pelo Priorado de Sião.

Observação: as sequências de “x” aparecem no texto original e são usadas em sobreposição a erros tipográficos. Os títulos numerados apresentados aqui aparecem no texto real como pequenos ícones dos signos astrológicos contendo números.

1. Aquarius

Comme ils sont étranges les manuscrits de cet Ami, grand voyageur de l’inconnu, ils me sont parvenus séparément, pourtant ils forment un tout pour lui qui sait que les couleurs de l’arc-en-ciel donnent l’unité blanche, ou pour l’Artiste qui sous son pinceau fait, des six teintes de sa palette magique, jaillir le noir.

2. Pisces

Cet Ami, comment vous le présenter? Son nom demeura un mystère, mais son nombre est celui d’un sceau célèbre. Comment vous le décrire? Peut-être comme le nautonnier de l’arche impérissable, impassible comme une colonne sur son roc blanc, scrutant vers le midi, au-delà du roc noir.

3. Aries

Dans mon pèlerinage éprouvant, je tentais de me frayer à l’épée une voie à travers la végétation inextricable des bois, je voulais parvenir à la demeure de la BELLE endormie en qui certains poètes voient la REINE d’un royaume disparu. Au désespoir de retrouver le chemin, les parchemins de cet Ami furent pour moi le fil d’Ariane.

4. Taurus

Grâce à lui, désormais à pas mesurés et d’un oeil sûr, je puis decouvrir les soixante-quatre pierres dispersées du cube parfait que les Frères de la BELLE du bois noir, échappant à la poursuite des usurpateurs, avaient semées en route quant ils s’enfuirent du Fort blanc.

5. Gemini

Rassembler les pierres éparses, oeuvrer de l’équerre et du compas pour les remettre en ordre régulier, chercher la ligne du méridien en allant de l’Orient à l’Occident, puis regardant du Midi au Nord, enfin en tous sens pour obtenir la solution cherchée, faisant station devant les quatorze pierres marquées d’une croix. Le cercle étant l’anneau et couronne, et lui le diadème de cette REINE du Castel.

6. Cancer

Les dalles du pavé mosaïque du lieu sacré pouvaient être alternativement blanches ou noires, et JESUS, comme ASMODEE, observer leurs alignements; ma vue semblait incapable de voir le sommet où demeurait cachée la merveilleuse endormie. N’étant pas HERCULE à la puissance magique, comment déchiffrer les mystérieux symboles gravés par les observateurs du passé? Dans le sanctuaire pourtant le bénitier, fontaine d’amour des croyants, redonne mémoire de ces mots: PAR CE SIGNE TU le VAINCRAS.

7. Leo

De celle que je désirais libérer, montaient vers moi les effluves du parfum qui imprégnèrent le sépulchre. Jadis les uns l’avaient nommée: ÍSIS, reine des sources bienfaisantes, VENEZ A MOI VOUS TOUS QUI SOUFFREZ ET QUI ETES ACCABLES ET JE VOUS SOULAGERAI, d’autres:

MADELAINE, au célèbre vase plein d’un baume guérisseur. Les initiés savent son nom véritable: NOTRE DAME DES CROSS.

8. Virgo

L’étais comme les bergers du célèbre peintre POUSSIN, perplexe devant l’énigme: “ET IN ARCADIA EGO...”! La voix du sang allait-elle me rendre l’image d’un passé ancestral. Oui, l’éclair du génie traversa ma pensée. Je revoyais, je comprenais! Je savais maintenant ce secret fabuleux. Et merveille, lors des sauts des quatre cavaliers, les sabots d’un cheval avaient laissé quatre empreintes sur la pierre, voilà le signe que DELACROIX avait donné dans l’un des trois tableaux de la chapelle des Anges. Voilà la septième sentence qu’une main avait tracée: RETIRE MOI DE LA BOUE, QUE JE N’Y RESTE PAS ENFONCE. Deux fois IS, embaumeuse et embaumée, vase miracle de l’éternelle Dame Blanche des Légendes.

9. Libra

Commencé dans les ténèbres, mon voyage ne pouvait s’achever qu’en Lumière. A la fenêtre de la maison ruinée, je contemplais à travers les arbres dépouillés par l’automne le sommet de la montagne. La croix de crête se détachait sous le soleil du midi, elle était la quatorzième et la plus grande de toutes avec ses 35 centimètres! Me voici donc à mon tour cavalier sur le coursier divin chevauchant l’abîme.

10. Scorpio

Vision céleste pour celui qui me souvient des quatres oeuvres de Em. SIGNOL autour de la ligne du Méridien, au choeur même du sanctuaire d’où rayonne cette source d’amour des uns pour les autres, je pivote sur moi-même passant du regard la rose du P à celle de l’s, puis de l’s au P (...)

et la spirale dans mon esprit devenant comme un poulpe monstrueux expulsant son encre, les ténèbres absorbent la lumière, l'ai le vertige et je porte ma main à ma bouche, mordant instinctivement ma paume, peut-être comme OLIER dans son cerceuil. Malédiction, je comprends la vérité, IL EST PASSE, mais lui aussi en faisant LE BIEN, ainsi que xxxxxxxx CELUI de la tombe fleurie. Mais combien ont saccagé la MAISON, ne laissant que des cadavres embaumés et nombres de métaux qu'ils n'avaient pu emporter. Quel étrange mystère recèle le nouveau temple de SALOMON édifié par les enfants de Saint-VINCENT.

11. Ophiuchus/Serpent

Maudissant les profanateurs dans leurs cendres et ceux qui vivent sur leurs traces, sortant de l'abîme où l'étais plongé en accomplissant le geste d'horreur: "Voici la preuve que du sceau de SALOMON je connais le secret, que xxxxxxxxxxx de cette REINE l'ai visité les demeures cachées." A ceci, Ami Lecteur, garde toi d'ajouter ou de retrancher un iota (...) médite, Médite encore, le vil plomb de mon écrit xxxx contient peut-être l'or le plus pur.

12. Sagittarius

Revenant alors à la blanche colline, le ciel ayant ouvert ses vannes, il me sembla près de moi sentir une présence, les pieds dans l'eau comme celui qui vient de recevoir la marque du baptême, me retournant vers l'est, face à moi je vis déroulant sans fin ses anneaux, l'énorme SERPENT ROUGE cité dans les parchemins, salée et amère, l'énorme bête déchainée devint au pied de ce mont blanc, rouge en colère.

13. Capricorn

Mon émotion fut grande, “RETIRE MOI DE LA BOUE” disais-je, et mon réveil fut immédiat. L’ai omis de vous dire en effet que c’était un songe que l’avais fait ce 17 JANVIER, fête de Saint-SULPICE. Par la suite, mon trouble persistant, l’ai voulu après réflexions d’usage vous le relater un conte de PERRAULT. Voici donc Ami Lecteur, dans les pages qui suivent le résultat d’un rêve m’ayant bercé dans le monde de l’étrange à l’inconnu. A celui qui PASSE de FAIRE LE BIEN.

TRADUÇÃO E COMENTÁRIOS

Entre as diversas traduções disponíveis para o inglês, escolhi a de Nicole Dawe como referência. Ela é uma tradutora profissional e pesquisadora acadêmica que passou muitos anos na região, e sua contribuição, como sempre, foi de valor inestimável para alguém de língua inglesa, como eu, navegar entre as nuances do oceano de palavras do francês. Meus únicos acréscimos à tradução tiveram o propósito de conferir ao texto maior fluência ou alterá-lo nas passagens em que a tradução direta de uma citação diferia de uma fonte identificável como a Bíblia.

Diversos escritores de língua inglesa, incluindo David Wood e Elizabeth van Buren, publicaram suas próprias traduções na década de 1980, e desde essa época vêm aparecendo outras versões on-line e impressas. Cada autor tende a ter sua própria visão do texto, que se presta a diferentes leituras por ter um conteúdo tão diverso e simbólico. Dependendo de seu nível de interesse, você pode interpretar essa obra de muitas maneiras.

A estrutura de A serpente vermelha é astrológica. Ver uma série de personagens mitológicos gregos reproduzidos ponto a ponto em um céu de estrelas aleatoriamente espalhadas pode hoje parecer bizarro para nós, mas vale a pena lembrar que a civilização grega possuía uma compreensão incrivelmente avançada das influências arquetípicas sobre a psicologia.

Em matéria de arquétipos e influências, o filósofo e astrólogo renascentista Marsillio Ficino também nos conta que os planetas estão dentro de nós e, portanto, em grande parte no âmbito da psicologia. As constelações são uma projeção de nossa psique subjetiva a ser identificada e reintegrada.

Uma estudante de Jung, Marie Louise von Franz, concorda, afirmando que os planetas internos e suas influências devem ser realinhados (retificados).

Também convém a nós lembrar que, muito tempo antes de Jung começar a estudar o inconsciente, a alquimia tinha um processo de discernir as camadas de influência, como a aplicação do calor para destilar as impurezas das substâncias.

Do que consegui colher, o Priorado está interessado em todos os níveis da astrologia. Com um olhar de alquimista, seus integrantes consideram cada um dos fenômenos sob todos os ângulos. Eles têm interesse pela astrologia "mundana" – a astrologia de lugares como Rennes-le-Château e outros locais importantes ao redor do mundo. Há também a antiga obra de Franz Mesmer (1734-1815), que o Priorado menciona inúmeras vezes. Ele era conhecido por ter-se inspirado nos escritos de um astrólogo inglês, Richard Meade, para estudar a ideia de que a influência do sol e da lua sobre as marés também afeta o corpo humano.

É também interessante notar que o acréscimo de um signo astrológico cria uma mudança de doze para treze, que seria o verdadeiro número de discípulos se o papel de Maria Madalena fosse reconhecido e aceito pela Igreja.

Vamos então começar nossa jornada. Apresento meus comentários após a tradução de cada estrofe, com a orientação adicional do Priorado de Sião. Minha interpretação não é de maneira alguma definitiva, mas pode servir como ponto de partida para outros interessados em trilhar este caminho.

1. Aquário

Como são estranhos os manuscritos desse Amigo, grande viajante do desconhecido, que chegam a mim individualmente, embora juntos constituam um todo para ele, que sabe que as cores do arco-íris formam uma unidade branca, ou para o Artista que, com seu pincel, faz brotar a cor preta das seis cores de sua paleta mágica.

As orientações incluídas em A serpente vermelha podem a princípio parecer confusas. Isso se deve à natureza dual do texto. Muitas vezes, o que está sendo narrado é tanto a rota pela paisagem quanto pelo interior da igreja de Rennes-le-Château. Essa última serve de guia para a primeira. A igreja espelha a paisagem, e o peregrino deve ter isso em mente enquanto trilha o caminho. É interessante que o zodíaco comece por Aquário, como observa o Priorado:

[Essa versão do zodíaco] começa por Aquário – mais próximo de 17 [de janeiro] do que o grupo de Capricórnio. Tradicionalmente, como você sabe, o zodíaco (em todas as suas formas) começa pelo grau zero de Áries.

O número 17 aqui é outra referência ao 17 de janeiro, com suas inúmeras correspondências. Isso explica por que A serpente vermelha deixa de começar por Áries e também indica que os graus do zodíaco são importantes para esse empreendimento.

Iniciamos então nossa jornada sob o signo de Aquário, com manuscritos desconhecidos de um guia desconhecido. O deus egípcio Amon-Rá vem de início à mente como um candidato ao "grande viajante do desconhecido", o que, ao lado das referências seguintes a Ísis, confere a esses parágrafos uma inclinação egípcia. O termo poderia indicar o caminho que Amon-Rá, como o sol, percorria em seu barco pelos céus. Poderia também aludir ao Nautonnier, o navegador ou timoneiro do Priorado de Sião, um termo comum com o Arco Real da Maçonaria. No entanto, isso não é conclusivo. O "grande viajante" poderia igualmente ser um alquimista, a exemplo de Nicolas Flamel, jornadeando pelas regiões desconhecidas da ciência e do misticismo.

Os "manuscritos" poderiam se referir, ainda, aos pergaminhos falsificados do mistério de Rennes-le-Château (veja as páginas 93-94). Nicole Dawe comenta que poderiam ser as diversas folhas que constituem os Dossiês secretos. Outra possibilidade é uma versão antiga do 18º grau (Rosa-Cruz) identificado entre os maçons. Parece que o candidato que compreenda esses manuscritos é considerado um entendedor da natureza subjetiva do preto e do branco das artes e das ciências. Essa é outra alusão maçônica, indicando

o piso xadrez visto na igreja de Rennes-le-Château e em todos os templos maçônicos (veja a página 120). Uma interpretação óbvia do preto e do branco seria o bem e o mal, sua natureza interligada implicando que esses opostos são interdependentes. Há uma ideia de que o bem e o mal não são separados e opostos, mas meramente aspectos diferentes de uma mesma coisa.

“As cores do arco-íris formam uma unidade branca” leva-nos em uma direção ligeiramente mais ampla. O grande matemático, maçom e alquimista Isaac Newton recebeu o crédito pela descoberta do espectro das cores. Sua adesão à ordem também foi reivindicada pelo Priorado mediante a inclusão de seu nome na versão de Plantard da lista de grão-mestres (veja a página 63). Isso corrobora a perspectiva maçônica, mas também pode indicar que estamos seguindo o caminho escolhido pelos alquimistas em todas as épocas. O estágio do “pavão” na alquimia, também chamado de “Íris ou o Arco-íris” (Nicolas Flamel), é um estado em que todos os aspectos da natureza são visíveis.

O Priorado também me informou que as referências às cores do arco-íris estão ligadas às origens da humanidade e podem ser encontradas em antigos textos alquímicos chineses. A alquimia chinesa sustenta o que atualmente é chamado de taoísmo, mas no início abrangia a química, a metalurgia, a fitoterapia e a busca da imortalidade. Na alquimia chinesa, há um estágio chamado “o lugar do dragão vermelho”, ao qual se alude como na “serpente vermelha” para informar ao leitor que a alquimia ocidental também tem suas origens na China antiga.

Ao arco-íris teriam sido atribuídas propriedades mágicas em muitas civilizações antigas porque estava fora da esfera de controle e compreensão desses povos, mas a influência da alquimia chinesa talvez possa também ser vista nos textos védicos da Índia, na medida em que o deus Indra carrega um arco em forma de arco-íris, que dispara flechas de raios para matar a serpente primordial. Além disso, o mito de criação indiano conta como os deuses trouxeram à existência um oceano de leite do qual se formou um elefante cujo nome significa “arco-íris”.

As sete cores também são sinônimos dos ensinamentos do tantra, uma vez que a jornada pode ser interpretada como a ascensão da energia kundalini

(serpente) através dos sete chacras, ou centros de energia do corpo.

O artista que mistura seis tintas para fazer o preto poderia ser Nicolas Poussin, que aparentemente limitava sua paleta a apenas seis cores. A paisagem na pintura Os pastores da Arcádia sem dúvida inclui os picos de Pech Cardou, Blanchefort e Rennes-le-Château ao fundo. O quadro retrata um túmulo que foi identificado como uma sepultura real que se situa nessa área.

Em termos de localização, as cores podem aludir ao “rio das Cores”, que corre embaixo da gruta de Maria Madalena ao sul de Rennes-le-Château.

Meu principal contato no Priorado, Nic Haywood, estendeu-se sobre o aspecto alquímico, explicando que a gruta de Maria Madalena era um local de iniciação, paralelo ao primeiro estágio do processo alquímico (o estado de nigredo) e à primeira estrofe de A serpente vermelha. No capítulo anterior, sobre a peregrinação, vimos como o “desvio secreto” na região começa na gruta de Maria Madalena e depois segue pelo rio das Cores com o estágio do pavão.

O uso da gruta espelha aquele do aposento de contemplação localizado atrás do falso armário na igreja (veja a página 130). A gruta seria empregada como o espaço preparatório para o 18º grau de Rosa-Cruz, que em si é uma forma ritual do nigredo, ou estágio de “escurecimento” da transformação alquímica. O afresco do padre Saunière no altar representa Maria Madalena na gruta com um crânio e uma cruz. Esses são dois itens a serem contemplados durante o período de isolamento do iniciado. O nigredo é o esvaziamento do inconsciente no preparo para a iniciação e leva ao estágio “pavão” simbolizado pelo arco-íris.

Próximo à gruta existe um lago subterrâneo que também pode ter sido usado, mas situa-se em uma propriedade particular, e o acesso a ele atualmente está vedado.

2. Peixe

Esse Amigo, como posso apresentá-lo a você? Seu nome continuará sendo um mistério, mas seu número é o de um selo famoso. Como posso explicá-lo a você? Talvez como o comandante do arco indestrutível, impassível como uma coluna na sua rocha branca, perscrutando o sul, além da rocha negra.

O mistério do nome também poderia ser uma referência ao deus egípcio Amon-Rá. De acordo com o mito de Ísis, ela colocou no caminho dele um escorpião, o qual picou-lhe o pé, permitindo a ela cobrar seu nome secreto antes de administrar-lhe a cura. Tradicionalmente, quem conhece o nome secreto de um deus ou demônio é capaz de controlá-los, e isso permitiu a Ísis soprar a vida de volta em seu marido Osíris. A história de Hiram Abiff na Maçonaria é uma atualização do mito de Osíris e há também paralelismos com a ressurreição de Jesus.

O "comandante do arco indestrutível" novamente evoca a ideia do timoneiro tanto no Priorado quanto no Real Arco da Maçonaria. As referências ao arco e ao nome oculto são compatíveis com Amon-Rá, que pilotava seu barco pelo céu. Diz-se também que esse deus tem um valor numérico de 7, o que corresponde ao "selo famoso", o "sétimo Selo" no livro do Apocalipse.

A identidade do "Amigo" permanece indeterminada, porque existe um personagem por trás de grande parte do que estamos considerando. O mais famoso "selo" associado aos mistérios maçônicos é o de Salomão: um pentagrama (ou hexagrama em interpretações posteriores). O hexagrama é de interesse como símbolo porque é o selo hermético e uma versão simplificada da flor-de-lis ou do lírio heráldico. Nos diagramas alquímicos e rosa-cruzes, ele representa a junção de fogo e água. Podemos usar a água para submeter o demônio Asmodeu ao nosso arbítrio, assim como Salomão lançou mão do anel para forçá-lo a construir o Templo em silêncio. A igreja de Rennes-le-Château, é claro, contém Asmodeu e está desenhada de modo a refletir o Templo de Salomão (veja a página 151). O afresco do Sermão da Montanha na igreja também inclui flores que crescem na região e são comumente conhecidas como "selo-de-salomão".

Quanto ao nome secreto, os maçons mais esotéricos decompõem “Solomon” (Salomão) em SOL-OM-ON, significando “luz”, “glória” e “verdade”, muito embora eu tenha ouvido falar que “ON” representaria Osíris.

Peixes contém outra referência bem definida a um local conhecido. O texto menciona a “rocha branca” voltada para o sul além da “rocha negra”, o que nos situa em Blanchefort, a leste de Rennes-le-Château. Blanchefort é um castelo em ruínas situado sobre um pilar de rocha branca. Estamos voltados para o sul depois de um pilar de rocha negra chamado Roc Nègre, a Rocha Negra, na direção da Poltrona do Diabo, do círculo e do Homem Morto. No horizonte sul fica Le Château des Templiers (Castelo dos Templários) em Le Bézu. O Priorado afirma que esse foi realmente, como o nome sugere, um castelo templário. Na mesma crista de montanha que a do Château des Templiers fica Roque Rouge, a Rocha Vermelha. Como foi mencionado anteriormente, o preto, o branco e o vermelho (nigredo, albedo e rubedo) são os três principais estágios ou estados do processo alquímico.

Apesar dessa referência, há uma certa confusão quanto à nossa posição nessa etapa da jornada. Diversas declarações do Priorado indicam que o caminho da iniciação próximo a Rennes-le-Château é circular e começa e termina na Poltrona do Diabo (Fauteuil du Diable), ao sul de Blanchefort. Esse aspecto está presente no alfa e no ômega, e também no triângulo. Este simboliza uma montanha, mas também pode ser uma referência ao “olho no triângulo” visto nas vizinhanças do lago artificial em meio a um pequeno grupo de árvores (veja a página 142). O alfa e o ômega representam o começo e o fim da jornada da Serpente Vermelha e da Grande Obra dos alquimistas. Tanto o morro de Blanchefort quanto o da Poltrona do Diabo fazem parte da mesma serra, mas é forçado considerar os dois como o mesmo lugar.

Mais adiante no texto descobrimos que a jornada teve início “nas sombras”, portanto talvez a vista para o sul de Blanchefort esteja relacionada às estrelas. Existe outra possibilidade de que a lua cheia deva estar presente para iluminar diversos aspectos da paisagem, tais como o rio Sals serpenteando em direção ao sul (veja a página 216). Nos últimos anos, mesmo com a lua cheia, as árvores abundantes e a poluição luminosa das

residências do vale abaixo impedem a visão de qualquer trecho do rio Sals. Só posso imaginar que em certa época ele se parecia com uma corrente de mercúrio percorrendo um caminho sinuoso no vale lá embaixo. Entretanto, as ruínas do castelo templário em Le Bézu ainda podem ser vistas com perfeição à distância diretamente ao sul.

3. Áries

Na minha árdua peregrinação, tentei com minha espada abrir caminho pela vegetação inextricável dos bosques, quis alcançar a morada da BELA adormecida, que alguns poetas acreditam ser a RAINHA de um reino desaparecido. Quando me desesperei na busca de meu caminho, os pergaminhos desse Amigo foram meu fio de Ariadne.

O uso da palavra “peregrinação” indica a natureza de nossa jornada, em que nos encaminhamos para um local de importância religiosa. Uma espada para abrir caminho pela vegetação certamente seria útil em algumas áreas dessa paisagem, mas o autor também alude à famosa história de Charles Perrault, a Bela Adormecida [La Belle au bois dormant].

O termo “espada” geralmente é um símbolo de sabedoria masculino, uma vez que corta e separa o que encontra. Ela é amenizada pelo Graal, um receptáculo feminino que representa a cura e a compreensão. Comentou-se que versões anteriores de A serpente vermelha referiam-se a uma “espada mágica”, objeto que aparece em muitos mitos, normalmente nas mãos de um rei ou herói. Existe uma referência alquímica complexa relacionada a isso, como confirma o Priorado:

Observe: “Retiramos nosso aço ou compasso da barriga do carneiro” é um aforismo alquímico antigo e bastante conhecido. Ele faz alusão às informações decisivas relativas à “agricultura celestial” – outra expressão para uma aplicação específica da ciência alquímica.

O “aço” aqui é outro termo para espada. Na aplicação química da alquimia, é um processo que envolve o uso de cloreto de amônia, um sal de amônia. A amônia recebe esse nome de Amon-Rá (ou Amun-Ra), o deus egípcio que era simbolizado pelo carneiro, assim como Hermes.

Alguns consideram a Bela Adormecida como a obra mais alquímica de Perrault. A Bela do título é mais fácil de entender em termos psicológicos, como a filha da mãe venenosa que, por deixar de tomar consciência da própria natureza destrutiva, transfere-a para a filha na forma de uma vida inconsciente. A Bela Adormecida é o redespertar para a vida pelo amor, mas vale a pena notar que o despertar do aspecto feminino é importante tanto para os homens quanto para as mulheres. A postura alquímica é buscar a perfeição oculta na natureza e dar-lhe vida. Os dois irmãos Perrault encontravam-se entre os nomes dos integrantes do Priorado fornecidos por Nic Haywood (veja a página 67).

A “rainha de um reino desaparecido” é provavelmente Ísis, mencionada mais adiante no texto. Vale a pena notar que, durante o século XIX, a Maçonaria tornou-se particularmente obcecada pelo Egito antigo, portanto é possível que estejamos lendo isso através de um filtro maçônico que transporta a noção de tudo para o Egito. No entanto, esse arquétipo feminino é o mesmo que o de qualquer outra força feminina liberada. O arquétipo – seja em Bela Adormecia, Maria Madalena ou Ísis – reflete a natureza dual da busca. A recuperação do arquétipo feminino perdido é também fundamental para as representações do mistério da Maçonaria, recobrando o equilíbrio entre masculino e feminino dentro do indivíduo. O aspirante está tentando descobrir sua própria natureza feminina, um caminho de intuição e sabedoria que pode levá-lo à gnose, uma vivência do divino.

Também ficamos sabendo que a jornada nos leva à “morada” de Bela Adormecida.

Na peregrinação material, o significado transmitido aqui é que também estamos em busca de um lugar real, um lugar de descanso final desse feminino perdido. É provável que estejamos procurando uma “bela adormecida” na forma de um cadáver. Diz-se que vários santos permaneceram sem se decompor após a morte, e fui informado pelo

Priorado de que, se o corpo de Maria Madalena existisse, também estaria nessa condição.

Finalmente, há a menção ao fio de Ariadne. Na mitologia grega, Ariadne deu ao herói Teseu uma bola de barbante para que ele pudesse encontrar a saída do Labirinto depois de matar o Minotauro que habitava o lugar. A referência a Ariadne pode ser o "labirinto", um termo local para uma série de cavernas e minas embaixo da paisagem próxima à Poltrona do Diabo. No entanto, a referência também se aplica a diversos outros níveis. O labirinto é uma rosa expressa por meio da geometria.

Labirinto: um termo de múltiplo uso, que se refere ao caminho correto, mas angustiante, da Grande Obra, e semelhante ao emaranhado de passagens da Antiguidade em Cnossos (Gnose?) chamado Ab-sol-om.

Uma distinção importante precisa ser feita entre labirinto e emaranhado de caminhos. O emaranhado de caminhos pode ser resolvido pela lógica, pelo método de tentativa e erro, e requer a participação do lado direito do cérebro para deduzir uma solução. O labirinto é um caminho de contemplação e de transformação que evoca o lado esquerdo do cérebro. Ele leva o inquiridor a voltas cada vez mais próximas a um ponto no centro. A continuação do caminho depois se desenrola e leva até a borda exterior. Essa é uma modalidade de meditação peripatética, uma jornada ativa e intuitiva de ida e volta à origem divina de sua existência. Não há nada aqui para ser resolvido pela lógica.

Os labirintos das catedrais góticas são às vezes chamados de "dédalos de Salomão", e na cerimônia de iniciação os maçons são conduzidos de olhos vendados ao redor da loja até um altar onde se ajoelham e pedem por iluminação.

O fio de Ariadne nesse contexto refere-se à sinalização que todos os alquimistas são obrigados a deixar para os que seguirem suas pegadas:

Aos poucos que atravessarem com êxito a teia de Ariadne, é revelada uma amplamente insuspeitada realidade universal, na qual até mesmo os antigos mitos, lendas, contos e fábulas imortais – eles próprios um provável

vestígio de uma memória da raça – adquirem um significado inteiramente novo e completamente óbvio.

Isso se liga tanto à alquimia quanto à tradição de preservar o conhecimento pela sua codificação como símbolos para as gerações posteriores. Esse é um dever atribuído a todos os que realizam a Grande Obra, e muitos, a exemplo de Fulcanelli, deixaram um manuscrito codificado antes de desaparecer da vida pública.

4. Touro

Graças a ele, e agora com passos medidos e um olhar confiável, fui capaz de descobrir as sessenta e quatro pedras dispersas de um cubo perfeito, o qual os Irmãos da BELA da floresta escura, escapando da perseguição dos usurpadores, espalharam pelo caminho enquanto fugiam do Forte branco.

Touro começa com o aspirante localizando 64 pedras. Esse é o número de quadrículas do tabuleiro de xadrez. O piso da igreja de Rennes-le-Château tem um tabuleiro de xadrez, assim como toda loja maçônica, mas aqui elas são caracterizadas como “dispersas”.

A passagem sobre os “Irmãos da Bela” fugindo do forte branco alude tanto aos Templários quanto aos cátaros. “Irmandade” é um termo usado pelas sociedades secretas ou uma ordem religiosa que serve para caracterizar seus integrantes. O “Forte branco” é Blanchefort, e o Priorado afirma que uma guarnição templária esteve estacionada ali e foi forçada a fugir quando a ordem foi cercada pelos “usurpadores”, os agentes do rei francês, que tecnicamente não governava essa região. Nesse contexto, os “usurpadores” poderiam ser, ainda, uma referência dirigida aos cavaleiros de Malta, que receberam terras e bens que tinham pertencido aos Templários.

Os fugitivos e seu “tesouro” também lembram muito a história dos três hereges cátaros que escaparam de Montségur com um “tesouro” desconhecido antes da extinção da seita nas mãos da Cruzada Albigense de

1209-29 (embora os últimos postos avançados cátaros tenham resistido até 1244 ou mais). A partir daí, podemos deduzir que parte do segredo é algo que estava em posse dos Templários ou cátaros e que eles esconderam antes de sua prisão em 13 de outubro de 1307. Isso pode ter assumido a forma de objetos ou documentos, ou as duas coisas.

O “cubo perfeito” é outra referência maçônica. Os maçons usam o símbolo da pedra talhada grosseiramente, ou ashlar, para indicar um homem inacabado. Eles dão uma pequena ashlar aos iniciados como uma representação simbólica da obra que ainda precisam fazer em si mesmos. Com o trabalho árduo e as ferramentas certas, essa pedra deverá ser convertida em um cubo perfeito – simbolicamente, um homem aperfeiçoado.

A chave da estrofe de Touro é a frase “passos medidos e olhar confiável”. Do pico de Blanchefort em direção ao sul das ruínas existe uma perfeita linha de visão para a aldeia de Rennes-le-Château no alto do morro, e a Tour Magdala de Saunière estabelece essa linha.

5. Gêmeos

Recolha as pedras espalhadas, trabalhe com o esquadro e o compasso para colocá-las de volta em uma ordem regular, procure o meridiano indo de leste para oeste, depois olhe do sul para o norte, e depois para todas as direções, para obter a solução que está buscando, parando na frente das quatorze pedras assinaladas com uma cruz. O círculo é o anel e a coroa, e é o diadema dessa RAINHA do Castelo.

Somos instruídos a recolher as pedras espalhadas e colocá-las em uma ordem regular. As 64 pedras, como sabemos, representam o piso azulejado maçônico da igreja de Rennes-le-Château, e a expressão “ordem regular” é usada nas lojas maçônicas quando se conduz o que é chamado de “ordem regular dos negócios”. O “esquadro e o compasso” são os símbolos clássicos da Maçonaria, mas poderiam também ser usados para alinhar

pontos na paisagem. Não estou ciente de “pedras espalhadas” como uma referência maçônica, mas essa expressão repercute as numerosas partes do deus Osíris, que foi esquartejado pelo irmão Seth. As partes espalhadas de Osíris tiveram de ser reunidas e reconstruídas por Ísis, sua esposa.

O meridiano de Paris é assinalado na igreja de Saint-Sulpice, em Paris, por um dólmen, e essa localização é mencionada diretamente em seguida no texto. O meridiano foi baseado em uma linha anterior que corre entre Blanchefort e Arques chamada de Linha Rosa (Ligne Rose). Ela atravessa o local do túmulo em Os pastores da Arcádia, de Poussin.

Devemos então olhar para “todas as direções”, o que pode significar tanto dentro da igreja quanto na paisagem. Essa poderia ser uma referência às constelações à vista ou então aos símbolos dentro da igreja. As “quatorze pedras assinaladas com uma cruz” são uma referência às quatorze Estações da Cruz dentro da igreja e também, curiosamente, a um aspecto da paisagem. Gérard Thome generosamente guiou-me a esse lugar onde, ao sul da Poltrona do Diabo, há pedras com cruzes gravadas na superfície. Elas levam a uma grande rocha isolada que um dia serviu como base para uma alta cruz de ferro, mas esta foi removida há muito tempo, deixando apenas um buraco na pedra. No entender de Thome, as cruzes foram esculpidas e colocadas pelo amigo e mentor de Saunière, o padre Henri Boudet.

Essa localização também fica próxima a um “círculo”. Na verdade, há dois círculos na área. Um é a pequena fonte ao lado da Poltrona do Diabo, e o outro é um círculo de árvores em um campo mais ao sul, com um menir ao centro. Até onde posso dizer, este fica em propriedade privada, mas pode ser visto da encosta norte do morro do Château des Templiers ainda mais ao sul. Se ele é o “anel” para acompanhar uma coroa, será que isso significa uma grinalda? Em caso afirmativo, a nossa Bela Adormecida é casada, de sangue real e pertence ao castelo. O nome Madalena significa literalmente “da torre” (Magdala ou Migdal, em galileu, traduz-se por “torre”), portanto o castelo, o anel e a coroa poderiam todos aludir à condição herética de Maria como noiva de Jesus. Outra opção é que ele se refere a outra Maria, a condessa Marie de Negri d’Ables do castelo de Blanchefort, uma nobre local que pode ter sido responsável pela proteção e continuação da heresia

secreta que foi mantida oculta pelos Templários, e talvez seja aquela à qual a estrofe anterior aludia.

6. Câncer

Os ladrilhos do mosaico do piso do lugar santo eram alternadamente brancos ou pretos, e JESUS, assim como ASMODEU, observa seu alinhamento, enquanto minha visão parecia incapaz de ver o cume onde a linda mulher adormecida permanecia oculta. Não sendo HÉRCULES com sua força mágica, como eu decifraria os símbolos misteriosos gravados pelos observadores do passado? No santuário, contudo, a pia batismal, a fonte de amor dos crentes, recorda-nos estas palavras: SOB ESTE SIGNO o VENCERÁS.

As referências a Jesus e Asmodeu situam-nos com segurança de volta a Rennes-le-Château, onde o piso xadrez é observado por Jesus e Asmodeu (veja a página 114). Existe um aspecto quase dualista/cátaro no espelhamento presente na cena. O xadrez do piso foi colocado na diagonal em relação à igreja, de modo que seus alinhamentos sejam aproximadamente a nordeste, noroeste, sudeste e sudoeste. É interessante que, acima de Asmodeu, um dos quatro anjos não esteja tocando a própria testa em sinal de bênção, mas protegendo os olhos, como se estivesse olhando à distância para o leste. Essa é a direção de Blanchefort, Pech Cardou e Arques, mais além.

Se, como me contou Nic Haywood, o nome “Arques” deriva da palavra árabe para tabuleiro de xadrez, outra vez vemos o interior da igreja espelhar a paisagem:

Ru-at, arq-at etc. são as raízes de Arque e podem significar “tabuleiro de xadrez” (como em arq-a-leen ou aral-kheen), “tecido axadrezado dos escoceses”, “grande vão de porta” e “linguagem sagrada ou secreta”. Essa é uma das antigas palavras árabes mais esotéricas e ambíguas, muito usada no ensinamento sufi e alquímico.

O herói Hércules empreende uma grande série de “trabalhos” ou provas/experiências que podem ser entendidas como uma busca alquímica. Por exemplo, a androginia que experimenta a serviço da rainha Ônfale representa uma fase que aparece em muitas ilustrações alquímicas. A quinta prova de Hércules, o desafio de ter de limpar em um dia os imensos estábulos de Áugias cheios de esterco, pode ser interpretada como a purificação do inconsciente ou o estágio alquímico do nigredo. A própria “câmara de reflexão” do herói foi a caverna de um eremita, na qual ele apaziguou um leão. Nicolas Flamel também faz referência ao “rei Hércules e seu Livro, que instou com as cores da pedra, intitulado Íris ou o Arco-Íris”.

Vemos aqui de novo uma referência à importância do arco-íris, como foi discutido anteriormente. Outro aspecto alquímico da estrofe é sugerido pela inscrição “Sob este signo o vencerás [ou vencerás isso]” (Par ce signe tu le vaincras). A inscrição pode ser encontrada na estátua de Asmodeu e os anjos na igreja, e é tirada da visão que o imperador Constantino teve da cruz, com o acréscimo da palavra le (“o”, “ele” ou “isso”). Curiosamente, a frase aparece na árvore da vida alquímica do Codex Rosae-Crucis e em outros manuscritos alquímicos.

Como afirma o Priorado, a menção a Hércules é também uma alusão aos “dois pilares” e à “águia”. Os “dois pilares” são uma referência maçônica a Jaquim e Boaz, os dois pilares do Templo de Salomão, que estão representados em todos os templos maçônicos. A referência à águia refere-se ao livro bíblico de Jó, no qual Deus fala a Jó que, sempre que houver um cadáver, a águia estará presente. Os evangelhos de Mateus e Lucas também contêm uma referência semelhante. A “águia” (alternativamente traduzida como “abutre”) parece ser um termo genérico usado para todas as aves necrófagas na Bíblia, mas essas também são equiparadas ao ponto de vista mais elevado possível. Minha interpretação a respeito é que a águia pode ver o túmulo que buscamos. De acordo com o Priorado:

John Dee também fez alusões profundas à águia em referência à revelação de um corpo em sua Mônada hieroglífica. Em certo sentido, poderia ser dito que o olho da águia equivale ao olho que tudo vê – não devemos nos esquecer de que essa ave tem fortes ligações com Zeus e também é um

símbolo do sempre mencionado terceiro olho ou olho dos Ciclopes, o olho de Argos.

Isso também pode significar que devemos usar a constelação astronômica da Águia para nos orientar em relação ao local, o que nos leva de volta ao aspecto astrológico de A serpente vermelha. No céu noturno, a Águia é adjacente a Hércules, Ofiúco (o 13º signo) e a Serpente. Como essas constelações têm relação com a paisagem não é claro. Considerei a ligação entre o lago no campo triangular e o Olho da Providência (veja as páginas 142-143), mas mapear esses signos astronômicos sobre a paisagem está longe de ser satisfatório ou de prover orientações específicas.

A referência à águia pode também significar que o túmulo seja visível de um ponto elevado como um dos picos. Mas ela reitera, de maneira significativa, que estamos buscando por um cadáver.

7. Leão

Daquela a quem quis libertar sobem as emanações de perfume que permeiam o túmulo. Uns outrora a chamaram ÍSIS, rainha das fontes benevolentes, VINDE A MIM TODOS OS QUE ESTÃO CANSADOS E SOBRECARREGADOS e EU VOS ALIVIAREI, outros, MADELAINE, com a famosa taça com o bálsamo da cura. Os iniciados conhecem o verdadeiro nome dela: NOTRE DAME DES CROSS.

Essa estrofe é considerada por Nic Haywood como profundamente influenciada pelo diário inédito de Nicolas Flamel. Voltamos à alusão à emanação da energia de um arquétipo “feminino” na pretensa “liberação” de uma Bela Adormecida. A descoberta do feminino subjetivo aparece em muitos ensinamentos esotéricos, como na Maçonaria, mas há nisso uma lição para todos a respeito da busca pela nossa própria intuição, aquela voz interior da percepção e da verdade pessoal. “Rainha das fontes benevolentes” não é um título que eu reconheça, mas pode se referir à

estátua de Nossa Senhora de Lurdes situada no pequeno jardim do lado de fora da igreja de Rennes-le-Château.

Em termos materiais, o aroma perfumado seria o odor de um corpo preservado filtrando-se do túmulo. Esse seria o aroma da rosa, informando-nos de que os despojos materiais de uma santa estão enterrados na vizinhança. Uma vez que o nome "Madelaine" é usado no texto, é provável que isso se refira a Maria Madalena. A ideia do corpo preservado é uma tradição das relíquias dos santos. O corpo de Santa Catarina Labouré, por exemplo, foi exumado após cerca de sessenta anos e descobriu-se que se encontrava em perfeitas condições. Quando o túmulo foi aberto, conta-se que exalou odor de rosas.

O uso da "rosa" também é um trocadilho tanto em relação à Linha Rosa quanto a Santa Rosalina, que está ligada a esse mistério pela pintura de Teniers mencionada no pergaminho mais curto produzido na década de 1970 (veja as páginas 300, 302). Voltaremos a Teniers mais adiante (veja o Capítulo 16), mas por ora é suficiente dizer que isso tem conotações maçônicas/alquímicas. A alquimia também faz referência ao odor, o que o Priorado chama de "a fragrância pungente criada no instante do rubedo". O rubedo ou "avermelhamento" é um estágio alquímico às vezes representado como algo que acontece em um jardim de rosas.

"Vinde a mim todos os que estão cansados e sobrecarregados" é do Sermão da Montanha, como é apresentado na igreja, embora aqui seja atribuído a Ísis. Isso é corroborado pelo uso mais antigo de que se tem notícia dessa frase, que pode ser vista inscrita sobre um templo de Ísis no Egito (veja Graham Hancock, O sinal e o selo).

Em discussões posteriores sobre essa estrofe, Nic Haywood enviou-me o seguinte:

Existe um verso da máxima importância em Le serpent rouge [A serpente vermelha], no qual se lê: "Os iniciados conhecem o nome verdadeiro dela: NOSSA SENHORA DA CRUZ". Esse verso deveria ser lido assim: "Les initiés savent son nom véritable, NOTRE DAME DES CROISE[T]." ("Os iniciados conhecem o nome verdadeiro/sagrado dela, NOSSA SENHORA DO CRESCENTE[S]").

O termo “croiset”, variação de “cruz”, é a meu ver uma referência velada, juntamente com a menção à rosa, aos integrantes da Rosa-Cruz.

A alteração de “crescente” para “cruz” na última linha pode ter sido uma tentativa de cristianizar o texto, mas o arquétipo feminino é aqui afirmado como “Nossa Senhora do Crescente”. A deusa Ártemis era conhecida como “Senhora do Crescente”, uma caçadora virgem, senhora da lua e padroeira da Bizâncio pagã, depois Constantinopla. A bandeira da cidade, e do posterior Império Bizantino (cristão), foi uma lua crescente, mantida pelos otomanos muçulmanos que conquistaram a cidade em 1492. Há muitas imagens nos manuscritos alquímicos sobre a sublimação do feminino, ilustradas pela rainha em pé sobre uma lua crescente. Até mesmo a iconografia cristã incorporou essa representação feminina, como na Assunção da Virgem Maria, de El Greco, e incontáveis outras retratando a Virgem Maria em pé sobre uma lua crescente. Um exemplo interessante disso é a Virgem Maria de Luis Niño, pintada na década de 1730, em que Maria também apresenta uma forma triangular, de acordo com as estatuetas e pinturas da Virgem como a “Madona Negra”. As imagens da Madona Negra muitas vezes estão sentadas e segurando uma criança de maneira idêntica à das representações de Ísis do Egito antigo. Esta também pode ser caracterizada como a “Rainha do Crescente Fértil”, o “Crescente Fértil” sendo a região agrícola formada pelos vales do Nilo, do Eufrates e do Tigre. A identificação da Madona Negra com Ísis é esclarecida pelo Priorado:

Quanto à Virgem Negra, Ísis antes da concepção é a Virgo Partiturae, que quer dizer a terra antes da fertilização, a qual os raios do sol logo vão trazer à vida. Ela é a mãe de todos os deuses, como é atestado pela inscrição: “A Ísis, ou à Virgem de quem o filho/sol nascerá”.

O aspecto “negro” da “Madona Negra” também é considerado como significando “sábio”. Ele identifica a mãe arquetípica, o verdadeiro criador, como um triângulo. Nisso vemos que o olho no triângulo da Maçonaria é feminino e, portanto, também o é o “Olho que Tudo Vê” do Grande Arquiteto – Deus. A natureza feminina de Deus é uma sabedoria antiga inspirada em parte na capacidade das mulheres, no seu papel de criadoras, de gerar uma nova vida pelo nascimento. A tradição do nascimento de uma virgem deriva da ideia de um criador único do sexo feminino.

8. Virgem

Eu estava como os pastores do famoso pintor POUSSIN, perplexos quando se depararam com o enigma: “ET IN ARCADIA EGO…!” Irá a voz do sangue restaurar-me a imagem de um passado ancestral? Sim, o lampejo do gênio cruzou meus pensamentos. Posso ver de novo, eu compreendo! Agora conheci esse segredo fabuloso. E maravilha das maravilhas, quando os quatro cavaleiros saltaram, as ferraduras de um cavalo deixaram quatro marcas sobre a pedra, esse foi o sinal que DELACROIX deixara em uma das três pinturas na Chapelle des Anges. Aqui estava a sétima sentença que uma mão traçara: TIRA-ME DO LAMAÇAL, E NÃO ME DEIXES ATOLAR. Duplo IS, embalsamador e embalsamado, a taça milagrosa da Eterna Senhora Branca das Lendas.

Começamos com uma referência a Nicolas Poussin, o artista responsável pela pintura Et in Arcadia ego, ou Os pastores da Arcádia. Os pastores são vistos decifrando a inscrição latina “Et in Arcadia Ego” (literalmente “Eu também [estou ou estive] na Arcádia”) sobre um túmulo antigo. Havia uma sepultura na estrada entre Arques e Blanchefort que foi considerada por muitos como sendo a desse quadro. Ainda se debate com veemência se há alguma relação entre eles, mas o Priorado claramente pretende que façamos essa ligação. No fundo da pintura podem ser vistos três picos que correspondem ao Pech Cardou, Blanchefort e Rennes-le-Château. Essa tela é discutida adiante de maneira mais profunda (veja o Capítulo 16), mas, como a inscrição foi mencionada e despertou nossa atenção, devemos refletir, ainda que brevemente, sobre seu significado.

Certamente, existe um enigma em torno da inscrição, e em capítulos posteriores serão discutidas muitas interpretações a respeito. O verso seguinte inclui a expressão “voz do sangue”, cuja origem é provavelmente “A voz do sangue de teu irmão clama da terra a mim” (Gênesis 4:10). Nesse versículo, Deus acusa Caim de assassinar o irmão. O fratricídio não é diferente do que se vê no mito egípcio de Osíris, morto pelo ciumento irmão Seth. A convergência das mitologias grega, egípcia e cristã torna

difícil determinar qual é mais importante aqui, mas talvez estejamos descobrindo que os três mitos são essencialmente o mesmo. De qualquer maneira, acompanhando as referências ao túmulo e à morte, ele nos lembra de novo que há um cadáver envolvido no mistério de Rennes-le-Château.

Há também a possibilidade de que a "voz do sangue" seja uma memória cultural ou racial. Um aspecto possível dos integrantes da linhagem é que haja algo a ser "despertado no sangue". Talvez uma memória genética seja a causa da percepção repentina vista no verso "irá a voz do sangue restaurar-me a imagem de um passado ancestral?". O Priorado nos diz que essa passagem "é de fato relevante, e há métodos para forçar o ressurgimento do que você corretamente chama de memória da raça".

A tradutora profissional Nicole Dawe, que já morou na região, também me informou que acha certo que "voz do sangue" (la voix du sang) seja um jogo de palavras, uma referência a la voie du sang ("o caminho do sangue", ou linhagem), e que assim que os iniciados compreendem isso eles compreendem tudo, como é comunicado em "agora conheci esse segredo fabuloso".

Chegamos então às "quatro marcas" na pedra deixadas pelos quatro cavaleiros. A marca de uma pata é uma forma arqueada, portanto eu inicialmente procurei por quatro arcos na região. Não encontrei nada que fosse satisfatório, a não ser pela tendência de os cemitérios e criptas locais terem um portão em arco. Existem ali inúmeras rochas com entalhes e reentrâncias de todos os tipos, então pode ser que ainda precise descobrir um exemplo de rocha que sirva. Os "quatro cavaleiros" também podem ser uma alusão aos Quatro Cavaleiros do Apocalipse, mas nesse contexto é mais provável que sejam uma referência aos quatro cavaleiros do tabuleiro de xadrez.

Eugène Delacroix (1798-1863) foi responsável por muitas das pinturas de Saint-Sulpice. Alguns acreditam que elas representem a paisagem de Rennes-le-Château e seus arredores. Delacroix certamente pintou paisagens dos Pireneus, uma vez que morou lá por vários anos. Há uma forma sobre um pilar de sua representação de Heliodoro expulso do Templo que parece familiar. Ela é constituída de dois círculos unidos por um quadrado no meio. Uma variação dessa imagem aparece na forma das tiras da sandália

usada pela mulher sentada, na segunda página do livrete A serpente vermelha. O mesmo efeito desenhado encontra-se no painel lateral do pedestal visigótico no jardim do padre Saunière, embaixo da estátua de Nossa Senhora de Lurdes. As três pinturas de Delacroix são complexas, então escolher esse "signo" a partir da abundância de imagens não é conclusivo. Entretanto, o Priorado também aludiu ao fato de que a geometria dessas pinturas é importante.

A "sétima sentença" é tentadora, na medida em que nos leva direto à pesquisa das outras seis. A citação existe na igreja de Rennes-le-Château, mas essa poderia não ser a única referência. "Tira-me do lamaçal, e não me deixes atolar" é provavelmente uma referência à ilustração do documento alquímico do século XVI, Splendor Solis. Não é coincidência que tanto essa estrofe quanto a ilustração sejam identificadas com o número oito. A ilustração de Splendor Solis retrata um jovem vermelho elevando-se do lamaçal, erguido pela rainha. Podemos interpretá-lo como uma matéria psíquica rejeitada e submersa no inconsciente, assim como qualquer aspecto considerado inaceitável na personalidade de uma criança é "cindido" e propositadamente recalcado. Esse aspecto da personalidade permanece preso em um estado juvenil até ser recuperado (trazido à consciência) e redimido. Aqui o vemos redescoberto e tirado do inconsciente pelo Eu Superior, uma "mãe" ou grande provedora interiorizada que acolhe e aceita esse aspecto perdido.

Na alquimia, os gases captados da operação alquímica são reintegrados para produzir uma nova substância, e a esfera vermelha do crânio prenuncia a conclusão da Grande Obra. A rainha da imagem está grávida (simbolizando o potencial para o renascimento), e ela deve unir-se sempre ao rapaz vermelho para se tornarem o Hermafrodita, simbolizando a integração de todos os opostos e a dualidade. A integração de todos os fragmentos da personalidade completa o processo psicológico.

"Duplo IS" significa simplesmente "ÍSIS", mas essa duplicação também nos direciona para uma forma geométrica do cubo dobrado usado na Maçonaria. O "embalsamador e embalsamado, a taça milagrosa" seria outra referência a Maria Madalena, conhecida por ungir o corpo de Jesus; além disso, a expressão também a vincularia a Ísis, que embalsamou as partes de

Osíris para criar a primeira múmia. O termo “embalsamado” do verso reitera a crença de que o corpo dela esteja enterrado nas vizinhanças. A caracterização como “senhora branca” põe-na em contraste com a Madona Negra, considerada uma representante de Ísis ou talvez Sara, que, de acordo com a lenda, viajou com Maria Madalena no barco para a França.

O agrupamento desses nomes nos recorda que também estamos buscando uma vivência oculta com o aspecto feminino. Os que tentam trilhar o caminho de A serpente vermelha devem ter em mente que a jornada funciona tanto como ritual quanto como peregrinação.

9. Libra

Iniciada nas sombras, minha jornada só poderia terminar na Luz. Pela janela da casa em ruínas, contemplei o cume da montanha através das nuas árvores outonais. A cruz sobre o pico eleva-se sob o sol do meio-dia, era a 14a, e a maior de todas elas, com seus 35 centímetros! Então ali me achava eu por meu turno, cavaleiro do corcel divino cavalgando o abismo.

A hora aqui é uma espécie de inversão do ritual maçônico, em que todos os trabalhos das lojas começam, ainda que simbolicamente, ao meio-dia. Aqui começamos no escuro, seguindo pelo nosso caminho na luz e chegando ao meio-dia. O “meio-dia” também aparece no relato de Nicolas Flamel como a hora em que ele realizou a Magnum Opus (Grande Obra) da alquimia em um 17 de janeiro; e é enfaticamente referido nos pergaminhos falsificados do Priorado da década de 1970. O aspecto da noite acontece ao luar, para indicar o princípio feminino simbolizado por Madalena.

Há uma casa em ruínas ao sul da Poltrona do Diabo, mas não descobri características que a tornem especificamente identificável, e existem muitas outras ruínas nas vizinhanças. Entretanto, ela proporciona a vista de mais de um cume, o pico de Le Bézu diretamente ao sul, com as ruínas do Château des Templiers, e o Pech Cardou ao norte.

Quanto à “cruz sobre o pico”, o Château des Templiers é o local provável, uma vez que foi representado por uma cruz templária em alguns mapas da região desenhados à mão. Existem pequenas cruzes de pedra pela paisagem da região, mas essas funcionam como antigos marcos limítrofes. O tamanho da cruz impossibilitaria vê-la através do vale, então a referência pode ser à 14a Estação da Cruz da igreja. Esta representa Jesus sendo colocado no túmulo, e a intenção poderia ser transmitir-nos a impressão de que o túmulo retratado na igreja e o local na paisagem são a mesma coisa. Além disso, na vista das ruínas templárias fica a área de terra chamada L’Homme Mort – “O Homem Morto”.

Uma declaração enigmática do Priorado também se refere a esse assunto:

Estou lembrado do seguinte trecho: “e de repente compreendo. Quão maravilhosamente doce é esse pólen, mantido seguro no centro dessa rosa de majestade; suspensa como está sobre a cruz do navegador, mas com a capacidade divina de inverter os horizontes”.

A “cruz do navegador” é um instrumento de aferição da latitude em forma de uma haste graduada e uma trave móvel. Alinhando a parte superior da haste com a Estrela Polar e movendo a trave para cima e para baixo até que coincida com o horizonte, é possível determinar a latitude. Esse poderia ser um instrumento para identificar um local específico sobre a terra, usando a vista da casa em ruínas. Certamente, o Priorado tem demonstrado interesse nas dimensões das hastes que as diversas figuras na igreja de Rennes-le-Château têm nas mãos, em especial aquela que um dia Asmodeu segurou. Esta última está desaparecida, e até onde sei não existe nenhum registro do seu comprimento. Dentre as outras incluem-se a cruz na pintura do altar, a haste nas mãos de João Batista e outra na estátua de Santo Antônio. Essa é uma ideia que inspira estudos adicionais.

Como foi mencionado em relação a Gêmeos, existem diversas cruzes esculpidas nas rochas ao sul da Poltrona do Diabo e na casa em ruínas.

10. Escorpião

Visão celestial para ele que me recorda das quatro obras de Em. SIGNOL em torno da linha do Meridiano, no próprio coração do santuário onde essa fonte de amor de um pelo outro rebrilha. Eu me volto sem sair do lugar olhando para a rosa do P e depois para aquela do S, e então do S para o P… e a espiral em minha mente se transforma em um polvo monstruoso, expelindo sua tinta, a escuridão absorvendo a luz, estou atordoado e levo a mão à boca instintivamente mordendo a palma, talvez como OLIER em seu caixão. Maldições, eu entendo a verdade, ELE PASSOU, MAS ELE TAMBÉM, FAZENDO o bem ASSIM COMO xxxxxxxx Aquele do túmulo florido. Mas quantos pilharam a CASA, deixando apenas corpos embalsamados e muitos metais que não conseguiram levar consigo. Que mistério estranho o novo templo de SALOMÃO, que foi construído pelos filhos de São VICENTE, esconde.

Grande parte desse parágrafo se refere à igreja de Saint-Sulpice, em Paris, que o padre Saunière pode ter visitado para conseguir que decodificassem os pergaminhos que descobrira em sua igreja (veja as páginas 94-95). Saint-Sulpice tem esse nome em homenagem a São Sulpício (ou Sulpicius), o bispo de Bourges no século VII, que ficou conhecido por defender seu povo contra os governantes merovíngios da época. Seu dia é comemorado em 17 de janeiro.

As “quatro obras de M [por Monsieur] SIGNOL” são pinturas no centro da igreja de autoria de Emile Signol (1804-92). Elas são assinadas em letras maiúsculas e representam cenas bíblicas. Os personagens nas pinturas apontam ou para a frente ou diagonalmente. Se seguirmos a direção apontada pelos dedos, chegamos a uma forma de “N” do outro lado da igreja. As assinaturas de duas das pinturas apresentam o “N” de SIGNOL invertido. Como já vimos, o tema refletido/invertido do artista é uma constante na igreja de Rennes-le-Château e diz-se que se trata do sinal de um iniciado.

À esquerda de uma pintura vê-se um obelisco de mármore que é o marco do meridiano de Paris. Uma linha de bronze percorre o centro desse obelisco e atravessa o piso em diagonal na direção indicada pelo “N” das pinturas de Signol. O meridiano de Paris continua para o sul pela França e passa

próximo a Rennes-les-Bains, perto do monte de Blanchefort. Ele corre paralelo à “Linha Rosa” ou “Linha dos Segredos”, que atravessa o cemitério de Rennes-les-Bains.

“Fonte de amor de um pelo outro” poderia ser uma referência ao legado espiritual deixado por Jean-Jacques Olier (1608-57), que reconstruiu Saint-Sulpice e fundou o seminário correspondente, na forma de organizações como as Irmãs da Caridade (veja o Capítulo 3). A tentativa de Olier de melhorar a condição das mulheres na Igreja reflete o amor que Jesus teria tido por Maria Madalena se eles foram casados. Ele também influenciou São Vicente de Paulo na criação das Filhas da Caridade. Nic Haywood disse o seguinte sobre Olier e sua obra:

Tendo em vista que o mentor de Olier era um iniciado no processo alquímico (tendo colhido suas “pistas” no seleto material que fora bem guardado pelos nossos velhos amigos Templários), ele iniciou uma síntese que ficou conhecida nos círculos eclesiásticos como uma forma de heresia, mas que não pôde ser reprimida.

Nic acrescentou ainda mais uma declaração:

As Filhas da Caridade de São Vicente foram criadas em 17 de janeiro de 1681, trezentos anos depois do dia em que Nicolas Flamel realizou sua Grande Obra. Seu propósito era cuidar das mulheres e órfãos necessitados, algo que Flamel financiara fundando orfanatos com a riqueza que obtivera. Foram instituições como essas que simbolicamente mantiveram a tradição de cuidar de Maria Madalena e todas as crianças que a acompanharam à França depois da crucificação. Essa é, em certo sentido, a resposta à pergunta maçônica perene de “quem vai cuidar do Filho da Viúva?” O bem-estar material de Maria nada mais era do que uma preocupação; na tradição de cuidar dela assegurava-se que seus ensinamentos também sobreviveriam.

Há outra ligação entre as Filhas da Caridade de São Vicente e Rennes-le-Château, pois Elizabeth de Rennes, uma dignitária local, ficou responsável pelas Filhas da Caridade.

Em Saint-Sulpice, existem duas janelas redondas acima da face norte e sul do meridiano. No centro delas há um “P” no norte e um “S” no sul. O

Priorado confidenciou na década de 1970 que essas letras representam o "Priorado de Sião", mas essa pode ter sido uma tentativa de se vincular à mitologia da igreja ou simplesmente chamar a atenção do público para sua existência. Fomos instruídos a passar do "P" para o "S" e vice-versa.

Como descobrimos no Capítulo 9, uma espiral pode ser percebida como um caminho para a origem, mas também como uma serpente adormecida. O polvo é uma imagem primordial, mas também pode indicar as ramificações em espiral do labirinto, tanto embaixo da terra quanto dentro da mente. No centro situa-se a fonte, a origem, e essa é identificada em La Source, a pequena fonte natural ao lado da Poltrona do Diabo. A tinta preta absorvendo a luz poderia ser uma alusão ao Hermafrodita alquímico (veja a estrofe anterior), uma fusão de preto com branco.

De acordo com o Priorado, "a referência ao polvo – simbolismo metafísico familiar à parte – é provavelmente uma referência direta ao Trono de São Pedro: Roma propriamente dita". Isso indica que a ocultação da luz é parcialmente vista como uma falha da Igreja Católica; essa estrofe inteira estaria então nos encaminhando para a busca de uma forma mais equilibrada de cristianismo.

Estive em Saint-Sulpice muitos anos atrás na companhia de Sarah Hurst e juntos analisamos a igreja usando A serpente vermelha como guia. Existe uma ilustração na parede com um perfil de Olier, mas ele não está levando a mão à boca, então desconfiei que existisse outro retrato do padre. Como já foi mencionado, descobrimos que o mural da capela de St.-Jean Evangéliste (São João Evangelista) tem uma imagem que claramente lembra Olier. Essa imagem tem uma das mãos sobre a boca e embaixo do seu braço veem-se três grandes rolos de pergaminho e um livro. Na época, não cheguei a nenhuma conclusão sobre o possível conteúdo desses documentos, mas notei a semelhança entre a noção de textos ocultos da pintura e esse aspecto da história de Rennes-le-Château. Voltarei a esses rolos de pergaminho na próxima parte, uma vez que há mais o que aprender sobre eles (veja o Capítulo 15).

Na parte seguinte da estrofe o narrador morde instintivamente sua palma. Esse é um gesto de horror maçônico, mas também de conclusão da Grande Obra. Nic Haywood nos diz:

Quanto ao “gesto de horror”, essa é uma expressão conhecida e está relacionada, principalmente, ao momento da descoberta da Pedra [Filosofal], ou antes ao fato de que a descoberta da Pedra representa na verdade “tornar-se a Pedra”:

“Quando esse momento de alegria aconteceu, Deus me assegurou, pela sua graça eterna, o mais precioso dos dons; essa ‘Quinta-Essência Divina’, essa Pedra dos Sábios. Quando essa hora fatídica bateu, fiz um gesto de horror e me retirei, fugindo da visão do mundo.”

A última citação provém provavelmente do diário inédito de Nicolas Flamel, que está com o Priorado. A expressão “fazendo o bem” costuma ser usada para caracterizar os rosa-cruzes (veja Jean Markale, The church of Mary Magdalene [A igreja de Maria Madalena,]) e é, ainda, a citação de uma das lápides tumulares de Rennes-les-Bains. A expressão está gravada no túmulo de Paul Urbain Vincent de Fleury – “aquele do túmulo florido”. Ele foi o neto de Marie de Negri d’Ables, condessa de Blanchefort. Interessante é o fato de que De Fleury tem dois túmulos no mesmo cemitério ostentando datas de morte diferentes. Sabe-se que um desses túmulos está vazio, mas presumivelmente serviu a outro propósito em determinado momento da história.

A família De Fleury era proprietária de terras na área de Rennes-le-Château, incluindo Blanchefort. A paisagem do mural do Sermão da Montanha na igreja de Rennes-le-Château baseia-se na região e inclui uma extensão de terra coberta de roseirais de propriedade da família De Fleury.

A expressão “casa pilhada” informa-nos que lá existe um túmulo, mas tudo o que resta são corpos embalsamados e objetos de metal pesados demais para carregar. Há um certo número de opções para esse local. Poderia referir-se a uma das criptas embaixo da igreja de Rennes-le-Château que foram seladas por Saunière (veja a página 96). Parece provável pelo seu comportamento que Saunière estivesse pilhando um tesouro de algum lugar próximo da casa. Sabemos que Olier foi enterrado em Saint-Sulpice, mas é improvável que a referência seja sobre ele, porque “corpos” é plural. O plural também indica que é o túmulo de um casal ou de uma família.

As terras da família De Fleury são um local possível para esse túmulo, uma vez que existe a caverna mostrada na pintura do altar de Rennes-le-Château, com Maria Madalena ao lado de uma sepultura. No entanto, como estamos fisicamente ao sul da Poltrona do Diabo, em algum ponto entre Blanchefort e Château des Templiers a leste de Rennes-le-Château, estamos longe dos dois lugares. A área de terra chamada de L'Homme Mort, O Homem Morto, fica aqui, e descobri com o Priorado que esse lugar foi uma passagem para o sistema de túneis local que levaria a um local sagrado. Mais a respeito disso será dito no capítulo a seguir.

Como foi mencionado anteriormente, Olier era um integrante do Priorado e supervisionou a reconstrução de Saint-Sulpice. O desenho dessa igreja, a exemplo do da igreja de Rennes-le-Château e de todos os outros templos maçônicos/rosa-cruzes, baseia-se no Templo de Salomão. Existe uma interpretação mais ampla a esse respeito, na qual o novo Templo de Salomão não é apenas o microcosmo (a igreja de Rennes-le-Château), é também o macrocosmo da paisagem ao redor. Isso também será discutido no capítulo a seguir.

São Vicente de Paulo, contemporâneo de Olier e igualmente filiado ao Priorado, é mencionado também. Uma estátua de São Vicente cercada por crianças está em exibição em Saint-Sulpice. Mas isso esconde, ainda, outro nível de intriga. Na Idade Média, São Vicente foi o nome de um subúrbio de Carcassonne, a cidade murada, trinta quilômetros ao norte de Rennes-le-Château. Esse subúrbio fazia parte de um quarteirão judeu e localizava-se fora das muralhas da cidade principal. Diz-se que as comunidades judaicas da região remontam a antes da época de Cristo, daí que a região teria proporcionado um refúgio seguro para Maria Madalena em fuga da Terra Santa. Se ela teve um filho, esse assentamento judeu teria cuidado da criança assim como o próprio São Vicente ficou famoso por adotar os filhos de Deus.

11. Ofiúco

Maldizendo as cinzas dos profanadores e daqueles que vivem em sua esteira, surgindo do abismo onde mergulhei fazendo o sinal do horror.

“Aqui está a prova de que conheço o segredo do selo de SALOMÃO, de que XXXXXXXXXXX da sua RAINHA, visitei as moradas ocultas.” Leitor Amigo, tome cuidado para não acrescentar ou retirar uma vírgula disto… pense, pense de novo, o chumbo básico da minha escrita XXXX talvez contenha o mais puro ouro.

Ofiúco é ilustrado por um homem segurando uma serpente. Ele é o “Serpentário Dourado”, que lembra o 25º grau (Cavaleiro da Serpente de Bronze) da Maçonaria. A existência do 13º signo é problemática para os astrólogos, pois embora a constelação tenha sido reconhecida pelo famoso astrólogo Ptolomeu na época dos romanos, foi depois deliberadamente ignorada por ele porque perturbava o equilíbrio dos signos solares do zodíaco. O sol passa pelo signo durante o final de novembro e início de dezembro, mas até hoje os astrólogos tanto da astrologia ocidental quanto védica decidiram desconsiderar a constelação.

O nome também está diretamente ligado a “Ofir”, a terra secreta de onde os sacerdotes do Reino Médio do Egito antigo disseram ter obtido suas imensas quantidades de ouro. O escritor e egiptólogo E. A. Wallis Budge sugere que eles mantinham um suprimento do precioso metal amarelo no mesmo lugar. Além disso, essas jornadas para obter grande quantidade de ouro envolviam uma viagem pelo mar, e não na direção do sul do Egito.

O uso de Ofiúco em A serpente vermelha é interessante, uma vez que ele parece totalmente ausente da Maçonaria, da alquimia e de outras tradições presentes aqui. Talvez tenha sido incluído para corroborar a ideia da “serpente vermelha” alquímica. O Priorado sustenta que foi acrescentado em parte para facilitar uma mudança para uma vivência mais alquímica da jornada.

A estrofe começa com o narrador maldizendo e surgindo do abismo. Parece que ele conseguiu viajar até o local subterrâneo que é o objetivo da busca, chegando a esse ponto depois de fazer o “gesto de horror” maçônico. Cavernas existem em abundância na região, especialmente ao redor e embaixo de Blanchefort, e a região tem sido alvo de mineração desde a época dos romanos.

Quanto ao “selo de Salomão”, lembramo-nos de que há uma flor chamada selo-de-salomão, que aparece no mural do Sermão da Montanha em Rennes-le-Château, como também nas terras da família De Fleury mencionadas na estrofe anterior. Talvez por entender isso o buscador tenha descoberto o local oculto da “rainha”. Mas depois o texto dá uma guinada e somos advertidos: “pense, e pense de novo”, exigindo que o leitor medite sobre o que deparou. Ficamos sabendo que, pela contemplação, podemos descobrir o segredo desse texto. Somos depois informados de que fomos instruídos em alquimia e não devemos acrescentar nem retirar nada nessa etapa.

12. Sagitário

Retornando então para o monte branco, o céu tendo aberto seus portões, pareceu-me sentir aproximar-se uma presença, os pés na água como aquele que acabou de receber o sinal do batismo, voltando-me para o leste, à minha frente vi seus anéis se desenroscando interminavelmente, a enorme COBRA VERMELHA mencionada nos pergaminhos, salgada e amarga, a enorme besta desencadeada tornou-se vermelha de raiva, ao pé da sua montanha branca.

Nessa estrofe, voltamos ao morro de Blanchefort e somos posicionados na Poltrona do Diabo, onde o entalhe do alfa e do ômega indica o começo e o fim não só da jornada, mas também do processo alquímico.

A jornada termina com o ato de lavar os pés no lago ao lado da Poltrona do Diabo. Isso se originou com Jesus lavando os pés dos discípulos depois da Última Ceia e foi praticado como um ritual entre diversas ordens cristãs, incluindo os cátaros.

O “Balneum Mariae” (Banho de Maria) é um banho de água quente usado pelos alquimistas, e existem muitas fontes naturais de água quente em Rennes-les-Bains que são usadas até os nossos dias.

Da Poltrona do Diabo, em meio às árvores, temos uma visão limitada da "serpente" do rio Sals que atravessa Rennes-les-Bains. Parecendo prateado ao luar, quando iniciamos nossa jornada, ele é agora visível à luz do sol. Como escreveu Nicolas Flamel:

Aquele que é banhado é a Serpente Píton, a qual, tendo obtido sua existência a partir da corrupção do lodo da Terra acumulado pelas águas do dilúvio, quando todas as preparações eram água, deve ser morta e dominada pelas flechas do Deus Apolo, pelo Sol amarelo, ou seja, pelo nosso fogo, que é igual ao do Sol.

Na culminação da Obra alquímica, a serpente mercurial torna-se vermelha e entra no estágio de rubedo. Como observa Lyndy Abraham em A dictionary of alquimia [Um dicionário de alquimia]: "A serpente do rio é transmutada no célebre objetivo da obra, o elixir ou pedra".

A serpente vermelha também aparece em muitas culturas associada ao ovo órfico, do qual se acredita que o universo surgiu. Em termos psicológicos, ela representa o consciente que deve ser fundido com o inconsciente. Em termos alquímicos, é o homem vermelho que desposa a rainha branca (como na Ilustração 7 de Splendor Solis). Em relação à geografia atual, o rio Sals ("Sal") corre através de Rennes-les-Bains e encontra o rio Blanc ("Branco"). O Sals torna-se vermelho durante as fortes chuvas em razão do elevado conteúdo de óxido de ferro do solo banhado por ele.

A "presença" próxima ao narrador poderia ser uma referência ao cadáver que ele acabou de ver embaixo do solo, ou algo mais divino.

13. Capricórnio

Minha emoção foi grande, "TIRA-ME DO LAMAÇAL", eu disse, e acordei imediatamente. Com efeito, deixei de lhe dizer que isso foi um sonho que tive nesse 17 DE JANEIRO, no dia da festa de São SULPÍCIO. Depois disso, minha preocupação persistindo, eu queria, depois da reflexão usual, contar-lhe uma das histórias de PERRAULT. Portanto, Leitor Amigo, eis nas páginas seguintes o resultado de um sonho que me levou pelo

mundo do estranho e do desconhecido. Pois aquele que passa deve fazer o bem!

Depois de ver a inscrição, e o significado dela, o narrador a representa e desperta imediatamente como que iluminado.

“Tira-me do lamaçal”, como foi mencionado anteriormente, é uma ilustração de Splendor Solis mostrando a rainha branca erguendo o “etíope” preto e vermelho das águas, recebendo-o no seu estado parcialmente transmutado entre nigredo e rubedo. Há outra interpretação para essa frase, na qual Adão foi criado do pó ou do barro e trazido à vida pelo sopro de Deus (ou Deusa, na forma de Ísis). A mulher que ergue o garoto é Sofia (Sabedoria Divina), a sabedoria e o espírito transferido pelo sopro de Deus.

Perrault é mencionado de novo e sua história, A Bela Adormecida, proporciona uma boa analogia tanto para a jornada alquímica quanto para a tentativa material de visitar o túmulo da rainha perdida. Em outro nível há o aspecto da feminilidade divina, a “bela adormecida” dentro de nós todos. Portanto, talvez não seja a Bela Adormecida em si quem acorda, mas o narrador, que revive esse aspecto de si mesmo e é despertado de seu próprio estado onírico depois de pedir a ajuda do seu arquétipo.

A data de 17 de janeiro aparece novamente e, embora os inúmeros significados dessa data tenham sido discutidos no capítulo sobre Rennes-le-Château, somos lembrados de que, na Exposição das imagens hieroglíficas de Flamel, ele afirma ter alcançado seu primeiro uso dos “pós de projeção” ao converter mercúrio em prata ao meio-dia de 17 de janeiro. Isso significa o término dessa etapa da Magnum Opus.

A expressão “fazer o bem”, como vimos, tanto é uma referência aos rosa-cruzes quanto à lápide tumular de Fleury, como explicado em Escorpião. É também um chamado final aos colegas iniciados rosa-cruzes para empreender essa jornada.

UMA (POSSÍVEL) CONCLUSÃO

Sem dúvida, poucos irão considerar A serpente vermelha tão fácil de ler quanto um conto de fadas de Perrault. Mas, quanto ao resto de nós, devemos continuar a separar as camadas de significado e perscrutar o desconhecido.

Conclusões definitivas em relação a esse documento enigmático são uma batalha difícil de travar, e sem dúvida nenhuma eu só arranhei a superfície do texto. Acredito que temos mais a ganhar percorrendo a região – o "caminho d'el diablo", como um dia a chamou Nic Haywood – do que apenas lendo sobre ela de longe. É algo que merece séria contemplação.

Sabemos que um dos maiores motivos para o Priorado vir a público na década de 1950 foi a identificação e reunião de iniciados que tinham se espalhado depois da Segunda Guerra Mundial. Esse documento também funciona como outro sinalizador, para ser lido e reconhecido por aqueles que conhecem a alquimia de Flamel e os mistérios das lojas maçônicas e rosa-cruzes. Ele enfatiza os arquétipos femininos e a ligação com Saint-Sulpice na época de Olier.

Com o Priorado sempre temos a sensação de que estão nos direcionando para algo de grande importância, mas sem nos dizer exatamente por quê. Eles nos atraem para a região de Rennes-le-Château e dão indicações de um túmulo e de uma heresia que existe por lá. Há inúmeras relações a considerar quando seguimos os fios da meada que nos conduzem ao que Olier estava tentando em Saint-Sulpice e ao que o padre Saunière comunicou por meio de sua igreja.

A alquimia é um meio para a transformação em todos os níveis da existência, do puramente material (como na imagem familiar do alquimista transformando chumbo em ouro) até a busca mais profunda da iluminação espiritual e da gnose: em outras palavras, a transformação da alma.

Rennes-le-Château é o ambiente perfeito para ilustrar isso. Um aspecto verdadeiramente hermético da jornada é que o rio vermelho chamado "Sal" corre para o rio chamado "Branco" exatamente da mesma forma que o "etíope" de Splendor Solis encontra-se e se funde com a rainha branca. Os

nomes dos morros, vales, rios, fontes e cavernas da região são aparentemente inspirados na Grande Obra da alquimia, e depois que se entende isso faz um sentido perfeito que o Priorado de Sião deva nos direcionar para essa região quando perguntamos quais são os segredos que eles guardam. Como acontece na vida, as coisas mudam ou se transformam, e a paisagem ao redor de Rennes-le-Château alterou-se com o passar do tempo. Parte da terra atualmente é propriedade privada e inacessível, alguns dos objetos ou locais importantes foram retirados ou destruídos, e os programas de plantio de árvores encobriram muitas das vistas. Isso torna nossa jornada difícil, mas não impossível, embora eu deva prevenir os que pensem em partir à meia-noite e assim mesmo fazer a jornada com facilidade. A paisagem depois que escurece é perigosa e implacável.

Devo também advertir que a rota pode levar a diversas entradas para uma passagem subterrânea, parte das quais segue por baixo de rios. Recebi instruções claras para não tentar seguir por essas passagens antes de maio, dada a tendência a ocorrer inundações repentinas nos meses de inverno, transformando essas passagens em armadilhas mortíferas. Esperei até o tempo melhorar, mas no caminho que segui descobri que a passagem subterrânea havia desmoronado. Direi mais a esse respeito nos capítulos posteriores.

Considero a ideia de despertar de um longo sono – conforme mencionei na estrofe final e retomei no decorrer do texto com referências à Bela Adormecida – sugestões de uma ligação entre a alquimia e a linhagem. A busca da rainha perdida continua, mas há outros portais para a glória da rosa perfumada. Por ora, devemos deixar para trás a serpente em eterno desenrolar e considerar o lugar de descanso final da nossa Senhora dos Crescentes. Deixo vocês com esta passagem de O Rubaiyat de Omar Khayyam:

Do Centro da Terra, pelo Sétimo Portal,
Surgi, e ocupei o Trono Saturnal,
E muitos Nós pelo Caminho desatei;
Menos o Nó da Humana Sina, o mais Mortal.[1]

1 No original, a tradução para o inglês de Edward FitzGerald, de 1893: “Up from Earth’s Centre through the Seventh Gate / I rose, and on the Throne of Saturn sate, / And many Knots unravel’d by the Road; / But not the Knot of Human Death and Fate”. (N. T.)

CAPÍTULO 11

TEMPLOS E TÚMULOS

O OBJETIVO DA BUSCA

Nossa busca nos tirou da larga estrada da peregrinação para Santiago e nos levou pelo “desvio” de A serpente vermelha. Nesse desvio, em parte uma Via Dolorosa, onde as Estações da Cruz foram em dado momento acrescentadas simbolicamente à paisagem, e em parte uma iniciação, procuramos o local secreto da “rainha perdida”. A serpente vermelha indica um local nos morros ao redor de Blanchefort para encontrar a “rosa oculta”. É o momento de falar desse local, o objetivo da nossa jornada.

Guiados pela arte e pela arquitetura das igrejas de Saint-Sulpice, em Paris, e Sainte-Marie-Madeleine (Maria Madalena), em Rennes-le-Château, empreendemos uma peregrinação pela paisagem. O tema por trás das duas igrejas é que elas se baseiam no Templo de Salomão, o primeiro Templo de Jerusalém e modelo para o projeto de todos os templos maçônicos. A tradição de construir dessa maneira é atribuída aos Templários, que por um momento estiveram sediados no Monte do Templo, onde ficava o Templo de Salomão, e o escavaram durante vários anos.

A paisagem em geral de Rennes-le-Château nos conduz por uma recriação de Jerusalém, com nomes de lugares como “Jaffus” e “Cardou” representando o portão de Jafa e Cardo, a rua principal de Jerusalém na época romana. Por esse caminho encontramos a “Via Dolorosa”, lugares equivalentes aos do caminho final de Jesus, como é visto nas Estações da Cruz e encenado nos graus de Rosa-Cruz da Maçonaria.

A jornada ao longo desse caminho está contida em um plano maior de um novo e invisível Templo de Salomão, uma área acima do chão a que me refiro como a “catedral invisível”, e é por aí que devemos começar. Omiti alguns detalhes precisos para impedir o vandalismo ou a exploração inescrupulosa desses lugares sagrados.

A CATEDRAL INVISÍVEL

O Templo de Salomão nos remete por um momento aos nossos velhos amigos Templários, cujo legado pode ser visto por toda a região na forma de fortificações em ruínas. Sabe-se que eles buscaram em Jerusalém não apenas relíquias, mas também aprendizado, e é provável que tenham encontrado as duas coisas tanto materialmente por meio das escavações quanto espiritualmente pelo contato com o conhecimento dos árabes. Expulsos da cidade depois do fim do governo dos cruzados, reuniram o conhecimento e a riqueza material que haviam acumulado e retornaram ao Ocidente. Muitos deles se estabeleceram no Languedoc, região que não pertencia ao reino da França e antigamente fora conhecida como Septimania. Eles eram ricos, poderosos e misteriosos, e o tesouro que descobriram no Monte do Templo é a matéria da lenda. De acordo com o Priorado,

A Septimania, ainda independente, era para ser a Nova Jerusalém criada pelos Templários, que não conseguiram manter a Terra Santa. A colocação do espólio do Templo aqui, incluindo menorás, tabuinhas de pedra e corpos, é espelhada em um “Templo” dissimulado sob a superfície da terra.

Esse Templo oculto e sua imagem espelhada acima da superfície da terra precisariam estar em um local que os Templários pudessem proteger. Eles haviam se apossado da fortificação em Le Bézu, ao sul de Blanchefort, e o Priorado sustenta que tinham outras propriedades em Arques ao leste. Curiosamente, o Priorado também afirma:

A comunidade dos Templários esteve, por um tempo, localizada no Château d’Hautpoul. O santuário mais protegido, o Rosa-Cruz Veritas, estava localizado em Arques antes de ser transferido para um prédio construído com esse propósito, com vista privilegiada do planalto e Le Cercle.

O Château d’Hautpoul é o velho castelo em Rennes-le-Château, do qual provém o nome do vilarejo. Arques fica a leste, além do túmulo que se supõe estar representado na pintura de Poussin, Os pastores da Arcádia. O “prédio construído com esse propósito” é o Château des Templiers, que

situa-se sobre um morro ao sul de Rennes-les-Bains. Ele permite uma vista para o norte de todo o vale de Rennes-les-Bains, Valdieu (o Vale de Deus) e Rennes-le-Château.

Se recuarmos para ver a paisagem da encosta do morro em Le Bézu, em um ponto específico assinalado por uma pedra embaixo do próprio Château des Templiers, teremos uma ideia concreta da "planta baixa" como um todo. Entendemos que nosso caminho em A serpente vermelha, tanto na superfície quanto no subterrâneo, nos leva por uma "catedral invisível".

A catedral invisível é uma recriação do primeiro Templo de Jerusalém e segue de leste para oeste através da paisagem. Parte de Rennes-le-Château é a "entrada", Blanchefort e Rennes-les-Bains são a porta e o "santuário protegido", ao passo que Fauteuil du Diable (Poltrona do Diabo) é o trono de Salomão, e a fonte vizinha, a pia batismal.

Ficando-se à sombra das ruínas templárias em Le Bézu e olhando para o norte, torna-se óbvio que a terra foi produzida para transmitir a existência dessa construção gigantesca. Os aspectos e detalhes podem ser localizados com a ajuda de um mapa, porque alguns, como a Poltrona do Diabo, estão atualmente ocultos pelas florestas.

De acordo com o Priorado, a paisagem do Templo perceptível desde Le Bézu "é espelhada em um Templo embaixo da terra". Como foi mencionado no capítulo sobre a Paisagem (Capítulo 7), a obra de Henry Lincoln explora a geometria da paisagem e inclui um imenso pentagrama estendido pelos picos das montanhas. O pentagrama também foi identificado com a pintura de Poussin, que usa a forma na sua estrutura. Essa pintura foi inicialmente associada ao mistério de Rennes-le-Château pelos pergaminhos codificados que apareceram primeiro em O tesouro amaldiçoado de Rennes-le-Château, de Gérard de Sède, e que depois foram decodificados para O Santo Graal e a linhagem sagrada. Um pergaminho contém a frase: "Pastora, ausência de tentação, Poussin e Teniers têm a chave".

Embora "Pastora" aponte para a obra de Poussin (Os pastores da Arcádia), "ausência de tentação" seguramente se refere à pintura de Teniers, Santo Antônio e São Paulo no deserto, sua única representação de Santo Antônio, o Grande, em que o santo eremita é retratado resistindo à tentação. Isso será

tratado detalhadamente no Capítulo 15, mas em resumo é a pintura da paisagem com São Paulo e Santo Antônio em primeiro plano nos respectivos papéis de professor e aluno, e uma pastora ao fundo.

O Priorado forneceu-me a única cópia precisa dessa tela, cujo original é propriedade privada desde a década de 1920. Dois aspectos do quadro relacionam-se ao Templo oculto. Um é que a pastora ao fundo representa Santa Rosalina e indica a “Linha Rosa” que corre quase paralela ao meridiano de Paris. O segundo é que proporciona uma vista de um canto do Templo. As duas pinturas tomadas em conjunto compõem dois cantos do Templo oculto. Considerado o túmulo na pintura de Poussin, Nic Haywood afirma:

O túmulo em si, sendo construído de acordo com a Proporção Áurea, pode igualmente ser um artifício indicativo de uma estrutura de Templo.

O Templo de Salomão invisível é um sinal indicativo do segredo. Em seu centro fica o santuário protegido ou Santo dos Santos, o lugar sagrado que originalmente abrigou a Arca da Aliança. Não consigo encontrar na paisagem evidências para a Arca, mas o Santo dos Santos é representado na forma de uma montanha: Pech Cardou, em frente a Blanchefort, do outro lado do rio Sals.

Muitas das montanhas da região são juncadas de cavernas, e algumas, a exemplo do pico Bugarach, contêm imensas cavernas subterrâneas, portanto é provável que o nosso segundo Templo, subterrâneo, esteja dentro dessa montanha. A existência desse Templo é o próprio centro do mistério, o foco ao redor do qual gira tudo o mais, em relação aos aspectos materiais dos mistérios de Rennes-le-Château e do Priorado de Sião. Ele é tanto um local de iniciação quanto o lugar do descanso final da nossa “rainha perdida”. Ele forma o Santo dos Santos no novo Templo de Salomão, no coração da Nova Jerusalém.

Com esse conhecimento, o impulso seria correr para a região e descobrir tudo o que possa ser revelado, mas não somos arqueólogos desapaixonados catalogando e esvaziando os lugares sagrados dos mortos para encher museus com ornamentos. Esses são sacrários santos, e nossa busca não valerá nada se não for verdadeiramente direcionada ao sagrado. A

descoberta e a revelação de tais lugares e dos itens ali contidos devem ser feitas de maneira a assegurar que eles permaneçam protegidos de saqueadores de todos os tipos, reverenciando a importância espiritual de onde estão localizados.No meu entender, os objetos desses lugares não devem ser removidos; ao contrário, os itens tirados anteriormente devem ser devolvidos.

TÚMULOS

A possibilidade de existirem vários túmulos ocultos na região é muito real. A presença das ruínas templárias e talvez de antigos refugiados da Terra Santa instiga a imaginação em torno de todas as perspectivas concebíveis. Mas parece haver um túmulo específico na região para o qual estamos sendo direcionados – um que faz uso das abundantes cavernas e túneis naturais dos vales e montanhas.

Conversei com diversos pesquisadores que afirmam ter localizado um ou mais túmulos, incluindo David Wood, Gérard Thome e, é claro, Ben Hammott. O achado de Hammott pode ser visto no filme Linhagem, que mostra um corpo embaixo de uma bandeira templária cercado de objetos e manuscritos.

Tive algumas reservas em relação à filmagem que Hammott fez do túmulo, porque parece encenada. A maneira como o conteúdo foi disposto para o espectador levanta suspeita, e a diversidade do conteúdo – de tesouros a manuscritos e uma bandeira templária – são uma lista de descobertas que todo pesquisador de Rennes-le-Château deseja. Além disso, a falta de poeira sobre todos os objetos e o fato de que a bandeira templária tenha sobrevivido sob a terra me fazem questionar a idade do túmulo. O Languedoc possui um clima muito úmido, e tenho razoável certeza de que qualquer tecido deixado em um túmulo se degradaria em questão de décadas, que dirá de séculos. Notaria também que os cadáveres tendem a ser enterrados dentro de um sarcófago no interior do túmulo, não deixados sobre ele para se deteriorar.

Existe a possibilidade de que essa seja uma sepultura mais antiga, reutilizada em uma data muito posterior; ou que o corpo em exibição repouse sobre um sarcófago existente de mármore rosa e não simplesmente sobre uma rocha. Um corpo dentro do sarcófago seria muito mais interessante, mas teremos de esperar que os profissionais tenham acesso antes de podermos saber com certeza. Em todo caso, esse pode ser um dos menores túmulos-"satélites", conhecidos por serem acréscimos posteriores a uma localidade importante. Todo grande local sagrado atrai outros, menores, na medida em que os devotos buscam ser enterrados próximo ao foco da sua devoção, e isso é também o que se espera de uma sepultura importante em Rennes-le-Château. O corpo original no túmulo encontrado por Hammott poderia ser de qualquer pessoa importante, desde algum representante da nobreza local até um papa exilado. Outros funerais podem ter acontecido aqui nos últimos anos, justificando o cadáver sobre o sepulcro.

Quanto ao túmulo principal do qual este menor pode ser um "satélite", seu paradeiro pode ser estimado, mas sem uma entrada óbvia é impossível ter acesso a ele. Para estreitar a nossa busca, devemos considerar primeiro o material de apoio.

MAPAS E PERGAMINHOS

Durante a filmagem de Linhagem, encontrei um pesquisador local, Gérard Thome, que tinha passado muitos anos explorando a região e acumulara uma grande quantidade de evidências sobre a existência de um templo oculto na paisagem. Ele tinha descoberto pinturas e decodificado alguns aspectos da igreja de Rennes-le-Château para corroborar a sua teoria. Também está de posse de numerosos pergaminhos que correspondem ao estilo dos dois pergaminhos que o Priorado divulgou na década de 1970 (veja a página 346). Estes são provavelmente originários da mesma fonte que produziu documentos codificados durante a década de 1960 e início da década de 1970. Os pergaminhos, na maioria de velino e couro de animal, têm diversos mapas da região e textos criptografados no mesmo estilo bíblico que os demais existentes. Thome afirma que os encontrou por acaso em diversos lugares nas suas pesquisas ou que foram deixados em seu nome

em lojas locais por uma parte desconhecida. Ele pode muito bem ser inadvertidamente o beneficiário de alguns arquivos do Priorado que foram roubados no final da década de 1970 em Paris e desde essa época têm aparecido na Espanha.

Tendo passado os olhos por alguns dos pergaminhos, posso afirmar que frases como “venha para o túmulo” são imediatamente discerníveis, ao passo que mapas grosseiros da paisagem próxima a Rennes-le-Château são facilmente identificáveis. Em um deles foi desenhado um círculo em um local idêntico ao de um mapa publicado por Patricia Villiers-Stuart no início da década de 1980. Eu o reconheci no mesmo instante porque o Priorado fornecera-me um exemplar da obra de Villiers-Stuart no início da minha pesquisa (veja a página 354). Ela descobrira o círculo na pintura de Poussin e o transcrevera sobre a paisagem no quadro. O desenho de Villiers-Stuart é um círculo com doze divisões representando a rosa, como pode ser visto no desenho das rosáceas em muitas catedrais por toda a Europa.

O que também me surpreendeu em relação às informações que recebíamos foi a escala potencial do que estava oculto embaixo das montanhas.

Com base em suas pesquisas, Thome preparou uma mitologia pormenorizada do templo oculto. Ele afirma que existe uma estrutura subterrânea de dois andares com dois níveis de criptas. Ele a chamou de “necrópole” e deu explicações detalhadas do seu desenho com base em evidências que tinha encontrado tanto nos pergaminhos quanto nas igrejas locais. Entretanto, o Priorado recusou-se a reconhecer a estrutura como uma necrópole, preferindo usar o termo “templo”. Para mim, ele me lembrava um templo de Mitra, uma divindade persa popular no Império Romano e cujos templos eram tipicamente subterrâneos.

A certa altura, Thome apresentou uma pintura da cena da Crucificação e nos indicou a paisagem por trás de Jesus. No centro da paisagem, fica uma montanha cortada com um templo oculto dentro, embora numa verificação mais aprofundada o templo lembre o Domo da Rocha islâmico, mais do que uma construção mitraica.

Ao mesmo tempo, o Priorado pareceu disposto a corroborar as afirmações de Thome, mas, como eu já disse, manteve a ideia de um templo em lugar

de uma necrópole.

O Priorado também afirmou que “a noção de um templo subterrâneo de maneira nenhuma é nova”. A possibilidade de uma construção existente dentro de uma montanha não é improvável. A paisagem tem calcário e granito em imensas quantidades. Ao longo do tempo, a água erodiu o calcário macio, criando cavernas e túneis em meio ao granito, que é muito mais duro. Pelo menos duas montanhas da região têm lagos subterrâneos, um dos quais é grande o bastante para permitir que se deixe um barco a remo atracado em sua margem. Até mesmo o modesto morro de Rennes-le-Château tem um reservatório embaixo do cume. Essa fonte de água fresca foi usada até recentemente por aqueles que ali moravam e, nos tempos pré-históricos, tanto ela como uma boa posição defensiva elevada com vista privilegiada sobre as planícies vizinhas garantiram a sobrevivência da comunidade próspera que habitava o planalto.

APROXIMAÇÃO DO TEMPLO

Durante minhas pesquisas sobre o templo, descobri três entradas para o sistema subterrâneo e ainda uma outra entrada possível que atualmente é estreita demais para permitir a passagem, mas que deixa entrever um túnel subterrâneo amplo o bastante para se passar de carro. Essas entradas estão todas situadas em locais que correspondem aos mapas grosseiros do sistema de túneis que me foram mostrados por Gérard Thome. Perguntei ao Priorado se eles pretendiam que alguém localizasse o templo, uma vez que as entradas estão vedadas e exigem uma escavação.

[O padre] Boudet [da vizinha Rennes-les-Bains] não fez nenhuma das escavações por conta própria, e é assim que as coisas funcionam. O local é úmido, molhado, e não desprovido de covas traiçoeiras, além de existir um rio subterrâneo de águas rápidas a ser atravessado e uma descida por uma encosta que é bem considerável. Muito poucos empreenderiam essa descida no escuro.

No fim de A serpente vermelha, o narrador surge do “abismo” subterrâneo. Sua jornada para dentro do mundo subterrâneo resultou na compreensão da

verdade final, a existência de um templo real, e o túmulo igualmente real da "Bela Adormecida". Dentro do templo está a resposta, o segredo do Priorado de Sião e a prova material da maior mentira da história ocidental. A essa altura de A serpente vermelha, encontramo-nos ao sul de Rennes-les-Bains, além da Poltrona do Diabo e próximos de uma área de terra conhecida como O Homem Morto (L'Homme Mort). Encontrei um caminho bem próximo para dentro da montanha, mas fui incapaz de prosseguir muito adiante porque a caverna em que eu estava fora parcialmente bloqueada. Visível além do desmoronamento, havia uma caverna ampla o bastante para se passar por ali de carro. Como confirmou o Priorado,

Existe uma entrada bem próxima de L'Homme Mort, provavelmente a caverna a que você se refere. Está parcialmente desmoronada? É uma área que vale a pena visitar na primavera, quando as chuvas diminuem e o lençol de água é menos alto. Durante o período de 1992-95, esse braço, essa entrada, era uma via de mão única para a morte certa em razão de um terrível dilúvio na época.

À medida que a exploração progredia, confirmei que existe um sistema de túneis embaixo da montanha de Blanchefort. Ele corre no sentido norte-sul e originalmente tinha duas entradas. A entrada na área de L'Homme Mort era a mais distante. A segunda era um túnel vertical nas ruínas de Blanchefort.

O Priorado forneceu orientações muito específicas sobre onde escavar, mas a rota para o lugar do descanso final não pode ser mais alcançada a partir dessa montanha. As entradas em Blanchefort e no Homem Morto levam todas a um único túnel que nos conduz por debaixo do rio, porém nos últimos anos um grande trecho dessa passagem desmoronou completamente. A rota, antes aberta, agora está fechada para sempre. Acredito que ela faça parte de um complexo maior de túneis subterrâneos que se irradiam de um ponto central. Um símbolo evidente disso seria a aranha que aparece em alguns dos documentos do Priorado de Sião.

Provavelmente, haveria outras entradas, então continuei indagando. A declaração a seguir foi extraída de uma conversa não oficial com um integrante francês do Priorado de Sião que preferiu permanecer anônimo.

Depois, confirmei sua filiação por intermédio de outros integrantes do Priorado. A forma reduzida das frases se deve à minha limitada compreensão do francês falado:

Existem doze túneis. Apenas seis permanecem abertos de cada vez. A jornada é uma iniciação. A estrada subterrânea passa sob um rio. Os caminhos de entrada são abertos de acordo com a estação do ano – no inverno, alguns ficam sob a neve e o gelo, alguns inundam em determinados períodos do ano.

Esse relato foi corroborado por um comunicado posterior de Nic Haywood:

A “lenda” desse templo com doze portões, cada um aberto – normalmente – pela própria Mãe Natureza, existia muito tempo antes de Boudet aparecer no local.

Infelizmente, as três entradas possíveis que identifiquei no início estão fechadas no momento, duas intencionalmente pela mão do homem e uma pela natureza, na forma de um túnel desmoronado. Como duas têm acesso a partir de igrejas locais, é melhor não revelar nenhuma informação específica sobre a sua localização, uma vez que o vandalismo e as escavações ilegais são predominantes na região. Essa não é uma tentativa de parecer obscuro, mas simplesmente de proteger os lugares sagrados. Diz-se que existe outro local subterrâneo, sob uma casa particular, e ainda outro sob uma propriedade privada, embora eu só tenha uma vaga ideia de onde se chega a eles pela superfície.

Nic Haywood contou-me que havia doze entradas, as quais se abririam de acordo com os signos do zodíaco, e que embaixo do solo a forma de um triângulo é importante e ligada à tradição das “Madonas Negras” na arte cristã, assim chamadas por causa de sua típica coloração escura. No passado, o posicionamento de três Madonas Negras formando o desenho de um triângulo era um guia para um local importante. Considera-se que as próprias Madonas Negras tenham sido inicialmente introduzidas na França na época das Cruzadas e em geral seguem a forma de um triângulo. A ideia apresentada aqui é que existem três locais embaixo da terra, no centro dos quais fica o sacrário que estamos procurando.

O TEMPLO INTERIOR

De acordo com o Priorado, o templo em si servia no passado como um local de iniciação. A jornada para o mundo subterrâneo tem muitas interpretações alquímicas e psicológicas, e aparece de muitas maneiras na literatura, a mais notável delas sendo o Inferno, de Dante. Considera-se que essa seja uma jornada de descoberta de si mesmo nas profundezas do ser.

O emaranhado de túneis também pode repetir o uso do labirinto subterrâneo, outro instrumento iniciático bem conhecido que remonta no mínimo ao Egito antigo. Como uma continuação de A serpente vermelha, o labirinto de túneis serviria para o rito de iniciação final, com a peregrinação até o templo oculto. O local em si é considerado de imensa importância histórica e religiosa. Acredita-se que esteve em uso como templo desde o tempo dos celtas e conta-se que muitos outros segredos e itens foram sendo enterrados ali no decorrer dos séculos.

O uso da caverna pode muito bem remontar à imensa e próspera comunidade pré-histórica que habitou a região, e as antigas religiões pagãs podem tê-la adotado como um lugar sagrado. Diz-se que existem lá outras cavernas, que abrigam grosseiros altares de pedra esculpidos na pré-história.

A tendência de reconstruir prédios sobre as fundações de um lugar santo mais antigo remonta à época dos sumérios, quando as ruínas de um templo recebiam uma nova construção na crença de que o novo templo aproveitaria a energia espiritual previamente impregnada ali. Essa é uma tradição que fundamenta a escolha dos locais de muitas das igrejas e catedrais cristãs da atualidade.

A meu ver, o conhecimento da localização desse grande santuário permaneceu dentro das famílias da nobreza descendentes dos Templários, a exemplo da dos Blancheforts, até a Revolução Francesa. Na época da Revolução, a ameaça de destruição forçou as velhas famílias a confiar o segredo ao predecessor de Saunière. Outros padres heréticos franceses em Rennes-le-Château também sabiam dessa existência, e ela foi redescoberta

na época de Saunière e Boudet. O último era um destacado integrante de um dos grupos filiados ao Priorado nessa época e foi responsável pela disseminação do segredo de maneira que os futuros iniciados pudessem decodificá-lo. Boudet publicou A verdadeira linguagem dos celtas (veja a página 107), mas esse livro não teve o efeito desejado, então ele resolveu supervisionar a reforma da igreja de Rennes-le-Château.

Infelizmente, o próprio envolvimento de Saunière parece ter sido menos do que piedoso, e só podemos imaginar quais artefatos de valor inestimável ele teria desviado para financiar seu ostentoso estilo de vida.

Muito provavelmente, o principal templo foi até certo ponto pilhado, e é possível que partes de alguns corpos tenham sido removidas e distribuídas como relíquias. Outros itens encontraram seu destino em museus e coleções particulares, mas também tive a impressão de que os itens retirados foram adquiridos e devolvidos pelo Priorado de Sião sempre que possível. Quanto à natureza completa do que poderia estar presente no templo, isso será considerado no próximo capítulo, sobre as relíquias.

A opinião do Priorado é que os Templários moldaram a paisagem em conformidade com o Templo de Salomão e renomearam alguns locais em referência a locais da Velha Jerusalém. Ao fazer isso, criaram um inverso ou um reflexo da cidade de Jerusalém com o Templo oculto em seu centro. Aí eles guardaram os despojos das Cruzadas, mas o lugar também serviu a uma finalidade muito mais importante. Eles estavam recriando o que consideravam ser a Nova Jerusalém no sul da França.

Isso se vincula ao aspecto apocalíptico do templo, um tema considerado mais adiante neste livro, mas por ora vale a pena relembrar que essa é a Nova Jerusalém dos Templários, com um Templo invisível acima do chão espelhando o Templo oculto abaixo.

CONCLUSÃO

A ideia do Templo oculto é muito atraente para os pesquisadores, porque responde a muitas perguntas sobre Rennes-le-Château e sobre o Priorado de

Sião. Ela explicaria a origem da riqueza de Saunière; ofereceria um túmulo que corrobora a teoria da linhagem, o legado do tesouro dos Templários e o destino da peregrinação oculta. Um templo, com corpos, tesouros e assim por diante, é uma solução adequada a todos esses mistérios e, num sentido, é a única resposta possível a todos os elementos do enigma de Rennes-le-Château, à parte a alquimia – mas até mesmo ela está presente na forma da peregrinação simbólica.

Além disso, não é difícil imaginar por que esse templo seria tão importante a ponto de ser mantido como um segredo ao longo da história.

Se fosse para acreditarmos no Priorado de Sião, eles, e suas numerosas encarnações, são os guardiões do templo. Eles o têm usado como um lugar de iniciação e rituais, semeando os graus da Maçonaria e influenciando outras sociedades secretas para se assegurar de que o segredo sobreviva. É mantida uma aliança incômoda com o Vaticano para garantir que as evidências – o conteúdo dos túmulos nesse local sagrado – sejam protegidas do público geral e defendidas da profanação até a chegada do momento certo para a sua revelação. Quando a sociedade for considerada capaz de aceitar o choque do que está encerrado ali, e o desvelamento do segredo já não constitua uma grande surpresa, só então a Igreja Católica acredita que poderá suportar a revelação. E aí será o momento para a luz entrar no santuário e para a verdade encontrar o seu espelho.

O que permanece incerto é a exata identidade dos que estão enterrados no templo. A serpente vermelha faz referência a Maria Madalena, a corpos (no plural) e a diversos objetos. Alguns pesquisadores, como Gérard Thome, consideram o templo como o túmulo da família de Jesus, Maria Madalena e seus dois filhos. O Priorado recusou-se a corroborar essa alegação, mas referiu-se em diversas ocasiões a um “conjunto de provas” com potencial para contrariar o Vaticano. À luz disso, a pintura Os pastores da Arcádia pode muito bem retratar essa família, o pai barbado em primeiro plano, a esposa a seu lado e os dois filhos, atualmente sepultados na Arcádia do Languedoc. Um perfeito lugar de descanso mantido secreto em todas as épocas.

Os corpos, somos informados, estão mumificados, protegidos da decomposição, ao mesmo tempo que irradiam o perfume da rosa. Essas são

possivelmente as maiores relíquias da história. Mas será que podemos confiar nelas? Serão autênticas ou não passam de algum achado aleatório dos Templários, pilhado uns mil anos depois da morte de Cristo, de uma sepultura mal identificada na Terra Santa?

Antes de considerar a identidade dos que estariam no túmulo e os possíveis objetos presentes, devemos olhar para o âmbito maior de uma paisagem medieval coalhada de vestígios de pessoas santas – desde lascas da Cruz Verdadeira até os quatro corpos de São Pedro. Vamos nos voltar agora para o problema das relíquias.

CAPÍTULO 12

A ERA DAS RELÍQUIAS

INTRODUÇÃO

Muitos escritores e pesquisadores chegaram à conclusão inevitável de que existe alguma coisa de grande importância enterrada nas vizinhanças de Rennes-le-Château. Caso esse item exista, é provável que seja de natureza religiosa, uma vez que estamos claramente lidando com um segredo ligado ao clero local. Nessa questão devemos pecar por cautela. Existem inúmeras ideias sobre o que poderia estar enterrado ali, mas, com exceção das questionáveis descobertas de Ben Hammott (veja a página 224), poucos achados, ou nenhum, vieram de fato à tona.

Nesse terreno, uma batalha não declarada por artefatos religiosos está acontecendo. De um lado, o Vaticano tem um histórico de recolher tudo que seja relacionado à Bíblia e aos santos, incluindo relíquias, escrituras alternativas e material ocultista. No final da década de 1990, uma equipe de arqueólogos italianos financiada pelo Vaticano usou um radar de solo para pesquisar a igreja de Rennes-le-Château. O serviço secreto israelense, o Mossad, também tem interesse em Rennes-le-Château, e esteve abertamente explorando a área e interrogando os moradores locais. O escritor David Wood narra como foi procurado para pesquisar a região por um indivíduo que, quando questionado, alegou estar trabalhando em nome do Mossad. Eu também encontrei uma ordem templária moderna procurando recuperar alguma coisa da área. Os moradores locais relutam em falar sobre o mistério, mas sabe-se que alguns deles usaram detectores de metal, escavadeiras e até dinamite nas suas buscas incessantes.

Tendo localizado, se não o templo em si, mas ao menos a ideia de que tal templo existe, vemo-nos diante da questão do que ele poderia conter. Isso pode parecer simples, mas qualquer local de importância real pode ter se tornado um repositório de mais de um item de veneração. As relíquias trazem consigo todos os tipos de questões e muitas vezes têm uma origem

notoriamente suspeita. O objetivo deste capítulo é estudar as relíquias nos seus diversos contextos.

A palavra relíquia provém do latim reliquiae, que significa “restos”, e já era usada muito tempo antes de o cristianismo adotá-la em seu sentido moderno. A Catholic encyclopaedia [Enciclopédia católica] explica uma relíquia como “algum objeto, notadamente uma parte do corpo ou das roupas, que permanece como memorial de um santo falecido”.

Durante a Idade Média, quando a peregrinação tornou-se uma indústria enorme, os padres pediam, tomavam emprestado, compravam ou roubavam tudo o que pudesse ser genuinamente uma relíquia santa para a sua igreja – ou que pudesse passar por isso. Solicitavam a Roma permissão para danificar e profanar os túmulos dos pais santos em busca de partes do corpo. Sempre que possível, Roma consentia.

Um exemplo cristão antigo de uma relíquia é encontrado em uma carta escrita por volta do ano 156 pelos moradores de Esmirna, narrando a morte de São Policarpo:

Nós pegamos os seus ossos, que são mais valiosos do que pedras preciosas e superiores ao ouro polido, e os dispusemos em um lugar adequado, onde o Senhor permitirá que nos reunamos, como de costume, em gratidão e júbilo, e também para comemorar o aniversário do seu martírio.

Há uma fascinação mórbida pelos restos dos mortos. É como se recolher esses objetos e ficar de posse deles de algum modo nos pusesse em uma relação direta com a fonte. Desconfio que a veneração de relíquias seja um instinto primitivo, como manter recordações e troféus de animais mortos como símbolos de poder. Mesmo com relação aos santos, está claro em alguns casos que os objetos tanto quanto os indivíduos foram venerados, criando uma espécie de “culto dos mortos” idólatra.

Por mais de mil anos as peregrinações levaram os devotos a contemplar com assombro alguns restos verdadeiramente abomináveis. Por exemplo, a língua de oitocentos anos de idade de Santo Antônio de Pádua, que foi famoso por sua eloquência, é mantida em um jarro que muitas vezes é

beijado pelos peregrinos em fila para vê-la. Se o jarro fosse removido, imagina-se que beijariam a própria língua enrugada.

Existem outros métodos de veneração das relíquias. Elas podem ser consideradas simplesmente uma representação do santo, afastadas de qualquer um dos seus poderes sobrenaturais propriamente ditos.

A algumas é atribuído um significado simbólico, como no caso dos três cálculos biliares de Santa Clara de Montefalco (1268-1308), que se diz representarem a Santíssima Trindade. Entretanto, a maior parte das relíquias costuma ser considerada divina ou mesmo com qualidades francamente mágicas. Nos santuários onde se formam longas filas e os aflitos pedem uma cura, existe o pressuposto de que a relíquia possui um poder que, de algum modo, é transferido ao visitante.

À medida que a veneração das relíquias tornou-se mais difundida e frequente, houve um crescimento correspondente de seus supostos poderes de cura e reanimação. Na Europa, circularam histórias de milagres vividos por pessoas que tiveram a sorte de entrar em contato com relíquias. Em alguns casos, como quando Santa Helena (veja a seguir) identificou a “Cruz Verdadeira”, uma pessoa morta ou moribunda foi usada para provar a autenticidade da cruz. Acreditava-se que o contato com as relíquias fosse uma fonte de cura e assim continuou sendo daí por diante.

Os cegos e aleijados têm a saúde restaurada, os mortos são chamados de volta à vida e os demônios, expulsos do corpo dos homens.

O catecismo romano (1566)

A veneração das relíquias não se limita ao corpo ou a partes do corpo dos santos. Uma variedade de objetos da Bíblia também chamou a atenção ao longo dos anos. Alguns alegam, por exemplo, que os restos da Arca de Noé são visíveis no monte Ararat na Turquia atual.

RELÍQUIAS DA VIDA DE JESUS

Como é natural, itens que a tradição considera diretamente vinculados a Jesus gozam de um reconhecimento e de uma popularidade especiais. Por exemplo, entre suas supostas vestimentas acha-se o “Manto Sagrado de Tréveris”, o qual, quando posto em exibição no século XVI, atraiu cem mil peregrinos em quinze dias. Poderia parecer, a julgar pela lista de itens atualmente tratados como “autênticos”, que, por toda parte onde Jesus fosse, seus seguidores guardassem alguma coisa que ele tocasse para veneração posterior.

A primeira onda de interesse pelas relíquias cristãs começou com Santa Helena, a mãe do imperador Constantino, o Grande. À idade de quase 80 anos, e quase trezentos anos depois da morte de Jesus, ela viajou à Terra Santa com o objetivo de descobrir os locais e artefatos da vida de Jesus. Mostraram-lhe um túmulo e disseram-lhe que continha, entre outros itens, a cruz da Crucificação. Então ela decidiu ficar com a cruz e dividi-la em três pedaços, que foram distribuídos por todo o Império Romano. Posteriormente, seus fragmentos seriam incrustados em pequenas cruzes de ouro para ser penduradas ao pescoço – uma moda que persiste até a atualidade em relação ao uso de crucifixos.

À parte as questões óbvias de autenticação das relíquias, o local do túmulo que Santa Helena buscava não corresponde bem à narrativa dos evangelhos. É altamente provável que ela estivesse procurando na colina errada. Mas antes que alguém pudesse questionar a autenticidade da descoberta, a corrida para guardar as relíquias dos santos começara para valer.

Sete séculos depois de Santa Helena assegurar que encontrara o túmulo de Jesus, uma coleção idêntica de relíquias foi descoberta durante as Cruzadas. Amalrico I, um dos reis cruzados de Jerusalém (1162-74), escreveu sobre as descobertas dos cruzados na Terra Santa:

Entre as relíquias incluíam-se as evidências mais preciosas da Paixão de Nosso Senhor, ou seja, a cruz, os pregos, a lança, a esponja, o caniço, a coroa de espinhos, o sudário e as sandálias.

Se o último item dessa lista parecer familiar, provavelmente é por ter sido parodiado no filme de Monty Python, A vida de Brian. Acrescentados a eles, os seguintes itens existem em diversas igrejas por toda a Europa, todos

os quais considerados relíquias autênticas por muitos representantes da Igreja:

• O Tecido do Cueiro do Cristo Menino.

• As Túnicas sem Costura de Cristo.

• A Escada Santa pela qual Cristo subiu ao gabinete de Pilatos.

• A Coluna da Flagelação na qual Cristo foi açoitado.

• A Coroa de Espinhos (o que restou dela encontra-se em Notre Dame, Paris).

• A Esponja Santa da qual Cristo bebeu (também dividida e distribuída por várias igrejas).

• A Santa Lança que perfurou o flanco de Cristo (alguns exemplos).

Se a improbabilidade de algum desses itens ser autêntico pode parecer flagrantemente óbvia, há relíquias ainda mais bizarras, como o leite do seio da Virgem Maria e não menos do que quatorze prepúcios de Cristo, três dos quais se encontrariam no Vaticano.

OS TEMPLÁRIOS E A ERA DAS RELÍQUIAS

Com a tarefa de proteger os peregrinos na Terra Santa, os nove Templários originais montaram acampamento no monte do Templo e passaram oito anos escavando-o. Embora de início aparentemente mal orientado, esse ato pode ter tido um efeito de longo prazo em relação aos peregrinos, na medida em que potencialmente produziu relíquias que poderiam ser transferidas para locais relativamente mais seguros na Europa Ocidental e, portanto, poupar a muitos dos fiéis a longa e extenuante jornada. Quando a

Terra Santa finalmente voltou a cair nas mãos dos governantes muçulmanos, os cristãos do Ocidente talvez tenham recebido algum conforto por ter acesso ao que acreditavam ser achados bíblicos autênticos.

A Ordem dos Cavaleiros Templários pode muito bem ter retirado itens das suas escavações do monte do Templo e de outros lugares santos. Chegaram até nós histórias de como os Templários estariam de posse de muitas relíquias sagradas que descobriram durante as Cruzadas, tal como uma outra Cruz Verdadeira. (Por essa época, comentou-se que já existiam Cruzes Verdadeiras e pregos da Crucificação suficientes para construir uma pequena igreja de madeira.)

A noção de que os Templários descobriram a Cruz Verdadeira mais de mil anos depois do ocorrido parece improvável, a exemplo das diversas histórias sobre a transferência das relíquias. Meu relato favorito é de que a cruz teria sido enterrada por um soldado templário que temia perdê-la para o exército inimigo numa batalha iminente. Mais tarde, o soldado vitorioso foi incapaz de lembrar onde exatamente havia enterrado a relíquia e depois de três dias desistiu de continuar procurando.

O que está além da dúvida é que as escavações dos Templários realmente aconteceram, portanto talvez tenham encontrado alguma coisa. De acordo com Nic Haywood,

[as descobertas] do Templo de Jerusalém em parte foram escondidas em Rennes-le-Château, em parte foram para Toulouse, mas depois derretidas e dispersas. O resto encontra-se no Vaticano sob o controle dos integrantes italianos do Priorado de Sião.

Com a paisagem ao redor de Rennes-le-Château modificada para representar o Templo de Salomão (veja o Capítulo 11), é provável que os Templários tenham colocado alguns achados do antigo Templo nessa região.

O Templo de Salomão original foi destruído pelos babilônios em 586 a.C. e reconstruído cerca de oitenta anos depois, após o retorno dos judeus exilados. Esse Segundo Templo foi saqueado e profanado pelos reis gregos da Síria. De acordo com o Primeiro Livro dos Macabeus da Bíblia, os

“tesouros escondidos” no Templo foram levados (I Macabeus 1:21-3). Alguns dos tesouros também foram usados como suborno para conter a ameaça de exércitos estrangeiros.

Sob Herodes, o Grande, o rei cliente romano da Judeia (37-34 a.C.), o Segundo Templo foi restaurado em um magnificente estilo “clássico herodiano”. O Segundo Templo reconstruído foi o que Jesus conheceu.

Ele foi saqueado e demolido em 70 pelo general romano Tito, filho do imperador Vespasiano, durante a Primeira Guerra Judaica. Sabe-se que uma grande menorá estava entre o espólio levado para Roma, onde está retratada no arco triunfal de Tito. Originalmente, havia dez menorás no Templo, candelabros de ouro maciço de sete ramificações com uma altura estimada de no mínimo 1,20 metro. Dizia-se que as menorás baseavam-se em uma peça original que ficou no Tabernáculo dos Hebreus no deserto depois que Moisés os conduziu para fora do Egito. A menorá é um símbolo do judaísmo e pelo menos um líder judeu pediu ao Vaticano para devolver a menorá ao Templo. No entanto, não há confirmação de que o objeto, se é que ainda existe, permaneça em Roma.

Ele pode ter sido levado pelos visigodos que pilharam a cidade em 410 e que, segundo se acredita, encaminharam-se depois para a Espanha e para o sudoeste da França, possivelmente próximo a Rennes-le-Château. Isso levanta a possibilidade de que a menorá do Templo esteja nas vizinhanças, o que, entretanto, não é um bom presságio da sobrevivência de outros itens do Templo.

Nic Haywood havia aludido a esse candelabro sagrado em diversas ocasiões como parte dos adornos do Templo que tinham se originado do Templo de Jerusalém e sido posteriormente escondidos no Languedoc pelos Templários. Com ouro suficiente, uma nova menorá pode ter sido fabricada como parte de uma tentativa de construir a Nova Jerusalém. Mas havia definitivamente uma antiga menorá do Templo em Roma, e os visigodos tinham pilhado a cidade antes de mudar-se para a região; além disso, os próprios Templários haviam escavado o monte do Templo. Torna-se cada vez mais possível, portanto, que os Templários tenham conseguido uma menorá original do Templo em algum momento da sua história.

AS DESCOBERTAS DE BEN HAMMOTT

Há informações de que outras relíquias tenham sido encontradas nas imediações de Rennes-le-Château.

Durante a produção do documentário Linhagem, o coprodutor Bruce Burgess juntou-se ao pesquisador Ben Hammott em sua investigação para localizar um baú de madeira com base em uma série de pistas enterradas dentro de garrafas de vidro. Ele recuperou o baú e descobriu que continha diversos itens, incluindo um vaso de unção, uma taça de pedra e algumas moedas templárias. A taça e o vaso foram autenticados como sendo contemporâneos à época de Jesus pelo arqueólogo doutor Gabriel Barkay, da Universidade de Bar-Ilan, em Israel. A taça, fomos informados pelo Priorado, possivelmente é a que foi usada no casamento de Jesus com Maria Madalena. Mas o motivo pelo qual alguém guardaria uma peça de cerâmica de casamento é questionável, porque na época não se fazia a menor ideia de que esse casamento se tornaria um segredo herético.

A inclusão de moedas templárias também é suspeita, na medida em que é equivalente a manter alguns trocados em um baú com uma antiguidade de valor inestimável. As moedas não eram valiosas na época, portanto podem ter sido um acréscimo posterior. Mas eu acho que o baú foi plantado para ligar entre si dois períodos da história e para que o último conferisse credibilidade ao primeiro.

O Priorado insinuara essa possibilidade muitos meses antes da descoberta. Quando informamos que um dos seus integrantes tinha sido visto na região, eles expressaram preocupação não quanto ao seu integrante estar “retirando objetos”, mas quanto a “o que poderia estar deixando lá para vocês encontrarem”. Concluí que o Priorado não estava sendo inteiramente sincero sobre o que sabiam. A resposta de Nic Haywood:

As questões que você levantou são totalmente válidas. Estamos com uma dificuldade nesse caso e você está certo de se preocupar com [o nome do integrante do Priorado removido pelo autor] e com a probabilidade de ele estar colocando objetos na região.

O propósito do baú é reativar a discussão em torno de Rennes-le-Château e tornar a chamar a atenção para os mistérios que o Priorado quer tornar públicos. A esse respeito, o Priorado continuou a sustentar que a taça é o verdadeiro cálice do casamento de Jesus com Maria Madalena. É impossível dizer com certeza se os itens não são verdadeiros, mas a sua autenticidade permanece sem comprovação. Entretanto, isso não diminui o seu valor como representantes dos itens originais – a Cruz em qualquer igreja é um exemplo do poder simbólico em ação no local.

Talvez a relíquia mais famosa da vida de Jesus seja o Santo Graal. Despojado de suas propriedades místicas e retirado dos romances arturianos, o Santo Graal é simplesmente a taça usada por Jesus na Última Ceia. Existem numerosos candidatos a essa relíquia, incluindo o Cálice de Antioquia, que está no Metropolitan Museum of Art, de Nova York, e foi encontrado na Síria em 1910. O Cálice de Valência, em exibição na catedral de Valência, na Espanha, é considerado um legado dos primeiros papas. Existe também o Cálice Mariano, que chegou até nós graças a Santa Helena e que, acredita-se, teria sido usado por Maria Madalena para recolher o sangue de Cristo. Existem muitos outros supostos “Graais”.

A ideia, proposta por alguns pesquisadores, de que o “Graal” não seja um objeto material, mas um símbolo da linhagem de Jesus, parece tanto uma oportunidade quanto um obstáculo. A linhagem poderia ser uma faceta da história do Graal, porém, se tudo se resumir a isso, desconfio que algo se perdeu.

No simbolismo, o Graal assume uma natureza muito diferente. O símbolo arquetípico aparece em sessões de terapia como a imagem inconsciente da mãe. Sua forma é um vaso para manter e criar, alimentando incansavelmente como faz a mãe em relação ao seu bebê recém-nascido. Isso mostra como o objeto transcendeu a função para tornar-se saturado de significado. Tomei parte de grupos de psicologia em que os participantes de diferentes formações culturais e religiosas meditavam sobre a ideia do “feminino” e quase todos chegavam à imagem da taça. O Graal é o receptáculo feminino, que protege e integra, representando a compreensão, ao passo que a espada/lança representa o masculino e a divisão, o ato da separação significando sabedoria e a capacidade de decompor e examinar.

Nas lendas do cálice, o Graal como aspecto feminino está perdido para o mundo e deve ser recuperado e restaurado. Nos romances arturianos do Graal, ele é sempre apresentado junto de uma lança ou espada durante exibições e rituais (Parsifal e assim por diante). Isso ilustra como o equilíbrio entre o masculino e o feminino deve ser mantido, e a lança e o Graal são as imagens arquetípicas perfeitas desse relacionamento.

O retorno do Graal é anunciado pela chegada de uma aparição muitas vezes mencionada como “a Dama da Taça”. Outros nas proximidades que testemunham a aparição confundem-na com a imagem da Virgem Maria, mas geralmente ela é interpretada como Maria Madalena. Esta é a mulher emancipada, mas também o aspecto feminino da masculinidade que deve ser redescoberto.

DOCUMENTOS

Por diversas razões, os documentos são mais importantes do que as relíquias. Eles ocupam uma posição ligeiramente diferente do que as relíquias convencionais, na medida em que têm a possibilidade de portar informações ao longo das eras. Em termos teológicos, as descobertas de documentos antigos têm o potencial de minar os textos religiosos aceitos se, a exemplo dos Manuscritos do Mar Morto, forem anteriores aos evangelhos ou, a exemplo da Biblioteca de Nag Hammadi de textos gnósticos, tiverem escapado da edição ou censura ao longo dos séculos. Os pesquisadores bíblicos acreditam que três dos relatos sobre Jesus nos evangelhos do Novo Testamento podem ter se fundamentado em uma fonte anterior atualmente perdida, conhecida como “Q” (da palavra alemã Quelle, “fonte”), uma coleção de aforismos de Jesus talvez anotados letra por letra por um seguidor inicial. Caso um dia chegasse a ser descoberto (ou revelado) um manuscrito completo de “Q”, ele teria o potencial de transformar completamente a nossa compreensão da vida de Jesus. Alguns pesquisadores consideram que Q, se houver existido fisicamente (e não apenas como tradição oral), pode ter sido muito semelhante na forma ao Evangelho Gnóstico de Tomé.

A exemplo de muitos documentos relacionados ao mistério de Rennes-le-Château, os que aparecem no filme Linhagem poderiam ser inteiramente recentes na sua criação e ainda assim, como no caso de A serpente vermelha, conter informações decisivas. Acredita-se que o padre Saunière também encontrou documentos em Rennes-le-Château, versões antigas dos pergaminhos falsificados em circulação atualmente. Enquanto as descobertas de Saunière não forem reveladas, podemos supor que contivessem genealogias e alternativas a doutrinas aceitas, ou talvez um mapa levando a um local oculto. É claro que as genealogias, a exemplo de qualquer outro documento, podem ser controvertidas.

O CORPO DE MARIA MADALENA?

Uma ideia recorrente nesse mistério é que Maria Madalena está enterrada próximo a Rennes-le-Château. O Priorado refere-se inúmeras vezes a um "corpo" que estaria presente. O problema de o corpo ser especificamente de Maria é que isso não muda nada. Há também um "corpo de Maria Madalena" em Vézelay, na Borgonha, e outro em Saint-Maximin-la-Sainte-Baume, no sudeste da França. Esse último só foi descoberto em 1279 e, portanto, é improvável que seja verdadeiro; em todo caso, sua existência não causou nenhum impacto notável sobre o cristianismo.

Para haver um impacto de verdade sobre o cristianismo, o corpo em Rennes-le-Château teria de ser o de Jesus. Nada mais justifica a quantidade de interesse religioso e místico que a região atrai.

O CORPO DE JESUS

Como descobrimos nos capítulos sobre a peregrinação e sobre A serpente vermelha, o Priorado sustenta que um corpo de grande importância está enterrado na região. Juntamente com um distintivo de peregrino retratando a cabeça de Jesus, essa afirmação indicaria que o destino pretendido dos romeiros alquímicos medievais era o corpo que acreditavam ser nada menos do que o de Jesus Cristo.

A probabilidade de Jesus ter ascendido ao Céu, como narra o Novo Testamento, será retomada em um capítulo posterior, mas um tema recorrente do mistério de Rennes-le-Château é que o corpo de Jesus poderia estar em algum lugar nas imediações. Se isso for verdade, estamos buscando o que seria a relíquia mais importante e mais controvertida existente na cristandade.

Imagine por um momento que a relíquia das relíquias – o cadáver de Jesus – fosse descoberta. Seria instantaneamente reconhecível, um corpo não decomposto, carismático até mesmo na morte? Que veneração estranha se desenvolveria em torno dele? Será que a Igreja Católica e outras denominações cristãs iriam reclamar o corpo de Cristo, alegando direito de propriedade? Ou continuariam a negar sua existência? Acaso saqueariam o túmulo de Jesus e espalhariam o conteúdo para encher as coleções identificadas das igrejas, catedrais ou, que Deus não permita, museus?

No entanto, a exemplo de todas as relíquias, todos os achados iriam requerer uma grande quantidade de material de apoio que pudesse ser verificado para estabelecer seu grau de credibilidade em todos os níveis. Isso nos leva ao ponto central de todo o problema das relíquias: a autenticidade.

O PROBLEMA DAS RELÍQUIAS

Até mesmo a mais ínfima consideração sobre as relíquias levanta inúmeras questões. A meu ver, parece desrespeitoso para um corpo ser exumado, desmembrado e espalhado. Por exemplo, o suposto corpo de São Lucas acha-se na basílica de Santa Justina em Pádua, ao passo que sua cabeça, segundo se diz, está no Vaticano. É difícil acreditar que essa profanação seja o que Lucas quisesse (presumindo que o cadáver em questão seja realmente dele).

Até mesmo hoje as relíquias são muito disputadas. Num dos maiores sites de transações na internet, o eBay, “uma velha relíquia da Cruz Verdadeira” foi vendida recentemente por cerca de 1.100 libras. Isso é visto com

apreensão por alguns cristãos e uma organização chamada International Crusade for Holy Relics está tentando banir o tráfico on-line de relíquias.

No entanto, esse tráfico não é nada novo. Já no final do século IV, Santo Agostinho denunciava impostores que se vestiam como monges e ganhavam dinheiro com a venda de relíquias espúrias. Todo negócio promissor atrai comerciantes inescrupulosos, e, no comércio de relíquias, grassaram fraudes e falsificações. Como comenta Bart Brewer no seu livro Pilgrimage from Rome [Peregrinação de Roma]:

Até mesmo Martinho Lutero imaginou como poderia haver 26 apóstolos enterrados na Alemanha quando eram apenas doze em toda a Bíblia. (…) Está claro que a maioria das relíquias é uma fraude.

Em uma anedota engraçada relata-se como, durante a Idade Média, um monge em viagem encontrou um dia um mercador que se oferecia para vender-lhe o crânio de João Batista. O monge ficou perplexo. Acabara de ver o crânio de São João em uma igreja durante uma recente viagem à França. “Este é o crânio de São João quando era criança”, explicou o mercador. “Aquele outro é o crânio de quando ele era adulto.”

Na Idade Média, era moda as igrejas conterem pelo menos um pedaço de um santo. Isso lhes garantiria um fluxo de peregrinos e, portanto, um rendimento constante, assim pareciam se contentar em aceitar tudo como autêntico.

A Igreja Católica fez diversas tentativas de combater a proliferação de artefatos espúrios, e no século XVI o Concílio de Trento decretou:

Nenhum novo milagre será reconhecido, nem novas relíquias admitidas, a menos que o bispo da diocese tome conhecimento e aprove.

Nos últimos anos, a ciência nos forneceu talvez a melhor maneira de testar as relíquias na forma da datação por radiocarbono. Por exemplo, uma datação recente por radiocarbono dos restos de São Lucas em Pádua revelou que o corpo pertencia a uma pessoa que morreu 150 anos depois da época de Lucas. Mesmo considerando-se uma margem de erro no processo de datação, é improvável que o corpo seja o verdadeiro. A própria Igreja tem

profundas dúvidas a respeito da autenticidade de muitas relíquias, como afirma a Enciclopédia católica:

Permanece verdadeiro que muitas das relíquias mais antigas devidamente exibidas para veneração nos grandes santuários da cristandade, ou mesmo na própria Roma, devem na atualidade ser declaradas certamente espúrias ou sujeitas a séria desconfiança.

Além disso, há considerações éticas a ser ponderadas. Os santos frequentemente eram dados à pobreza e à castidade, distribuindo as suas posses aos pobres durante a vida, para depois a Igreja Católica preservar os seus restos em relicários de ouro incrustados de joias e exibi-los com a finalidade de arrecadar donativos dos crentes pobres que os santos tentaram ajudar.

Um caso a ser destacado seria o de Santa Isabel, uma princesa húngara que distribuiu todos os seus bens e riquezas aos desvalidos e foi reduzida literalmente a viver em um chiqueiro. Ela se recusava a usar a coroa por compaixão por Jesus ter sofrido com a Coroa de Espinhos, e dedicou a vida a ajudar os pobres e enfermos. Anos depois da sua morte, ela foi canonizada. Seu túmulo foi saqueado e seu corpo, esquartejado, para ser usado pela Igreja. Mandou-se fazer um relicário de ouro para conter o seu corpo, e a sua cabeça foi posta em exibição com uma coroa de ouro em cima.

Em muitos casos, pode ser que a autenticidade da relíquia não seja mais um problema. Caso um item seja venerado por séculos, como o famoso “Sudário de Turim” (que a datação por radiocarbono revelou recentemente ser da época medieval), ele pode assumir uma determinada força como estímulo simbólico para inspirar a devoção e mudar as consciências. Tocar algo em que se acredite com suficiente convicção pode ter o mesmo efeito de tocar a coisa verdadeira.

CONCLUSÃO

A despeito de todas as evidências contrárias à maioria das relíquias, algumas são indubitavelmente autênticas, algumas foram tratadas com extremo respeito e algumas, sem dúvida, foram mantidas ocultas do mundo. Isso nos remete outra vez à ideia do templo na paisagem ao redor de Rennes-le-Château e aos possíveis tesouros que jazem ali dentro.

No caso do baú de Ben Hammott e dos pergaminhos de Gérard Thome, pode ser que não sejam autenticamente antigos, mas poderiam ser considerados legítimos por causa do efeito pretendido. Deve-se observar que eles se tornaram públicos de um modo que pode facilmente ser rejeitado pelos religiosos mais obstinados, que talvez considerem as suas implicações inaceitáveis. Se o Priorado estiver por trás disso, estamos vendo um jogo rebuscado de "mostra e conta" entre a ordem e o Vaticano. Seria bem simples para o Priorado tornar públicos os pergaminhos originais e apresentar evidências conclusivas, mas as coisas seguem um ritmo determinado. Esse ritmo é uma questão controvertida, com a vertente católica do Priorado querendo prolongar o status quo indefinidamente, enquanto outros integrantes veem a situação do mundo atual como uma oportunidade para apressar a questão.

No momento em que essas relíquias entrarem em circulação, o Vaticano não terá outra saída a não ser reconhecê-las e entender a incitação sutil posta em andamento. A pergunta é: aonde isso levará?

No primeiro caso, acho que haverá outras descobertas, com mais relíquias aparecendo e talvez a relíquia suprema: o corpo de Jesus ou, no mínimo, o de Maria Madalena. O Priorado muitas vezes referiu-se ao "corpo" com o grande trunfo do jogo que pode estar praticando com o Vaticano.

Além disso, informou sobre a existência de integrantes heréticos do clero dentro da Igreja Católica, que "baixariam as armas" caso o verdadeiro corpo de Cristo fosse apresentado e a "grande mentira" fosse desmascarada. Os outros, diante da verdade, não teriam escolha a não ser ceder e ajustar a sua teologia de maneira correspondente.

Isso prepararia o terreno para uma mudança mais importante: o abandono dos dogmas da Igreja e um retorno a uma vivência mais pessoal da espiritualidade. Há evidências de que isso esteja acontecendo naturalmente,

como visto no crescimento das práticas espiritualistas alternativas. Mas, em última análise, essa mudança precisa ser direcionada para a gnose – a relação direta entre o indivíduo e Deus. Pode ser que existam suficientes fragmentos da “Cruz Verdadeira” para construir uma verdadeira ponte, mas nenhuma quantidade de madeira é suficiente para construir uma ponte para o divino.

Portanto, agora devemos dar o próximo passo lógico e estudar a importância de recuperar o equilíbrio. A busca material pelo corpo de Maria Madalena está espelhada na busca de uma compreensão do que ela significa para nós. O sangue que clama da terra não pode mais ser ignorado e somos inevitavelmente atraídos para a linhagem de Jesus e Maria Madalena. Essa e muitas outras ideias em torno do mistério põem em questão o que sabemos sobre a vida de Jesus e de Maria Madalena. Mas não é em nome do cristianismo que revolvemos esse solo, mas em nome da busca da verdade.

PARTE III

A LINHAGEM



CAPÍTULO 13

MARIA MADALENA

Deparei-me com um matrimônio contraído entre as famílias, Belém, o noivo, e Babilônia, a noiva.

Leonard Cohen, Last year's man [O homem do ano passado]

No jardim não cometi nenhum crime.

Tori Amos, na canção Raspberry Swirl

INTRODUÇÃO

Quando Pierre Plantard foi acusado, na década de 1950, de colocar em circulação a ideia de que Jesus e Maria Madalena se casaram, ele tornou pública a partida de xadrez que estava sendo jogada entre o Priorado de Sião e o Vaticano. A descoberta do que o Priorado alega ser uma "Taça Matrimonial", colocada pela ordem no caminho de Ben Hammott (veja o Capítulo 12), é mais uma artimanha para tentar acelerar a liberação de informações e evidências. Como relíquia, a taça aponta para uma recompensa maior e faz parte do material de apoio de um segredo mais abrangente a que o Priorado se refere. Livros como O Santo Graal e a linhagem sagrada e O código Da Vinci ajudaram a semear ideias heréticas na opinião pública, e agora as evidências para sustentar essas ideias estão sendo divulgadas de maneira segura e controlada. Uma grande "heresia" está sendo apresentada como verdade. Mas o que é essa heresia e por que precisa ser revelada?

A resposta parece encontrar-se aos pés de Maria Madalena. Ela é verdadeiramente a Notre Dame, Nossa Senhora, ou a "rainha perdida" de A

serpente vermelha. Ela tem uma grande influência sobre a nossa busca em mais de um sentido. A ideia de que tenha se casado com Jesus gerou a maior controvérsia nos últimos anos, mas esse não é o aspecto mais importante da história. Com isso em mente, o objetivo deste capítulo é analisar a vida e a obra de Maria Madalena em vários níveis diferentes.

ASCENDÊNCIA

Nossa história de Maria Madalena realmente começa com os seus ancestrais, uma vez que eles dão o contexto para situá-la na Bíblia. Escritores como Margaret Starbird, no seu livro The woman with the alabaster jar [A mulher com o jarro de alabastro], sustentam a teoria de que Maria descendia da tribo israelita de Benjamim. A tribo de Benjamim tem esse nome por originar-se de Benjamim, filho de Jacó na Bíblia. Os descendentes de Benjamim eram considerados guerreiros imbatíveis e desempenharam um papel significativo no Velho Testamento. Eles foram os fundadores e os primeiros governantes de Jerusalém.

A tribo é importante para o nosso mistério em vários sentidos. Por exemplo, os maçons, em alguns dos seus rituais, referem-se a si mesmos como descendentes de Benjamim, aparentemente tendo em alta conta a tribo de Maria Madalena. Como observam os autores de O Santo Graal e a linhagem sagrada, entre os descendentes de Benjamim incluía-se um clã chamado “Ahiram”, e um dos filhos desse clã chamava-se Benoni. A história de Hiram é de importância fundamental para a Maçonaria, por ele ser o construtor do Templo de Salomão. Nessa história, Benoni é um discípulo de Hiram.

Por terem fundado Jerusalém e sido seus primeiros soberanos, os descendentes de Benjamim consideravam-se habilitados a governar a cidade e o Templo de Salomão por direito de nascença. No entanto, a exemplo dos Templários, eles foram despojados de suas terras e exilados em razão do que foi classificado como o “Crime dos Descendentes de Benjamim”.

A Bíblia (Juízes 19-20) registra que uma horda de descendentes de Benjamim sequestrou a concubina de um levita enquanto ele se encontrava em Gibeá, uma cidade dos descendentes de Benjamim. A concubina morreu e, pelo seu assassinato – e pelo crime igualmente pecaminoso contra a hospitalidade tribal –, um concílio das tribos exigiu que os perpetradores do delito fossem levados à execução. Mas os líderes dos descendentes de Benjamim pegaram em armas para proteger os culpados e deflagrou-se a guerra. Durante o conflito, os descendentes de Benjamim foram praticamente dizimados na batalha de Gibeá e suas terras lhes foram tomadas. (Aqui também encontramos paralelismos em relação ao julgamento dos Templários e o confisco das suas terras.) As outras tribos israelitas depois proibiram que suas mulheres se casassem com homens da tribo de Benjamim, ameaçando-os de extinção. A consequência foi que muitos dos descendentes de Benjamim partiram para o exílio e se casaram com mulheres de famílias não israelitas.

Depois de um determinado tempo, os descendentes de Benjamim voltaram a ser aceitos entre os israelitas e até geraram seu primeiro rei, Saul. Mas o crime foi lembrado por muito tempo como um exemplo de maldade, e alguns descendentes de Benjamim permaneceram no exílio, tendo migrado para uma região ao sul da Grécia, chamada Arcádia. Como já vimos, o tema da Arcádia retorna muitas vezes no nosso mistério. Por exemplo, a região é considerada como sendo o lugar de nascimento dos reis merovíngios.

A MADALENA DAS ESCRITURAS

Diversos personagens da Bíblia são associados a Maria Madalena. Muitos pensam em Maria como uma prostituta regenerada, mas esse termo nunca foi realmente usado na Bíblia para caracterizá-la. A ideia de que ela fosse uma prostituta foi resultado da má interpretação de uma declaração do papa Gregório (540-604) quando se referiu a Maria como uma pessoa pecadora a quem Jesus perdoou. Essa foi, na verdade, uma referência à mulher acusada de adultério, que foi salva por Jesus de ser apedrejada até a morte (João 7:53-8:11). (Existe uma pintura importante acerca desse episódio de autoria de Poussin, comentada no Capítulo 16.)

Maria Madalena aparece poucas vezes no Novo Testamento, mas essas menções a ela dão indicações de seu papel e de sua relação com Jesus. Cronologicamente, ela é citada pela primeira vez quando Jesus expulsa sete demônios dela (Marcos 16:9; compare com Lucas 8:1-3):

Havendo ele ressuscitado de manhã cedo no primeiro dia da semana, apareceu primeiro a Maria Madalena, da qual expelira sete demônios.

A expulsão dos demônios pode ser interpretada em vários níveis. Na antiga Babilônia, eles eram considerados como a causa de doenças, mas na Bíblia encontramos o rei Salomão convocando e dominando o demônio Asmodeu para obedecer às suas ordens. A interpretação no zoroastrismo é de que os demônios são deuses falsos ou caídos, portanto uma interpretação menos sobrenatural poderia ser que Jesus a salvou de ser uma seguidora de deuses pagãos, fossem eles gregos ou outras divindades regionais ainda adoradas naquela época.

A possessão demoníaca também pode ser uma interpretação errônea de numerosos transtornos psicológicos, tais como o raro Transtorno de Personalidade Múltipla, ou, mais comum, o Transtorno de Subpersonalidades, conforme explicado por psicólogos como John Rowan.

Outras passagens dos evangelhos narram como “Maria de Betânia” (tida por uma antiga tradição como sendo Maria Madalena) ungiu Jesus (João 12:3):

Então, Maria, tomando uma libra de bálsamo de nardo puro, mui precioso, ungiu os pés de Jesus e os enxugou com os seus cabelos; e encheu-se toda a casa com o perfume do bálsamo.

A lavagem dos pés é um gesto íntimo e devocional. Nessa passagem, o uso de uma unção cara é ironizado pelos outros discípulos, mas trata-se de uma unção à altura de alguém de condição real. A unção de um rei seria uma prática aceitável e, por meio disso, começamos a ver sugestões de que tanto a relação de Jesus com Maria quanto a posição social de Jesus talvez tenham sido mal interpretadas pela Igreja.

A presença de Maria Madalena na crucificação é registrada por Mateus, Marcos e João. Enquanto os outros discípulos se escondem e negam conhecer Jesus, Maria permanece inteiramente à vista dos soldados romanos embaixo da cruz (João 19:25):

E junto à cruz estavam a mãe de Jesus, e a irmã dela, e Maria, mulher de Clopas, e Maria Madalena.

Depois da crucificação, Jesus é retirado da cruz e fechado em um sepulcro em um terreno particular pertencente a José de Arimateia. No dia seguinte, Maria visita o jardim e encontra o sepulcro aberto (João 20:1):

No primeiro dia da semana, Maria Madalena foi ao sepulcro de madrugada, sendo ainda escuro, e viu que a pedra estava revolvida.

O corpo de Jesus não se encontra ali. Ouve a voz de um homem, que ela supõe ser o jardineiro, antes de reconhecê-lo como Jesus. Em seguida, ele se revela aos discípulos remanescentes. “Duvidando”, Tomé testa-lhe a existência em carne e osso tocando-lhe o ferimento do flanco.

Deixando de lado os elementos mágicos desse relato, o que nos mostram aqui é que Jesus sobreviveu ao suplício da crucificação.

Desse momento em diante, a história de Maria Madalena é citada em numerosos evangelhos não canônicos, especialmente o Evangelho de Maria, que não só a apresenta como sendo muito mais íntima de Jesus do que os outros discípulos, mas também como tendo recebido os seus ensinamentos mais profundos. A “Maria” do título não é identificada, mas em geral se supõe como sendo Maria Madalena com base em outras fontes.

Outros textos, como o medieval A lenda dourada, tentam contar a vida de Maria com base nas histórias em circulação na época. São textos insuficientes, mas, em seu conjunto, pintam os primeiros traços de um retrato interessante da mulher que andou ao lado de Jesus.

A lenda dourada também nos informa que Maria descendia de uma linhagem nobre. Acreditava-se que seus pais haviam nascido como reis e eram os proprietários do castelo de Magdala, de onde provém o nome

Madalena. Ela é apresentada como sendo rica, o que poderia explicar o óleo caro com que ungiu Jesus.

A FUGA PARA A GÁLIA

Pouco tempo depois da crucificação, diz-se que Maria Madalena foi transportada de barco para o sul da Gália (França). José de Arimateia, que de acordo com o Priorado era um abastado comerciante, viajou com ela, segundo se conta, tornando provável que o barco fosse mais do que um acontecimento fortuito. Como mercador, ele possivelmente teria o controle de diversas embarcações de longa distância. Acredita-se que entre os outros passageiros a bordo estaria uma menina egípcia chamada Sara. Sara significa “princesa”; portanto, se fosse um título, e não um nome, é improvável que estivesse viajando no equivalente contemporâneo à classe econômica. Navegando para oeste, eles teriam seguido pela costa mediterrânea por segurança, passando pela Grécia. A jornada é narrada em detalhes em Legenda áurea – vidas de santos, que não é diferente de Lives of the saints [A vida dos santos], de Alban Butler. Escrito no final do século XIII pelo arcebispo de Gênova, Jacopo de Varazze (em latim, Jacobus de Voragine), Legenda áurea detalha a vida de centenas de santos e é interessante para nós como fonte primária de um relato detalhado da fuga de Maria Madalena para a Gália. O livro foi amplamente lido na época e se diz que foi inspirado em obras de autores anteriores e outros documentos existentes. Jacobus também escreveu muito sobre a Virgem Maria, e tentou elevar-lhe a condição ao considerá-la parte essencial no caminho a Deus por meio de Jesus.

A chegada de Maria à Grécia depende inteiramente de a fuga para a Gália ter acontecido, e isso constitui a próxima parte da nossa jornada. Nic Haywood enviou-me o seguinte:

A lenda de Nossa Senhora [Maria Madalena] buscar refúgio na França é um fato. A ordem possui evidências substanciais disso, mas pedimos que no momento aceite essa nossa “prova” como definitiva. Demonstrá-la – oferecer a prova real – seria apresentar nosso trunfo prematuramente.

A “prova” mencionada acima parece ser que o corpo de Maria Madalena estaria localizado no sul da França.

Depois de chegar ao sul da Gália, Maria deu início ao seu ministério, ensinando a fé como lhe ensinara Jesus. Converteu diversos moradores locais aos ensinamentos de Jesus e diz-se que apareceu em sonhos aos nobres locais, instruindo-os a “ajudar os pobres e necessitados”. Durante essa época, conquistou muitos seguidores, mas depois seu ministério na Gália acabou chegando ao fim, e ela se retirou para uma caverna, onde viveu seus últimos dias voltada para Deus.

MARIA E OS VERDADEIROS ENSINAMENTOS DE JESUS

Maria não poderia saber na época se aquela nova religião perduraria, mas teria se sentido compelida a comunicar como verdadeiro o que sabia. Considerando que recebera os ensinamentos diretamente de Jesus e viajara para longe da influência dos outros apóstolos principais, em especial Pedro e Paulo, o que ensinava era potencialmente uma variedade de cristianismo muito diferente da que se tornaria a visão ortodoxa.

No Evangelho de Maria, Pedro reconhece que Jesus conversava em particular com Maria e a interroga nesse sentido (Evangelho de Maria 5:6):

Conte-nos as palavras do Salvador de que te recordas, as quais conheces mas que nós não, e nem sequer ouvimos.

Só um relato parcial da resposta de Maria sobreviveu, e assume a forma de uma visão narrando a ascensão da alma e sendo questionada pelos “poderes”. A alma se impõe a esses poderes num diálogo interior e depois ascende através de numerosos estados místicos. O texto existente também se refere aos “éons” e outras ideias metafísicas comumente encontradas nos ensinamentos gnósticos. Os discípulos mostram-se incrédulos em relação ao relato de Maria e respondem que Jesus não teria usado aquelas “palavras estranhas”, nem as teria dito a Maria, preferindo-a aos outros discípulos.

O Evangelho de Maria fala de círculos superiores, que os psicólogos explicam como o nível “transpessoal”. A inclusão desse material mostra Jesus mais como um místico do que nos permite supor o Novo Testamento. Ainda mais ameaçador para a Igreja é que esses ensinamentos têm inclinações inteiramente gnósticas, na medida em que defendem o contato direto com Deus por meio de um diálogo interior.

A influência de Maria e de outros autores gnósticos permaneceu uma força poderosa dentro do cristianismo até que o Concílio de Niceia, em 325, escolhesse os textos definitivos para inclusão na Bíblia cristã. Até então, muitos documentos em circulação contavam uma história diferente da encontrada nos quatro evangelhos e nos Atos. Neles, Maria Madalena não só era admitida como uma personagem importante entre os discípulos, mas também reconhecida como quem deu continuidade aos verdadeiros ensinamentos de Jesus.

Infelizmente, podemos ver, a partir da direção tomada por Roma, que a influência gnóstica foi inteiramente eliminada dos ensinamentos do cristianismo. Ainda assim, aqui eles constituem o segredo, os ensinamentos ocultos do misticismo.

Desde essa época, Maria é usada para simbolizar esses ensinamentos ocultos de Cristo, transmitidos em todas as épocas em nome dela. O Concílio de Niceia foi convocado pelo imperador Constantino I com o objetivo de impor ordem, ao estilo romano, sobre os ensinamentos da Igreja em todo o império. Em consequência disso, o Concílio compilou o cânone das obras aceitáveis, embora as antigas certamente estivessem incompletas, e foi decidido não revelar a verdade por temor da perda do controle da espiritualidade do indivíduo. Desse modo, o cristianismo ortodoxo resultou em uma entidade mais superficial do que poderia ter sido.

Os ensinamentos concretos de Jesus foram usados para manter o controle, para governar os indivíduos e países inteiros no sentido de realizar a vontade terrena das diversas igrejas e dos vários regimes seculares que os apoiaram. Mas não existe um caminho verdadeiramente espiritual nesses ensinamentos.

Acredito que Maria Madalena manteve, por um momento, um cristianismo puro – a forma mais próxima do arquétipo de Jesus. Voltarei adiante à pureza de espírito e ao poder da identificação com os arquétipos no capítulo intitulado Alquimia e gnose. Ele situa o reino dos céus não no espaço, ou depois da morte, mas como uma experiência interior espiritual e subjetiva que se alcança durante a vida, como é afirmado em Lucas 17:21: “Porque o reino de Deus está dentro de vós”.

A TRADIÇÃO DE MADALENA

Existe um segundo aspecto dos mistérios de Maria Madalena que tem o potencial de causar maior impacto sobre a sociedade moderna: seu sexo.

Poderia haver uma razão para Jesus transmitir a Maria os seus “ensinamentos ocultos”, à parte qualquer outra relação íntima que tivesse com ela. Entre os discípulos do sexo feminino, Maria é a de maior destaque, e o aspecto feminino é importante, uma vez que já é alinhado com o caminho intuitivo para Deus. Nos ensinamentos gnósticos, o Espírito Santo é feminino e aparece na forma de Sofia, a Sabedoria Divina, personificada como uma figura feminina. Comungar-se com Sofia, o lado feminino, intuitivo, proporciona um acesso individual a uma sabedoria superior e potencialmente a Deus. Embora o casamento de Maria e Jesus seja uma ameaça à posição da Igreja, a ideia de que os indivíduos sejam capazes de encontrar-se com Deus diretamente dentro de si mesmos mina por completo toda a construção de padres e papas ditando a fé para as massas.

O aspecto do gênero também encontrou resistência entre outros discípulos importantes, cuja intolerância em relação a Maria é totalmente evidente. No Evangelho de Tomé (versículo 114), Pedro chega ao ponto de dizer aos discípulos: “Façam Maria nos deixar, pois as mulheres não merecem a vida”.

Há outras admissões eloquentes de misoginia. No Evangelho de Maria, tanto André quanto Pedro, embora admitissem que Maria conhecesse Jesus melhor do que qualquer outra mulher, rejeitam a alegação dela de que Jesus lhe falara sobre assuntos que não compartilhara com os outros discípulos

(do sexo masculino). Finalmente, Pedro fica furioso e afirma (Evangelho de Maria 9:4):

Ele realmente falou em particular com uma mulher e não abertamente conosco? Devemos nos virar para o outro lado e todos ouvirmos a ela? Ele preferiu a ela e não a nós?

A chegada de Maria Madalena à Gália levou consigo uma modalidade alternativa de cristianismo que era equilibrado em termos de gênero, e diz-se que ela converteu muitas pessoas aos verdadeiros ensinamentos de Jesus. Entretanto, parece que os aspectos mais esotéricos dos ensinamentos se mantiveram principalmente entre as poucas famílias partidárias da causa de Maria.

Preservados no ritual e na tradição oral, esses ensinamentos esotéricos eram comunicados apenas a uns poucos eleitos, não apenas por serem considerados uma heresia, mas também porque concediam certos poderes e conhecimentos de determinados lugares. Ao mesmo tempo que os ensinamentos foram adotados por algumas famílias influentes, também ganharam o apoio de alguns partidários sensatos entre o clero. Os ensinamentos surgem de tempos em tempos e influenciaram grupos como os cátaros, na Idade Média, e Jean-Jacques Olier em Saint-Sulpice, no século XVII. Juntamente com São Vicente de Paulo e Santa Luísa de Marillac, Olier criou as Filhas da Caridade, uma ordem que expressa a intenção de reconhecer e continuar a obra iniciada por Maria Madalena. O Priorado comenta:

Certamente, não escapou a notícia de que a própria existência das Filhas de São Vicente, que adotavam para si (como se afirmava) o papel da Madalena benevolente, acabou por acelerar a ideia da presença das mulheres dentro da instituição da Igreja.

Essa organização de caridade controlada por mulheres foi criada para imitar o papel maternal de Madalena na proteção de crianças órfãs. O “filho da viúva” da legenda Maçônica finalmente encontrava o seu lugar na história.

Durante o século XVII, a Maçonaria europeia tomava forma, e os rituais começaram a incluir referências sobre o pertencimento à tribo de

Benjamim. O desenvolvimento no século XVIII da Comaçonaria, que se distingue pela aceitação das mulheres no ofício, deixa claro que essa iniciativa de inclusão feminina espelha a tentativa de Olier, praticamente no mesmo momento da história, de criar uma função para as mulheres dentro da Igreja.

Uma sutil revolução matriarcal tinha começado. No fim do século XIX, em todas as áreas da cultura e da sociedade, as mulheres encaminhavam-se para uma posição de igualdade.

A serpente vermelha (veja o Capítulo 10) é singular na sua caracterização de Maria Madalena. É o único texto que já vi que a trata como um arquétipo, indicando-a como uma outra forma de Ísis e "Nossa Senhora dos Crescentes". Essa é uma expressão da influência potencial de Maria no pensamento cristão. Ela tem uma energia que pode se relacionar até mesmo com os dias atuais. O aspecto perdido da feminilidade sábia e amorosa pode ser invocado e expresso, pois ela reside na psique de todos os homens e mulheres.

À luz disso, qualquer "corpo" oculto é elevado da condição de um pequeno segredo, o corpo humilde de um personagem bíblico, a um símbolo do princípio feminino reprimido, perdido, e chave para a fonte –gnose.

ENCONTRANDO UM SENTIDO EM MADALENA

Está surgindo uma oportunidade para encontrarmos um sentido em uma imagem redimida de Maria Madalena. A "pecadora arrependida" de milhares de pinturas está necessitando de redenção. Ela não era uma prostituta; até mesmo o Vaticano admite que essa mentira recaiu sobre ela séculos depois de sua vida. Ela é caracterizada no Evangelho de Maria como "a escolhida", a mulher a quem Jesus amou mais do que a todos os outros discípulos. O Vaticano também afirma que ela era parte dos ensinamentos secretos de Jesus. Ela é, na minha opinião, o mais importante modelo de papel feminino da história cristã, ainda que fosse alvo de ressentimento por parte dos outros discípulos (do sexo masculino) e aviltada pelo bastião masculino que foi a Igreja Católica dos primeiros

tempos. A razão de a Igreja Católica temer Maria é também a razão pela qual é tão importante redimi-la.

Inteiramente ausente da mentalidade cristã dos últimos dois milênios é o arquétipo da feminilidade sexualmente autorizada como uma força positiva. De Eva a Maria Madalena, isso criou um vácuo na psique ocidental. Como arquétipos cristãos temos virgens, prostitutas e megeras. A objetificação das mulheres não seria possível se o lado feminino forte, sexualmente ativo, fosse restaurado e respeitado. Com a repressão do feminino vêm a desigualdade, a objetificação e a conspurcação das mulheres, da mesma forma que a perda dos aspectos femininos do homem, como a intuição.

A intuição pura é um meio de ouvir a nossa voz interior que nos liga ao divino. Ela traz o conhecimento direto das questões espirituais e, como tal, evita a necessidade de uma Igreja. Em resumo, a intuição é um instrumento para a gnose, e é por isso que a Igreja a teme tanto. Vivenciar de mareira plena a gnose é comunicar-se diretamente com Deus.

Agora podemos reavaliar a representação de Maria nos textos bíblicos, nos textos apócrifos e nos textos gnósticos. No Evangelho de Filipe, quando os discípulos questionam Jesus e lhe perguntam por que ele ama mais a Maria do que a eles, Jesus responde: “Por que não amo a vocês tanto quanto a ela?”

E assim fechamos o círculo. A mulher que foi mais próxima a Jesus do que todos os seus outros discípulos, e que por séculos suportou o estigma de ser rotulada de prostituta, agora pode ser redimida. Agora depende de nós expulsar dela os sete demônios, exatamente como fez Jesus. O termo “prostituta” tem suas raízes na palavra “sacerdotisa”, e essa é uma função que condiz com Maria. Seu lugar correto na Bíblia cristã e na Igreja deve ser o de uma alta sacerdotisa, e nunca será demais salientar quanto é importante restabelecer essa função em todas as igrejas cristãs. Sem esse aspecto do feminino divino, as igrejas cristãs sempre estarão desequilibradas.

O papel de Maria na nossa história é triplo. Ela é esposa e mãe, o princípio feminino, sexualmente ativa e emancipada; ela é um veículo para o caminho interior de Jesus e do cristianismo verdadeiro, como está

registrado no Evangelho de Maria e em outros textos gnósticos; e ela é em si mesma uma encarnação dessa verdade, na medida em que surge para assumir o papel de uma alta sacerdotisa do cristianismo.

Embora possamos reavaliar a posição histórica de Maria Madalena e a sua relação com Jesus, o importante é o significado que isso tem tanto para os cristãos quanto para aqueles de nós que vivem em um ambiente moldado pelo cristianismo. Com “moldado” quero dizer que, embora o cristianismo organizado esteja em declínio no Ocidente, sua influência na constituição psicológica de todos os ocidentais não pode ser subestimada. As estruturas patriarcais existem em todos os níveis da sociedade. O papel e a igualdade das mulheres constituem uma batalha longe de estar terminada e resolvida de maneira justa e equilibrada. Questões como a ordenação de sacerdotes do sexo feminino podem parecer às pessoas de fora como disputas triviais travadas no corpo sempre declinante de frequentadores das igrejas, mas elas são indicativas de uma mentalidade negativa mais ampla sobre a importância das mulheres na sociedade como um todo.

Essa questão da igualdade poderia ser a razão por que muitas pessoas se identificaram tanto com O código Da Vinci. No catolicismo, a representação das mulheres em posições de alto nível hierárquico dentro da igreja é quase inteiramente inexistente, ao passo que os gnósticos fizeram de Maria Madalena uma personagem mais fundamental e importante ao cristianismo como um todo. Entretanto, o restabelecimento do “feminino perdido” é mais relevante para as pessoas do século XXI do que quaisquer implicações religiosas.

EM REPOUSO

Existe algo triste em relação ao destino da reputação de Maria Madalena. Ao mesmo tempo que ela caía na mira da história misógina, perdia-se alguma coisa que pertencia a cada um e a todos nós. Seu corpo, perdido e lamentado, deveria ser venerado não como uma relíquia, mas como um símbolo do caminho da intuição, que por sua vez leva à união com o divino.

O esqueleto de Maria está incompleto, de acordo com o que nos dizem: alguns ossos foram retirados para uso como relíquias em outros lugares. De acordo com Gérard Thome, seus pergaminhos informam-no de que Maria acha-se em um túmulo de família, o que é altamente possível. Nesse caso, esse "corpo-evidência"[1], como o Priorado se refere a ele, corre o risco de ser sobrepujado pelo de seu marido, Jesus, embora a presença do "Rei dos Reis" certamente confirmasse a posição dela como uma rainha.

De acordo com Nic Haywood,

O corpo-evidência é incontroverso. Se vai ou não provocar manchetes de jornais, isso depende de quando for revelado. À medida que a influência da Igreja diminui e a ciência gira em círculos, ele pode não ser encontrado enquanto provavelmente não for esperado. Se fosse revelado hoje, causaria um impacto sobre a ciência e a religião tanto quanto o causado por Darwin [e seu A origem das espécies].

A história de Maria Madalena certamente desafia a ortodoxia tradicional da Igreja, mas não deve ser vista como um questionamento da própria existência da Igreja. Ao contrário, tem o poder de retificar o equilíbrio e soprar vida nova na velha religião.

Entretanto, há outra força em ação que é ainda mais poderosa do que a verdade sobre Maria Madalena, e essa força está começando a solapar a Igreja. É a verdade sobre Jesus.

---

1 No original, "body of evidence", expressão que também pode ser traduzida como "conjunto de evidências". Assim, em inglês, há um duplo sentido. [N.E.]

CAPÍTULO 14

HERESIA E HISTÓRIA

A antiguidade e a genealogia se preservaram mais que tudo, exceto no caso do Messias, do qual não falo, pois não é da minha conta.

François Rabelais, Gargântua

INTRODUÇÃO

No transcorrer dos capítulos anteriores, chegamos à ideia de um “corpo-evidência”, nos dois sentidos,[1] enterrado na região de Rennes-le-Château. De acordo com os sinais que seguimos, é provável que esse cadáver seja o de Maria Madalena. A importância disso é salientada por uma compreensão renovada do que Maria representou e representa hoje em dia, conforme estabelecido no capítulo anterior. Os pesquisadores estão começando a reavaliar o lugar dela na história do Novo Testamento, e o que está surgindo tem o potencial de instigar uma mudança fundamental na crença cristã. Mas existe um problema: o corpo de Maria Madalena por si só não é um item suficientemente singular para fundamentar a heresia que ganhou vulto nessa pequena região da França. As relíquias de Maria podem ser encontradas na basílica de Maria Madalena em Vézelay e em outros lugares, e até o momento elas não conseguiram causar um grande impacto sobre o mundo.

O conjunto de provas pode certamente incluir o cadáver preservado de Maria Madalena, mas haveria a necessidade de algo ainda mais convincente para provocar uma mudança tão radical na crença. O único corpo que inegavelmente desafiaria o dogma da Igreja seria o do próprio Jesus, e precisaria ser prontamente identificável (pelas cicatrizes ou marcas da crucificação), possivelmente mumificado ou não decomposto. Entretanto, o corpo de Jesus não deveria existir de maneira nenhuma na forma terrena, na medida em que isso iria contradizer os relatos do Novo Testamento de que

ele morreu na cruz, ressuscitou no terceiro dia e subiu ao céu pouco tempo depois (40 dias depois, de acordo com Atos 1:3).

A morte de Jesus pela crucificação e o seu subsequente retorno à vida são os dois acontecimentos mais importantes da história do evangelho, e a cruz é o símbolo máximo do sacrifício e da ressurreição de Cristo. O problema é: isso tudo pode não ter acontecido.

JESUS SOBREVIVE À CRUZ

Na época em que pesquisava para O Santo Graal e a linhagem sagrada, Henry Lincoln recebeu uma carta de um padre inglês, o reverendo Bartlett. Esse padre afirmava que obtivera informações diretamente de seu mentor, o teólogo canônico Alfred Lilley, que fizera uma descoberta em Saint-Sulpice, em Paris. Essa é a mesma igreja que aparece sistematicamente em A serpente vermelha. A carta informava que, de acordo com o teólogo Lilley, o segredo de Rennes-le-Château era que Jesus sobrevivera à crucificação e que havia “provas incontroversas de que Jesus estava vivo no ano de 45”. Lilley afirmava que os documentos que examinara foram posteriormente transferidos para o Vaticano. O coautor de Lincoln, Michael Baigent, explora extensamente a carta no seu livro The Jesus papers [Os manuscritos de Jesus]. O Priorado de Sião confirma que acredita serem corretas essas informações.

A ideia de que Jesus tenha sobrevivido à crucificação não é nada nova. Um relato a esse respeito pode ser encontrado em obras dos primeiros anos do cristianismo, tais como o Pistis Sophia e outros textos sagrados. O Corão afirma:

E por dizerem: Matamos o Messias, Jesus, filho de Maria, o Mensageiro de Deus, embora não sendo, na realidade, certo que o mataram, nem o crucificaram, senão que isso lhes foi simulado. E aqueles que discordam, quanto a isso, estão na dúvida, porque não possuem conhecimento algum, abstraindo-se tão-somente em conjecturas; porém, o fato é que não o mataram.[2]

(Sura 4, “A mulher”, 157)

Se assim aconteceu – e se, portanto, ou Jesus sobreviveu à crucificação ou fizeram uma substituição –, isso teria obviamente ficado registrado nos evangelhos. Eis o que eles informam:

Ao saírem, encontraram um cireneu, chamado Simão, a quem obrigaram a carregar-lhe a cruz. (Mateus 27:32)

E obrigaram a Simão de Cirene, que passava, vindo do campo, pai de Alexandre e de Rufo, a carregar-lhe a cruz. E levaram Jesus para o Gólgota, que quer dizer Lugar da Caveira. Deram-lhe a beber vinho com mirra; ele, porém, não tomou. Então, o crucificaram e repartiram entre si as vestes dele, lançando-lhes sorte, para ver o que levaria cada um. Era a hora terceira quando o crucificaram. (Marcos 15:21-25)

E, como o conduzissem, constrangendo um cireneu, chamado Simão, que vinha do campo, puseram-lhe a cruz sobre os ombros, para que a levasse após Jesus. (Lucas 23:26)

De nada vale que nenhuma dessas narrativas mencione a cruz realmente sendo devolvida a Jesus. A substituição de Jesus nada mais é que uma possibilidade. Também há a questão de que o homem na cruz não tenha ficado lá tempo suficiente para morrer. Para apressar o processo, os soldados romanos quebravam as pernas e, sem apoio, o prisioneiro sufocaria rapidamente. Mas o soldado romano decide não quebrar as pernas de Jesus, acreditando que já esteja morto (João 19:33). Se Jesus estivesse meramente inconsciente, isso teria assegurado a sua sobrevivência. Os evangelhos também nos dizem que José de Arimateia “dirigiu-se resolutamente a Pilatos e demandou o corpo de Jesus”, pedindo para enterrá-lo antes do pôr do sol, o início do sabá, como exigia a lei judaica. Pilatos admira-se de que Jesus “já tivesse morrido” até que um centurião confirma o que diz José (Marcos 15:42-45). José assegura que o “corpo” seja levado a um sepulcro vazio em sua propriedade privada.

Então há o fato curioso de que três mulheres (Maria Madalena, Maria, a mãe de Tiago, e Salomé) foram ungir Jesus na manhã seguinte ao sabá. Isso é estranho, em primeiro lugar porque podiam ter ido na noite anterior,

imediatamente depois do pôr do sol, quando o sabá tivesse terminado; e também porque a unção de um cadáver normalmente acontecia antes do enterro. Mas e se a unção com os “aromas” (Marcos 16:2) não fosse fúnebre, mas medicinal?

O fato da morte de Jesus na cruz aparentemente passou sem ser questionado até que, em 1947, encontrou-se uma coleção de textos em Nag Hammadi, no Egito, que se tornou conhecida como a Biblioteca de Nag Hammadi. Essa coleção de livros consiste principalmente em textos gnósticos e cristãos dos primeiros tempos, incluindo uma escritura fascinante intitulada O segundo tratado do grande Sete.

Este parece ser um relato da crucificação como se fosse narrada pelo próprio Jesus. Se for autêntico, permite uma nova e radical noção da personalidade de Jesus. A primeira parte é a de maior interesse para nós (os excertos são de The Nag Hammadi library [A biblioteca de Nag Hammadi], editado por James M. Robinson):

Foi outro, Simão, que levou a cruz no ombro. Foi outro em quem puseram a coroa de espinhos. Mas eu me rejubilava nas alturas, acima de toda a riqueza dos arcontes e do fruto do seu erro, da sua glória vazia. E ria da sua ignorância.

Embora as evidências acima possam indicar que a crucificação não teria acontecido, há numerosas razões para sustentar que ela, em si, foi um fato.

Se Jesus sobreviveu à crucificação, ele não poderia permanecer na Judeia. Ele fora condenado pelas autoridades romanas, outras pessoas estavam começando a reconhecê-lo e teriam se espalhado rumores de que continuava em liberdade. O que se considera agora como um milagre, o momento em que o apóstolo Tomé, “em dúvida”, toca o ferimento físico no flanco de Jesus, pode simplesmente ser considerado como uma evidência a mais de que Jesus sobreviveu à crucificação. Em carne e osso, ele ainda andava e falava, mas naturalmente continuava com os ferimentos do seu suplício. Eliminados esses elementos fantásticos, pareceria que ele se escondeu, mais do que ascendeu.

Depois do reaparecimento de Jesus, Maria Madalena também teve de fugir da Judeia na companhia de José de Arimateia. No momento da crucificação, ela permaneceu ao pé da cruz à vista dos soldados romanos enquanto os outros discípulos se esconderam e negaram conhecer Jesus.

O Novo Testamento nos informa que Jesus subiu ao céu para ser recebido pelo céu, mas é mais provável que tenha sido levado clandestinamente da Judeia por Maria Madalena e José de Arimateia, para evitar que fosse preso e executado novamente – e os romanos se certificariam de que não sobrevivesse da segunda vez. Então Jesus acompanhou Maria a uma região remota da Gália, para viver seus últimos dias e ser enterrado próximo ao que é atualmente Rennes-le-Château no Languedoc? A pintura do altar da igreja de Rennes-le-Château sugere que foi isso o que aconteceu, com a sua representação de Maria ajoelhada ao lado de um túmulo em um local que inclui inúmeros marcos de referência.

A tradição da crucificação

Descobrir que Jesus não morreu na cruz não diminui a importância da crucificação como uma imagem de sacrifício pessoal e libertação. Assim como a morte sazonal da natureza no inverno permite que brote a nova vida, todos os ciclos da vida, da morte e do renascimento podem ser vistos na imagem do salvador crucificado, e Jesus não foi de maneira alguma o primeiro personagem a ilustrar isso. O sacrifício pessoal do rei-sacerdote para o bem do seu povo é uma imagem importante em muitas mitologias, de Quetzalcóatl, na América Central, a Osíris, no Egito antigo. Existem também incontáveis deuses que foram sacrificados e ressuscitaram. Mitra, Tamuz, Baal e Orfeu aparecem nas culturas da época e da região de Jesus, e outros exemplos são o mito de Odin, na Noruega, e o de Vishnu, no hinduísmo.

A tradição do salvador crucificado está alojada no inconsciente coletivo tanto como uma experiência fundamental da natureza quanto como um arquétipo da progressão psicológica. Ela representa o sacrifício do ego individual para permitir um estilo de vida mais espiritualizado. Depois de

ser entendido como um ato simbólico, não há necessidade de Jesus realmente morrer no drama que se desenrolou no Gólgota.

Outra versão desse ritual aparece mais cedo na vida de Jesus, no “milagre da ressurreição de Lázaro”. Nos evangelhos, Jesus, o Filho de Deus, ressuscita Lázaro dos mortos na cidade de Betânia. Essa é uma versão cristianizada de um antigo ritual de iniciação egípcio no qual Hórus, filho do deus egípcio Ra, ressuscita Osíris dos mortos na Beth de Anu. “Beth” significa casa. A ressurreição é reencenada pelos maçons no seu grau terceiro, que simboliza a morte e o renascimento arquetípicos da natureza, quando o candidato maçônico é estendido em cima de um túmulo, vendado em uma morte simbólica e ressuscitado dos mortos pela mão para ver a luz do mundo de novo e entrar em uma “vida nova”.

Se a morte e a ressurreição de Jesus forem consideradas mitológicas, outras etapas da sua vida também devem ser reconsideradas. Notável entre elas é a ideia do nascimento surgindo de uma virgem.

O NASCIMENTO VIRGINAL

A exemplo da crucificação, o nascimento virginal tem suas origens em muitas outras tradições e pode não ter realmente acontecido. O evangelho gnóstico de Filipe nega-o:

Alguns dizem que Maria concebeu pelo Espírito Santo. Eles estão errados, quando foi que uma mulher jamais concebeu de outra mulher?

O Evangelho de Filipe, juntamente com o Evangelho de Maria e o Evangelho de Tomé, incluem-se na Biblioteca de Nag Hammadi. Esses documentos mudaram a compreensão dos pesquisadores sobre a profundidade do significado que o cristianismo tinha no princípio.

O começo, assim como o fim da vida de Jesus, também pode ser entendido num contexto histórico diferente. A história de como ele foi concebido por uma divindade e nasceu de uma virgem de maneira alguma é exclusiva dele. Essas tradições também precedem o cristianismo e são atribuídas a

numerosos “escolhidos” e heróis em todo o mundo pagão. É provável que esse atributo tenha sido enxertado na história de Jesus para aumentar seu interesse entre os gentílicos pagãos, especialmente os gregos. O mito grego tem muitos exemplos de deuses engendrando filhos em mulheres mortais, e a maioria dos grandes heróis foi concebida dessa maneira. Assim, Perseu era o filho de Zeus por intermédio de Dânae, e Hércules era o filho de Zeus por meio de Alcmena. Existem precursores babilônicos, e o persa Zoroastro também era caracterizado como tendo nascido de uma virgem com origens semidivinas cerca de dois mil anos antes de Jesus. O zoroastrismo é especialmente interessante na medida em que alguns dos seus princípios se transportaram, por intermédio do judaísmo contemporâneo, para o cristianismo, como os elementos de dualismo e a hierarquia angelical. Personagens com parentesco divino também abundam em outras culturas, tais como Buda e Krishna.

A tradição da união, e às vezes matrimônio, de um humano com um deus é chamado de hieros gamos, ou santo matrimônio. Essa expressão é tratada em detalhes por Margaret Starbird nos seus livros, a começar por A mulher com o jarro de alabastro.

Argumenta-se às vezes que, embora esses personagens sejam concebidos divinamente, só alguns são caracterizados como “nascimentos virginais” (ou melhor, concepções virginais). Há muito se entende que o termo “virgem”, traduzido do grego parthenos, na verdade significa “mulher jovem em idade casamenteira”, portanto Maria não era necessariamente virgem também. Entretanto, os evangelhos são bem claros em que esse era o sentido pretendido.

Se Jesus foi concebido pelo Espírito Santo que desceu a Maria, como afirmam os evangelhos de Mateus e Lucas, então, sem um pai natural, ele só tinha uma linhagem matriarcal. Esse fato só viria a ser aceito como doutrina pela Igreja Romana em 325 no Concílio de Niceia, praticamente trezentos anos depois que Jesus viveu. A Igreja também endossou a opinião de que a linhagem real de Jesus terminou com a sua morte (ele morreu, até onde lhes dizia respeito, sem filhos). Isso serviu para retirar Jesus do meio político em que havia nascido. Descontando a sua herança real, a Igreja

Romana estava livre para escolher quem a governaria em vez de reconhecer a sucessão de reis-sacerdotes que viera antes.

Na psicologia dos arquétipos, essa relação pode ser interpretada como a junção de sexualidade com espiritualidade, entrelaçada como as duas serpentes do caduceu de Hermes. O tantra é a manifestação oriental desse fenômeno.

Estamos começando a ver um padrão no caso. Será que a vida de Jesus foi uma coleção de episódios selecionada de fontes anteriores para fazê-lo parecer mais importante do que era? Quanto mais palavras, ações e eventos da vida de Jesus são descobertos como simbólicos ou têm suas origens ou precedentes em histórias anteriores, menos ele se torna uma pessoa e mais uma ideia. Destituído de divindade e do nascimento virginal, Jesus assume o seu próprio lugar histórico dentro da sua tribo. Ele se torna um herdeiro do trono de Israel.

REI JESUS

Se dispensarmos os embelezamentos sobrenaturais ao considerarmos os verdadeiros antecedentes históricos de Jesus, ficamos com a humilde possibilidade de que José, o marido de Maria, na verdade foi o pai de Jesus. Evidências disso existem no Novo Testamento na forma de genealogias:

Ora, tinha Jesus cerca de trinta anos ao começar o seu ministério. Era, como se cuidava, filho de José, filho de Eli. (Lucas 3:23)

Filipe encontrou Natanael e disse-lhe: Achamos aquele de quem Moisés escreveu na lei, e a quem se referiram os profetas: Jesus, o Nazareno, filho de José. (João 1:45)

Outras passagens estabelecem a posição de José na sociedade da época.

Uma virgem desposada com certo homem da casa de Davi, cujo nome era José; a virgem chamava-se Maria. (Lucas 1:27)

José também subiu da Galileia, da cidade de Nazaré, para a Judeia, para a cidade de Davi, chamada Belém, por ser ele da casa e família de Davi. (Lucas 2:4)

Enquanto as duas primeiras são explícitas sobre a paternidade natural de Jesus (se aceitarmos as palavras “assim se pensava” como uma interpolação posterior), as duas últimas definem José como um descendente da linhagem real de Davi. O filho de José teria autoridade para reivindicar o título de “Rei de Israel”, não fosse pelo fato de que a terra estava sob ocupação romana na época.

O evangelho de Mateus tem uma genealogia completa que situa Jesus na sucessão de José a Abraão (Mateus 1:1-17). O evangelho de Lucas tem uma genealogia completa até Adão. Tanto Noé quanto Enoque também são incluídos nessa lista (Lucas 3:23-37):

Ora, tinha Jesus cerca de trinta anos ao começar o seu ministério. Era, como se cuidava, filho de José,

• filho de Eli, filho de Matã,

• filho de Levi, filho de Melqui,

• filho de Janai, filho de José,

• filho de Matatias, filho de Amós,

• filho de Naum, filho de Esli,

• filho de Nagaí, filho de Máate,

• filho de Matatias, filho de Semei,

• filho de José, filho de Jodá,

• filho de Joanã, filho de Resá,

• filho de Zorobabel, filho de Salatiel,

• filho de Neri, filho de Melqui,

• filho de Adi, filho de Cosã,

• filho de Elmadã, filho de Er,

• filho de Josué, filho de Eliézer,

• filho de Jorim, filho de Matã,

• filho de Levi, filho de Simeão,

• filho de Judá, filho de José,

• filho de Jonã, filho de Eliaquim,

• filho de Meleá, filho de Mená,

• filho de Matatá, filho de Natã,

• filho de Davi, filho de Jessé,

• filho de Obede, filho de Boaz,

• filho de Salá, filho de Naassom,

• filho de Aminadabe, filho de Arão,

• filho de Esrom, filho de Perez,

• filho de Judá, filho de Jacó,

• filho de Isaque, filho de Abraão,

• filho de Terá, filho de Nacor,

• filho de Seruque, filho de Ragaú,

• filho de Fáleque, filho de Éber,

• filho de Salá, filho de Cainã,

• filho de Arfaxade, filho de Sem,

• filho de Noé, filho de Lameque,

• filho de Metusalém, filho de Enoque,

• filho de Jarete, filho de Maleleel,

• filho de Cainã, filho de Enos,

• filho de Sete, filho de Adão,

• o filho de Deus.

Observe que Adão é caracterizado como o filho de Deus, um título que Jesus herda por sua linhagem. Com uma genealogia estabelecida remontando ao rei Davi e além, Jesus torna-se um personagem político muito importante na época. Como rei de direito, ele está em posição de instigar um levante contra o governo romano reivindicando o trono de Israel. Posteriormente, seria necessário à Igreja Romana manter a linhagem davídica que terminava com a morte de Jesus para proteger a posição do papado que se iniciava.

Considerando o nascimento virginal, a crucificação, os milagres e a divindade de Jesus como simbólicos, ficamos com um Jesus que ainda era um personagem espiritual e político importante durante a sua época, mas um personagem inteiramente humano, e um exemplo de como levar uma boa vida espiritual que seja alcançada por qualquer um. Entretanto, existe uma falsidade final a ser eliminada. Não mais em débito com uma Igreja que afirma agir em nome de Jesus, podemos descartar a sua camada final de mistificação.

MATRIMÔNIO

O Novo Testamento fornece algumas evidências de que Jesus foi casado. Por exemplo, Maria Madalena trata Jesus por “rabbi” (mestre) depois da crucificação. De acordo com a lei judaica da época, rabbi era um título que só podia ser conferido aos homens casados.

Há também referências em textos históricos e em escrituras apócrifas como o Evangelho de Maria e o Evangelho de Filipe que identificam Maria como tendo um relacionamento íntimo com Jesus. Até mesmo Legenda áurea – vidas de santos afirma:

E essa é ela, a mesma Maria Madalena a quem nosso Senhor deu tantos presentes ótimos. E mostrou tão grandes sinais de amor, que ele tirou dela sete demônios. Ele a abraçou com todo o seu amor e a fez sentir-se familiar com ele.

De acordo com o Evangelho de Filipe,

A companheira do Filho é Miriam de Magdala. O Mestre amou-a mais do que a todos os discípulos; ele sempre a beijava.

A palavra grega usada para significar “companheira” é koinonia, um nome que também pode ser usado para significar “intercurso”. Partindo disso, podemos certificar que a companheira de Jesus tinha intimidade com ele.

O Evangelho de Filipe só apareceu em 1947, ainda que no Languedoc a crença de que Jesus e Maria foram casados perdurasse publicamente por pelo menos uns mil anos e ainda exista em nossos dias.

Na igreja de São Martinho, em Limoux, ao norte de Rennes-le-Château, há um vitral retratando Jesus e Maria Madalena em pé lado a lado, enquanto um ancião da igreja administra o rito do matrimônio. O interior dessa igreja, segundo o pesquisador Gérard Thome, foi financiado pelo padre Henri Boudet de Rennes-les-Bains no início do século XX. Boudet, como você se lembra, era o mentor do padre Saunière da vizinha Rennes-le-Château.

Essa é uma prova de que pelo menos alguns padres católicos do Languedoc acreditam que Jesus e Maria foram casados, portanto, embora o Vaticano se dê o trabalho de negar ideias como essa, tachando-as de invencionices, esse

ponto de vista tem algum apoio mesmo dentro da própria hierarquia da Igreja. Essa região é o berço de uma heresia e tem sido assim desde a Idade Média. Vamos considerar uma vez mais os cátaros.

OS CÁTAROS DE NOVO

A crença no casamento de Jesus e Maria Madalena era mantida pelos cátaros, uma seita gnóstica herética tão popular na região do Languedoc durante o século XIII que o papa Inocêncio III decretou a Cruzada Albigense para eliminá-los. A fé cátara disseminara-se da Europa Oriental até a Inglaterra, mas foi só nessa região que seus seguidores mantiveram a crença no matrimônio.

Evidências dessa crença e muitos outros textos cátaros importantes estão reunidos em Heresies of the High Middle Ages [Heresias da Alta Idade Média], de autoria de Wakefield e Evans. Entre eles destacam-se An exposure of the Albigensian and Waldensian heresies [Uma revelação das heresias albigenses e valdenses], um documento do início do século XIII que contém evidências contra os cátaros, compilado pelo monge Pedro de Vaux-de-Cernay. De acordo com Pedro, “eles ensinam em seus encontros secretos que Maria Madalena era a esposa de Cristo”.

Os cátaros praticavam uma forma de dualismo que, como a palavra sugere, enfatizava a luta entre o bem e o mal. Eles também eram notáveis pelo senso de igualdade, uma vez que permitiam às mulheres tornar-se sacerdotisas.

Mas por que essa crença ocorreu tanto na Alta Idade Média entre os cátaros como no século XX nas imediações de Rennes-le-Château? O que convenceu os católicos devotos a se converterem a uma crença herética que incluía o princípio de que Jesus era casado? O Priorado de Sião tem uma resposta bem definida: “O casamento de Jesus e Maria está registrado em tabuinhas de pedra”.

A ideia de registros em pedra do matrimônio também se encaixa no rumor de que os cátaros fossem, como afirma o Priorado, “os guardiães de um

livro de tabuinhas ou chapas” que continham um ensinamento importante e que “posteriormente foram transferidas e escondidas”.

Essas podem fazer parte do templo subterrâneo próximo a Rennes-le-Château ou é possível que estejam situadas em uma das duas criptas da igreja de Maria Madalena, lacrada por volta da virada do século XX pelo seu responsável, o padre Bérenger Saunière.

Para convencer os devotos padres católicos de que Jesus foi casado, as evidências precisariam ser inquestionáveis. O corpo de Maria Madalena, juntamente com tabuinhas de pedra e relíquias associadas ao seu matrimônio com Jesus, representaria ao menos uma prova concreta inegável de que essa interpretação do cristianismo era a correta.

CONCLUSÃO

Depois que o primeiro Concílio de Niceia, em 325, decidiu que Jesus era Deus encarnado, os elos com a sua ascendência real foram eliminados. Foi uma decisão tomada não por Deus, mas por pessoas com interesse político.

Vale a pena notar que o Concílio não decidiu que Jesus era apenas divino, simplesmente que a sua divindade era idêntica à de Deus. Isso ia contra a crença do bispo Ário de Alexandria, que afirmava que Cristo não era inteiramente Deus, mas a mais sublime das criações de Deus. O Concílio não negava a natureza humana de Cristo. Em seguida, a Igreja chegou à opinião (ainda ortodoxa atualmente) de que Cristo era tanto totalmente divino como totalmente humano na mesma “pessoa”, uma visão expressa na doutrina da Trindade. O paradoxo foi aceito como um “mistério” divino. Era importante que Cristo fosse totalmente humano porque isso mostrava que a ressurreição do corpo era franqueada a todos os crentes.

Para Ário, “filho de Deus” era uma condição semelhante a Iluminado, uma recompensa por fazer um supremo progresso no avanço da espiritualidade em direção a Deus. O interessante aqui é que Ário foi provavelmente influenciado pelos gnósticos do Egito, e que os visigodos – que terminaram na região de Rennes-le-Château – eram seguidores do cristianismo ariano,

que a Igreja Romana demorou muito tempo para suprimir – se é que o fez totalmente.

Para a sua divindade ser aceita como dogma, todas as referências ao fato de Jesus ter uma família própria tinham de ser eliminadas do cânone dos textos bíblicos. É simples assim: algumas centenas de anos depois da morte dele, um grupo de homens se reuniu e decidiu que Jesus era totalmente divino e, ao longo dos 1.600 anos seguintes, ele se tornou Deus encarnado para milhões de pessoas por meio de uma função irracional e inquestionável chamada fé.

Vale a pena lembrar que há pessoas no Vaticano que conhecem a verdade. Como disse o papa Pio X, “esse mito de Jesus tem-nos prestado um bom serviço”. Mas o mito está agora sob ataque de muitas direções em razão da descoberta de escrituras alternativas e da nossa capacidade de pesquisar as contradições da Bíblia por nossa conta.

O Vaticano, e todas as instituições cristãs, podem ou continuar insistindo em tentar manter o mito, ou aceitar a revolução iminente na fé e apoiar a transição da congregação na direção de um futuro menos obstruído e mais genuinamente espiritual.

E em algum lugar, excluídos dos evangelhos, estão os nomes daqueles que foram considerados descendentes de Jesus. Desde aquela época, apesar do poder do cristianismo espalhando-se por todo o planeta, a tribo de Judá continuou a coroar reis e a atrair muitos à sua causa.

---

1 Ver nota anterior.

2 Tradução de Samir El Hayek (1994), vinculado ao Centro Cultural Beneficente Islâmico de Foz do Iguaçu. Ela está disponível em: http://www.islam.com.br/quoran/traducao/s04_an_nissa.htm (N.E.)

CAPÍTULO 15

A LINHAGEM E A ERA DOS REIS

INTRODUÇÃO

A ideia de que Jesus fundou uma dinastia veio a público pela primeira vez com a publicação de O Santo Graal e a linhagem sagrada, de Baigent, Lincoln e Leigh. Esse ainda é o ponto de partida e um “rito de passagem” para quem está pesquisando esses temas.

O Priorado de Sião, ao que parece, ficou um pouco confuso com o foco de O Santo Graal e a linhagem sagrada e com a atenção que o livro despertou para o aspecto “linhagem” do mistério. Como afirmou Nic Haywood:

Nunca afirmei para vocês que a preocupação principal do Priorado fosse a linhagem de Cristo, meramente que existe uma linhagem subsistente.

Desde essa época, outros escritores consideraram mais a fundo a ideia do “Santo Matrimônio” de Jesus e Maria Madalena. Os livros de Margaret Starbird exploram consideravelmente os diversos aspectos da união sagrada. Suas evidências foram tiradas de muitas fontes históricas diferentes e compõem uma argumentação persuasiva.

A ideia de uma linhagem datando de Jesus até os dias atuais não é uma invenção moderna. Muitos integrantes de antigas famílias da nobreza europeia, como os merovíngios e os Habsburgos, reivindicaram essas origens auspiciosas.

LINHAGEM

Além da janela representando o casamento de Jesus e Maria Madalena, um segundo vitral, na igreja de São Martinho, em Limoux, retrata Jesus

apresentando um menino a Maria Madalena com a seguinte inscrição: “Mulher, eu lhe dou um filho”.

Maria nasceu na tribo de Benjamim, que a certa altura se exilou de Israel e foi impedida de desposar outras tribos israelitas em razão do “Crime dos Descendentes de Benjamim” (veja a página 251). Na época de Jesus, esse impedimento fora suspenso e, se ele desposasse Maria Madalena, isso uniria as tribos de Judá e Benjamim na pessoa do rei e da rainha de Israel.

A pintura do altar na igreja de Santa Maria Madalena, em Rennes-le-Château, representa Maria ajoelhada ao lado de uma sepultura assinalada por um remo que tem dois brotos. Ao fundo, veem-se claras referências à paisagem local. Se considerarmos que a pintura mostra Maria na sepultura de Jesus, os dois brotos vivos provavelmente representariam seus descendentes vivos. Essa ideia de que Maria e Jesus tiveram dois filhos forma a base da teoria da linhagem.

Durante o exílio, diz-se que alguns integrantes da tribo de Benjamim migraram para a região da Grécia chamada Arcádia, e o tema da Arcádia retorna muitas vezes no mistério. De acordo com Legenda áurea – vidas de santos, o barco no qual Maria viajou da Judeia para a Gália passou pela Grécia, portanto é possível que ela tenha se reencontrado com a sua tribo brevemente e talvez deixado um filho aos seus cuidados para se esconder de uma eventual perseguição.

Nesse contexto, a pintura de Poussin dos pastores arcadianos (Et in Arcadia ego) reveste-se de um novo nível de significado. Acontece que a Arcádia também é considerada o lugar de origem da dinastia merovíngia dos reis francos (veja a página 301), e portanto não é preciso muito esforço para ver como um filho de Jesus e Maria pode ter sido a origem das novas dinastias europeias. O Priorado confirma isso:

Sim, o sangue real merovíngio está diretamente ligado à linhagem davídica. Mais corretamente ainda, está ligado inextricavelmente ao verdadeiro “Crime dos Descendentes de Benjamim”.

Considera-se que os francos migraram para o oeste e entraram na Gália já no século III. Seus primeiros chefes tiveram cada vez mais poder e, na

época dos merovíngios, no século V, depois do colapso da autoridade imperial romana, eles se tornaram os reis da maior parte da França atual.

De acordo com a lenda, diz-se que os merovíngios eram identificáveis por um sinal de nascença de uma cruz entre os ombros ou sobre o coração, e a Legenda áurea declara que “Maria Madalena colocou o sinal da cruz nos ombros”.

A dinastia merovíngia continuou até o século VIII e foi responsável pela circulação de diversas heresias com relação a Cristo, incluindo que eles próprios eram descendentes de sua linhagem. Essa alegação também foi mantida por seus sucessores, os carolíngios, e depois pelos Habsburgos.

Nossa atenção foi despertada para os merovíngios pela inclusão da sua genealogia no livrete A serpente vermelha. A dinastia merovíngia é reproduzida de forma extensa, incluindo um maior número de nomes não aceitos comumente como parte da sua ascendência.

A história registra que os merovíngios terminaram com o assassinato de Dagoberto II, no século VII, e disseminou-se uma história de que seu filho Sigeberto teria sido levado clandestinamente para a região de Rennes-le-Château para preservar a linhagem real que depois uniu-se ao Habsburgos. Uma referência a isso pode ser vista na nona Estação da Cruz em Rennes-le-Château, na qual um guerreiro franco posta-se atrás de Jesus e segura no alto uma capa vermelha, símbolo dos Habsburgos.

RESTAURAÇÃO

A restauração de uma dinastia real ao poder é um mito presente de muitas formas em todas as eras. A exemplo do motivo do rei perdido que retorna, isso também encontra ressonância na história maçônica do filho da viúva e na do filho de Maria Madalena e Jesus.

A prova de que Sigeberto sobreviveu e que a linhagem merovíngia continuou em segredo, segundo se diz, existe na forma de uma carta pertencente às famílias locais de Rennes-le-Château. A serpente vermelha

também nos dirige para a igreja de Saint-Sulpice em Paris, onde existe um retrato do rei Dagoberto II no leito de morte. Veem-se dois meninos na pintura, enquanto se diz que Dagoberto teve apenas um herdeiro. Isso ilustra a continuação secreta de uma linhagem real, oculta da vista e protegida por organizações como o Priorado.

A tradição de retirar um filho da genealogia e deixá-lo aos cuidados de outros para proteger a linhagem é vista no início da vida de Moisés e Joana d'Arc. Na literatura e nas lendas, o mesmo aconteceu ao rei Artur, e essa também era uma prática comum entre os celtas, como se vê em numerosos mitos irlandeses. Diante da pintura de Dagoberto fica a estátua de São Vicente de Paulo segurando duas crianças, e A serpente vermelha menciona os "filhos de São Vicente" como os construtores de um novo Templo. São Vicente de Paulo foi responsável pelo cuidado e pela proteção de órfãos, e desse modo isso também responde à pergunta que ecoa até Maria Madalena de "quem vai cuidar do Filho da Viúva?", o filho que teria instigado essa linhagem real.

A linhagem continuou entre os merovíngios até o ano de 751, quando eles foram sucedidos como governantes dos francos por uma nova dinastia, os carolíngios, que receberam esse nome em função do seu primeiro governante, Carlos Martel. O filho de Martel foi Carlos Magno, que governou a maior parte da Europa Ocidental e foi coroado "Imperador dos Romanos" em 800. De Carlos Magno a linhagem se propagou em diversas famílias reais da Europa, a exemplo dos Habsburgos.

Outra indicação disso existe no mistério de Rennes-le-Château, pois, enquanto Bérenger Saunière foi o padre incumbido da igreja, ele abriu numerosas contas bancárias com os Habsburgos, a família imperial governante da Áustria-Hungria. Muitos acreditam que Saunière foi pago pelos Habsburgos para passar adiante os documentos secretos que descobrira na região. Isso provavelmente incluiria a carta comprobatória pertencente à condessa Marie de Negri d'Ables e oculta pelo predecessor de Saunière, o padre Antoine Bigou (veja a página 96).

O Château Hautpoul em Rennes-le-Château foi ocupado por Marie de Negri (ou de Nègre) d'Ables de meados do século XVIII até sua morte, em 17 de janeiro de 1781. Uma década depois, muitos nobres e padres foram

forçados a fugir da França depois da Revolução Francesa de 1789. Se o "segredo" de Rennes-le-Château fosse mais do que apenas documentos e incluísse um local importante na região, faria sentido que, antes de o próprio Bigou partir para a Espanha em 1792, ele tivesse ocultado todas as referências a isso, assim como todos os documentos associados, em algum lugar dentro da igreja.

Nesse momento da história, os dois fios do segredo estão reunidos: as heresias dos ensinamentos cristãos secretos (veja a página 258) e da linhagem se juntam. Na época, com o clero sob ameaça, o Priorado de Sião apareceu sob o disfarce dos rosa-cruzes para instigar e influenciar a coleta de manuscritos, livros, esculturas e entalhes, além de inscrições que assegurariam a sobrevivência da heresia. Foi dessa tradição que nasceu o mistério de Rennes-le-Château.

O Priorado também trouxe com ele o viés alquímico que permeia todo o mistério. Os de Negri são considerados pelo Priorado como tendo obtido esse nome ("dos Negros") pelo casamento com outra raça, como uma reedição de um acontecimento anterior. Esse acontecimento é possivelmente a punição vigente sobre a dizimada tribo de Benjamim, segundo a qual nenhuma outra tribo tinha permissão de oferecer-lhes esposas (veja a página 251). Existe também uma imagem alquímica da "Rainha Branca" desposando o "Etíope", mas essa imagem poderia parecer primária demais, arquetípica demais para ter derivado apenas da aristocracia francesa.

Após a morte da condessa Marie, o marquês Paul-Urbain de Fleury herdou-lhe a residência, o Château Hautpoul em Rennes-le-Château, e a presença dele na região é visível atualmente no pátio da igreja em Rennes-les-Bains. Ele tem dois túmulos com inscrições de datas conflitantes; uma das inscrições se refere ao dia 17 de janeiro e a outra diz que "Il est passé en faisant le bien" – ou seja, ele foi um "bom homem", termo usado tanto pelos rosa-cruzes quanto pelos maçons no seu 18º grau (Rosa-Cruz), que se originou na região.

São difíceis de ignorar outras conotações maçônicas; por exemplo, o 7º grau (Real Arco) contém referência a documentos e linhagens perdidas. Esse ritual é uma representação da descoberta de um documento secreto embaixo

do Templo de Salomão, como se fosse feita pelos Templários. O elo aqui é que o rito do Real Arco parece ser um veículo para a ideia da linhagem, com a sua exclamação reveladora: “Nós somos da linhagem de Davi e da nobre tribo de Judá”. A serpente vermelha também menciona Fakhar ul-Islam, que foi decapitado, supostamente de posse de genealogias relativas à linhagem. A decapitação é uma ameaça associada à revelação de segredos dessa magnitude (veja o livro de Walton Hannah, Darkness visible: a Christian appraisal on Freemasonry [Escuridão visível: uma avaliação cristã da Maçonaria]).

Hoje em dia, deve-se considerar que as linhagens parecem seguir em todas as direções, uma vez que atualmente todas as famílias antigas têm descendentes espalhados por todo o planeta. De todos os descendentes legítimos e ilegítimos das famílias reais e nobres da Europa, inúmeros terão um traço de “sangue azul” correndo por suas veias. Entretanto, apesar disso, somos informados de que a linhagem tem um propósito, uma consequência causada pelos “dois sangues mais puros das duas tribos” – Jesus e Maria Madalena – unidos para produzir um herdeiro.

O Priorado nos informa que, de acordo com a sua cronologia, um casamento entre os Habsburgos e outra família nobre, possivelmente a casa de Lorena, deveria ter acontecido no fim do século XIX, mas não ocorreu. Ele foi retardado pelas duas guerras, a primeira das quais deflagrada pelo assassinato do herdeiro Habsburgo e de sua esposa.

No caso dos Habsburgos e da casa de Lorena, houve uma tendência a reivindicar descendência de Jesus remontando a Abraão, ou até mesmo a Adão. Historicamente, os Habsburgos podem ser rastreados até os reis francos, portanto isso pode explicar a manutenção dessa tradição genealógica. Os descendentes dos Habsburgos e Lorenas ainda existem em grande número em diversas regiões da Europa.

SANGUE REAL

Quando olhamos para uma cota de armas, assumimos simplesmente que os símbolos representando os diferentes elementos da ascendência de algum

modo conferem uma certa posição social a quem porta essas armas. Os símbolos em bandeiras e escudos, e seus nomes correspondentes que aparecem em todas as épocas, podem não ter uma origem mais gloriosa do que a nossa. Na realidade, muitos de nós podem ter uma relação com a nobreza por meio de uma união ilegítima ou há muito esquecida.

Historicamente, a realeza manteve o mais alto poder sobre os outros, mas será que já existiu um rei ou rainha verdadeiramente digno dessa posição privilegiada, merecendo o poder que tinha? Um monarca como Salomão talvez: tanto sábio quanto espiritual.

A tradição sustentada pela ideia da linhagem é que as dinastias israelitas eram, conforme afirmam as escrituras, indicadas por Deus e nasciam para ser reis-sacerdotes e os líderes escolhidos das nações – a concepção de que Jesus e os discípulos tinham família e descendentes, e que alguns destes migraram para o Ocidente para encontrar as famílias reais da Europa.

Mantendo um distanciamento e considerando a questão objetivamente, descobrimos que a realeza não vale nada se for meramente uma posição de governo e sucessão. Qualquer déspota que tome o poder e se declare rei seria diferente do resto da tribo só em matéria de título. Os descendentes do monarca o sucederiam no trono e por fim adotariam a pretensão de ser de algum modo naturalmente elevados acima do restante da humanidade.

Em face disso, as modernas realezas europeias são geralmente despojadas do verdadeiro poder político. Elas existem basicamente em virtude da tradição, financiadas pelas terras e outras riquezas herdadas, e também por impostos. Prestam pouco ou nenhum serviço à humanidade e não merecem mais respeito do que você ou eu.

Porém, antes de irmos às ruas, devemos refletir profundamente sobre a noção da realeza. Seria injusto sacrificar o que não compreendemos plenamente. A linhagem pré-cristã já foi mencionada, com a citação das listas dos ancestrais de Jesus nos evangelhos (veja o Capítulo 14). Deveria ficar claro por essas listas que nem todo mundo foi considerado descendente de Adão, nem se defendeu que todos fôssemos reis. O que a linhagem parece implicar é que Adão e seus descendentes são de algum modo diferentes.

Antes de nos influenciarmos demais pelo romantismo dessa ideia, devemos estar cientes de que algumas das tradições em torno da linhagem têm o potencial de ser usadas para justificar o racismo. Os modernos exames genéticos provam que todos nós incluímos uma mistura de ancestrais africanos e médio-orientais. Qualquer um que considere a linhagem de sangue como um prenúncio de pureza racial seria ridicularizado por qualquer sistema científico. E qualquer tentativa de reivindicar soberania com base na raça ou hereditariedade com certeza ignora tudo o que pode ser importante em relação à linhagem.

Da mesma forma, manter a noção de que todas as Doze Tribos do Velho Testamento conseguiram manter-se “puras” é contrarrevolucionário e, na verdade, geneticamente insano. Em toda tribo que permaneça exclusiva, o número de doenças hereditárias cresce exponencialmente com o tempo. A porfiria, por exemplo, é uma deficiência enzimática hereditária presente na família real britânica e acredita-se que tenha sido responsável pela “loucura” do rei Jorge III. A limitação do reservatório genético leva não a uma espécie mais “pura”, mas a um aumento nas deficiências genéticas que acabam por assegurar a extinção do grupo. Mais simplesmente ainda, as demarcações tribais existentes entre os israelitas parecem ter denotado determinadas funções ou práticas religiosas, mais do que origens físicas reais. A visão elitista da realeza é totalmente descabida quando entendemos que o propósito de um rei ou rainha é estar a serviço do seu povo. Ao receber o poder honorífico de governar, devemos administrá-lo não baseado no ego, mas como um serviço guiado pela sensatez e pela sabedoria.

O REI QUE RETORNA

O Priorado deixa claro que os aspectos esotéricos da linhagem são tão importantes quanto qualquer noção real de uma linhagem familiar. Há muitas tradições de reis e linhagens perdidas que refletem essa história, mas esses nada mais são do que um meio de manter a história perante a memória do público.

A linhagem abarca famílias mas também inclui seguidores, que endossaram um ideal ao longo do tempo. Ela carrega um conjunto de conhecimentos ao

longo das eras que se reflete em diversos níveis. É a isso que o Priorado se refere como o “fluxo subterrâneo” (veja a Introdução). Antes de mergulharmos inteiramente nisso, devemos nos deter por um momento na linhagem e examinar o mito da realeza divina que cai e retorna para tornar a governar.

Um tema que vemos repetir-se inúmeras vezes na história e na mitologia é o dos diversos ramos da genealogia que sobrevivem em segredo e um dia retornam ao poder. Existe uma tradição na França de “reis perdidos” que aparecem nesses relatos como a lenda da possível sobrevivência de Luís XVII, que morreu na prisão em 1795, aos dez anos de idade. A história da sua sobrevivência foi tão famosa que até mesmo hoje em dia há pessoas que afirmam ser descendentes diretos e, portanto, herdeiros de direito do trono francês. O retorno do rei perdido é uma noção que pode ser encontrada no mito egípcio de Osíris, no Segundo Advento de Cristo e até mesmo naquele épico da mitologia moderna, a trilogia O senhor dos anéis. Um exemplo especialmente famoso é o de Artur. As lendas arturianas medievais falam de um “rei antigo e futuro” que voltará um dia para tornar a governar, assim como o Santo Graal é periodicamente perdido e redescoberto. As lendas palacianas dos heroicos cavaleiros da Távola Redonda provavelmente foram influenciadas pela mitificação trovadoresca dos Templários nas Cruzadas. O Priorado me contou que as lendas incluem nomes de famílias que ainda existem na região do Languedoc. Algumas consideram o castelo de Montségur, a oeste de Rennes-le-Château, como sinônimo do castelo de “Montsalvaat” do Parsifal, de Wolfram von Eschenbach, onde está guardado o Santo Graal. Montségur foi o último bastião cátaro a cair durante a Cruzada Albigense, e os cátaros havia muito alegavam estar de posse do Graal em uma das suas diversas formas.

Os autores de O Santo Graal e a linhagem sagrada interpretaram o “Santo Graal” como sendo Maria Madalena, que dá continuidade ao sangue de Jesus por meio de seus filhos. Mas isso também tem um importante aspecto espiritual.

MELQUISEDEQUE

Na conclusão do 19º grau (Grande Pontífice) no Rito Escocês Antigo e Aceito da Maçonaria – sendo a Maçonaria indicada pelo garoto representado com um tartã na igreja em Rennes-le-Château –, o candidato recebe o título de “Sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque”. Na Bíblia, Melquisedeque aparece no Gênesis como o rei de Salém antes do Dilúvio. Ele é mencionado de novo depois nos Salmos, após o Dilúvio, que supostamente dizimou toda a humanidade exceto Noé e sua família. Isso causa alguma confusão entre as pessoas que o consideram como um indivíduo. Porém, Melquisedeque não é um nome, mas um título, significando “Mestre da Integridade”, termo posteriormente usado para caracterizar Jesus. É o título de um rei-sacerdote que retorna muitas vezes para governar.

Acredita-se que os reis-sacerdotes sejam governantes por designação divina. A exemplo dos faraós do Egito, eles eram vistos como uma encarnação da divindade em forma humana, e diz-se que Melquisedeque não tinha pais terrestres. Mas o que isso realmente significa?

ORIGENS

Desde o princípio, o Priorado esquivou-se de todo questionamento sobre as origens exatas da linhagem. Tentei de diversas maneiras obter uma resposta às seguintes perguntas: O que há no sangue que o torna tão importante? Ele é diferente do meu sangue e do seu? Nesse caso, como ele surgiu e de onde veio?

De acordo com a Bíblia, o primeiro homem criado foi Adão (uma palavra que significa simplesmente “homem” em hebraico). O Priorado afirma que “a linhagem existia muito antes de Cristo. Ela é da casa de Davi, desde Adão”. Adão é visto como o homem perfeito, originariamente livre do pecado e da autoconsciência, antes da queda da ignorância, por comer da árvore do conhecimento, e da expulsão do Éden. O Éden situa-se psicologicamente na experiência de estar no útero, o único período em que vivemos em um estado de perfeita bem-aventurança. O útero representa um retiro atraente, mas doentio, do sofrimento de estar presente no mundo. Adão é o nosso ser não nascido, ao qual alguns gostariam de regressar.

Entretanto, uma intenção mais saudável não é voltar ao Éden, porém reimaginar uma nova versão do Éden no futuro, onde a bênção não é a ignorância, mas o esclarecimento ou iluminação.

Mesmo como ideia, e não literalmente como pessoa, Adão não foi um produto da Bíblia. O relato mais antigo conhecido de um primeiro homem criado por um deus é o de Marduk, ou Merodaque (conforme referido na Bíblia), deus dos babilônios, que pôs "carne nos ossos".

Meroveu ou Merovieus, o lendário fundador dos merovíngios, é considerado filho de uma mãe humana e de uma divindade marinha. Atribui-se a Henry Lincoln a ideia de que o Meroveu meio homem, meio ser marinho simbolizava a descendência de Jesus e Maria Madalena, uma vez que o peixe era um símbolo antigo – anterior à cruz – de Jesus, o "Pescador de Homens". (A palavra grega para peixe, ichthus ou ichthys, é tida como tradução de Iesous CHristos THeou Uios Soter – Jesus Cristo, Filho de Deus, Nosso Salvador.) Pessoalmente, não concordo com essa interpretação, mas a imagem do híbrido humano-divino é atraente para algumas pessoas por outras razões.

OS NEFILINS

Em Gênesis 6:1-4, há uma referência a uma raça de gigantes chamados "nefilins". Eles são caracterizados como o resultado do casamento dos "filhos de Deus" com as filhas dos homens. Os nefilins também aparecem em diversos textos não canônicos como o Livro de Enoque e o Livro dos jubileus, enquanto a Bíblia também se refere aos "gigantes, filhos de Anaque, descendentes dos gigantes" (Números 13:33).

O equivalente babilônico aos nefilins são os Ananaki, os deuses caídos de sangue real. Na arte babilônica, são sempre representados como gigantes. Isso implicaria, como é sustentado por autores como Zecharia Sitchin e Laurence Gardner, que a origem da linhagem é extraterrestre, ou pelo menos de uma raça perdida ainda não identificada. A afirmação de que esses seres são "gigantes" tem um interesse particular. Nic Haywood, do Priorado, levantou a ideia dos gigantes inúmeras vezes em nossa conversa.

Os gigantes estão presentes nos mitos e nas religiões de muitas culturas, incluindo a dos celtas na Europa, que lhes atribuem a formação da paisagem, por exemplo. A presença dos gigantes Anaque do Velho Testamento parece declinar depois da batalha entre Davi e Golias. Na verdade, esse acontecimento pode ter assinalado sua queda do poder, ou o episódio poderia ser visto como simbólico de uma passagem do velho sangue para o novo.

Os gigantes também aparecem de outras maneiras em nossa história. Existe uma antiga lenda da região de Rennes-le-Château que trata de uma caverna cheia de gigantes adormecidos esperando para ser acordados.

Eles merecem muito mais pesquisa do que é possível neste nosso espaço restrito, mas sua presença em tantos mitos e culturas torna difícil descartá-los completamente. E embora os gigantes representem uma suposição difícil de aceitar, a ideia de que tivessem origem extraterrestre requer uma suspensão do descrédito ainda maior.

O PROBLEMA DA “INTERVENÇÃO ALIENÍGENA”

As diversas teorias da “intervenção alienígena” no desenvolvimento humano inspiram-se em muitas fontes para glamorizar o humilde processo da nossa evolução. Alguns autores e pesquisadores estão dispostos a pôr o pescoço e a reputação em risco e afirmar o que parece absurdo. William Gray, em Sangreal sodality [Confraria do Santo Graal,], afirma que o sangue da linhagem é importante porque é alienígena. Laurence Gardner, em Genesis of the Grail kings [Gênese dos reis do Graal], propõe a mesma noção.

Um bom ponto de partida para essas alegações, claro, é a Bíblia. Como foi dito acima, no Gênesis lemos: “Viram os filhos de Deus que as filhas dos homens eram formosas; e tomaram para si mulheres de todas as que escolheram”. Essas noivas produziram descendentes estranhos com “rosto brilhante”. Isso tem sido interpretado por alguns com o significado de que o DNA da humanidade passou por uma hibridização.

A principal falha dessa teoria é que não é possível espécies diferentes procriarem, assim qualquer influência genética pela procriação teria de se originar de outros seres humanos. O sangue só pode ser de uma espécie considerada alienígena no amplo sentido de estrangeiro em relação à região bíblica. Os “rostos brilhantes” no Gênesis muito provavelmente indicam a influência de europeus de pele relativamente mais clara, que estabeleciam rotas de comércio com essas culturas. Esses “filhos de Deus” que desceram do céu fizeram isso numa época em que as montanhas eram consideradas por muitas culturas antigas como morada dos deuses.

Em vez de uma colaboração extraterrestre, portanto, parece que algum outro aspecto do sangue chama nossa atenção. Talvez uma característica mais simbólica ou mítica esteja sendo comunicada.

SANGUE REAL – SEGUNDA PARTE

Considerando os governantes das principais dinastias históricas da Europa, é raro os descobrir como indivíduos especialmente esclarecidos. Então, por que o sangue dessas famílias é tão especial? Como nos informa o Priorado: “O sangue tem propriedades”.

Existe uma tradição dos tempos pré-cristãos que poderia indicar algo de importância a esse respeito. Em cerca de 1200 a.C., o zoroastrismo persa era uma das religiões mais difundidas do Oriente Médio. Tratava-se de uma crença dualista com elementos (como o nascimento virginal de Zoroastro, seu fundador quase mítico) que claramente influenciariam a mitologia cristã mais de um milênio depois. No livro sagrado do zoroastrismo, o Zend-Avesta, Zoroastro afirma que sua semente permaneceria adormecida “no lago” por três mil anos e depois retornaria na forma de um salvador. Isso claramente encontrou eco um milênio depois em Cristo, que prometeu retornar após mais dois mil anos. Além disso, em Gênesis 28:14 lê-se:

E a tua descendência será como o pó da terra, e estender-se-á ao Ocidente, e ao Oriente, e ao norte, e ao sul, e em ti e na tua descendência serão benditas todas as famílias da terra.

Essa “semente” é importante e encontra-se caracterizada de maneira semelhante na mitologia egípcia. Osíris é assassinado por Seth, que o desmembra em dezesseis partes e as espalha por todo o Egito. Ísis, a esposa de Osíris, viaja pela terra para recuperar os pedaços, mas, de acordo com uma versão do mito, só encontra quinze delas. O falo de Osíris fica faltando, pois fora atirado ao Nilo e fica perdido (ou fora devorado por um peixe). Ísis reconstrói Osíris, e sopra nele uma nova vida, mas seu falo continua faltando. Aqui novamente temos a imagem da semente perdida no lago. Esse é um dos aspectos mais importantes da mitologia egípcia, como se vê na proliferação de obeliscos. O obelisco representa o falo de Osíris, e é interessante observar que há obeliscos egípcios tanto em Saint-Sulpice quanto no Vaticano.

Os obeliscos são semelhantes aos menires da Europa, e ambos têm uma origem comum. A versão pagã é um símbolo geral da fertilidade masculina, a exemplo dos mastros dos festejos do 1º de maio na Europa com as suas serpentinas, em torno dos quais as pessoas dançam para festejar a chegada da primavera. É a etapa do renascimento do ciclo de morte e ressurreição. Podemos ver agora por que a Igreja Católica Romana cooptou essa imagem, sabendo que ao mesmo tempo estava adotando a ideia do retorno do Messias.

Outra versão bíblica da história da “semente no lago” pode ser encontrada no relato do Dilúvio, quando Noé é instruído a construir uma arca “para se conservar a semente sobre a face da terra” (Gênesis 7:3). Tanto esse quanto o mito egípcio da arca do dilúvio remontam à Babilônia, onde o correspondente a Noé recebe a sua ordem: “Traga para o navio a semente da vida de tudo quanto existe” (A epopeia de Gilgamesh, XI:27).

Um exemplo posterior desse simbolismo também pode ser encontrado nas lendas arturianas. A “Dama do Lago” ergue da água a espada de Artur, Excalibur, a fim de ajudar a estabelecer a nobreza do “rei antigo e futuro”. O rei Artur recebe Excalibur e a devolve ao lago depois que as terras de seu reino são saneadas.

Curiosamente, em Parsifal, de Wolfram von Eschenbach, o narrador cita a sua fonte como “Kyot”, e afirma que esse, por sua vez, recebeu a história de

“Flegetanis”, um astrólogo e descendente do rei Salomão. Flegetanis, afirma Wolfram, tinha visto o nome do Graal nas estrelas.

A tradição de usar a astrologia para prever a vinda do Messias aparece no evangelho de Mateus como a vinda de “uns magos do Oriente” (Mateus 2:1) seguindo uma estrela até o local de nascimento de Jesus. O evangelho os chama de magos, um termo grego que significa “mágicos” no sentido de praticantes habilidosos de artes esotéricas, especialmente astrologia e adivinhação pelos sonhos. Graças à sua sabedoria sobrenatural, eles entendem que a estrela em especial que estão seguindo representa a condição real de Jesus (Mateus 2:2).

A BELA ADORMECIDA

A ideia de algo jazer adormecido pode explicar uma falta de divindade manifesta nas ações dos reis e nobres que teoricamente descendiam de Jesus em continuação à linhagem. Talvez exista uma característica no sangue que deva ser despertada para chegar ao “retorno” do rei-sacerdote à linha de sucessão.

É aí que a hipótese envereda por territórios estranhos. Para o sangue ter uma característica diferente do sangue humano normal, ele deve conter alguma outra propriedade. Esta não é necessariamente “alienígena”, mas poderia ser um defeito genético de alguma espécie, que pode ser despertado sob condições, de maneira bastante semelhante à porfiria, uma doença hereditária historicamente encontrada em muitas das famílias reais britânicas, entre outras, e que pode ser provocada por um estresse prolongado – a exemplo do que sofreu Jorge III na guerra na América. Seu primeiro surto da doença – na época caracterizado simplesmente como “loucura” – aconteceu em 1781, quando os britânicos encararam a derrota. Se existe um instrumento para ativar esse defeito genético, imagino que seja a alquimia.

A literatura alquímica costuma ser ilustrada com imagens de cotas de armas e outros distintivos heráldicos, aparentemente sem explicação. A heráldica é fundamental para o simbolismo da linhagem, uma vez que pode ser usada

para identificar origens familiares sem a necessidade explícita de uma árvore genealógica. As imagens nas cotas de armas atuam como lembretes instantâneos para aqueles que conhecem a origem desses símbolos. O Priorado nos informa: “A pomba, o urso e o Espírito Santo são os antigos sinais da linhagem sacerdotal”. Certamente, a tradição da alquimia tem um grande interesse em como Ísis “sopra” vida em Osíris e o “ressuscita” dos mortos. A Bela Adormecida, de Perrault, reflete esse mito com o que parece ser uma inversão sexual, mas que se resolve como uma busca para despertar o aspecto feminino do herói masculino.

“MEMÓRIA DA RAÇA”

Existem inúmeros defensores modernos da linhagem que parecem ansiosos para se unir aos reis-sacerdotes. Um comércio ilícito de títulos e genealogias falsas disseminou-se na década de 1990, e os “canalizadores” e médiuns começaram a relatar ligações à linhagem com base em seus “guias espirituais”. É possível que esse impulso em direção ao sangue nobre não esteja inteiramente baseado no ego, podendo ter suas raízes em algo chamado “memória da raça”. Às vezes também chamada de memória genética, é a ideia de que nosso material genético contém marcas de existências anteriores e que essas existências podem, de alguma forma, ser encontradas no fundo de nossa consciência. Parece completamente artificial, mas a lembrança de vidas passadas e futuras é um fenômeno reconhecido plenamente nas culturas da Índia e do Tibete.

A memória da raça não precisa estar ligada à reencarnação, podendo também ser uma impressão da consciência sobre o material genético. Se isso pode ser provocado de algum modo – como por meio de um ritual, tantra ou alquimia –, o caminho por nossos genes nos levaria, como num labirinto, de volta à origem do “fluxo subterrâneo”. Como é dito em A serpente vermelha: “Irá a voz do sangue restaurar-me a imagem de um passado ancestral?”

CONCLUSÃO

A característica “oculta” da linhagem poderia estar adormecida, como aqueles gigantes em uma caverna embaixo das montanhas francesas ou os alienígenas ausentes que Zecharia Sitchin espera que retornem à Terra, a bordo do seu “12º planeta”.

As representações de seres humanoides gigantescos tendem a mostrá-los cabeludos, como o Pé Grande (Sasquatch) ou o Abominável Homem das Neves (Ieti). Na psicologia junguiana, tais imagens representam as formas de humanos primitivos, imagens arquetípicas associadas a sentimentos primários como a ira. Elas podem aparecer em sonhos como pessoas cobertas de cabelo e são simbólicas de como tememos nossos desejos primitivos.

Também não é surpresa como, na cultura popular, a imagem dos alienígenas possui uma aparência fetal. Os típicos olhos e a cabeça grandes sobre um corpinho assexuado e subdesenvolvido se parecem admiravelmente com bebês ainda por nascer. Nesse contexto, as representações de sensações de flutuação durante as “abduções alienígenas” podem derivar do nosso período no útero. Esses são estados regressivos, mas também necessariamente estados de experiência na integração espiritual e psicológica. A integração pode ser vista claramente nos mitos como os desafios arquetípicos com que todos nos deparamos ao longo da vida.

Em An order outside time [Um ordem fora do tempo], Robert B. Clarke sustenta que a “linhagem real” consiste daqueles que passaram por uma individuação no sentido junguiano. Ele atribui à alquimia o poder de influenciar essa tradição e constituir o farol que conduz a humanidade em direção à evolução superior.

A alquimia tem um papel central no conjunto de conhecimentos transmitido ao longo das eras. Seus ideais, e o da linhagem, foram codificados na arte, na literatura, na arquitetura e no simbolismo – veículos perfeitos para as sociedades secretas disseminarem as informações. Além de serem a mais elevada forma de expressão, os produtos físicos das artes criativas são sempre valorizados e protegidos, e portanto atuam como um registro permanente, sua mensagem muitas vezes oculta da visão direta e superficial. Essas mensagens assumem muitas formas, mas são conhecidas coletivamente entre os iniciados como o “fluxo subterrâneo”.

CAPÍTULO 16

ARTE E SIMBOLISMO

Os artistas são iniciados que ensinam por meio de suas obras. As pinturas têm uma “vibração superior” que é reconhecida por outros iniciados.

Integrante anônimo do Priorado de Sião

ARTE

Eu confio mais na arte do que na história. A arte é capaz de oferecer um meio alternativo para registrar informações por intermédio de símbolos e imagens que sobreviverão ao preconceito e à censura de que são vítimas os relatos históricos.

As artes, especialmente a pintura, a literatura e, até certo ponto, a música, são um espaço óbvio para registrar segredos. Constituem uma plataforma para codificar mensagens e significados simbólicos que durarão indefinidamente. Em geral, as obras artísticas são um meio protegido que sobrevive bem em coleções particulares e museus, ocupando inofensivamente as paredes das residências abastadas.

Em muitos momentos da história, a arte foi uma forma de ocultar ideias, mas mantendo-as inteiramente à vista. O simbolismo nas pinturas é um veículo perfeito para a heresia, na medida em que elas podem retratar ideias políticas e religiosas por trás de imagens aparentemente inocentes. Por exemplo, as obras de Hieronymus Bosch foram penduradas em igrejas católicas, muito embora retratassem flagrantemente os padres católicos como tolos. A escritora Lynda Harris, em A heresia secreta de Hieronymus Bosch, apresenta uma excelente argumentação quanto a Bosch ser um herético cátaro.

Na arte, toda a iconografia é heresia até certo ponto. Ao homogeneizar o retrato de Deus na imagem de um homem, estabelecemos limites à ideia que temos dele. No papel de um homem, ele não pode ser a força subjacente que liga toda a vida no universo. A tradição muçulmana de não retratar Alá ou suas criações serve-nos bem aqui, pois impede que uma imagem física venha instantaneamente à mente e exige que de fato busquemos um sentido para conhecer o divino.

Os mistérios do Priorado de Sião sempre se manifestaram nas artes e podem ser vistos em obras de personagens notáveis, tidos como homens alinhados à causa da ordem. Leonardo da Vinci, Nicolas Poussin, Júlio Verne e Jean Cocteau, todos carregam a tradição dos construtores das catedrais góticas e incorporaram as ciências herméticas nas suas obras.

Os artistas em si mesmos não precisam ser iniciados e muitos simplesmente trabalharam para a ordem por intermédio de seus patronos. Portanto, em todos os casos vinculados à criatividade, faremos bem em considerar a procedência do dinheiro. Entretanto, Leonardo pintava de acordo com o seu próprio conhecimento inspirado, ao passo que outros, como Poussin, podem ter se beneficiado de uma orientação mais “direta”.

À parte o fato de ser usada para codificar e proteger o conhecimento, a arte também pode ter o poder de causar um impacto sobre a sociedade, semeando ideias tanto velhas quanto novas. Um bom artista é capaz de captar a imaginação do público, criando e facilitando mudanças que percebe como próximas. Tradicionalmente, a criatividade atua como uma expressão do eu superior – a criação verdadeira e divina que busca concentrar e atualizar as informações preexistentes.

Para o iniciado, o hiato entre a simples necessidade de criar e um conceito controvertido dá origem à ideia de “arte completa”; quer dizer, arte que se inspira em todas as fontes, não apenas em si mesma. A exemplo do pensador renascentista, informado pela ciência, pela espiritualidade, pela política, pela história, pela mitologia e pela psicologia, a “arte completa” deve envolver e refletir a humanidade em todos os níveis da existência. Exemplos de arte e arquitetura com um sentido especial podem ser vistos na geometria ocultista das grandes catedrais, das linguagens cabalísticas e das

pinturas de diversos grandes artistas. O pensamento hermético influenciou muitos pintores notáveis desde o Renascimento até o Surrealismo.

Um seguidor de André Breton (veja Surrealism and the occult [O surrealismo e o ocultismo]) escreveu que o artista deve o tempo todo "manter o olho esquerdo no telescópio e o olho direito no microscópio". Tal conselho permite que o axioma hermético "como é em cima, é embaixo" seja mantido plenamente à vista.

SIMBOLISMO

Os símbolos usados na arte podem ser transformadores para o indivíduo que os aprecia com a compreensão correta. Numa época em que os livros eram copiados à mão e as pinturas limitavam-se aos vitrais das igrejas e às residências dos abastados, o simbolismo era reconhecido com uma linguagem universal que tinha o potencial de falar diretamente à psique. Hoje em dia, somos bombardeados por informações visuais nos meios impressos e eletrônicos, e estamos tão sobrecarregados que a nossa capacidade de perceber a profundidade de um símbolo escapa aos nossos olhos. Ficamos desacostumados ao trabalho de ler e ver imagens com todo o respeito e a atenção possíveis. Com isso, nossa capacidade de nos envolver com os símbolos diminuiu, degradando-os a simples ícones ou sinais sem nenhuma profundidade de significado. No entanto, os símbolos têm o potencial de manter seu poder e podem nos afetar profundamente, assim como a bandeira nacional desperta as emoções de um patriota.

O simbolismo é uma linguagem que funciona em três níveis: o arquetípico, o pessoal e o intencional. Como arquétipo, ele pode ser usado como um instrumento psicológico para comunicar ideias geralmente complexas reduzindo-as a pictogramas simples, a exemplo de uma mandala. O nível intencional do significado é o que o autor desejava transmitir. Esse nem sempre é evidente e está sujeito às influências históricas e culturais. A interpretação pessoal é o nível de significado que damos a um símbolo quando o vemos do nosso ponto de vista. Desse modo, o símbolo pode ser interpretado para atender às necessidades daqueles que o usam.

Por fim, temos de eliminar as muitas interpretações e concluir o que os símbolos significam no contexto em que os encontramos. A forma na qual o símbolo está apresentado materialmente pode ser considerada como um "atalho" para um conceito subjacente em toda a sua profundidade e ramificações, mas também atua como uma barreira para aqueles que apenas o consideram superficialmente.

ARTE E ARCÁDIA

Os símbolos podem adquirir camadas de significados ao longo do tempo. Isso é o que acontece frequentemente nas artes, em que diversos artistas podem produzir a mesma ideia em momentos diferentes. O simbolismo hermético, as imagens psicológicas e a subversão religiosa podem evoluir em matéria de significado à medida que são comunicados em todas as épocas. Essas ideias podem ser tão simples quanto a cor das roupas de personagens retratados na tela. Na pintura Os pastores da Arcádia, de Poussin, as túnicas dos pastores poderiam representar a influência de diferentes planetas, dando à obra um significado astrológico (veja a parte das ilustrações onde há uma reprodução dessa pintura). E em um dado momento da história houve uma confusão quanto a Maria Madalena estar usando azul e branco – cores tradicionalmente empregadas para retratar a mãe de Jesus –, o que acabou por provocar um decreto papal impedindo que isso continuasse, para que Maria Madalena não usurpasse o poder e a influência da Virgem.

Contrariamente, em ambas as representações de Caravaggio da Madona com a criança, Maria está usando vermelho, normalmente a vestimenta simbólica de Maria Madalena.

NICOLAS POUSSIN

Em 1656, o abade Fouquet escreveu ao seu irmão:

Ele [Poussin] e eu discutimos certas coisas, que devo com facilidade ser capaz de explicar-lhe em detalhes – coisas que lhe darão, por intermédio de Monsieur Poussin, vantagens que até mesmo reis teriam grande dificuldade de obter dele, e que, de acordo com ele, é possível que ninguém mais descubra nos séculos vindouros. E mais ainda, são coisas tão difíceis de descobrir que nada atualmente nesta terra é capaz de se mostrar de melhor nem ser seu igual.

Inicialmente, o artista Nicolas Poussin chamou a nossa atenção em razão dos pergaminhos divulgados pelo Priorado de Sião na década de 1970. Henry Lincoln decodificou dois na década de 1970, depois de descobri-los em uma publicação francesa intitulada O tesouro amaldiçoado de Rennes-le-Château, de autoria de Gérard de Sède. De Sède afirmava que os pergaminhos estavam entre as descobertas do padre Saunière em Rennes-le-Château, e o Priorado desde essa época tem corroborado a informação, embora admitindo que os textos foram modificados em épocas mais recentes. Depois de decodificado, um dos pergaminhos revelava uma mensagem que começa assim: “Pastora, ausência de tentação, Poussin e Teniers têm a chave”.

A pintura de Poussin, Os pastores da Arcádia [Et in Arcadia Ego], já era fundamental para o mistério de Rennes-le-Château desde que se afirmou que, quando Saunière viajou a Paris, ele adquiriu uma cópia dessa tela no Louvre. Pintada durante o início da década de 1640, ela mostra três pastores e uma pastora contemplando um túmulo em uma paisagem. Um dos pastores está ajoelhado para indicar uma inscrição latina sobre o túmulo, que diz: ET IN ARCADIA EGO.

No início da década de 1980, a atenção dos autores de O Santo Graal e a linhagem sagrada foi direcionada para as semelhanças entre o túmulo na pintura e um túmulo de verdade em Les Pontils, próximo a Rennes-le-Château. A superestrutura do túmulo foi destruída quando o proprietário local das terras irritou-se com os constantes invasores que iam examiná-lo, mas o cenário permanece intacto. Há algumas questões quanto à existência desse túmulo antes da pintura de Poussin, mas até o momento não foram publicados mapas da época. Sei que o Priorado tem em seu poder um mapa

da região desenhado à mão que contém os nomes antigos do lugar, mas ainda não o liberou para que fosse analisado.

Algumas pessoas também sustentam que Poussin nunca esteve ali, mas o Priorado assevera que ele realizou diversas peregrinações enquanto viajava entre a França e a Itália. Como foi mencionado no capítulo sobre peregrinação, realizar a jornada a Santiago de Compostela passando pela região de Rennes-le-Château era uma prática comum para os artistas e poetas da época.

O formato do túmulo em Les Pontils certamente era idêntico ao que está na pintura, mas a conclusão sobre se os túmulos são exatamente os mesmos continua sendo uma questão de juízo pessoal. Independentemente disso, podemos ver que Poussin nos remete a essa região em razão das incríveis semelhanças na paisagem. No fundo da pintura veem-se três morros, que combinam com Pech Cardou, Blanchefort e Rennes-le-Château à distância, quando vistos do túmulo em Les Pontils.

Se a parte visível da sepultura de Les Pontils foi destruída, o que está por baixo dela permanece e é altamente intrigante. A posição do sepulcro é um tanto incomum, na medida em que estava situado no topo de um monte ao lado de um rio e uma estrada, onde chamaria a atenção. O monte em si é mais de pedra do que de terra, portanto faz pouco sentido que um túnel o atravesse, ainda que, quando foi aberto na década de 1970, tenha-se descoberto ali um poço de certa profundidade. Ouvi dizer que esse poço também leva a outra saída do túmulo, e é estranho que haja essa porta traseira. Também era visível, nas fotografias do túmulo descoberto, que uma pequena polia havia sido instalada, o que nos leva a concluir que o túmulo servisse a outra função em determinado momento da história. Pode ser que a polia e o túnel sejam acréscimos recentes – por exemplo, a Resistência Francesa pode ter guardado munições ali durante a Segunda Guerra Mundial.

Além disso, o local da sepultura fica sobre a “Linha Rosa”, que corre paralela ao meridiano de Paris e, portanto, pode servir como um marcador de alguma espécie. Sua proeminência certamente a torna um marco de referência útil.

Henry Lincoln estudou a tela de Poussin para o livro The holy place [O lugar sagrado], publicado na década de 1980. Ele concluiu que ela foi construída em torno de um pentagrama e que esse pentagrama pode ser traçado sobre a paisagem com pontos ligando Rennes-le-Château, Blanchefort e o Château des Templiers em Le Bézu. Até mesmo os críticos ardentes do nosso mistério admitiram que esse imenso pentagrama passa precisamente sobre esses picos. Mas, como comentei anteriormente, é difícil tirar conclusões disso, na medida em que os morros existem desde que os Pireneus ergueram-se do mar (veja o Capítulo 7).

Inúmeros outros autores e pesquisadores aplicaram a geometria encontrada nessa pintura, ao passo que alguns fizeram seus próprios desenhos para coincidir com a tela e isso também já foi tratado aqui.

O conteúdo da pintura de Poussin é aberto a outras interpretações. Por exemplo, o pastor ajoelhado aponta para a inscrição no túmulo, e essa ação pode ser encontrada no 17º grau (Rosa-Cruz) da Maçonaria, quando o iniciado se ajoelha na frente de um altar e aponta para as letras representando fé, esperança e caridade.

A inscrição latina em si, ET IN ARCADIA EGO, não tem uma única tradução definitiva, mas grosseiramente significa “Eu também estive na Arcádia”, e normalmente presume-se que o “Eu” tenha o significado de morte, em razão da inscrição estar em um túmulo. O sentido seria que mesmo na idílica Arcádia existe morte. Entretanto, como vimos nos capítulos anteriores, há um certo espaço para interpretar o “Eu” como sendo um personagem histórico específico que realmente se encontra enterrado na região.

O Priorado afirma que a frase também pode ser lida como ET IN ARCADIA ERGO SUM (“E na Arcádia, portanto, estou”), comentando que “A natureza intercambiável de ego e ergo é uma forma muito usada de cabala codificada”. Acredito que os integrantes do Priorado usem essa frase como uma forma de cumprimento e resposta quando encontram outros integrantes.

A Arcádia em si é uma região específica da Grécia, mas também simboliza um lugar e uma época de perfeição, um tipo de paraíso ou Éden, ideia muito

de acordo com o idílico meio rural francês. Na mitologia, a Arcádia era o local de nascimento de Pã, o deus dos pastores e dos rebanhos. A psicologia da terra mítica antes da “Queda” da humanidade ao perder a inocência não deve ser ignorada.

Os alquimistas Paracelso (1493-1541) e Gerhard Dorn (c. 1530-1584) usaram “Elísio”, um termo equivalente a “Arcádia”, para referir-se a um estado original do ser. Paracelso classifica metais na sua forma mais pura como eleuseria metalla, “metais paradisíacos”. Elísio é o paraíso da Antiguidade greco-romana, muito parecido com o Éden ou a Arcádia. Esse estado original pode ser aplicado aos metais, ao corpo e ao inconsciente. No processo alquímico, a estrutura falsa é dissolvida para permitir que a natureza verdadeira surja. Dorn também considerava a separação da alma em relação ao sangue, e refere-se a como o alquimista pode matar o enfermo para salvá-lo. Isso lembra como o sangue de Jesus, por meio do sacrifício pessoal simbólico, filtra-se na terra e revivifica Adão, restaurando-o a seu estado anterior à Queda do Paraíso.

A região da Arcádia muitas vezes é representada na arte como contendo tanto um túmulo quanto uma fonte, mas ambos significam um lugar onde o subterrâneo vem à superfície. A fonte é um símbolo do “fluxo subterrâneo” do conhecimento que foi transmitido em todas as épocas. O nome em si, Arcádia, também está ligado etimologicamente a arca e arco. O motivo do arco retorna muitas vezes no mistério e, pela aplicação da linguagem “verde” hermética (veja a página 108), pode ser considerado repleto de significados. Notavelmente, a região fica próxima do meridiano de Paris e da “Linha Rosa” e, embora esses sejam representados como linhas retas, em razão da curvatura da Terra os dois são na realidade arcos.

Outros níveis de interpretação conduzem à Estrela Polar, que também é conhecida como a “estrela da Arcádia”, porque o filho de Calisto foi chamado Arcas. O tema do arco continua com a palavra “arca”, que significa recipiente sagrado. O artista Poussin escolheu para seu selo pessoal a imagem de um homem segurando uma arca. É um desenho incomum, como se ele carregasse a soma de toda a vida na Terra. O motivo da arca evoluiu ao longo da história a partir das arcas egípcias em desfile para comemorar a enchente anual do Nilo, com estatuetas dos deuses

egípcios. Esse símbolo foi transformado na Arca da Aliança contendo os Dez Mandamentos, a essência dos ensinamentos de Jeová. A Arca de Noé é a mesma palavra no sentido de uma embarcação que carregou a essência de toda a vida na Terra.

Os personagens da pintura de Poussin são uma pastora e três pastores. A mão da pastora repousa afetivamente sobre o ombro de um dos jovens. Isso foi indicado para mim por Nic Haywood como sendo semelhante aos retratos da Virgem com a Criança, com a intenção de indicar a mãe e o seu filho.

Jesus foi caracterizado como o “Bom Pastor” e, se você acredita que Maria Madalena seja a sua noiva, ela automaticamente assume o papel da pastora, especialmente com relação à difusão dos ensinamentos dele. A pastora e o seu amante mencionados no Cântico dos Cânticos da Bíblia também são considerados por alguns como uma referência a Maria e Jesus (veja Starbird), embora o Cântico dos Cânticos seja muito anterior à época de Jesus, por se encontrar no Velho Testamento hebraico.

O Priorado afirma que, quando Maria foi para a Gália passando pela Grécia, “ela estava muito longe de estar sozinha; outros familiares a acompanharam na jornada relativamente curta”. Essas relações explicam os pastores remanescentes.

Isso é evidenciado por São Tiago, o irmão de Jesus, cujo pé descansa sobre a pedra angular. A mesma figura pode ser vista também em outras pinturas de Poussin; A extrema unção, por exemplo, também mostra São Tiago com o pé sobre a pedra angular. Existem duas versões e um esboço, com a pedra angular presente nos três, mas a versão com o escudo ao fundo é a mais clara. O irmão de Jesus chefiava a Igreja nos primeiros tempos em Jerusalém e isso pode ser visto como Tiago em pé em oposição à “rocha” de São Pedro e depois São Paulo, sobre a qual foi fundada a Igreja Católica Romana. Na verdade, houve uma divisão entre a Igreja de Jerusalém sob Tiago e Paulo, que queria relaxar em alguns princípios da fé judaica para deixar os ensinamentos de Jesus (como ele os entendia) mais atraentes aos gregos e outros pagãos. Por exemplo, não seria exigida a circuncisão nem a abstenção de determinados alimentos. Paulo venceu. Por outro lado, as

fontes judaicas registram que Tiago e outros foram executados por apedrejamento em 62 sob as ordens do sumo sacerdote Ananus.

Se considerarmos essa pastora como Maria, isso abre diversos caminhos interessantes. Como vimos, ela era conhecida por ser da tribo de Benjamim, cujos integrantes em grande número provavelmente se exilaram na região da Arcádia, na Grécia, que também foi o local lendário da origem dos reis francos. A pintura pode, portanto, ser vista como uma representação das linhagens, mostrando sua progressão por intermédio da tribo de Benjamim na Arcádia, e de Jesus e Maria Madalena nos morros do Languedoc, passando pelos francos e merovíngios.

Deve-se notar, ainda, que Poussin fez uma versão anterior do tema de Os pastores da Arcádia. Essa pintura inicial inclui um crânio com uma fenda e uma abelha descansando sobre ele. O corte está de acordo com a fenda ritualizada aberta no crânio dos reis merovíngios, e a abelha é um símbolo da linhagem real dos faraós egípcios, que viam a colmeia como um espelho de sua sociedade.

Entretanto, embora muitos pesquisadores se concentrem na pintura de Os pastores da Arcádia, existe uma obra de Poussin muito mais reveladora da relação entre Jesus e Maria Madalena.

CRISTO E A ADÚLTERA

No Louvre, na sala ao lado da última das pinturas de Poussin intituladas Os pastores da Arcádia, encontra-se sua representação de Cristo e a adúltera, um episódio contado no evangelho de João (7:53-8:11). O texto bíblico não menciona, na realidade, o nome da mulher, mas uma longa tradição artística identificou a adúltera com Maria Madalena – uma tradição em última análise baseada na falsa alegação de que Maria fosse uma pecadora sexual a quem Jesus perdoou (veja a página 252). Nessa pintura, Jesus e Maria Madalena estão de frente um para o outro em primeiro plano. Entre eles, no fundo, há uma mulher segurando uma criança e claramente grávida de um segundo. Enquanto Jesus aponta para a adúltera, seu dedo descansa sobre a mãe ao fundo, que se acha no centro da pintura. As roupas da mulher são

em tons de azul e branco no estilo da Virgem Maria, os quais, como foi mencionado anteriormente, também apareciam em obras de arte sendo usados por Maria Madalena, até a Igreja proibi-lo. É improvável que a figura da mãe seja um símbolo de correção moral com que devamos comparar a adúltera, uma vez que o propósito dessa cena bíblica era o de ensinar às pessoas a não julgar os outros. Uma alternativa é que, tendo Jesus apontando tanto para a mãe quanto para Madalena, ele está nos dizendo que elas são idênticas. É mais uma evidência de que Poussin tomava parte do segredo da linhagem e confere credibilidade ao lugar de Jesus no mistério de Rennes-le-Château.

SANTO ANTÔNIO E SÃO PAULO NO DESERTO

A pintura Santo Antônio e São Paulo no deserto, de autoria de David Teniers, o Moço (1610-90), foi mencionada no capítulo sobre o Templo. A exemplo da segunda representação de Os pastores da Arcádia, de Poussin, ela foi citada nos pergaminhos liberados pelo Priorado durante a década de 1960. A pintura trabalha em muitos níveis e, embora a obra de Poussin tenha se tornado sinônimo do caso de Rennes, a obra de Teniers é igualmente reveladora.

Acredita-se que a pintura original esteja em uma coleção particular na Espanha, tendo sido vendida em um leilão em 1923 e posteriormente oculta do público. Uma busca por essa obra produzirá referências a uma cópia ruim em Shugborough Hall, na Inglaterra (veja a seguir). A única cópia precisa conhecida é uma chapa fotográfica que o Priorado de Sião possuiu por diversos anos, tendo instruído Nic Haywood a procurá-la. Nic emprestou-me a chapa e ela está reproduzida na parte de ilustrações deste livro.

Muito embora a pintura claramente mostre um crucifixo sobre uma mesa, a chapa foi erroneamente catalogada como Elias e Eliseu sendo alimentados pelo corvo, uma cena do Velho Testamento. Esse erro de catalogação parece ter sido uma tentativa deliberada de esconder a obra do público. O que a tela realmente mostra é São Paulo, o Eremita (não Paulo, o apóstolo), e Santo Antônio ao lado de uma mesa em primeiro plano, com um corvo que

está lhes trazendo pão. Sobre a mesa e ao redor dela veem-se objetos como um crânio, um livro e uma ampulheta. Ao fundo está uma cidade no alto de um morro e uma pastora.

Há registro da presença de um crânio e de uma ampulheta nas mesas durante as reuniões dos rosa-cruzes do século XVII (como mencionado por Christopher McIntosh em The rosicrucians [Os rosa-cruzes]), e com a cruz e o livro eles compõem os requisitos da "câmara de reflexão" como a existente na igreja em Rennes-le-Château (veja a página 129). Uma vez que a pintura é anterior ao grau maçônico de Rosa-Cruz, ela pode ser vista como uma referência autêntica a um movimento rosacrucianista anterior.

A exemplo dos pastores arcadianos de Poussin, os personagens da pintura de Teniers são dispostos contra o fundo de um local verdadeiro na região de Rennes-le-Château. Nic Haywood chamou a minha atenção para "a construção no alto do morro na composição de Teniers". Um candidato possível é L'Hermitage ("O Eremitério"), ao sul de Rennes-les-Bains, mas a cidade no alto do morro está mais de acordo com a própria Rennes-le-Château. Isso situaria o quadro no sudoeste do vilarejo. Olhando através da paisagem, a tela formaria o canto noroeste do templo oculto, ao passo que a de Poussin mostra o canto nordeste.

O relato de um corvo trazendo pão para nutrir um eremita existe na Bíblia – um corvo alimenta Elias no Velho Testamento (1 Reis 17:4-5). Essa imagem aparece de novo em A vida de São Paulo, o Eremita, de São Jerônimo, seu relato de São Paulo e Santo Antônio, o Grande, no deserto. Os profetas Elias e Eliseu são considerados pelo Priorado como tendo tido um relacionamento alquímico de professor-aluno que espelha o de Paulo e Antônio. Uma estátua de Santo Antônio, o Grande, aparece na igreja em Rennes-le-Château e seu dia de festa é 17 de janeiro. O corvo é um símbolo da etapa inicial do processo alquímico, o nigredo ou escurecimento.

Por meio do donativo do pão, Teniers realiza uma interessante prestidigitação, ao conectar a cena a um santo que tomou o pão para alimentar um eremita. O santo é retratado com uma pastora ao fundo da obra de Teniers e seu nome é Santa Rosalina.

SANTA ROSALINA

Santa Rosalina ou Rosilyn de Villeneuve nasceu em 1263 em Arcs, no sudeste da Provença. Seu dia de festa é 17 de janeiro e as rosas são seu símbolo. O Priorado conta a sua lenda e a sua importância simbólica:

O nome Rosilyn é uma dádiva divina cabalística, pelo fato de que [codifica] a “Linha de Lugares Secretos” [a “Linha Rosa”] e de que essa santa era natural da região do Languedoc. Tendo dado pão em segredo a um eremita que morava em uma caverna, ela foi repreendida pelo pai quando voltava com mais suprimentos escondidos no avental dobrado. Sem reação, ela deixou o avental se abrir, mas, como diz a lenda, não foi pão que caiu no chão, mas uma cascata de rosas frescas!

Reconhecendo o milagre, o pai, senhor de Arcs, instruiu o pessoal da cozinha a providenciar alimento aos pobres daquele dia em diante. Na vida adulta, Rosalina tornou-se uma freira e foi conhecida por ter visões. Quando seu irmão, um cavaleiro cruzado, fugiu do cativeiro, ele alegou ter seguido visões de Rosalina envolvida em rosas para encontrar o caminho de casa. Ela morreu em 17 de janeiro de 1329, e diz-se que seu corpo permanece intacto, sem se decompor.

Rosalina foi a filha de um nobre, mas sua representação como uma pastora na pintura de Teniers a vincula tematicamente aos pastores arcadianos de Poussin.

Existem numerosas estátuas de Santa Rosalina na região de Rennes-le-Château, incluindo uma na igreja de Espéraza, que tem o mesmo estilo das estátuas de Rennes-le-Château. O padre Boudet, responsável por Rennes-les-Bains no final do século XIX, colocou Espéraza no centro de um círculo de igrejas no seu livro A verdadeira linguagem dos celtas (veja a página 140). O nome Rosalina também representa a “Linha Rosa” que corre paralela ao meridiano de Paris e passa próximo a Rennes-le-Château.

POUSSIN E TENIERS TÊM A CHAVE

As pinturas de Poussin e Teniers atuam em muitos níveis e se relacionam a mais de um aspecto do mistério de Rennes-le-Château. Sua presença pode ser percebida no grau de Rosa-Cruz da Maçonaria, e, portanto, relacionada à ideia da iniciação por meio da paisagem. A estrutura em pentagrama de Os pastores da Arcádia, de Poussin, faz eco à "geometria da paisagem" de Henry Lincoln e a composição também evoca a linhagem e as ligações arcadianas com a tribo de Maria Madalena. A presença de Maria como pastora em companhia de seus familiares também alude à linhagem, pois nos desafia a questionar quem jaz no túmulo e a considerar o significado de "o lugar onde o fluxo subterrâneo emerge".

SHUGBOROUGH HALL

Não é por acaso que as pinturas de Poussin e Teniers estão representadas em Shugborough Hall, em Staffordshire, Inglaterra. Shugborough reúne muitos dos temas desse mistério e é também a residência da família Anson, condes de Lichfield.

Patrick Anson, quinto conde de Lichfield, um fotógrafo renomado e primo da rainha Elizabeth II, concordou em receber a mim e a Bruce Burgess em 2005 durante a produção do documentário Linhagem. Infelizmente, antes de acontecer o encontro, Lorde Lichfield morreu subitamente do que foi diagnosticado como uma hemorragia cerebral. O encontro havia sido arranjado por um representante do Priorado de Sião, que posteriormente sugeriu que uma toxina poderia ter sido usada para induzir o acontecimento. Durante nossas pesquisas, descobrimos que quatro outros integrantes do Priorado de Sião supostamente morreram da mesma forma.

A propriedade de Shugborough tem tantas obras de arte e esculturas pertencentes aos mistérios de Rennes-le-Château e ao Priorado de Sião que é pouco provável que o incidente tenha sido uma coincidência. No chão de Shugborough Hall há um monumento de pedra representando o quadro Os pastores da Arcádia invertido e, como mencionei, a casa também abriga uma cópia de Santo Antônio e São Paulo no deserto, de Teniers, o Moço.

O monumento dos “pastores” foi acrescentado a um arco de pedra que existe nos jardins juntamente com várias outras estruturas, dando a impressão de fazer parte de um desenho mais amplo, como uma rota de iniciação. O monumento representa uma cena idêntica à da pintura de Poussin, com as figuras em pé ao lado de um túmulo, mas invertidas, um efeito que aparece na alquimia como espelhamento. A escultura também traz a seguinte inscrição, que até o momento conseguiu passar sem uma tradução definitiva:

O.U.S.A.V.V.A.V.

D. M.

Os pontos dão a impressão de que estamos lendo um conjunto de iniciais. De acordo com a análise de Jocelyn Godwin do Hypnerotomachia Poliphili, um romance do século XV, as iniciais D. M. em esculturas desse tipo geralmente se traduzem por Dis Manibus (“às Sombras”) e representam uma antiga declaração devocional romana.

Esse é também um formato em código-padrão para os maçons que há muito tempo empregaram o uso de verbum dismissum, o vazio de palavras em seguida à primeira letra. Muitos livros maçônicos, por exemplo, usam a expressão G.A.O.T.U. em lugar do seu título por Deus, o “Great Architect Of The Universe” (“Grande Arquiteto do Universo”).

De acordo com Nic Haywood, o código no monumento ainda está em uso, portanto não pode ser revelado. Duvido que ele exista na Maçonaria cotidiana ou há muito tempo já teria vazado para o domínio público. De acordo com Nic,

A mais importante pista esotérica do monumento de Shugborough é a do desenho do teto da sala de jantar, feito na mesma época, que representa Ísis e Serápis (uma forma posterior de Osíris) em broquéis, claramente

identificados por seus atributos, um sistro e uma medida de milho ou shibboleth.

Um sistro é uma espécie de chocalho usado em rituais, ao passo que shibboleth é uma medida de milho. Mas é também uma palavra usada como senha secreta nos rituais maçônicos.

Os elementos do mistério de Shugborough Hall podem ser reunidos como uma compreensão completa da linhagem na arte e na arquitetura.

A tribo exilada de Benjamim foi para a Arcádia, na Grécia, um lugar representado na pintura de Poussin. A Arcádia também era a terra antiga dos francos sicambros, o grupo étnico do qual surgiram os merovíngios, e pelas pistas na arte e na arquitetura de Shugborough Hall devemos ser capazes de ligar as duas.

No túmulo do rei merovíngio Childerico foi descoberta a cabeça de um touro dourado. De acordo com a Bíblia, a tribo de Benjamim também idolatrava o Bezerro Dourado, como representado na pintura de Poussin, A adoração do Bezerro Dourado. Isso inclui dançarinas que são imagens espelhadas das existentes na sua Dança pela música do tempo, que por sua vez se baseia na Aurora, de Guido Reni, assim como o teto de Shugborough Hall.

SIMBOLISMO E SIGNIFICADO

Começamos a ver como as muitas formas de símbolos podem ser usadas para transmitir informações. Elas compõem uma linguagem universal usada pelas sociedades secretas e pelos artistas para transmitir mensagens aos que saibam lê-la.

Os símbolos devem ser contemplados para revelar sua natureza interior, subjetiva, espiritual.

Assim como um poeta reduz um conceito imenso a poucas linhas, uma ideia complexa pode ser reduzida a um único símbolo ou forma geométrica. Os

símbolos também podem aparecer no limiar do consciente com o inconsciente. Eles formam as fronteiras da linguagem, onde o conceito mais complexo é transformado na mais simples das imagens.

Estas que estamos analisando reverberam por muitos níveis da consciência e nos levam na direção dos ensinamentos ocultos do Priorado: alquimia e, em última análise, gnose.

CAPÍTULO 17

ALQUIMIA E GNOSE

O que é vital não é a transmutação dos metais, mas a da pessoa.

Priorado de Sião

INTRODUÇÃO

A alquimia foi muitas coisas ao longo da história. Foi propriedade dos "assopradores" tentando fabricar ouro; um caminho simbólico; a chave da imortalidade; e um mapa da individuação junguiana. Alguns até mesmo vinculam esse processo à transmutação nuclear.

Não é possível resumir a alquimia no breve espaço de um capítulo, e alguns argumentarão que sua aplicação nunca poderia ser expressa adequadamente por meio da linguagem. A exemplo da iluminação ou do amor, palavra nenhuma é capaz de transmitir a experiência, a não ser entre aqueles que passaram por ela.

A prática dessa arte é o fio que liga o moderno Priorado de Sião aos iniciados do passado. Ela está presente em todos os mistérios de Rennes-le-Château e acha-se no cerne da tradição ocultista ocidental. Devemos nos esforçar para entender seus segredos centrais, na medida em que ela tem o potencial de transformar as pessoas, os objetos, a ciência e a arte no sentido da perfeição.

Em uma entrevista, Nic Haywood afirmou que "existem muitos alquimistas nas fileiras do Priorado de Sião". O Priorado mantém esses alquimistas em alta estima e é nesse nível que a organização atua para efetuar as mudanças:

Essa obra é de pouca utilidade, a menos que o indivíduo seja capaz, ao final, de se voltar para auxiliar na jornada mundana dos seus companheiros humanos, facilitando mudanças e transformações na consciência coletiva. É para esse "fluxo subterrâneo" que tais energias são direcionadas.

Existem diversas concepções equivocadas em relação à Ars Magna, a "Grande Arte" que é a alquimia. Alguns pensam que ela estava voltada inteiramente para a fabricação de ouro; outros, que pode ser reduzida à individuação junguiana ou psicologia freudiana. Uma terceira interpretação comum é que ela é como o processo de meditação ou tantra. Todas essas são corretas como aspectos da aplicação da alquimia, mas nenhuma delas abarca a Arte completa.

A alquimia fala da pesquisa para a "Pedra Filosofal"; no entanto, parece que muitos deixam de entender o elemento "filosófico" inerente a essa expressão. O fato de que não é um químico ou cientista, mas um filósofo, quem descobre a "pedra" diz-nos algo sobre sua natureza. O aspecto filosófico do processo indica que ele ocorre primeiro internamente. Inicia-se com as considerações mais profundas de uma mente filosófica.

O risco nessa etapa é pensar que o processo alquímico é inteiramente um relato simbólico de processos internos, mas essa é uma abordagem válida como ponto de partida. Depois dessa rota seguimos na direção da psicologia do ritual e do trabalho transformador da individuação de Jung e da psicossíntese de Assagioli. Os livros Alquimia, de Johannes Fabricius, e o lindamente ilustrado Transformation of the psyche [Transformação da psique], de Joseph L. Henderson e Dyane N. Sherwood, oferecem excelentes pontos de partida para o caminho da contemplação de si mesmo, e para muitos essa jornada será suficiente.

Mas em Golden Lane, em Praga, uma surpresa nos aguarda na Torre Branca, onde o imperador Rodolfo II certa vez prendeu o alquimista inglês Edward Kelley (1555-97). Aqui encontramos os vestígios de uma oficina alquímica com forno, alambiques de vidro, jarras "masculinas" e "femininas" e todo tipo de aparato químico. É uma revelação que nos conduz além dos limites da psicologia ao âmago da metalurgia. Os alquimistas de fato tentaram literalmente fabricar ouro usando metais básicos pela destilação química. Não devemos nos surpreender com isso; o

processo de transmutação, tanto material quanto espiritual, é universal e pode ligar perfeitamente a psicologia, a física, a química, a arte e a arquitetura, tanto na fabricação de ouro quanto na síntese de subpersonalidades. Todos esses aspectos pertencem à alquimia. Ela é a Ars Magna da transformação.

A teoria e a prática da tradição ocidental da alquimia tem origem tanto na Grécia quanto no Egito antigo. O termo árabe para alquimia, al-Kimia, significa “processo”, o qual também é relevante, embora se considere que o termo em si derive da antiga designação do Egito: Kemet, a Terra Preta, que recebeu esse nome por causa do solo escuro de aluvião depositado pelas inundações do Nilo. A vida brota dessa matéria primária.

Aqui encontramos a alquimia no início da criação; ela é a fonte, a semente e o ponto de partida do qual toda a vida se desenvolve. Ocupa-se da energia de transformação através de cada etapa da vida e de todos os aspectos da existência. Filosoficamente, ela traz à fruição o idealismo platônico. Neste, os arquétipos da natureza são perfeitos, e a meta da alquimia é acelerar a evolução rumo à perfeição. Isso é a Arcádia esperando para ser descoberta. O Priorado afirma que “a alquimia faz durante uma existência o que a natureza leva milhares de anos para concluir”.

O sucesso em alcançar a Magnum Opus, a Grande Obra da alquimia, permite enxergar a realidade com base em diferentes perspectivas, e para alcançar isso é preciso reverberar em todos os níveis: físico, psicológico, emocional, químico e filosófico. Todos esses níveis são encontrados em A serpente vermelha e no mistério de Rennes-le-Château em geral. Eles podem ser identificados como obras vivas da perfeição hermética na medida em que espelham tanto o processo quanto o indivíduo que busca descobrir os seus segredos.

O LIVRO DA SANTÍSSIMA TRINDADE

O Priorado alega constar entre seus integrantes o artista francês Jean Cocteau (1889-1963), cuja obra é imbuída do pensamento e de símbolos esotéricos. Como foi mencionado nos capítulos anteriores, o mural de

Cocteau na Notre Dame em Leicester Place, perto da Leicester Square em Londres, inspira-se no tratado alquímico do século XV Das Buch der heiligen Dreifaltigkeit [O livro da Santíssima Trindade], atribuído ao monge alemão Ulmannus. Nic Haywood recomendou que eu localizasse um exemplar, porque ele contém ideias importantes para a minha pesquisa.

Ao longo do tempo, rastreei várias edições desse manuscrito raro. Parece que existem menos de vinte exemplares no mundo e não há reimpressões ou cópias fac-similares disponíveis. Essa é uma obra fascinante, combinando simbolismo alquímico com distintivos heráldicos e iconografia cristã. Existem versões antigas desse texto na biblioteca do Wellcome Institute, em Londres, e na biblioteca da Universidade de Glasgow, na Escócia.

A edição da biblioteca da Universidade de Glasgow pareceu-me a mais completa. É um belo exemplar de caligrafia perfeitamente legível e surpreendentemente compreensível, com 37 ilustrações gloriosas. Esse raro manuscrito antigo pode ser a chave para muitos aspectos do mistério.

À primeira vista, fiquei instantaneamente pasmo por constatar quanto a heráldica impregna as imagens alquímicas. Com coroas abundantes e escudos heráldicos por toda a obra, esta parecia aludir à linhagem, e a ideia de segredos reais lembrou-me de que a alquimia é às vezes chamada a “Arte Real”. Além disso, em relação ao processo alquímico, o sangue sempre foi um símbolo da fusão do enxofre, que ao ser derretido cria um fluido vermelho semelhante ao sangue.

A ilustração mais impressionante do Livro da Santíssima Trindade é a cena da crucificação com o lírio azul (flor-de-lis) ao fundo e a Virgem Maria encimada por uma sublime lua crescente no primeiro plano.

Comparei quatro exemplos dessa ilustração, e certos detalhes comuns a todos eles podem ser considerados fundamentais para o significado da cena.

A Virgem Maria é mostrada nas quatro imagens com cabelo comprido além da cintura. Esse aspecto normalmente é associado a Maria Madalena, seguindo o evangelho de Lucas, no qual uma mulher anônima usa o cabelo para banhar os pés de Jesus. O de Maria Madalena chega até a cintura nas obras de arte desde o século XV em diante, e o cabelo comprido também

era um símbolo dos merovíngios. Na versão dessa imagem no Wellcome Institute, os dedos da personagem entrecruzam-se de maneira idêntica à da Madalena da pintura do altar de Rennes-le-Château. Isso oferece mais uma indicação de que nessa ilustração as duas Marias foram combinadas em uma única imagem.

O texto declara:

O Homem é criado do sol duplicado. O sol interior, espiritual, incorpora o hermafrodita divino. Ele é a personificação da alquimia desinteressada, consistindo em Jesus, a pedra masculina da pureza (Mercúrio/Espírito), e Maria, a pedra feminina da beleza (Lua/Corpo). A união dos dois com Deus Pai (Sol/Alma), a petrolite, que se fortalece em face de todas as tentações do diabo.

O “sol interior”, ou “sol negro”, também está presente no mural de Cocteau, mas a flor-de-lis é substituída por uma rosa, significando que os rosa-cruzes são os guardiões atuais dessa filosofia. De acordo com a lenda francesa, a flor-de-lis, ou a flor do lírio, foi entregue pelos anjos ao rei merovíngio Clóvis em seu batismo como um presente da Virgem Maria. Essa flor denota que a linhagem desse rei é considerada divina. A ligação entre a flor-de-lis e a nobreza francesa pode ser vista inicialmente desde o rei Roberto dos Francos no século V. Um lírio também pode representar a linhagem dos faraós.

No caso, tanto a alquimia quanto a linhagem podem funcionar como metáforas uma da outra. Vemos isso presente nos distintivos heráldicos e nos reis e rainhas dos manuscritos alquímicos como o Splendor Solis ou a imagem de Maria embaixo da cruz no Livro da Santíssima Trindade. Isso é tanto a arte real quanto a descendência real. Em termos de consciência, são ambos descendentes de Cristo. O tema-chave da crucificação é a ressurreição, e esta desperta grande interesse nos alquimistas.

A ressurreição é adequadamente ilustrada na carta do “Julgamento” do tarô, que mostra o morto ressuscitando da terra, convocado pelo chamado celestial da trombeta de um anjo. A exemplo dos metais em ação nesse cadinho, o alquimista se permite morrer e ressuscitar enquanto ainda está vivo. Esse é o significado mais profundo do 3º grau da Maçonaria e a

essência do batismo em todas as religiões: um caminho para o aperfeiçoamento da natureza humana. Os psicólogos consideram isso como a redenção do nosso mais sombrio inconsciente material – os nossos "demônios" pessoais ressuscitando para tornar-se anjos.

ALQUIMIA E PSICOLOGIA

A abordagem psicológica da alquimia é importante porque é a vivência mais prontamente compreensível e disponível da Grande Obra. A psicologia transpessoal em particular visa entender todas as vivências interiores, do trauma mais profundo até os píncaros do intenso sentimento religioso e, como descobriu Jung, esse processo é facilmente vinculado às ilustrações arcaicas da alquimia. Jung e seus seguidores, tais como Marie-Louise von Franz, chegaram mesmo a fazer a afirmação ousada de que nós criamos o mundo ao nosso redor e atraímos aqueles que participam das nossas questões inconscientes.

A alquimia tradicional geralmente inclui uma etapa de "integração". A integração de todas as partes da psique é o trabalho dos psicólogos e uma aplicação da ciência da alquimia. À medida que progredimos no sentido da personalidade integrada, começamos a vivenciar sincronicidades, por meio das quais "a eficácia do eu aumenta", como observa Von Franz em Alchemical active imagination [A alquimia e a imaginação ativa]. A sincronicidade exige que o indivíduo tenha alguma influência sobre o ambiente por meio da manipulação remota. Essa não é uma revelação trivial.

Na alquimia, a sincronicidade também pode ser chamada de "correspondência". Ela se equipara ao axioma hermético "assim como é em cima, é embaixo" e à ideia da peregrinação. Ter a atitude psicológica certa é um meio de promover a evolução do eu, desde que ela se repita no mundo material.

Depois que a evolução do eu está terminada, é preciso o que Von Franz chama de "forma pura". Isso atrai outras formas puras no mundo material, como quando o espírito do indivíduo é puro e o espírito do objeto é puro – o

ouro sendo considerado pelos alquimistas como o mais puro –, e assim os espíritos podem conversar. Espíritos semelhantes são atraídos entre si, criando sincronicidade.

A perfeição do ouro "interior" e "exterior" deve ocorrer ao mesmo tempo e resulta tanto na "Pedra Filosofal" quanto na manifestação súbita e luminosa da gnose ou Iluminação.

A PEDRA DO SÁBIO

A meta da alquimia é alcançar a "Pedra Filosofal", uma pedra que, de acordo com Nic Haywood, "vem do céu, criada pelo homem". A pedra se equilibra entre as esferas material e espiritual. Encontramos isso representado pela Pedra Filosofal material, a simbólica ashlar da Maçonaria (veja a página 197), e pela filosofia por trás do idealismo platônico. Como diz o Priorado: "Tudo o que é etéreo tem a sua contrapartida material (assim como é em cima, é embaixo etc.)".

Isso permite a aplicação da pedra a todos os aspectos da vida e é considerado pelos outros iniciados como um reflexo do espírito na matéria. Como explica o Priorado:

A Pedra Filosofal é uma matéria semimaterial, parcialmente corpórea, parcialmente etérea, unida, realizada e concentrada pelo alquimista bem-sucedido por meio de métodos de destilação complexos. O "clarão" da revelação, a visão gnóstica, é captado para sempre e pode então ser aplicado a todos os assuntos.

Isso lembra a "alma dos objetos inanimados" nas tradições ocultistas.

O fato de a expressão "fazer uma Cabeça de Ouro" – essencialmente uma expressão sufi – referir-se a trabalhar intensamente para descobrir a pedra é em si mesma eloquente.

A Cabeça de Ouro aparece em muitas formas, mas geralmente pode ser considerada como uma referência ao estado iluminado da gnose: a

comunicação direta com o divino.

GNOSE

Todos vivemos momentos em que nos sentimos ligados a algo maior do que nós mesmos. Em algumas pessoas, isso se manifesta como lampejos de clareza mental ou uma sensação profunda de paz; em outras, acontece algo com sua percepção e elas têm a revelação de ideias profundas sobre a sua natureza. Quando o medo diminui, nós nos revelamos, o nosso velho eu se abre por um instante e nesse momento nos aproximamos mais do divino. Nos termos da psicologia, esses momentos manifestam-se em “experiências de pico”, ou “experiências culminantes”, revelações pessoais que aumentam a nossa percepção de nós mesmos e do mundo que nos cerca.

São experiências triviais, muitas vezes humildes. Mas a intenção é semelhante à da alquimia: ser receptivo e destemido na nossa busca pelo contato com o divino, a vivência da gnose.

A ideia da gnose na sua forma mais acessível e disponível é a de explorar a intuição feminina que reside no coração de todos nós. Aí podemos encontrar nosso caminho para Deus e vivenciar um nível mais profundo de um sentido para a vida e talvez a fruição do divino.

O desenvolvimento de muitas das principais religiões do Ocidente levou a construtos voltados para o exterior, concentrados no poder e no controle. Essas religiões enfatizam os aspectos externos da divindade e reivindicam a sua posse. O acesso ao divino só pode acontecer por intermédio de suas regras, ou elas deixam de ter qualquer valor. Paralelamente a isso, as escolas de mistérios da tradição esotérica ocidental evoluíram sob a ameaça constante de perseguição. Estas são vistas como um desafio pelas religiões, na medida em que se concentram no processo interior: a descoberta por si mesmo da centelha divina que reside em todos nós.

A renovação espiritual muitas vezes requer o colapso das velhas estruturas, tanto externa quanto internamente. Esses construtos abrem espaço para permitir uma vivência mais profunda, mais próxima do âmago do nosso ser.

A fé tem seus usos, mas, quanto mais perto chegamos da verdade de Jesus, mais nos aproximamos Dele. Pode-se vislumbrar muita coisa na leitura das escrituras gnósticas, a exemplo do Evangelho de Tomé, que se apresenta no formato de uma série de 114 aforismos atribuídos a Jesus, por exemplo: “Aqueles que o lideram vos dizem: ‘Vejam, o Reino está no céu’ (….) [Mas] está dentro de vós” (Evangelho de Tomé 3).

Esse evangelho foi descoberto em Nag Hammadi em 1945 e, como era de esperar, não foi aceito pelo Vaticano. A ideia de que o céu está dentro de nós tira o poder da Igreja sobre o indivíduo. Isso não quer dizer que as religiões organizadas não tenham um propósito: elas podem orientar e apoiar as pessoas na sua prática espiritual. Mas elas são uma barreira contra Deus, porque nos oferecem uma divindade simplificada à qual podemos nos dirigir, em vez de um fenômeno abstrato, vivencial, com o qual possamos nos relacionar.

Nic Haywood nos diz que está “profundamente envolvido com a espiritualidade subjacente que fundamenta a ordem e que inevitavelmente substituiria o cristianismo caso esse se dissolvesse”.

O Priorado de Sião não é uma religião. A ordem tem verdades espirituais, mas não devemos confundir isso com religião. Enquanto as religiões são construções preponderantemente humanas e incompatíveis entre si, a espiritualidade é inerente a todos nós; ela é compatível com todas as verdadeiras expressões de si mesma e permanece inteiramente à vontade em qualquer tempo e lugar.

Não é fácil entender isso como adulto, depois que nossa vida já foi condicionada pelo cristianismo. Para a maioria que foi exposta desde a mais tenra infância à cultura cristã em todas as suas formas, a ideia de Deus traz à mente a imagem de um velho. Não é de surpreender que na vida adulta muitas pessoas deem as costas à religião e deixem seu espírito adormecer. Tendo uma imagem de Deus que não seja de valor simbólico, não precisamos mais pensar em Deus ou imaginá-lo.

Para desfazer essa mentalidade e eliminar esse bloqueio, temos de apagar nossa ideia preconcebida de Deus para redescobrir o que Ele realmente é.

Faz-se necessário criar um espaço para que o divino possa se manifestar por meio de nós.

Existem outras vias, como a meditação e as técnicas de respiração da ioga. A natureza também nos oferece caminhos para o verdadeiro Reino. Richard Dawkins pode escarnecer o Natal, mas será que ele para e olha para as estrelas, ou admira as ondas do oceano? Se o fizer, será que isso o transporta para algum lugar profundo e ressonante, como a comoção primitiva de pertencer ao mundo? Existe um velho ditado segundo o qual "olhamos pelo microscópio para ver como somos grandes em relação a tudo, e olhamos pelo telescópio para ver como somos pequenos e insignificantes". Eu acrescentaria que olhamos para a ciência para nos esquecermos de quem somos. Há momentos de assombro à nossa disposição ao contemplarmos as estrelas, caminharmos por uma floresta ou vermos as ondas chegarem à praia vindas de uma terra distante. Quando nos abrimos para ser transportados a um nível profundo em que a dimensão e a beleza da natureza dominam nosso ego, podem surgir intensas percepções espirituais na profunda sensação de paz que se segue. Esse potencial para despertar está sempre presente, como um rumor de fundo, quando somos assombrados pelo fantasma do nosso eu verdadeiro. Os gnósticos vivenciavam "o Eu dentro do eu". A revelação é o Eu revelado ao eu. Eis como Nic Haywood explica isso:

Gnose: essa única centelha ou clarão divino que é a revelação. Eis a meta de todo aspirante. O dom de Deus que eleva o auxiliar a mestre, o cavaleiro a rei, o peregrino a santo ou o neófito a iniciado. É um momento que dura uma eternidade, no qual e depois do qual todas as coisas fazem um sentido perfeito. A harmonia torna-se visível, adquire-se o paladar, as origens de toda a matéria são percebidas, e o que era mutável torna-se fixo. O espírito torna-se substância, fixado para a eternidade. Essa é a "Pedra do Sábio", cuja centelha nada mais é do que o próprio reflexo nos olhos de Ísis, Mãe do Mar Eterno ou Fonte Eterna. A pessoa finalmente vê a si mesma no espelho que é a criação.

Tornar-se iluminado é uma experiência que, quando chega o momento, constitui o dom mais lindo e divino de si para consigo mesmo. Nesse

momento a palavra “Eu” ganha um significado inteiramente novo, mas totalmente inesperado.

Cada um de nós já teve momentos que incorporam essa emoção. O psicólogo Abraham Maslow classifica esses instantes de “experiências de pico” ou “experiências culminantes”: vivências espontâneas de algo maior que nós mesmos.

EM DIREÇÃO AO TODO

No Evangelho de Tomé (aforismo 61), Jesus faz a seguinte afirmação:

Por essa razão eu digo, se somos o todo, somos cheios de luz, mas se estivermos divididos, estaremos cheios de trevas.

Nascemos inteiros, mas ateus, sem mais conhecimentos de Deus do que do sol e da lua. Com o tempo, a nossa personalidade se fragmenta e, como essas partes nos governam a partir do nosso inconsciente, nos tornamos politeístas, como os antigos gregos e egípcios. Abrigamos um panteão de influências para apaziguar e simbolizar, cada uma delas lutando pelo controle. Só avançarão além de nós uns poucos nascidos inteiros, transcendentes ou corajosos o bastante para empreender a jornada heroica de unificação da sua psique fragmentada.

Os egípcios e os gregos consideravam valiosos para o aprimoramento da humanidade os seus panteões de deuses e seres arquetípicos. Eles tiraram das estrelas a inspiração para esses seres míticos, a fim de nos lembrar da influência dos arquétipos.

Resolver os deuses e integrá-los de volta à psique é da máxima importância para o desenvolvimento humano. Usando instrumentos como a meditação, a psicoterapia ou a alquimia, podemos evoluir no sentido da síntese, de um eu unificado e integral, e nesse momento nos tornamos monoteístas.

O caminho espiritual é uma tarefa estranha, presente em todas as sociedades que remontam à própria origem da humanidade. Isso pode ser considerado

como um argumento sobre a importância da religião na sociedade, mas igualmente poderia ser interpretado como um desejo primitivo que deve ser compreendido e pode ser desenvolvido sem a necessidade de uma religião organizada.

Se a sua religião não o ajuda a alcançar uma vivência direta do divino, então ela é um obstáculo. Todos podemos questionar a Igreja Católica pelo tratamento dispensado às mulheres, pela homofobia e por seu histórico de perseguições, mas seu verdadeiro crime é ter se tornado um placebo para milhões. Ela não tem intenção de permitir que as pessoas encontrem um caminho pessoal para Deus, nem de ajudá-las a vivenciar o divino. Ela existe meramente para perpetuar seu próprio poder e controle.

Em última análise, tudo o que é uma barreira contra Deus, sejam as religiões, sejam as sociedades secretas, seja o orgulho pessoal humano, deve ser abandonado. Mas, para que isso aconteça, deve haver uma revelação em massa, não menos: um acontecimento em escala gigantesca, que seja visto e reconhecido por todos. Existe uma outra palavra para essa revelação, pela qual poderia parecer que o fim está próximo: apocalipse.

PARTE IV

RESULTADO



CAPÍTULO 18

O APOCALIPSE

Vi também a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus, ataviada como noiva adornada para o seu esposo.

Apocalipse 21:2

A MENTALIDADE MILENARISTA

Há muitos temas permeando os mitos do Priorado de Sião e o mistério de Rennes-le-Château. Em meio a todos os segredos e meandros espirituais com que nos deparamos repetidas vezes em torno da mesma tradição não declarada, um conceito espreita nas sombras da civilização ocidental. Nós, ocidentais, estamos presos a determinadas ideias religiosas. Não importa quais sejam as nossas inclinações espirituais, nascemos dentro de uma "mentalidade milenarista", com a sua fixação pelo "Fim dos Tempos" e a promessa do apocalipse.

Embora eu não seja cristão, a exemplo de muitos no Ocidente tomei contato com ideias do livro do Apocalipse durante todo o começo da minha vida, tanto pela educação quanto por referências culturais. Com o milênio assomando a passos largos, para a minha geração havia uma expectativa não declarada, até entre os agnósticos, de que alguma coisa aconteceria quando o calendário gregoriano entrasse no século XXI. Seguíamos com a nossa vida diária ignorando a expectativa sutil que assombrava silenciosamente os nossos pensamentos com imagens de destruição. O milênio passou. Nada aconteceu. Os que varriam o chão para ganhar a vida em 1999 continuaram varrendo o chão em 2000 e depois disso. Como sempre, toda mudança importante nas circunstâncias partiu de indivíduos que assumiram a responsabilidade por sua vida em vez de esperar pela intervenção divina.

Sem sombra de dúvida, a data do “ano 2000” não vem de maneira direta das escrituras, mas tantas igrejas se aproveitaram do milênio que contribuíram significativamente para a sensação de expectativa. Pinçando as manchetes dos jornais sobre guerras e mudanças climáticas como sinais e evidências, como os profetas bíblicos elas se aproveitaram do espírito da época com pôsteres fluorescentes exigindo que nos arrependêssemos antes que fosse tarde demais. Os pôsteres há muito tempo se renderam aos efeitos do clima ou foram cobertos por diversos novos slogans tentando enterrar a verdade dolorosa. A fé cristã falhou em seus prognósticos, portanto podemos agora dar as costas ao mito do apocalipse. A menos, talvez, que seja deixado a outros fazer a revelação.

Anteriormente, o Priorado de Sião fizera poucas ou nenhuma referência ao apocalipse, embora haja menções diretas a ele na alquimia, no Rosacrucianismo e na Maçonaria. Também vimos como os Templários tentaram criar outro elemento do livro do Apocalipse com os seus projetos para uma “Nova Jerusalém” sediada em Rennes-le-Château. Sabemos, ainda, que os cátaros consideravam o livro do Apocalipse como um texto-chave. Acreditavam que o Vaticano fosse a “cortesã” do apocalipse (veja, de Edward Peters (Ed.), Heresy and authority in medieval Europe [Heresia e autoridade na Europa medieval]) e que o mal do mundo acabaria sendo julgado pelo fogo.

Nas profundezas da alquimia, o caminho esotérico impregnado na linguagem e nos desígnios do Priorado de Sião, há uma forte tradição milenarista, geralmente chamada de “quiliasmo”. Observamos também que a serpente vermelha do chamado à sabedoria por parte do Priorado, Le serpent rouge, ecoa o dragão vermelho que se desenrola das páginas da revelação de São João.

Mais exemplos se seguirão enquanto argumento sobre o tema apocalíptico que fundamenta muitas das tradições em vigor aqui. Mas primeiro devemos analisar a opinião do Priorado sobre o assunto.

O QUE NOS DIZ O PRIORADO DE SIÃO

Durante uma entrevista com Nic Haywood, ele revelou que o Priorado mantém a crença de que o apocalipse é um acontecimento bastante real e que ocorrerá muito em breve:

Sim, há um evento que ninguém deixará de reconhecer. Somos como uma raça alcançando um ponto de interrupção do próprio tempo, as estações se fundindo. Isso não pode acontecer sem o colapso de determinadas estruturas da natureza; o tempo irá se dissolver. O Corão fala que o fim deste ciclo começa com ventos varrendo as pedras.

A tradição da escritura apocalíptica tem uma longa história em muitos movimentos religiosos. De maneira semelhante ao livro cristão do Apocalipse, o judaísmo e o islamismo possuem sua própria escatologia, ou crença no Fim dos Tempos.

O zoroastrismo, que data de cerca de 6000 a 4000 a.C., tem uma doutrina de períodos de mil anos que terminam com cataclismos e heresias. Isso continua até o milênio final, calculado para acontecer por volta do ano 2000, quando o bem vence o mal em uma batalha definitiva e um rei é restaurado. O livro sagrado do zoroastrismo, o Zend-Avesta, fala também de como a semente de Zoroastro permanecerá adormecida “no lago” por três mil anos antes de despertar. Considera-se que o Zend-Avesta tenha por volta de três mil anos de idade, portanto esse “despertar da semente” deveria acontecer mais ou menos neste nosso tempo. Essa semente tem laços com a linhagem, e voltaremos a ela posteriormente.

O zoroastrismo pode ter sido a fonte do pensamento apocalíptico no judaísmo e no islamismo, e também uma influência importante sobre o cristianismo, mas a ideia do fim do mundo não se limita às tradições religiosas originárias do Oriente Médio. O budismo e o hinduísmo também mencionam ciclos de criação e destruição; o budismo, em particular, prevê seu próprio “segundo advento” sob a forma de Maitreya, o Buda do futuro. Os maias, assim como os chineses, também são bem conhecidos por seu calendário de ciclos que segue uma espiral descendente em direção a uma única data. Esse retorno rítmico aparece em outros mitos, como o retorno do rei na tradição francesa.

A Bíblia está juncada de ideias e profecias apocalípticas. Perguntei a Nic se o entendimento do Priorado em torno do apocalipse estaria ligado à profecia bíblica e ele respondeu: “Sim, o Apocalipse de João, o Divino”.

O LIVRO DO APOCALIPSE

A principal fonte sobre o tema no pensamento ocidental é o Apocalipse de São João, o Divino, talvez mais conhecido como o livro do Apocalipse. Atribuído ao mesmo São João que escreveu o evangelho, esse livro foi mantido em alta consideração entre os associados do Priorado por luminares do nível de Sir Isaac Newton, que era fascinado pelas profecias e visões do futuro. O livro também tem uma forte presença na Maçonaria, como parte dos rituais do grau de Rosa-Cruz discutidos anteriormente.

O vocábulo “apocalipse” é outra palavra para “revelação” e deriva do grego apokalyptein, que significa “descobrir” ou “revelar”. Em termos bíblicos, a “revelação” é sempre ou a vontade de Deus ou uma profecia de cataclismos e eventos futuros. Há outros apocalipses na Bíblia, como as visões dos profetas Ezequiel e Daniel no Velho Testamento, que representam as tradições apocalípticas do judaísmo. O livro do Apocalipse inspira-se nesses textos bíblicos, mas a sua visão do “Fim dos Tempos” é única por ser distintamente cristã.

O livro do Apocalipse é o texto mais bizarro do Novo Testamento, e por essa razão foi o último livro a ser aceito como parte da Bíblia cristã. Ele é uma jornada visionária e altamente simbólica pelo passado, presente e futuro conforme previsto por São João. O aspecto relativo ao futuro no texto é o que nos diz respeito.

Na época em que São João estava escrevendo (acredita-se que tenha sido por volta do ano 90), muitos grupos cristãos esperavam que, após dois mil anos, Jesus retornasse e anunciasse uma nova “Era Dourada”, o Éden/Arcádia de que a humanidade foi deserdada pelo desejo de conhecimento manifestado por Adão. De acordo com o Apocalipse, a Era Dourada duraria mil anos e depois seria seguida por um período sob o governo de Satã, o Anticristo. Isso levaria a uma batalha final na qual Cristo

retornaria em sua glória majestosa para presidir a derrota do mal, o Juízo Final, e, em última análise, o fim do mundo.

OS SETE SELOS

No centro do livro do Apocalipse (capítulos 6-8) situa-se a abertura dos sete selos em um grande livro. O Cordeiro (Cristo) pega o livro da mão direita de Deus e abre os selos um por um, provocando a cadeia de acontecimentos que anunciam o cataclismo final. As imagens são fantásticas e, a julgar pelas aparências, descrevem acontecimentos que destruiriam grande parte da população da Terra e tornariam boa parte do planeta inabitável. Mas em meio a esse relato vívido há indicações de que as descrições podem guardar alguns significados ocultos.

O ritual do 18º grau (Rosa-Cruz) do Rito Escocês Antigo e Aceito da Maçonaria (referido nas Estações da Cruz em Rennes-le-Château pelo garoto com a faixa de tartã; veja a página 125) inclui a representação da abertura dos sete selos. Estes também aparecem na alquimia, em numerosos documentos rosacrucianistas (veja Símbolos secretos dos rosa-cruzes dos séculos XVI e XVII, publicado pela AMORC), que também inclui o motivo "Sob este signo vencerás" sobre o diagrama da terra, ar, fogo e água – que corresponde à pia de água benta da igreja de Rennes-le-Château.

O autor do Manuscrito de Bacstrom, da iniciação rosa-cruz (veja a página 68), declara:

Deixarei as questões e disposições públicas ao Governo de Deus, que produzirá os eventos previstos no Apocalipse de São João, que se realizarão rapidamente.

A abertura dos sete selos revela acontecimentos que vão crescendo de dimensão até chegar à catástrofe mundial. Eis alguns exemplos e como têm sido interpretados.

O primeiro selo descreve a ascensão de um líder militar, um homem num cavalo branco que ganha o controle de dez nações. Ele é caracterizado

como alguém representado por duas pedras semipreciosas, jaspe e cornalina. Os sacerdotes do antigo Israel usavam um paramento peitoral durante as cerimônias que trazia incrustadas doze pedras semipreciosas representando as doze tribos de Israel. A cornalina simbolizava a tribo de Benjamim, à qual pertencia Maria Madalena, e portanto denotaria uma ligação com essa tribo. Historicamente, esse personagem era vinculado a Napoleão, que foi retratado num quadro famoso de Jacques-Louis David montado em seu cavalo branco.

Na abertura do primeiro selo, vemos quatro animais cercando o trono. Uma tradição cristã sustenta que essas criaturas, que aparecem inicialmente no livro de Ezequiel no Velho Testamento, simbolizam os quatro autores do evangelho. Entretanto, elas podem ser identificadas já na astrologia babilônica, em que eram signos do zodíaco.

A abertura do segundo e do terceiro selos produz visões das guerras e da fome que assolam o mundo. Perguntei ao Priorado se poderiam forçar uma guerra para que se encaixasse na agenda apocalíptica. A resposta foi um solene “Não seria a primeira vez”.

As guerras são tão comuns na história mundial recente que seria difícil usá-las como medida de alguma coisa além da ideia generalizada de “negócios como de costume”.

Quando o quarto selo é rompido, a morte se desencadeia em um quarto do mundo. Em termos atuais, isso significaria que um bilhão e meio de pessoas iriam “morrer”. Essa poderia ser uma morte simbólica de alguma espécie, como a perda da fé nas principais religiões. Tal noção recebe mais peso com a abertura do quinto selo, que mostra os “mortos” recebendo túnicas e sendo instruídos a esperar. Como até mesmo os teólogos concordam, os mortos não têm corpo, e portanto nada para cobrir com suas túnicas.

A abertura do sexto selo traz a visão de um evento cataclísmico, com as estrelas caindo do céu e um grande terremoto. Vê-se o sol tornar-se preto, uma imagem prevalecente na alquimia e que representa a primeira etapa do processo alquímico, o nigredo ou escurecimento. Um exemplo do sol preto pode ser visto no mural de Jean Cocteau na Notre Dame de Londres.

A abertura do sétimo selo anuncia mais destruição. Sangue e granizo chovem dos céus, um terço da terra é queimado e um terço da vida marinha perece. Uma montanha em chamas arremessa-se no mar. Uma estrela flamejante chamada Absinto cai do céu, abrindo o abismo e produzindo uma nuvem negra que obscurece um quarto da luz do sol. Na época do desastre de Chernobyl em 1986, observou-se que a palavra chernobyl significa “absinto” em russo, mas a importância disso permanece inconclusiva. O sétimo selo parece caracterizar a chegada de um cometa ou um asteroide, com o aparecimento de estrelas cadentes anunciando um impacto significativo.

São João chega a descrever uma praga de gafanhotos saindo da terra e atacando todos que não tenham o selo de Deus na testa. Os gafanhotos são descritos como tendo uma coroa dourada, cabelo de mulher, face humana, dentes de leão, peitorais de ferro e asas que soam como o trovão. Sua cauda contém um ferrão. Alguns interpretam os gafanhotos como helicópteros ou aviões de caça; e o impacto, o envenenamento do mar e o incêndio da terra como uma guerra nuclear. Expressões como “cavalos que respiram fogo” podem facilmente ser interpretados como tanques, que substituíram a cavalaria no campo de batalha. Mas isso é uma visão moderna que se encaixa no estreito painel criado pelo desenvolvimento atual da nossa tecnologia.

Até a chegada de um cometa ou outro cataclismo importante, é difícil localizar esses acontecimentos em um determinado momento da história. O Priorado precisa estar de posse de outras informações se quiser justificar sua expectativa de que o Fim dos Tempos, como é narrado no Apocalipse, é iminente.

UMA JANELA PARA O FUTURO

É importante entender que o conhecimento do Priorado sobre o apocalipse é menos significativo do que o modo como ele foi obtido, como diz Nic Haywood:

Para o Priorado, o método pelo qual essas informações são conhecidas é mais importante do que o acontecimento (...). A gnose, a data dos acontecimentos, os sinais de referência a observar, como se transmitem.

A linhagem pode, sem dúvida, fornecer duas fontes distintas de informações.

A primeira seria uma tradição oral, pela qual os acontecimentos de natureza cíclica do passado – como o retorno de um cometa que afetou os ecossistemas da Terra – foram registrados e transmitidos pela linhagem. Um bom exemplo é a história bíblica do Dilúvio, na medida em que encontramos relatos semelhantes em muitos mitos e histórias por todo o planeta, o que sugere a probabilidade de haver uma verdade por trás deles. Se esse evento não aconteceu, é possível que tenha havido sinais prevendo a sua chegada e que estes tenham sido registrados na forma de um ritual, para serem passados adiante entre as famílias nobres, permitindo que elas se preparassem e aproveitassem os acontecimentos subsequentes no futuro. Além disso, estou ciente de que o Priorado tem um grande interesse na captação e transmissão de conhecimentos das antigas civilizações.

Uma segunda possibilidade é a memória da raça, ou, como é chamada atualmente, a memória genética. Pode haver uma pista disso na referência de A serpente vermelha ao “sangue que clama do solo” e seu uso do labirinto. O labirinto, nesse contexto, agiria como um caminho de volta às “origens”, localizando a fonte do fluxo subterrâneo do conhecimento. Ele atuaria como um instrumento para as pessoas preparadas para ter acesso a informações além das limitações do tempo linear. A ideia recorrente de algo adormecido no sangue para ser despertado num momento específico foi discutida anteriormente (veja a página 288). O poder concedido àqueles com a verdadeira memória da raça seria imenso. Ela elevaria imediatamente o indivíduo acima de todos aqueles para os quais nascer é como caminhar no meio da noite sem realmente saber o que aconteceu antes. Ela ofereceria a única perspectiva clara sobre o passado.

PROFECIA

Fora da linhagem, há outros meios de conhecimento do futuro (além dos populares horóscopos das publicações sensacionalistas e diversos outros artifícios para a adivinhação) que retêm alguma credibilidade. A forma mais disseminada de previsão tem sido historicamente a visão profética, seja ela proveniente da Bíblia ou de personagens históricos relativamente recentes tais como Nostradamus, cujas declarações (como “O primeiro e o último dos seus filhos voltarão a brilhar na França”) são ambíguas demais para se encaixar em muitas das alegações de linhagem.

Profetizar é conhecer e comunicar um acontecimento futuro. Isso requer acesso a informações além do presente, que percebemos como parte do tempo linear. Esse conhecimento pode chegar de muitas formas, como lampejos de percepções, visões, sonhos, viagens da imaginação em atividade, meditação, transe e estados místicos. Também pode haver visitas na forma de guias e anjos, ou pelo uso de médiuns, canais e adivinhos.

Historicamente, a profecia era parte integrante da vida religiosa, e os profetas acreditavam ou pelo menos alegavam que suas mensagens vinham de uma fonte superior como Deus ou outra inspiração divina. Tendências mais recentes têm visto essas fontes como guias espirituais, forças angelicais e até mesmo inteligências alienígenas. Obviamente, o receptor pode estar enganado ao supor que a fonte está falando de uma perspectiva informada, ou no mínimo com autoridade.

À primeira vista, profecia e previsão pareceriam ser o domínio de malucos e de crédulos, mas, quando a ciência quântica e a psicologia transpessoal começam a se imiscuir nessa área, nossa visão do tempo como uma linha, ao longo da qual os acontecimentos são marcados como nós em uma corda, começa a se deslindar. Como nos sonhos e nas impressões de déjà vu, um outro tempo está disponível aqui e agora.

VISÕES

Dentro e ao redor da igreja de Maria Madalena em Rennes-le-Château, há muitas referências a visões. Como mencionamos anteriormente, a inscrição acima da porta da igreja afirma que “Este é um lugar terrível”, uma citação

da visão de Jacó acerca da escada com anjos subindo e descendo. No jardim existe um falso pilar visigótico que tem o alfa e o ômega suspensos entre os braços de uma cruz, como narrado na visão que o imperador Constantino teve da cruz, a qual foi acompanhada pela frase “Sob este signo vencerás”, repetida acima da pia de água benta dentro da igreja.

O jardim do padre Saunière foi consagrado a Nossa Senhora de Lurdes após uma visão da Virgem Maria, que lá apareceu em 1858 e cuja estátua repousa sobre o pilar visigótico. O próprio Saunière viajou a Lurdes em várias ocasiões para se beneficiar das águas curativas, portanto deve ter tido a mesma fé nessas questões.

Diz-se que, em dado momento, Saunière teria pensado em fazer de Rennes-le-Château uma segunda Lurdes, a que muitas pessoas acorreriam. Pouco antes de sua indicação, um acontecimento semelhante ocorreu em Pontmain, no sul da França, em 17 de janeiro de 1871. Testemunhas alegaram ter visto uma aparição da Virgem Maria pairando no céu por três horas. A visão foi ratificada pela Igreja Católica e o local tornou-se um ponto de peregrinação.

AS APARIÇÕES DA VIRGEM MARIA

O fenômeno das aparições da Virgem Maria tem muita ligação com a nossa história. Elas são difíceis de descartar como inteiramente imaginárias, porque Nossa Senhora sempre se revela a grupos de pessoas por períodos prolongados. Porém, isso não significa que esses fenômenos devam ser aceitos pura e simplesmente, na medida em que permanecem inexplicados e as convicções religiosas podem pintá-los com uma aparência católica. Pode ser que sejam de algum modo manifestações do arquétipo feminino apresentando-se como alucinações em grupo.

As imagens vistas nessas visitas parecem predispostas a fazer profecias. Que elas sempre decidam fazê-la a uma criança em algum lugar solitário em vez de ao papa ou outro líder mundial tem muito em comum com o problema de relatos de supostos contatos com óvnis. Mas nenhuma dessas preocupações desmerece a qualidade das informações fornecidas pela

“visão”. Ao contrário da maioria das modalidades de profecias, as visitas da Virgem Maria tendem a ser muito específicas quanto às informações que ela transmite.

A MENSAGEM DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA

A profecia mais famosa, e a mais pertinente às nossas investigações, refere-se às palavras atribuídas à aparição da Virgem Maria em Fátima, Portugal. Em 1917, uma imagem descrita como “mais brilhante que o sol” se mostrou a três crianças em Fátima e comunicou-lhes três segredos na forma de previsões. As visitas continuaram por seis meses, atraindo multidões cada vez mais numerosas de testemunhas. A primeira das profecias era uma imagem do inferno, de pessoas presas no fogo entre demônios. A segunda previsão afirmava que, embora a Primeira Guerra Mundial fosse terminar, se as pessoas não se corrigissem ocorreria uma segunda guerra, muito pior do que a primeira. A exatidão dessa previsão, claro, é um tema da história. A visão também pediu que a Rússia fosse consagrada ao sagrado coração, e o fato de que isso aconteceu em 1952 é uma evidência de que o Vaticano leva essas mensagens muito a sério.

O terceiro segredo só viria a ser revelado pelo papa depois de 1960. Uma das três crianças que testemunharam a visão era Lúcia Santos, posteriormente irmã Lúcia (1907-2005). Ela registrou o segredo e afirmou em suas memórias que ele começava com as palavras: “Em Portugal, o dogma da Fé será sempre preservado”. O Vaticano, porém, reteve a profecia até o ano 2000, quando liberou uma versão que não tem esse começo e claramente não é a mesma mensagem.

Há pistas para a natureza verdadeira do terceiro segredo. Irmã Lúcia também escreveu para diversas publicações católicas, mencionado os capítulos 8 a 13 do livro do Apocalipse às pessoas que lhe perguntavam a respeito. Esse trecho abrange tudo, desde a abertura dos sete selos até o surgimento do dragão vermelho. O cardeal Joseph Ratzinger, posteriormente papa Bento XVI, disse em novembro de 1984 que o terceiro segredo de Fátima tratava do “Fim dos Tempos”. No mesmo ano, Ratzinger também afirmou na revista católica paulina Jesus:

Ele não acrescenta nada ao que os cristãos devem saber com referência ao que está afirmado no livro do Apocalipse.

Há relatos de que o papa João Paulo II também teria comentado o seguinte sobre o terceiro segredo:

Se vocês leem que os oceanos inundarão os continentes e milhões de pessoas morrerão de repente em poucos minutos, uma vez que isso é conhecido, então na realidade não é necessário insistir na publicação desse segredo.

Poderíamos rejeitar esses comentários e considerá-los um tipo de alarmismo para atrair as pessoas de volta ao catolicismo, e eu tenderia a concordar, não fosse pelo fato de o doutor Grant Beardmore, um teólogo e ex-padre católico que estudou no Vaticano, ter me dito algo de grande importância.

De acordo com o doutor, houve um grande interesse por Rennes-le-Château dentro do Vaticano. Ele afirmou que isso se deveu em parte a um rumor de que o terceiro segredo de Fátima relacionava-se ao apocalipse e mencionava Rennes-le-Château.

O doutor Beardmore contou-me que, pelo que se disse, o terceiro segredo continha o seguinte:

1. A data real do apocalipse. Aparentemente, o papa a quem isso foi passado manteve o assunto em segredo e levou-o consigo para o túmulo.

2. A previsão de que uma praga de proporções pandêmicas varreria o globo antes desse acontecimento.

3. A revelação de que Rennes-le-Château é a chave do apocalipse.

Com relação à pandemia, a aids é um exemplo do qual todos estamos cientes, e é totalmente real a possibilidade de que venha a eclodir um surto de gripe suína ou gripe aviária que possa dizimar a população mundial.

O doutor Beardmore também me advertiu para tomar cuidado com o que diria sobre o Vaticano enquanto estivesse na região de Rennes-le-Château. Ele afirmou que a Santa Sé faz um trabalho importante por lá e não deve ser incomodada. É de conhecimento público que ela financiou um escaneamento de solo por radar na igreja e em seus arredores em meados da década de 1990.

Questionei sobre esse assunto meu contato no Priorado de Sião, Nic Haywood, e perguntei: o apocalipse tem alguma relação com Rennes-le-Château? Ele respondeu: “Num certo sentido, ele está codificado em Rennes-le-Château”.

UM RETORNO A RENNES-LE-CHÂTEAU

O apocalipse também foi relacionado a Rennes-le-Château por escritores como David Wood e Elizabeth van Buren. Cada um deles encontrou o próprio caminho para chegar a essa conclusão – Wood pela geometria e pelo impacto de cometas, e Van Buren pela alquimia e pela astrologia.

A cena do Sermão da Montanha dentro da igreja de Rennes-le-Château pode ter alguma relevância nesse sentido, uma vez que, em Mateus 24:37, Jesus prenuncia a vinda do fim do mundo: “Pois assim como foi nos dias de Noé, também será a vinda do Filho do Homem”.

Perguntei ao Priorado se eles estavam usando Rennes-le-Château como uma maneira de advertir as pessoas quanto a um evento futuro. A resposta, um tanto ambígua, foi: “Não queremos ‘transmitir uma mensagem’, quando as pessoas já têm o bastante com que se contentar”.

A autora Elizabeth van Buren escreveu um livro inteiro sobre assuntos relacionados ao apocalipse, incluindo a “cruz cíclica de Hendaye”, uma cruz de pedra com inscrições e entalhes cifrados que existe no cemitério anexo à igreja de Hendaye no sudoeste da França, na fronteira espanhola. Van Buren apresenta a ideia de que Rennes-le-Château irá funcionar como um refúgio do apocalipse. A obra dessa autora é radicalmente especulativa,

uma vez que ela “canaliza” uma boa quantidade das informações, mas o Priorado concorda:

Rennes é um refúgio, e certamente já resistiu [a um cataclismo anterior], mas é improvável que tenha sido usada como tal na época.

Elizabeth van Buren acredita que a cruz de Hendaye aponta para Rennes-le-Château. Em seu livro Os mistérios das catedrais, o alquimista Fulcanelli interpretou a cruz como sendo tanto alquímica quanto apocalíptica, e ele decodifica a inscrição latina vista nela como: “Todas as formas de vida encontram refúgio em um único espaço”. Van Buren acredita que esse “espaço” esteja em Rennes-le-Château. Ela interpretou o latim com o significado de que haveria um portal em Rennes-le-Château que permitiria às pessoas escapar ao cataclismo deslocando-se no tempo. A ideia desse portal foi abordada no capítulo Temas Manifestos (veja a página 162).

Tornou-se evidente durante as minhas pesquisas que o Priorado acredita que, em algum momento anterior na história, o “evento” cataclísmico foi esperado, mas não chegou a se materializar. Nic Haywood mencionou que os iglus de pedra, ou capitales, na encosta do morro ao redor de Rennes-le-Château (veja a página 140), foram construídos para testemunhar tal evento.

Isso implica que, seja qual for, ele será visual e ocorrerá na região de Rennes-le-Château ou nas imediações, uma vez que é para lá que as construções estão voltadas.

O DILÚVIO

O Priorado de Sião não espera que a vida na Terra seja completamente aniquilada, mas parece convencido, em relação à Europa pelo menos, de que a população seja drasticamente reduzida. Excluindo o impacto de um imenso asteroide, é improvável que algum evento natural isolado deixe a terra completamente desprovida de vida. Existe uma expectativa de que a humanidade continue de algum modo. Quando perguntei a Nic sobre a natureza desse acontecimento, ele respondeu:

Um dilúvio, talvez. A maioria dos climatologistas e cientistas está ciente da iminência de tais eventos. O próximo sinal é a aceleração das mudanças ambientais. Isso não é exclusivo da história atual do planeta, já aconteceu muitas vezes.

O conhecimento pode ser transmitido pela mitologia, como a história do grande dilúvio, que é narrada em muitos dos mitos mais antigos de todo o mundo.

Para os que duvidam da veracidade da previsão ou da exatidão da memória cultural, há outro caminho para o conhecimento do futuro. A geologia e a arqueologia devem ser claras quanto a quais eventos assolaram a Terra no passado. Se um evento cataclísmico aconteceu periodicamente na história da Terra – como uma glaciação recorrente ou um cometa que por várias vezes quase se chocou contra o planeta –, ele seria sustentado por evidências materiais.

Em sua longa e conturbada história, a Terra sofreu grandes impactos de meteoros, inundações, eras glaciais e sublevações vulcânicas e sísmicas. Considerando que a nuvem de poeira da erupção vulcânica no monte Santa Helena, em 1980, demorou três anos para se dissipar, então, por exemplo, se um vulcão da magnitude do Caldera, em Yellowstone, entrasse em erupção, grande parte do hemisfério norte se sujeitaria a vários anos de inverno, com pouca luz solar para cultivar alimentos. A erupção muito menor do Krakatoa, em 1883, foi ouvida a cinco mil quilômetros de distância e levou ao que foi classificado como “um ano sem sol”, prejudicando o cultivo de alimentos em todo o mundo. É difícil ignorar a longa história de cataclismos no registro geológico da Terra, quando extinções em massa comprometeram espécies inteiras de acordo com o registro fóssil.

Em nossas conversas, Nic Haywood certa vez referiu-se à perda de vidas durante o acontecimento como um “grande corte”. Esse termo pode ser encontrado nas obras do cientista climático James Lovelock, cuja visão é também de um acontecimento natural exacerbado pelo abuso dos recursos naturais e subsequente poluição por parte dos seres humanos. Seu livro mais recente, The revenge of Gaia [A vingança de Gaia], expõe cenários futuros de migrações maciças de “refugiados climáticos” e de guerras causadas pela fome e pelo desalojamento de pessoas.

Lovelock costuma ser deixado à margem da ciência, mas a “sexta extinção natural”, ou “evento de extinção no Holoceno”, é uma expressão usada por cientistas ambientalistas para explicar os efeitos esperados das atuais mudanças climáticas mundiais sobre a vida animal, vegetal e humana. Esse evento é previsto como um dilúvio que ocorrerá dentro dos próximos trinta anos (veja Six degrees [Seis graus – o aquecimento global], de Mark Lynas, para ter um excelente resumo das recentes pesquisas nessa área).

Se há um lugar de refúgio em Rennes-le-Château, por que ele está situado nessa região e não em outra parte? Talvez porque a água seja um fator-chave. Se o evento for motivado por mudanças climáticas, então um cenário possível seria um dilúvio seguido de uma breve glaciação. Esse é um evento natural cíclico e considera-se que a poluição que causamos desde a Revolução Industrial acelerou o processo. Uma inundação seguida de congelamento seria algo catastrófico. A região do Languedoc tem o mais alto lençol freático da França, e Rennes-les-Bains, em particular, possui sete fontes de água quente na vizinhança. Essas fontes são aquecidas vulcanicamente pelo magma da Terra e, portanto, permaneceriam impermeáveis às quedas de temperatura. Mas essa é apenas uma possibilidade.

Se a destruição ambiental causada pelo início do próximo ciclo cataclísmico fosse começar com um dilúvio mundial, não seria a primeira vez que as civilizações sobreviveriam a esse tipo de evento, como está registrado em muitos dos mitos mais antigos. Se fosse conhecido um local seguro, essa informação não chegaria até nós ao longo dos tempos em alguma forma codificada?

A história de Noé mantém essa ideia na mente de sucessivas gerações, mas a figura de Noé tem ligações com o Priorado, na medida em que cada chefe da ordem é mencionado como Nautonnier ou “Timoneiro”. Esse termo foi tirado do Real Arco da Maçonaria, e Nic confirma a ligação com Noé: “O Real Arco é às vezes conhecido como Arca Real, assim nós comparamos o Timoneiro a Noé”.

A ideia de que a região de Rennes-le-Château tenha sobrevivido à última inundação levou algumas pessoas a especular que o Pech Cardou é o verdadeiro local onde a arca de Noé foi parar. De acordo com o documento

A caverna de tesouros, um apócrifo do século VI, uma montanha chamada “Cardo”, não Ararat, foi o destino final da arca de Noé.

Existe também uma certa quantidade de evidências periféricas para ligações entre o dilúvio bíblico e o mistério de Rennes-le-Château. A criação de animais do padre Saunière parece sugerir uma homenagem à arca de Noé. O selo pessoal do artista Poussin era de um homem segurando um modelo de arca, e A serpente vermelha faz menção ao fato de Noé permanecer impassível nas rochas opostas a Pech Cardou.

É também possível que a ideia de uma “montanha sagrada” esteja ligada a Pech Cardou. Depois que um local é visto como importante ou sagrado, ele tende a ser sujeito a uma certa mitificação, e Rennes-le-Château em si é um exemplo excelente disso. Cardou pode ser a simbólica Ararat, destacada pelos mitos e histórias para transmitir a localização ao longo dos tempos, para mantê-la na mente das pessoas. O meridiano de Paris, por exemplo, atravessa Cardou, denotando que esse seja um lugar onde tempo e espaço estão ligados. Porém, o mais importante é que esse foi o lugar escolhido pelos Cavaleiros Templários para cumprir a profecia da Nova Jerusalém, presente em Apocalipse 21:2: “Vi também a cidade santa, uma nova Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus”.

A NOVA JERUSALÉM

A paisagem de Rennes-le-Château parece ter sido modificada para representar a Nova Jerusalém, pelo menos a da época dos Templários. Há nomes de lugares e locais que espelham a velha Jerusalém, e ela tem sido usada para uma reencenação do caminho de Jesus enquanto avançava com a cruz ao ombro na Via Dolorosa. Essa jornada também é o tema central do grau de Rosa-Cruz. Esses elementos convergem para dar peso à ideia de que a Nova Jerusalém foi de fato planejada e construída no Languedoc, e que pode ter sido firmada sobre uma tradição muito anterior, remontando à época da chegada de Maria Madalena a essa região.

A estrutura subterrânea que se diz estar no centro da paisagem (veja a página 223) funciona tanto como túmulo quanto como templo, e há também

uma forte ressonância apocalíptica nisso na medida em que ela tem doze portões que são abertos em épocas diferentes. Isso foi previsto no Apocalipse (21:10-12):

[...] e me transportou, em espírito, até uma grande e elevada montanha e me mostrou a santa cidade, Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus (...) Tinha grande e alta muralha, doze portas, e, junto às portas, doze anjos, e, sobre elas, nomes inscritos, que são os nomes das doze tribos dos filhos de Israel.

Essa ideia é corroborada pelo Priorado, ao afirmar que o templo está ligado à revelação e ao apocalipse. As entradas são quatro conjuntos de três, as doze entradas para o templo subterrâneo. Existe uma perfeita simetria e uma importância geométrica no desenho, que é estudado em profundidade no livro de John Michell, City of revelation [Cidade da revelação].

Contemporâneos dos Templários, os cátaros do Languedoc eram simbolizados pela cruz de Toulouse, que teve uma origem medieval entre os condes de Toulouse e pode ser vista na bandeira regional. O desenho é o de uma cruz de braços iguais com três esferas douradas em cada ramificação. As esferas são interpretadas pelo pesquisador francês Gérard Thome como representações dos doze portões da Nova Jerusalém.

A presença de relíquias no templo subterrâneo e a descoberta de um túmulo que contém o corpo de Maria Madalena, e possivelmente também o de Jesus, podem preparar o cenário para o próximo acontecimento, como é estabelecido em Apocalipse 21:9-10:

Vem, mostrar-te-ei a noiva, a esposa do Cordeiro; e me transportou, em espírito, até uma grande e elevada montanha e me mostrou a santa cidade, Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus.

O Cordeiro é um título sempre associado a Jesus e, como ilustra essa passagem, não só existe uma “noiva” de Jesus a ser revelada, mas isso também está ligado à Nova Jerusalém. Se aceitarmos que ela está localizada nas imediações de Rennes-le-Château e que o corpo de Maria Madalena, considerada como a noiva de Jesus, está enterrado lá, temos uma

representação muito precisa, ainda que engendrada, dessa parte do Apocalipse.

Com a Nova Jerusalém elevando-se das águas recuadas do dilúvio, o cenário está preparado para o Segundo Advento, o ato final da profecia de São João: o retorno do rei-sacerdote universalmente aceito como governante e que se espera lidere a humanidade na direção de uma nova era dourada.

Como a reencarnação não faz parte da doutrina católica e a intervenção divina parece improvável, a única opção real para o Segundo Advento seria através de meios hereditários. Se Jesus teve uma noiva, deve ter havido também filhos, como me foi explicado pelo Priorado e já discutido no capítulo sobre Maria Madalena. Desses filhos descendem as famílias da linhagem nos tempos modernos, nas quais o rei-sacerdote – herdeiro da santa família de Jesus – nasceria.

O momento oportuno para isso seria decisivo.

O Priorado, devemos lembrar, decidiu vir a público no vácuo espiritual criado pela Segunda Guerra Mundial. Com o comparecimento às igrejas em declínio e a fé de milhões abalada pela morte e pela destruição de um conflito planetário, o Priorado começou a disseminar as ideias alternativas de Jesus como marido e pai.

Um acontecimento como o apocalipse acabaria por diminuir o predomínio de religiões organizadas na vida espiritual das pessoas. Como um desastre natural não faria distinções entre igreja, mesquita, sinagoga ou templo, mas destruiria tudo em seu caminho, seria difícil para todos considerar-se como “escolhidos”. As numerosas religiões, que atualmente se escondem atrás de complexas estruturas de dogmas que fizeram desaparecer perguntas simples como “Quem somos nós?” e “Por que estamos aqui?”, serão varridas da existência quando deixarem de proteger seus seguidores da força indiscriminada que é a natureza.

Uma civilização pós-apocalipse precisará de um líder capaz de unir a todos, e, depois de ser conservada em segundo plano por dois mil anos, é aqui que a linhagem encontrará o seu propósito. Após o “grande corte”, a anarquia e

uma nova Era das Trevas consumirá o Ocidente, a menos que um líder assuma rapidamente o comando. De acordo com a tradição da linhagem, o rei antigo e futuro nascerá de uma união entre duas famílias nobres. A essa altura dos acontecimentos, os candidatos mais prováveis são dos Habsburgos e da Casa de Lorena.

Nesse espaço, surge um novo estilo de ser, liderado por alguém que é tanto um governante espiritual quanto político, um rei-sacerdote, a exemplo dos reis-sacerdotes, ou hyksos, do Egito antigo da ordem de Melquisedeque. Será um retorno à imagem do Cristo que é compreendida e reconhecida por todos. Infelizmente, ele não pode durar mil anos, porque o seu papel exige que seja sacrificado, ou simbolicamente ou literalmente, como os deuses pagãos de outrora. Entretanto, seu governo e o impacto que causará na sociedade devem perdurar.

A ideia do retorno de um “Grande Monarca” ou salvador nacional tem uma participação importante na tradição francesa, com seus mistérios históricos de “sobrevivência” dos merovíngios, Luís XVII e até mesmo Charles de Gaulle. É, ainda, um tema comum dos mitos franceses, como o da Bela Adormecida, de Perrault, em que o reino é despertado por um único cavaleiro galante.

O mito do cavaleiro que retorna também está impregnado nas religiões e mitos de outros países e culturas. Na Inglaterra, por exemplo, considera-se que Artur, “o rei antigo e futuro”, está dormindo embaixo de uma colina com seus cavaleiros, para despertar quando a nação for ameaçada. As lendas arturianas dão-nos a imagem da grande espada Excalibur voltando para o lago, onde permanece oculta até aparecer o rei que seja adequado para usá-la. Isso faz lembrar a ideia da semente de Zoroastro que jaz adormecida em um lago por três mil anos, e a lenda de Ísis recolhendo e recompondo todas as partes de Osíris esquartejado – a não ser por seu pênis, que Seth atirou ao Nilo e nunca mais foi encontrado.

CONCLUSÃO

A exemplo de muitos assuntos de que tratamos, o apocalipse pode atuar em mais de um nível. No nível pessoal, a abertura dos sete selos pode ser vista como correspondente à “abertura” ou ativação dos sete chacras, ou centros energéticos, ao longo da coluna vertebral, o que representa um processo de ascensão do primal e puramente material na base da coluna para o iluminado e puramente espiritual no chacra mais elevado, a coroa da cabeça. Quando os chacras são abertos, alcançamos um perfeito equilíbrio entre o material e o espiritual. Embora essa ideia tenha originalmente chamado a atenção no Ocidente por meio de disciplinas não cristãs de origem indiana, como a ioga e o tantra, permanece o fato de que ela sempre esteve presente e disponível como um fenômeno da experiência humana.

Em outro nível, o apocalipse simboliza a queda da Igreja quando Jesus é redescoberto como uma vivência espiritual pessoal: a liberdade de ser quem realmente somos e a capacidade de nos comunicarmos diretamente com Deus, como os gnósticos sustentaram ao longo dos séculos.

À luz de tudo isso, a necessidade da mediação dos padres rapidamente desaparecerá.

No entanto, com tudo o que vi e ouvi, devo concluir que há algo mais na ideia do apocalipse do que simplesmente a evolução espiritual pessoal. Há muitas indicações de um evento disseminado, fisicamente destrutivo, de alguma magnitude no futuro próximo.

O mundo como está não pode continuar indefinidamente, como qualquer geólogo ou climatologista concordará. E a história nos conta que o mundo já foi destruído muitas vezes. Ele resistiu a impactos de cometas como o que criou a península de Yucatán e a cratera de Woodleigh, na Austrália; ciclos de eras glaciais; mudanças dos polos magnéticos; grandes terremotos e elevações sísmicas. Um evento futuro de magnitude semelhante não é um caso de “se”, mas meramente de “quando”.

Entretanto, até mesmo uma inundação, por mais devastadora que seja, acabará por recuar.

A espiritualidade existe em todas as culturas, em todas as etapas da história, em todos os níveis da sociedade. Ela é uma constante, ao contrário do

pensamento científico, das modas filosóficas e da ignorância assumida. A espiritualidade sempre satisfez uma necessidade no aprimoramento da humanidade, portanto ela continuará existindo além do cataclismo. Infelizmente, será preciso um evento dessa magnitude para produzir uma ampla mudança na consciência. Se grande parte do mundo e da sua infinidade de crenças for varrida para dentro do mar, a longo prazo isso poderá, por mais trágico que seja, contribuir para forçar a humanidade a adotar uma existência mais equilibrada.

O choque universal causado pela destruição aleatória de um terço da vida sobre a Terra em um evento cataclísmico imparcial, como se afirma no livro do Apocalipse, pode ajudar a humanidade a perceber que seus deuses estão ausentes, ou mortos ou perdidos para o mundo – ou pelo menos que sua compreensão deles foi irremediavelmente distorcida.

Depois de tudo, talvez haja uma mudança em quem exerce o controle, que passaria das religiões estabelecidas de volta para a vontade do indivíduo. A experiência desconfortável da incerteza e da dor de não pertencer é uma vivência útil. Ela cria um espaço em nós para ser ocupado pelo divino.

Em última análise, acho que precisamos deixar nossos deuses morrerem para descobri-los por nós mesmos. A palavra final sobre esse assunto pertence a Nic Haywood. Durante uma conversa informal, quando perguntei se sabia quando aconteceria o Evento, Nic absteve-se de dar uma data precisa, mas declarou:

Acontecerá enquanto você viver.

CAPÍTULO 19

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Lux Veritatis Alet Altare Templi – “Que a Luz da Verdade Sustente o Altar do Templo”

Como em A serpente vermelha, nossa jornada principia na escuridão, quando comecei a reunir evidências sobre o Priorado de Sião e sobre suas ações depois que saiu das sombras da história. Com a ajuda de Nicolas Haywood e de outros integrantes da ordem, lançamos luz sobre os cantos mais escuros dessa organização misteriosa. Vimos que os objetivos e a influência do Priorado têm um longo alcance, e com a ajuda da organização navegamos por entre as sociedades secretas, os mistérios religiosos, as artes, as linhagens, Rennes-le-Château, a alquimia e o apocalipse.

À medida que mergulhamos nessa infinidade de assuntos esotéricos, o que se evidenciou foi a pureza da sua mensagem, uma corrente de conhecimento bem definida que flui em todas as direções do centro de uma rosa. Meu papel foi comunicá-la, trazê-la à luz.

Os mistérios de Rennes-le-Château foram o canal de divulgação mais bem definido usado pelo Priorado para disseminar crenças e ideais – como uma espiral mística que nos chega de um passado distante, passa pelo presente e segue para o futuro. Ela começou como um pequeno mistério – um caprichoso e obstinado padre francês de Rennes-le-Château –, e desse grão de areia desenvolveu-se uma pérola de valor imenso. Com o tempo, esse mistério aglutinou-se em um complexo sistema de crenças e ideias filtrada para o domínio público a fim de influenciar a sociedade. Lentamente, foram-nos revelados muitos segredos, e essa era a intenção do Priorado de Sião:

E se uma história alternativa, com informações que fossem chocantes para todos, fosse liberada aos poucos?

Uma coisa que o Priorado conseguiu foi revelar-nos a importância do papel de Maria Madalena como um arquétipo feminino perdido. Se ela fosse aceita como a noiva de Jesus e a mãe do seu filho ou filhos, isso corrigiria um desequilíbrio fundamental e flagrante do cristianismo, e particularmente do catolicismo.

O papel de Maria Madalena, como é reconhecido entre “hereges” e iniciados, é o da sacerdotisa, capaz de elevar a posição das mulheres dentro da Igreja. Como um arquétipo, Maria Madalena é importante mesmo para os milhões de pessoas no Ocidente a quem a Igreja já não é particularmente relevante. Em razão da influência histórica do cristianismo ortodoxo sobre a nossa cultura, a imagem de uma mulher jovem, independente e sexualmente ativa como um arquétipo positivo faz tanta falta na sociedade moderna que muitas pessoas ainda consideram tal imagem com desconfiança, como moralmente instável ou pior.

Simbolicamente, Maria é o aspecto feminino reprimido no homem.

A natureza humana, diversa e fascinante, não pode ser desviada ou reprimida sem causar dano ao indivíduo. A repressão é prevalecente em muitas religiões, e uma medida dos ensinamentos religiosos é sempre sua atitude em relação à sexualidade. No entanto, a sexualidade e a espiritualidade não são mutuamente exclusivas, como o cristianismo sempre pareceu sugerir. O caminho do tantra, por exemplo, tem um interesse particular nesse sentido. Como as serpentes gêmeas do caduceu de Hermes, o tantra tem o efeito de abrir os chacras e liberar a inegável força da energia que une os reinos espiritual e material.

Maria Madalena é também o símbolo de um cristianismo alternativo, transmitido em todas as épocas como ensinamentos secretos. Vimos como se usava o simbolismo para proteger e transmitir esses segredos. Eles eram embutidos em documentos e rituais, e circulavam entre as sociedades secretas e padres heréticos para proteger um percurso espiritual não ortodoxo. Assim como o grau de Rosa-Cruz encontrou seu lugar na

Maçonaria (e em A serpente vermelha), esse caminho não ortodoxo também adotou a alquimia.

A alquimia – ciência completa da transformação e da evolução individual para a gnose – proporciona uma vivência direta do divino. Ela é vinculada em certos sentidos ao conhecimento de acontecimentos futuros, incluindo o apocalipse, e ao modo como a linhagem de Jesus e Maria Madalena produzirá um “Segundo Advento” depois de tudo.

Enquanto o apocalipse prepara o cenário para um novo Messias, a visão ortodoxa quer que acreditemos que Jesus voltará, literalmente, do céu. Mas Jesus não voltará pessoalmente, pois com toda a probabilidade ele está morto e enterrado na paisagem arcadiana de Rennes-le-Château. Se houvesse plena compreensão, ninguém ficaria ofendido quando a vida e os ensinamentos de Jesus fossem vistos sob uma luz diferente. Se Jesus se tornar unicamente humano, ser de fato “semelhante a Cristo” torna-se mais viável para qualquer pessoa viva. É perfeitamente possível para qualquer pessoa ser humilde e piedoso, tolerante e magnânimo, aceitando plenamente as diferenças ao ponto da completa igualdade. Esse é o verdadeiro cristianismo.

FIM DA JORNADA

No esforço de descobrir a verdade, nos deparamos com o que parece ser a maior mentira da história: que Jesus não teve esposa nem um herdeiro, e que morreu na cruz. Ao revelar essa mentira, somos responsáveis em parte pelo resultado dessa revelação. Você me acompanhou nessa estranha peregrinação e, no fim, tudo o que resta é a fé e a verdade. Às vezes, elas são iguais, mas, se for para sacrificarmos uma, então é a verdade que deve restar. A verdade é mais importante.

Minha intenção ao escrever este livro foi tanto fazer justiça ao material fornecido pelo Priorado quanto promover um avanço. Se, como discute o capítulo anterior, a vinda do conhecimento coincide com a de um evento cataclísmico, então eu participei da preparação do terreno para isso.

Quando chegar o momento, mais elementos do mistério serão revelados. O fluxo subterrâneo ainda precisa realmente emergir para que todos vejam. Há segredos que têm o poder de causar um grande impacto no mundo, de fundamentalmente questionar muitas crenças centrais da religião, da ciência e da história. Portanto, eles não podem ser revelados de maneira descuidada. Essa jornada tenta criar uma consciência de que há mais revelações por vir.

A mudança está a caminho e, como o Priorado de Sião sempre nos diz:

Tudo está seguindo de acordo com o plano.

Rob Howells

17 de janeiro de 2011

APÊNDICE

DOCUMENTAÇÃO

Como são estranhos os manuscritos desse Amigo, grande viajante do desconhecido.

A serpente vermelha

OS DOCUMENTOS DO PRIORADO DE SIÃO E DE RENNES-LE-CHÂTEAU

Muitos aspectos dos mistérios do Priorado de Sião e de Rennes-le-Château giravam em torno de pergaminhos e de outros documentos. A primeira linha de contato do Priorado com os indivíduos consiste muitas vezes em enviar-lhes um documento, até recentemente A serpente vermelha, por exemplo (veja o Capítulo 10).

Pode parecer que os “arquivos” do Priorado estejam escondidos entre as bibliotecas existentes, algumas públicas, mas muitas particulares – um modelo disperso de segurança muito parecido com o sistema sobre o qual Umberto Eco escreve em O pêndulo de Foucault. Sem permissão ou detalhes bibliográficos corretos, é impossível localizar os arquivos.

Nos últimos anos, o Priorado forneceu, prometeu e direcionou-me a inúmeras obras. A seguir há uma lista dos documentos importantes de Rennes-le-Château, e dos itens que me prometeu ou enviou.

Durante a década de 1960, o Priorado de Sião tornou públicos diversos documentos relativos a Rennes-le-Château. Entre eles incluíam-se pergaminhos considerados pertencentes ao padre Bérenger Saunière e os Dossiês secretos, uma coleção de recortes e apontamentos relativos ao mistério. Os manuscritos e outros itens documentais que me foram entregues pelo Priorado estão relacionados a seguir:

Pergaminhos

Os dois pergaminhos publicados originalmente no livro de Gérard de Sède, O tesouro amaldiçoado de Rennes-le-Château, e depois no livro de Baigent, Lincoln e Leigh, O Santo Graal e a linhagem sagrada, segundo foi dito teriam sido encontrados por Bérenger Saunière quando ele escavou a igreja de Rennes-le-Château.

Henry Lincoln descobriu que havia códigos ocultos nos pergaminhos e os decifrou. As mensagens codificadas são:

Para Dagoberto II, rei, e para o Priorado é este tesouro, e ele está lá morto.

Pastora, ausência de tentação, Poussin e Teniers têm a chave. Paz 681. Pela cruz e este cavalo de Deus. Eu venço esse demônio guardião ao meio-dia. Maçãs azuis.

De Sède já havia ligado os pergaminhos a Rennes-le-Château, portanto o conteúdo desses manuscritos funciona mais como uma sinalização para o mistério. Eles mencionam as pinturas de Poussin e Teniers que analisamos no Capítulo 16, além da estátua de Asmodeu da igreja, ao passo que “maçãs azuis” é uma expressão maçônica.

A referência ao “cavalo de Deus” pode ser à pintura Heliodoro expulso do Templo, de Delacroix, que está situada na Capela dos Anjos na igreja de Saint-Sulpice, em Paris, como é corroborado pelo texto A serpente vermelha, do Priorado.

Os manuscritos postos em circulação por De Sède acabaram sendo desmascarados como invenções modernas, e muitos pesquisadores rapidamente os rejeitaram por completo. Eles foram produzidos em apoio à missão de Pierre Plantard no que me foi explicado como uma “indústria de chalés” nas imediações de Paris na década de 1960, mas o Priorado sustenta que se basearam em originais autênticos descobertos por Saunière.

Diz-se que Saunière viajou a Saint-Sulpice para conseguir que decodificassem os pergaminhos. Isso teria sido feito por Emile Hoffet, um dos mais importantes pesquisadores sediados ali. De acordo com o Priorado,

É provável que esses quatro pergaminhos tenham sido, na realidade, oferecidos – negociados, se preferir – em troca do paradeiro de outro documento por um círculo interno de clérigos muito poderosos de Saint-Sulpice: o grupo chamado “Equipe de Hoffet”.

O escritor Jean Markale afirma que Hoffet tinha uma biblioteca secreta em Saint-Sulpice. Isso foi confirmado pelo Priorado como um pequeno arquivo dentro da biblioteca da igreja. Tive permissão de conhecer esse arquivo, mas os documentos foram retirados antes que pudesse vê-los.

Dossiês secretos

O Priorado me enviou uma cópia dos Dossiês secretos como material histórico para consulta. Deve ser observado que esses e outros documentos que recebi da ordem estão estampados com duas insígnias maçônicas (Grande Loja Alpina), confirmando que tinham permissão para ser divulgados e postos em circulação. Essa é considerada uma política-padrão quando se libera qualquer documento para uma “campanha” (informativa) do Priorado, e está em vigor desde 1985 para impedir a circulação de material inadequado ou adulterado.

Quando Pierre Plantard recebeu a tarefa de reunir os iniciados espalhados na Europa do pós-guerra, um de seus métodos foi usar a Bibliothèque Nationale da França, em Paris, como um “quadro de avisos”. Dossiês secretos era uma pasta com recortes de notícias e documentos em que os itens poderiam ser acrescentados ou removidos. É claro que isso requeria um “amigo” do Priorado dentro da biblioteca para facilitar a armazenagem e a retirada de material fora do catálogo. Posso confirmar que essa pessoa ainda existe atualmente e não tenho permissão para revelar a sua identidade.

Os Dossiês secretos não eram destinados ao público e causaram um certo número de confusões entre os pesquisadores. Como observa o Priorado,

Les dossiers secrets foram criados originalmente como uma espécie de quadro de notícias, mas depois se tornaram um veículo para mistificação deliberada e propositada e também funcionaram tanto como um registro público quanto um meio de verificação.

Eles serviam ao propósito de constituir um meio de comunicação entre as diversas facções. Entre eles incluía-se um exemplar de A serpente vermelha, e este foi usado para atrair a atenção das pessoas que o Priorado tinha interesse em ver alinhadas à sua causa.

O conteúdo dos Dossiês evoluía constantemente à medida que eram acrescentados e retirados itens com o passar do tempo, e esse conteúdo ainda é atualizado por uma questão de tradição, embora não apareçam em nenhum sistema catalográfico dentro da biblioteca.

A pintura de Teniers, Santo Antônio e São Paulo no deserto

Além dos documentos acima, também me enviaram um determinado número de outros itens, incluindo uma chapa fotográfica dessa pintura de Teniers. Tomada de empréstimo ao Priorado e enviada a mim por Nicolas Haywood, essa é a única cópia exata conhecida que existe do original, que se encontra em mãos de proprietários particulares há cerca de oitenta anos. A chapa está incluída entre as ilustrações na parte respectiva deste livro.

As ilustrações de Splendor Solis

Recebi também várias cópias de um manuscrito original do Splendor Solis, que pertence à coleção particular de manuscritos alquímicos de Nic Haywood. A última figura do nosso caderno de imagens exemplifica como ela ilustra a citação “Tira-me do lamaçal e não me deixes atolar”, referida tanto na igreja de Rennes-le-Château quanto em A serpente vermelha.

Entre as ilustrações que recebi, vale mencionar também uma que mostra um cavaleiro em pé sobre uma fonte onde os fluidos claro e escuro se misturam, provenientes de duas nascentes de água. Essa fonte pode ser vista na paisagem de Rennes-le-Château no lugar onde se encontram os rios "Branco" (Blanc) e "Sal" (Sals). Localmente, esse lugar é conhecido como "Le Bénitier" ou pia de água benta, como a que é suportada por Asmodeu dentro da igreja de Rennes-le-Château. Esse é um exemplo de como foi desenvolvida uma iniciação baseada no processo alquímico na paisagem da igreja.

Desenhos do tarô

O Priorado me enviou cinco desenhos de cartas do tarô. Eles afirmaram que o artista e produtor de cinema Jean Cocteau não apenas influenciou os desenhos como possivelmente os criou. Informaram que Cocteau era um integrante do Priorado, e a carta do Eremita incluída na página 350 mostra a palavra ZION na forma de uma chave suspensa pelo colar do eremita. A segunda carta, na página 351, inclui a Papisa (Alta Sacerdotisa), que apresenta o axioma alquímico VITRIOL escrito entre duas linhas em perspectiva com ponto de fuga único. Um desenho semelhante pode ser visto na obra intitulada Vaincre, publicada por Pierre Plantard em 1946, defendendo a criação dos Estados Unidos do Ocidente.

A carta de intenções

Durante a produção do documentário Linhagem, o Priorado enviou a mim e aos produtores uma carta datada de 17 de janeiro de 2006, em que declarava a sua intenção de apoiar o projeto. Porém, o mais interessante foi que ela vinha acompanhada de um certo número de assinaturas e carimbos.

As assinaturas nos documentos do Priorado não devem ser tomadas pelo "valor de face" por duas razões. Pelo que sei, a ordem mantém uma série de carimbos de assinaturas, o que permite a coassinatura de documentos na ausência, mesmo depois da morte, de determinados integrantes estratégicos.

Além disso, o uso de carimbos dispensa os itens da circulação física – de ser enviados de um lado para outro entre os signatários, com o risco adicional de extravio ou de cair em “mãos erradas” – antes da liberação oficial. Os carimbos também significam que podem ser produzidas diversas variações dos documentos em termos de linguagem, adequadamente coladas em um único item, dependendo do destinatário. Essas cópias diferentes podem então ser “assinadas” sem a necessidade da presença do signatário.

Com isso em mente, não posso alegar que as assinaturas na carta de intenções sejam da mão daqueles a quem eram atribuídas. A primeira assinatura é de Nicolas Haywood, usando o seu velho nome de família de São Aubin, e tem o carimbo dos “Filhos de Ísis”. Não consigo encontrar nenhum registro desse grupo, mas eles podem estar ligados às lojas alquímicas europeias da Maçonaria. Ele pode ser um subconjunto da loja hermética da qual Nic participa, mas de novo isso não é conclusivo.

Juntamente com isso está a assinatura de Thomas Plantard, filho de Pierre Plantard e atual grão-mestre do Priorado de Sião, embora a posição dele seja questionada. A assinatura dele e o carimbo parecem ter as palavras Ordre de Morges. Morges é uma cidade suíça onde estão sediadas duas lojas maçônicas europeias, Lux in Tenebris (“Luz na Escuridão”) e Saint-Jean du Léman (“São João do Lago Genebra”). Mas não posso ligar conclusivamente Thomas Plantard a nenhuma delas.





Em seguida vem a assinatura de Raphael Sauvage, que eu acredito ser o tataraneto de Gaston Sauvage, conhecido como participante do círculo íntimo do alquimista Fulcanelli. O carimbo de Raphael se parece com o da loja maçônica de Misraim-Memphis, que aparece em muitos documentos do Priorado liberados publicamente.

A última assinatura é desconhecida para mim e é difícil de identificar. Ela parece ser “A. Sewole”. Abaixo há o carimbo da REAA, a Grand Orient de France Suprême Conseil Grand Collège du Rite Ecossais Ancien Accepté. Essa é uma ordem maçônica conhecida, sediada na França.

Frontispício do Priorado de Sião

O desenho do Priorado (veja a página 56), segundo Nic Haywood, é de “pouco mérito literário”, mas de “relevância geomatemática e esotérica”. O desenho é uma imagem geométrica com duas flechas atravessando o centro, flanqueadas pelas letras alfa e ômega. Isso lembra bastante o distintivo da Ordem do Monitor Secreto (OSM – Order of the Secret Monitor), uma loja maçônica bem estabelecida sob a United Grand Lodge, da Inglaterra. Há variações no desenho, mas, ao enviá-lo para mim, o Priorado indica claramente uma ligação entre as duas ordens. A exemplo dos rosa-cruzes, a OSM é conhecida por afirmar que as origens da sua ordem podem ser rastreadas até o Egito antigo.

O distintivo do Monitor Secreto consiste em flechas dentro de uma estrela de seis pontas, geralmente contém as letras “D” e “J” e é encimado por uma coroa. O distintivo representa a amizade entre Davi e o filho do rei Saul, Jônatas, no Velho Testamento (Samuel 1). Sua aliança de amor e amizade espelha o ideal maçônico de amor fraterno.

O selo de Bacstrom

O alquimista Sigismund Bacstrom foi iniciado no rosacrucianismo pelo conde de Chazal em 1794 (veja as páginas 68-69). O selo de Bacstrom é

uma imagem pequena que contém uma águia e uma serpente olhando para um sapo embaixo. Os primeiros dois elementos são fundamentais para A serpente vermelha, ao passo que o sapo geralmente significa qualidades básicas a serem redimidas. Essas criaturas também significam os três principais estágios da alquimia: sapo preto = nigredo (escurecimento); águia branca = albedo (branqueamento); serpente ou dragão = tintura vermelha/Pedra Filosofal.

Ensaio sobre o fogo

Nic também entregou uma cópia do seu ensaio sobre a natureza esotérica do fogo – a explicação mais completa que já vi a esse respeito. Entre as cartas de Sigismund Bacstrom, há um bilhete informando que, se ele encontrasse alguém alegando ser rosa-cruz, deveria desafiar a pessoa a explicar a natureza esotérica do fogo. O ensaio de Nic é uma ampla evidência da sua qualificação como integrante. Ele não foi incluído aqui por razões de espaço, mas está disponível no meu website (http://www.robhowells.co.uk).

Mapa do cemitério de Rennes-le-Château

Uma cópia de um mapa feito à mão do cemitério de Rennes-le-Château, com uma legenda explicando quem está enterrado onde, foi-me enviada quando o livro ia ser impresso. Estou ciente de que se trata de um item bastante importante para os pesquisadores, mas decidi não incluir neste livro, porque, infelizmente, por diversos anos o cemitério tem sido alvo de inúmeros atos de vandalismo por parte de caçadores de tesouros e arqueólogos amadores. O mapa não indica de maneira nenhuma a necessidade de se escavar a área, mas tem relação com uma referência em A serpente vermelha, e espero tratar desse assunto mais extensamente em uma data posterior.

O segredo dos Templários

Esta é uma seleção de páginas de uma obra publicada de maneira independente pela matemática Patricia Villiers-Stuart. Ela inclui uma análise geométrica da pintura de Poussin, Os pastores da Arcádia, tendo em vista a Proporção Áurea e a geometria do doutor John Dee, um ocultista. Dee foi uma influência sobre os graus rosacrucianistas em circulação em Paris no século XIX. As “palavras de poder” transmitidas pelos mestres rosa-cruzes aos iniciados eram inspiradas nos textos de Dee.

A geometria sobreposta às telas de Poussin contém um círculo segmentado em doze partes. O mesmo desenho geométrico é sobreposto ao mapa da região próxima a Rennes-le-Château e centra-se no lugar chamado L’Homme Mort (O Homem Morto). Os doze segmentos do círculo são um símbolo tanto da rosa (como nas rosáceas das catedrais) quanto da “Linha Rosa” que passa perto da região. Faltam duas páginas nessa obra que prometeram enviar depois, mas ainda não chegaram.

Itens pendentes

Pode ser de interesse aos pesquisadores saber dos diversos outros itens que o Priorado devia ter me enviado, mas ficaram faltando. Entre eles incluem-se fotografias de dois documentos supostamente datados dos séculos XIV e XVII. O último é um “palimpsesto”, isto é, foi escrito sobre outro documento muito mais antigo que teve suas palavras parcialmente apagadas. Isso foi proposital e é provável que os dois textos interajam de algum modo. Vi uma pequena foto desse manuscrito, portanto sei que ele pelo menos existe de alguma forma.

O Priorado também mencionou apontamentos e diagramas de um ex-arqueólogo e integrante do Priorado, alguns dos quais supostamente estão em código. Eles dariam uma orientação sobre os sistemas de cavernas próximos a Rennes-le-Château – por exemplo, onde podem ser encontrados na região determinados locais subterrâneos e entradas ocultas a leste do vilarejo. É improvável que eu publicasse esses documentos se chegassem às minhas mãos, mas eles poderiam ser usados para fundamentar a hipótese de túmulos e templos subterrâneos (veja o Capítulo 11).

Finalmente, devo observar que o Priorado também me orientou a procurar o Pergaminho de Chinon no Arquivo Secreto do Vaticano (veja os Capítulos 2 e 8), além de textos alquímicos como o Splendor Solis e O livro da Santíssima Trindade (veja o Capítulo 17).

BIBLIOGRAFIA SELECIONADA

Para obter uma lista completa de livros relacionados a esse assunto e de recomendações de leitura, acesse o site do autor em www.robhowells.co.uk.

Abraham, L. A dictionary of alchemical imagery. Cambridge University Press, 2001.

Agrippa, C. Three books of occult philosophy. Llewellyn Publications, 1993.

Allen, T. G. (Trad). The book of the dead. University of Chicago Press, 1974.

AMORC. Secret symbols of the Rosicrucians of the 16th and 17th centuries. AMORC, 1987.

Assagioli, R. Psychosynthesis. Thorsons, 1999. [Psicossíntese. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1997.]

Attwater, D. The penguin dictionary of saints. Penguin Books, 1983.

Baigent, M.; Leigh, R; Lincoln, H. The holy blood and the Holy Grail. Random House UK, 2006. (Publicado nos EUA como Holy blood, Holy Grail. Bantam Books, 2005.) [O Santo Graal e a linhagem sagrada. 12. ed. São Paulo: Nova Fronteira, 1993.]

_____. The messianic legacy. Arrow, 2006. [A herança messiância. São Paulo: Nova Fronteira, 1994.]

Baigent, M. The Jesus papers. Element Books, 2006. [Os manuscritos de Jesus. Rio de Janeiro: Pocket Ouro, 2011.]

Barnstone, W. (Ed). The other Bible. HarperCollins, 2005.

Batschman, O. Nicolas Poussin. Reaktion Books, 1990.

Bertaulet, J. De verloren koning en de bronnen van de graallegende [O rei perdido e as fontes das lendas do Graal]. Gent: Stichting Mens en Kultuur, 1991.

Blake, W. Jerusalém [poema].

Blunt, A. Poussin. Pallas Athene Arts, 1995.

Boudet, H. La vraie langue Celtique et le cromlech de Rennes-les-Bains [A verdadeira linguagem dos celtas e o círculo de pedras de Rennes-les-Bains]. Bélisane, 1984. Fac-símile da edição de 1886.

Brunes, T. Sacred geometry. Rhodos, 1967.

Bulfinch, T. Bulfinch's mytholology. Modern Library, 1998.

Butler, A. Lives of the saints. Paraclete Press, 2005.

Byrne, P. Templar gold. Nevada City: Symposium, 2001.

Chaplin, P. City of secrets. Robinson Publishing, 2007.

Charpentier, L. Mysteries of Chartres Cathedral. Research into Lost Knowledge Organisation Trust, 1997.

Cirlot, J. E. A dictionary of symbols. Routledge, 1983.

Clarke, R. B. An order outside time. Hampton Roads, 2005.

Codex Rosa Crucis D.O.M.A. Philosophical Research Society, 1974.

Cooper, J. C. An illustrated encyclopaedia of symbols. Thames and Hudson, 1978.

Cruz, J. C. Relics. Our Sunday Visitor Inc, 1984.

Dawood, N. A. (Trad.) The Koran. Penguin Classics, 2003.

De Sède, G. The accursed treasure of Rennes-le-Château. DEK Publishing, 2001.

_____. Rennes-le-Château. Robert Laffont, 1988.

Dee, J. The hieroglyphic monad. Weiser, 2001.

Douzet, A.; Coppens, P. The secret vault. Adventures Unlimited Publishing, 2006.

Dunn-Mascetti, M. Saints: the chosen few. Boxtree, 1994.

Eschenbach, W. von. Parzival, Penguin, 2004. [Parsifal. 2. ed. São Paulo: Antroposófica, 1995.]

Fabricius, J. Alchemy. Aquarian Press, 1989.

Fanthorpe, L. Rennes-le-Château. Bellevue Books, 1991.

Fulcanelli. The dwellings of the philosophers. Archive Pr & Communications, 1999.

_____. Le mystère des cathédrales. Brotherhood of Life, 1987. [O mistério das catedrais. São Paulo: Madras, 2007.]

Gaines, H. F. Cryptanalysis. Dover Publications, 2000.

Gardner, L. Genesis of the Grail kings. Bantam, 2009.

Gettings, F. The secret zodiac. Routledge, 1987.

Gilbert, R. A. Fremasonry and esoteric movements. Canonbury Masonic Research Institute (CMRC), 2000. Palestra.

Godwin, J. (Trad.). Hypnerotomachia Poliphili. Thames & Hudson, 2005.

Hall, M. P. The secret teachings of all ages. Forgotten Books, 2008.

Hancock, G. The sign and the seal. London: Arrow, 1993.

Hancox, J. The queen’s chameleon. Jonathan Cape, 1994.

Harris, L. The secret heresy of Hieronymus Bosch. Floris Books, 1995.

Henderson; Sherwood. Transformation of the psyche. Routledge, 2003.

Hulse, D. A. The western mysteries. Woodbury: Llewellyn Publications, 1994. (livro 2 de The key of it all.)

Jackson, A. F. C. Rose Croix: a history of the Ancient and Accepted Rite. Lewis Masonic, 1980.

Jung, C. G. Psychology and alchemy. Routledge, 1980. [Psicologia e alquimia. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.]

King, K. L. What is gnosticism?. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2005.

Knight, G. A practical guide to cabalistic symbolism. Helios, 1966.

Leloup, J. (Trad.). The gospel of Mary Magdalene. Inner Traditions, 2002.

_____. (Trad.). The gospel of Philip. Inner Traditions, 2004.

Lincoln, H. The holy place. Corgi, 1992.

Lovelock, J. The revenge of Gaia. Allen Lane, 2006. [A vingança de Gaia. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2006.]

Lynas, M. Six degrees. Harper Perennial, 2008. [Seis graus: o aquecimento global. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.]

Markale, J. The church of Mary Magdalene. Inner Traditions, 2004.

Mathers, S. L. M. (Ed.) The book of the sacred magic of Abra-Melin the Mage. Dover Publications, 1976.

McIntosh, C. The Rosicrucians. Weiser, 1998.

Metford, J. C. J. The Christian year. Thames and Hudson, 1991.

Michelle, J. City of revelation. Sphere, 1973.

Moore, T. Care of the soul. Piatkus Books, 1992.

Moreux. Alchimie moderne. Gaston Doin, 1924.

Muller, M. (Trad.), Zend Avesta. Adamant Media Corporation, 2001. 3 v.

Newton, J. F. The men's house. Macoy, 1969.

Perrault, C. Fairy tales. Dover Publications, 2000.

Porter, J. R. The lost Bible: forgotten scriptures revealed. Duncan Baird; Chicago University Press, 2001.

Post, E. Saints, signs and symbols. SPCK Publishing, 2002.

Rappaport, A. S. Myths of ancient Israel. Avenel, 1988.

Reade, W. W. The veil of Isis: or mysteries of the druids. General Books LLC, 2010.

Rigby, G. On Earth as it is in Heaven. Rhaedus Publications, 1996.

Robison, J. Proofs of a conspiracy. Forgotten Books, 2008.

Robinson, J. M. (Ed.) The Nag Hammadi library. HarperOne, 2000. [A biblioteca de Nag Hammadi. 2. ed. São Paulo: Madras, 2007.]

Rowan, J. Subpersonalities. Routledge, 1989.

Ryan, F. Vincent de Paul and Louise de Marillac. Paulist Press International, 1996.

Shanks, H. Understanding the Dead Sea scrolls. Random House, 1998.

Sismonde, J. C. L. S. de. History of the crusades against the Cathars in the 13th century. Gazarü Libris, 1826.

St. Germain, Comte de. The most holy trinosophia. Forgotten Books, 2008. [A santíssima trinosofia. São Paulo: Mercuryo, 2003.]

Starbird, M. The woman with the alabaster jar. Bear & Company, 1993.

_____. The goddess in the gospels. Bear & Company, 1998.

Steinbrecher. Inner guide meditation. Weiser, 1994.

Street, C. E. Earthstars. Earthstars Publishing, 2001.

Stoyanov, Y. The other god. Yale University Press, 2000.

Suzuki, S. Zen mind, beginner's mind. Shambhala Publications, 2005.

Thierring, B. Jesus the man. Corgi Books, 1993.

_____. Jesus of the apocalypse. Doubleday, 1996.

Trismosin, S. Splendor Solis. Phanes Press, 1994.

Ulmannus. Buch der Heiligen Dreifaltigkeit [O livro da Santíssima Trindade]. [ca. 1415-19]

Van Buren, E. Refuge from the apocalypse. CW Daniel, 1986.

Vermes, G. (Ed.). The complete Dead Sea scrolls in English. Penguin, 2004.

Villiers-Stuart, P. The secret of the Templars. [Publicação da autora], 1983.

Von Franz, M. L. The alchemical active imagination. Shambhala, 1997. [A alquimia e a imaginação ativa. São Paulo: Cultrix, 1992.]

Voragine, J. de. The golden legend. Princeton, 1993. [Varazze, J. de. Legenda áurea: vida de santos. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.]

Waite, A. E. Brotherhood of the Rosy Cross. Kessinger, 1992.

Wakefield, Evans. Heresies of the High Middle Ages. Columbia University Press, 1991.

Walsh, M. (Ed.). Butler’s lives of the saints. Burns and Oates, 1995.

Walvoords. The prophecy knowledge handbook. Victor Books, 1998.

Watkins, J. The old straight track. Abacus, 1994.

Whone. Church monastery cathedral. Element Books, 1991.

Wind, J. E. Pagan mysteries in the Renaissance. WW Norton, 1968.

Wood, D. Genisis. Baton Press, 1985.

_____; Campbell, I. Geneset. Bellevue Books, 1994.

Wright, T. Original theory of the universe. The Book Service, 1971.

Yates, F. A. Giordano Bruno and the hermetic tradition. University of Chicago Press, 1991.

_____. Rosicrucian enlightenment. Paladin, 1972.

Nascido em Londres, em 1968, **Robert Howells** passou os últimos 20 anos investigando os mistérios do Priorado de Sião e de Rennes-le-Château. Nesse período, acumulou amplo conhecimento sobre sociedades secretas, simbolismo e pensamento esotérico.

Quando trabalhou como gerente da Watkins Books, uma das mais antigas livrarias esotéricas da Europa, acabou entrando em contato com inúmeras sociedades secretas, incluindo o Priorado de Sião, a Maçonaria, a Ordem de Lázaro etc.

De 2003 a 2007, trabalhou como principal consultor e pesquisador de Bloodline – the movie [Linhagem – o filme], um documentário de 2008, e foi o mediador entre os produtores do filme e o Priorado de Sião. Ao entrar em contato com os representantes dessa sociedade, ofereceu-lhes a oportunidade de desfazer as controvérsias despertadas por O código Da Vinci. Em resposta, o Priorado forneceu-lhe grande volume de informações, incluindo mais de 300 e-mails, imagens e uma copiosa documentação, que continuam disponíveis para ele até o momento. A partir de suas pesquisas, Howells compilou tais informações neste livro.

Hoje, escreve artigos para revistas e participa de entrevistas para televisão e rádio sobre o Priorado de Sião.